

ADEMAR DA SILVA

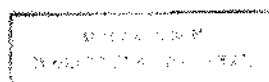
A EXPRESSÃO DA FUTURIDADE NA LÍNGUA FALADA

Tese apresentada ao Curso de
Linguística do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual
de Campinas, como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor em
Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ingedore
Grunfeld V. Koch

Ingedore

UNICAMP
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
1997



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	
Unicamp	
de 88e	
V. E:	
T. 000 6 / 31 218	
P. C. 281/97	
0 0 0 0	
P. C. 8811.00	
DATA 25/07/97	
N.º CPD	

CM-00099335-0

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

S138e Silva, Ademar da
A expressão da futuridade na língua fala-
da / Ademar da Silva. -- Campinas, SP: [s
n], 1997.

Orientador: Ingedore G. V. Koch
Tese (doutorado) - Universidade Estadual
de Campinas, Instituto de Estudos da Lingua-
gem

1. Análise do discurso* 2. Comunicação
oral* 3. Linguística* 4. Língua portuguesa -
tempo verbal* I. Koch, Ingedore G. V. II
Universidade Estadual de Campinas. Insti-
tuto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Este exemplar é a redação final da tese defendida por Adriana da Silva

é aprovada pela Comissão Julgadora em
18/06/84.

Superior Engineering Field Office Koch

Banca Examinadora

W. A. R. T.

Ag. L. 22

22 July

УЗБЕКСКО

Jagadev B V K

À

Maria e Mariana, por tudo.

AGRADECIMENTOS

À prof^ª. Dr^ª. Ingedore G. V. Koch, pelo apoio amigo e competente orientação.

Aos professores, Dr^ª. Maria Bernadete Abaurre e Dr. Ataliba T. de Castilho, pelas contribuições dadas no Exame de Qualificação.

Às alunas, Vera Lígia e Marila, por cederem e autorizarem o uso dos documentos [L] e [O].

Ao amigo Edson Pecoraro, pelo auxílio em algumas gravações.

Aos colegas e amigos da FCL e, em especial, aos professores, Dr^ª. M^ª. Cecília B. Lima e Bento C. Dias da Silva, pelas sugestões e incentivo.

À CAPES, pela bolsa PICD.

SUMÁRIO

Introdução	7
1 Tempo x Tempo Verbal	19
1.1 Tempo	19
1.2 Tempo e Linguagem - Tempo Verbal	22
1.3 Reichenbach	28
1.4 Tempo Verbal - Definição	32
1.5 O Tempo Verbal de Bull	35
1.6 Weinrich - <u>t.vb x Tempo</u>	41
2 Futuro	53
2.1 Tempo Futuro	53
2.2 Futuro na linguagem: tempo ou modo?	54
2.3 Modo e Modalidade	65
2.4 Evolução das formas do futuro latino nas línguas românicas	73
2.5 Tempo verbal futuro no português	86
2.5.1 Futuro do Presente	88
2.5.2 Futuro do Pretérito	92
2.5.3 Formas futurizadas	97
2.5.3.1 Presente-futuro	99
2.5.3.2 ir+infinitivo	103
3 Análise dos Dados	108
3.1 Introdução	108
3.2 Análise	111
3.2.1 Ir + Infinitivo	117
3.2.2 Presente-futuro	124
3.2.3 Contexto discursivo narrativo	128
3.2.4 O <i>t. vb</i> futuro e os advérbios de tempo	137
3.2.4.1 Os adjuntos adverbiais de tempo no corpus	140
3.2.5 Presente do Indicativo + Conteúdo semântico do verbo	147
3.2.6 A sobreposição modal nas formas Ir+infinitivo e pres. do indicativo	157
3.2.6.1 Modalidades Epistêmicas	158
3.2.6.2 Modalidades Deonticas	165
3.2.6.3 Modalidades Volitivas	168
3.2.7 Futuro do Subjuntivo	171
3.2.7.1 Orações temporais	172
3.2.7.2 Orações condicionais	174
3.2.8 A forma em /-ria/	178
3.2.9 Futuro do Presente	182
4 Conclusão	192
5 Apêndice	200
6 Summary	264
7 Bibliografia geral	265

RESUMO

Procedendo a um estudo textual e discursivo do verbo, demonstramos como as formas que expressam futuridade (formas sintéticas: /-re/~/-ra/ e /-ria/, perifrásticas: principalmente *ir+infinitivo* e o *presente futuro*) se realizam na construção do texto falado no português brasileiro, verificando seus valores temporais, modais e aspectuais como também o seu *contexto de ocorrência*.

Apesar das marcas, a força e a produtividade do tempo verbal futuro estão nas diversas formas de que a língua portuguesa se utiliza para expressá-lo. Enquanto a forma sintética ocorre em contextos discursivos formais e injuntivos, a forma perifrástica e o presente-futuro são irrestritamente mais usadas na fala informal espontânea. Nesse contexto, *ir + infinitivo* é mais freqüente, superando /-re/~/-ra/, que está em declínio. O que as distingue, fundamentalmente, é a noção aspectual prospectiva de *relevância do presente* implícita na forma perifrástica. Respeitadas as diferenças, estabelecidas, na maioria das vezes, pelo discurso, a forma *ir+ infinitivo* é tão temporal/modal quanto a *sintética*, o que define o seu status no sistema verbal do português.

Nessa mesma esteira, diante da irrelevância da flexão temporal do *presente-futuro*, constatamos que a expressão temporal futura não se dá apenas pelo acréscimo de morfemas típicos a um radical mas que outros fatores lingüísticos (sintático-semânticos) se combinam para a sua realização. O desencadeamento do caráter prospectivo da forma *presente do indicativo* em contextos futuros, enfatizando a relevância do presente do falante, ocorre a partir da interação entre o radical verbal, conforme sua natureza semântica, a flexão, segundo a situação discursiva, e o marcador temporal.

Palavras-chave: *Análise do discurso, Comunicação oral, Lingüística, Língua Portuguesa: Tempo Verbal.*

INTRODUÇÃO

O conceito futuridade leva-nos a tecer várias considerações sobre o tempo futuro no português. A gramática tradicional deixa em aberto muitas questões importantes sobre o futuro, que parecem ter origem no próprio conceito de tempo a ele relacionado. Devido à sua natureza incerta, tem sido uma fonte de constantes indagações e perplexidades por parte de filósofos, gramáticos e outros estudiosos. Para a grande maioria das pessoas, o futuro na linha do tempo segue o presente e caminha adiante. Essa visão também se reflete na gramática. Ao inseri-lo na tríade fechada presente, passado e futuro, como se fosse simplesmente uma divisão do tempo linear que segue cronologicamente após o presente, a gramática aprisiona o futuro em um compartimento fechado, impedindo o alcance de toda sua significação no *discurso*. Todos os gramáticos reconhecem sua posterioridade em relação ao momento da fala (Cegalla, 1969; Bechara, 1978; Cunha e Cintra, 1985), mas nem sequer abordam o *aspecto* e a *modalidade* que estão envolvidos na referência ao futuro.

Além da forma /-re/~/-ra/, consagrada pela gramática, o *presente-futuro* e as *formas compostas* são muito utilizadas para a expressão de futuridade, das quais *ir+infinitivo* supera todas em frequência, ocorrendo mesmo o declínio da *forma sintética* no discurso oral. Excetuando-se a referência à posterioridade, muito pouco é dito sobre a distinção entre a forma *sintética* e a *perifrástica*. Por

analogia a outras línguas românicas (“*futur prochain*” do francês), é comum ouvir que *ir+infinitivo* expressa um futuro *próximo* ou *imediatos* e */-re/-/-ra/*, um futuro *remoto*. Propala-se que a forma *perifrástica* pertence à fala popular, enquanto a *sintética*, à escrita ou à fala culta. Tais afirmações não se sustentam, evidenciando a falta de exame mais rigoroso e detalhado.

A semelhança funcional entre as formas *sintética* e *ir+infinitivo* é tão intrigante, quanto reveladoras devem ser suas diferenças, nas quais talvez esteja a definição de sua posição no sistema temporal do português, principalmente no que diz respeito à forma *perifrástica*. Nessa mesma esteira, diante da irrelevância da flexão temporal do *presente-futuro*, é possível questionar se a expressão temporal se dá apenas pelo acréscimo de morfemas típicos a um radical ou se outros fatores lingüísticos (sintático-semânticos) não se combinam para a sua realização, questões férteis para reflexões e discussões.

Outra questão igualmente fecunda é a da modalidade, contida na própria natureza desse tempo. O *vir-a-ser* futuro não é visto pelo homem como algo certo, mas como projeção do seu querer e expectativa. Sua natureza incerta e especulativa torna o tempo verbal que o expressa preditivo e contingente, ou seja, deixa transparecer a atitude do falante, o que aponta para um problema de categorização gramatical do futuro como tempo verbal ou como modo, gerando muita controvérsia, tanto na teoria lingüística geral como na análise de línguas particulares. No inglês, os auxiliares *will* e *shall*, além de marcadores temporais de futuro, possuem o valor modal de *volição* e *obrigação*. Isso tem levado a

muitos debates e postulações, dentre as quais a de que, em inglês, não existe tempo verbal futuro (cf. Jespersen 1931)¹ ou de que este, nessa língua, é mais modo do que tempo (cf. Lyons, 1979). No português brasileiro, no âmbito da gramática tradicional, a dúvida parece não existir (cf. Cegalla, 1969, Bechara, 1978, Cunha e Cintra, 1985). Embora sejam feitas referências a outros traços (certeza, probabilidade, dúvida, obrigação) nos usos da forma /-re/~/-ra/, não é mencionado que elas têm a ver com a maneira como aquilo que se diz é dito, ou seja, com a modalidade. Câmara Jr.(1956), Luft (1976), Baleeiro(1988) e Bezerra (1993) relacionam modalidade a essa forma, mas parece-nos pouco diante da complexidade do problema.

Desvincular as categorias tempo e modo, nas formas verbais do futuro, privilegiando uma em detrimento da outra, é negar o valor temporal e o grau de modalização implícito nas próprias características desse tempo verbal. Parece-nos que às formas verbais do futuro se sobrepõem essas categorias e a ênfase de uma ou de outra depende do contexto discursivo. É possível que tal contexto seja responsável pelo estabelecimento das distinções entre a forma *sinética* e *analítica*.

Tendo em vista que a conversação é uma “interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum” (Marchuschi, 1986:15) e que muitos aspectos da estrutura da linguagem podem ser revelados através dessa

¹ - Apud Close, 1970, p. 225.

interação (Lyons, 1977:637), convém investigar como a expressão de futuramente ocorre na construção do texto falado² em língua portuguesa.

Estudaremos o comportamento das formas sintéticas: /-re/~/-ra/ e /-ria/, perifrásticas: principalmente *ir+infinitivo* e o *presente futuro*, verificando seus valores temporais, modais e aspectuais, como também o seu *contexto de ocorrência*.

Propomo-nos iluminar um aspecto do uso do português brasileiro, ou seja, demonstrar como as formas que expressam futuramente se realizam no discurso e que, respeitadas as diferenças, estabelecidas, na maioria das vezes, por esse contexto, a forma *ir+ infinitivo* é tão temporal/modal quanto a *sintética* e vice-versa, definindo o seu estatuto no sistema verbal do português, o que configura um estudo textual e discursivo³ do verbo.

Por *contexto de ocorrência (ou discursivo)* leia-se também *no uso da língua*. Pressupondo-se que uma lingüística de texto⁴ deve levar em conta os componentes sintático, semântico e pragmático da língua e que os sentidos e formas de organização lingüística dos textos ocorrem *no uso da língua* como

² - Texto aqui é uma unidade lingüística concreta (perceptível pela visão, audição ou tato), tomada pelos usuários da língua em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchimento de uma função/intenção comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão (Travaglia, 1991:22, cf. também Fávero e Koch, 1983).

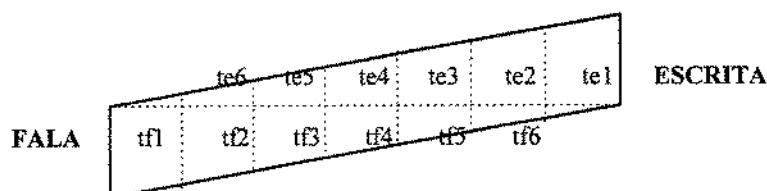
³ - Discurso: qualquer atividade produtora de efeitos de sentido entre interlocutores, portanto, qualquer atividade comunicativa (não apenas no sentido de transmissão de informação, mas também de interação) e o processo de sua enunciação, que é regulado por exterioridade sócio-histórica e ideológica que determina as regularidades lingüísticas e seu uso (Travaglia, 1991:25; cf. também Orlandi, 1983).

⁴ - A lingüística do texto entendida basicamente como o estudo dos processos e regularidades gerais e específicos segundo os quais se produz, constitui, compreende e descreve o fenômeno texto (Travaglia, 1991:22).

atividade centrada, este trabalho se desenvolverá na perspectiva do *uso da língua*⁵ em contraposição ao seu *sistema*, visto aqui como mero “construto abstrato e teórico desenvolvido como objeto da teoria e não tomado como fato empírico” (cf. Marcuschi, 1995:15).

Com a atenção voltada para a variabilidade - uma das características de nossa concepção de língua - consideraremos que, na maioria das vezes, no uso cotidiano da língua, a fala sofre variações, ou seja, traços da modalidade escrita se sobrepõem aos da modalidade oral e vice-versa.

Para Marcuschi(1995), “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do contínuo tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos” (p.13). O autor não considera as relações entre essas duas modalidades de uso da língua tão óbvias e lineares que postulem polaridades estritas e dicotomias estanques, ou seja, enquanto a fala é informal, não-normatizada, a escrita não o é. Para ele, ambas apresentam um contínuo de variações que dão margem a semelhanças e diferenças. Nesse contínuo situam-se todos os tipos de textos - orais e escritos, conforme o gráfico⁶ abaixo:



⁵ - Com Marcuschi (1995) concebemos língua como um “fenômeno heterogêneo (com múltiplas formas e manifestações), variável (dinâmico, suscetível a mudanças), histórico-social (fruto de práticas sociais e históricas), indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático (submetido às condições de produção) e que se manifesta em situações de uso concretas como o texto e discurso” (p. 15).

⁶ - Para as observações e gráfico, Marcuschi (1995) baseou-se na proposta de Peter KOCH & Wulf OSTERREICHER (1990).

Fala e escrita se dão em dois contínuos. Na linha dos diversos tipos de textos tem-se o texto falado = tf (tf1 tf2...tfn) e o texto escrito = te (te1, te2 ...ten). Em um dos extremos, há o pólo da oralidade, da informalidade e da menor distância entre os interlocutores - representado pela conversação espontânea (tf1), que seria o protótipo dessa modalidade - e, no outro extremo, o pólo da escrita, marcado pela formalidade da escrita-padrão - representado pelo texto acadêmico (te1) como prototípico. Texto escrito 1 e falado 1 são modalidades puras. À medida que se caminha ao longo desse contínuo, o texto vai adquirindo características da modalidade sobreposta. Por isso é possível haver textos escritos que estão muito mais próximos da oralidade - bilhetes, cartas amigáveis e de amor - e textos falados mais próximos da escrita - uma palestra acadêmica ou processo jurídico.

Afirmar que a *forma perifrástica* pertence à fala popular e a *sintética*, à escrita ou à fala culta reflete, sem dúvida, essa dicotomia fechada que se enraizou em nossa cultura, fazendo com que fala e escrita pareçam duas propriedades de sociedades diversas e não duas práticas sociais de uma mesma comunidade lingüística, que muitas vezes convivem e se sobrepõem. A atenção a esse contínuo tipológico, que distingue e correlaciona os textos de cada modalidade, com certeza nos ajudará no processo analítico.

Nossa argumentação se fundamentará, principalmente, nos resultados da análise das variações na ocorrência dessas formas nos dados do português falado. Tal corpus foi obtido em aproximadamente seis horas e meia de gravações. Não

houve preocupação com quantidade e tampouco com a distribuição em grupos etários, sexo, origem e escolaridade, visto que nossa análise seria de base qualitativa. O corpus consta de:

Duas elocuções formais (EF) do Projeto NURC-SP⁷

- 1 - A arte pré-histórica: o paleolítico (aula) - mulher de trinta e seis anos, professora secundária, paulistana. Inq. 405, pp. 48-57.
- 2 - A demanda de moeda (aula) - homem de 31 anos, professor universitário, paulistano. Inq. 338, pp 34-47.

Onze conversações telefônicas, realizadas sem que as participantes soubessem da gravação.

- A - Que loucura, né? - participantes - B e V, duas amigas com nível universitário, na faixa dos 30 anos⁸.
- B - Ai meu pé! - participantes - N e I, donas-de-casa com nível primário, paulistas, na faixa dos 50 anos.
- C - Eu preciso me lembrar! - participantes - N e D, donas-de-casa, com nível primário, paulistas, na faixa dos 50 anos.
- D - Guarda um lugar pra mim? - participantes - N, dona-de-casa, com nível primário, paulista na faixa dos 50 anos e recepcionista do Serviço Social da Prefeitura de Araraquara.
- E - Amanhã é outro dia assim - participantes- N e D, donas-de-casa, com nível primário, paulistas, na faixa dos 50 anos.
- F - Ela foi na Beneficência - participantes - N, na faixa dos 50, e T, na faixa dos 60. Ambas donas-de-casa com nível primário e paulistas.
- G - Faz um favor pra mim? - participantes - N, dona-de casa com nível primário na faixa dos 50 e R, na faixa dos 20, escolaridade secundária, paulistas.

⁷ - *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Castilho, A. T. e Preti, D. (orgs.), vol. 1 - Elocuções Formais, São Paulo, T. A. Queiroz, Editor, 1986.

⁸ - Para mais detalhes e transcrição das conversas (de A a U) na íntegra, cf. Apêndice, p.200.

H - Na Faculdade - participantes - N, dona-de-casa com nível primário, na faixa dos 50 e S, professora secundária, acima dos 20, escolaridade universitária, paulistas.

I - Amanhã ele me paga! - participantes - N, dona-de-casa com nível primário, na faixa dos 50 e M, estudante do primeiro grau, na faixa dos 12, paulistas.

J - Agora de manhã não dá - participantes - N, dona-de-casa com nível primário, na faixa dos 50; X, estudante do primeiro grau, na faixa dos 9; e L, cabeleireira com o primeiro grau incompleto, na faixa dos 30, paulistas.

K - Eu ia de perua ontem - participantes - N e D, donas-de-casa, paulistas, com nível primário, na faixa dos 50.

Um diálogo interativo entre duas donas-de-casa (D2)

L - Me cortou o coração - **Situação** - gravação feita pelo documentador (que atuou como L3), no portão da casa de uma das falantes (L1), sem que elas soubessem da gravação - **Participantes** - R C G A = L1, 28 anos, primeiro grau incompleto (5ª série), R M S S = L2, 30 anos, ginásio completo e V L = L3, faixa dos 30, nível universitário (3º ano de Letras).

Quatro entrevistas - diálogos entre informante e documentador (DID)

M - Você não sente, não as inveja? - **Situação** - diálogo interativo entre uma cartomante e um consulente(que atuou como documentador). Ela não sabia da gravação - **Participantes** - M, cartomante com nível primário, na faixa dos 50, e E, doutorando em Química, paulista, na faixa dos 30.

N - Tire duas cartas - **Situação** - diálogo interativo entre uma taróloga e um consulente(que atuou como documentador). Ela sabia da gravação - **Participantes** - I, taróloga com nível universitário, na faixa dos 30, e A, professor universitário paulista, na faixa dos 40.

O - EU ME CASAVA AMANHÃ - **Situação** - entrevista em que um dos participantes, que sabia da gravação, atuou como informante e o outro como documentador - **Participantes** - F, estudante de Farmácia, 23 anos e M, documentador, estudante de Letras, na faixa dos 20.

P - Vai... senão morre - **Situação** - trecho de entrevista jornalística para a televisão em que um dos participantes (informante) relata ao repórter o que

ocorreu no trânsito - **Participantes** - X, advogado (informante) , faixa dos 40, e Y, jornalista.

Uma interação entre vários falantes

Q - First Class - **Situação** - programa de televisão (SBT), em que um apresentador e mais dois participantes fixos discutem, informalmente, com um convidado especial, os mais diversos tópicos, lançados pelo apresentador. Apesar de televisivo, a flexibilidade na condução dos vários temas e a dinâmica da interação dão ao programa um tom informal de bate-papo em sala de visitas, onde se fala de tudo - **Participantes** - M.G. = L1, jornalista e apresentadora, Z. S. = L2, jornalista, A. N. = L3, jornalista, e C.H.C = L4.

Uma elocução formal (EF)

R - Uma delícia isso aqui - **Situação** - programa de televisão sobre Culinária (TV MULHER), em que a apresentadora demonstra como fazer molho de queijo para salsichas. - **Participante** - V, cozinheira e apresentadora, na faixa dos 60 anos.

Uma entrevista - diálogo entre informante e documentador (DID)

S - Eu disfarço bastante - **Situação** - o jornalista Roberto D'Avila entrevista o Presidente da República Fernando Henrique Cardoso para o programa de televisão Conexão Nacional (Bandeirantes). Gravação e transcrição dos últimos dez minutos nos quais o presidente responde sobre assuntos pessoais - **Participantes** - R D = L1, repórter, e F.H.C.= L2, Presidente da República.

Coletamos vários trechos de falas, depoimentos e comentários que ilustram a notícia dos jornais de televisão (Cultura, Manchete e Globo) em que a forma

/-re/-/-ra/ ocorreu, denominando:

T - Rastreamento da forma /-RE/-/-RA/ (televisão) - **Falantes** - políticos, secretários do governo e empresários. São cinco falas de (a) a (e), perfazendo aproximadamente 15 minutos (cf. Apêndice).

Coletamos vários trechos de discursos, depoimentos e comentários que ilustram as notícias do programa de rádio A Voz do Brasil em que a forma /-re/~/-ra/ ocorreu, denominando:

U - Rastreamento da forma /-RE/~/-RA/ (rádio) - Falantes - deputados, senadores, ministros e o Presidente da República. São 10 falas de (a) a (j), perfazendo um total de aproximadamente 45 minutos (cf. Apêndice).

Optamos por uma abordagem qualitativa por várias razões. Já existem trabalhos quantitativos acerca da forma em /-re/~/-ra/ e /-ria/⁹ e é fato conhecido que a forma perifrástica *ir+infinitivo* expressando futuridade supera em freqüência a forma sintética /-re/~/-ra/. Como trabalhamos com a interpretação de *particularidades*¹⁰ de uma descrição, ou seja, com a hipótese de que o contexto discursivo é responsável pelas ocorrências e distinções entre as várias formas de expressar futuridade, escolhemos a abordagem *subjetiva e humanística*¹¹ fornecida pela análise qualitativa.

De certa forma, combinamos as duas abordagens durante a nossa análise. Apesar de, em princípio, estarmos operando qualitativamente e de acreditarmos que um dado singular pode ser tão revelador quanto uma quantidade deles, operamos, na maioria das vezes, com mais de um exemplo representativo de um padrão geral e, quando necessário, recorriamos a números estatísticos de outros trabalhos (Schiffrin:1981, Baleeiro:1988, Bezerra:1993, Gryner:1995) para

⁹ - Baleeiro, M. A. (1988) trabalhou com o futuro do presente e Bezerra, A. M. C. (1993), com o futuro do pretérito.

¹⁰ - Esse termo aqui é usado em oposição a *generalizações*, característica da análise quantitativa (cf. Schiffrin, 1987:68).

¹¹ - Esses termos aqui são usados em oposição às atribuições da análise quantitativa, mais *objetiva e científica* (cf. Schiffrin, 1987:68).

fundamentar nossas afirmações acerca das preferências dos falantes quanto ao uso desta ou daquela forma. Essa combinação provou ser produtiva devido ao seu caráter complementar, indo ao encontro da afirmação de Schiffrin (1987) de que tais abordagens, apesar de diferentes¹², são complementares, contribuindo para o estudo discursivo.

Além da introdução, o trabalho possui três capítulos, que refletem o caminho percorrido na sua elaboração. No primeiro, discutimos a distinção *tempo* versus *tempo verbal*, a partir de vários autores, como Reichenbach (1948), Bull (1960) e Weinrich (1964).

No segundo, abordamos o tempo verbal futuro. Após a explicitação do seu estatuto no português e em outras línguas não-européias, discutimos seu valor modal e definimos as modalidades nele inseridas, recorrendo à proposta cíclica de Fleischman (1982), para quem a quantidade de temporalidade ou modalidade atribuída a uma forma está sujeita a flutuações, resultantes de um padrão no processo evolutivo iniciado no Latim.

No terceiro, analisamos os textos. Iniciamos com algumas indagações e, em seguida, estabelecemos o contexto discursivo predominante em que se dão as formas expressando futuridade e os vários tipos discursivos (descrição, dissertação, narração, injunção) que neles se entrecruzam. A frequência nos dados determina a ordem de análise. A forma *ir+infinitivo* é a primeira e, em

¹² - Schiffrin (1987:66) vê as distinções quantitativa e qualitativa como dicotomia um tanto quanto artificial. Nas pressuposições subjacentes à grande maioria das análises, combinam-se características tanto de uma abordagem quanto de outra. Por exemplo, uma análise quantitativa depende muito de descrições qualitativas (ao agrupar uma categoria e ao interpretar uma tendência estatística) antes e após a contagem.

seqüência, as demais, analisadas segundo o contexto discursivo (comentador, narrativo). Em seguida, abordamos os adjuntos adverbiais, descrevendo as relações semânticas que mantêm com o resto da oração e a sua função na expressão da futuridade. Observamos o papel do conteúdo semântico do verbo no *presente-futuro* e analisamos as modalidades que se sobrepõem a essas formas. Após contatações sobre as categorias que envolvem esta ou aquela forma e os seus traços distintivos, tiramos as nossas conclusões, tentando responder às questões iniciais.

Não se pretende que as conclusões a que chegamos sejam definitivas, mas suficientemente instigantes, para levar a investigações com corpus maior do que este, através do qual se possa analisar e testar outras variáveis sobre o uso da expressão da futuridade no português falado.

1 TEMPO X TEMPO VERBAL

1.1 Tempo

...si nemo ex me quaerat,
scio; si quaerenti explicare
velim, nescio

Santo Agostinho¹³

Apesar de a nossa compreensão sobre o fenômeno tempo ser bem desenvolvida e de, hoje, até existir a cronossofia, disciplina que o estuda, acreditamos que muitos, se solicitados a expressar a sua percepção do fenômeno, não saberiam como fazê-lo, assim como Santo Agostinho há mais de 1.500 anos. Ele sabia o que era, mas não sabia explicar.

O homem vivencia o tempo como algo que passa no seu dia-a-dia. A percepção da sua passagem é vista como um movimento contínuo e cíclico, impressões medidas e que passam através dos segundos, minutos, horas; o dia e a noite; meses e anos; o presente, o passado e o futuro; o nascimento, o envelhecimento e a morte dos organismos vivos.

Santo Agostinho, nas suas reflexões acerca deste fenômeno, conclui que sua percepção ocorre na mente. Já para a Física, o tempo, como quarta dimensão, é entidade objetiva, caracterizada pela linearidade, duração infinita e

¹³ - St. Augustine's Confessions - London, W. Heinemann Ltd. , with English translation by William Watts, 2 vols., 1912, (1951). Trecho extraído do livro XI, pg. 238. Tradução para o português : ...se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei...(Agostinho, Santo, Confissões. São Paulo, Abril Cultural, Livro XI O Homem e o Tempo, 3ª ed., 1984).

divisibilidade por um número infinito de segmentos de variadas magnitudes.

Os relógios de sol, de fogo e a ampulheta, ainda conhecida nos dias de hoje, são evidências de que a necessidade de acompanhar o curso do tempo já fazia parte da vida do homem primitivo. Na sociedade industrial moderna, com a ditadura do relógio, há a noção de *tempo cronológico*. Independentemente da atividade interna do indivíduo, é um ponto de duração constante, uniforme e irreversível, que flui para o vir-a-ser, ou seja, para o futuro. Existe também o *tempo psicológico* que, sendo exclusivamente função do mundo interno da pessoa, não tem duração constante e uniforme - pára, volta-se para o passado ou futuro (cf. Santos, 1974:56).

Até o começo deste século, postulava-se um tempo absoluto, ou seja o intervalo de tempo entre dois eventos era único. Para Newton e Galileu, nessa teoria, o tempo existe fora dos eventos, ou seja, o momento (tempo) flui sem relação com qualquer coisa externa a ele. Apesar de ontologicamente separado do momento, o evento ocorre necessariamente no tempo. Na *teoria do tempo relacional* (Aristóteles), o tempo se constitui a partir de eventos e suas relações, ou seja, o momento existe a partir de eventos. Na primeira teoria, o evento é individualizado pelo momento; na segunda, os eventos não podem ser individualizados, porque não existem momentos individuais.

Einstein - *teoria do tempo relativo* - reformula o esquema de Newton e resolve seus problemas empíricos, defendendo a relatividade na percepção dos eventos: o tempo é definido em relação a um observador e não possui caráter

unidirecional irreversível. A percepção de um mesmo intervalo de tempo pode ser distinta para observadores diferentes (cf. Corôa, 1985:27). Quando dois acontecimentos (t^1 e t^2) ocorrem em pontos diferentes, dependendo da posição do observador, t^1 pode anteceder, suceder ou coincidir com t^2 .

Como na língua está inscrita uma visão de tempo, que não a de Einstein, não é possível deixar de imaginar como seria a expressão de futuridade num mundo em que se pudesse voltar no tempo. Haveria mesmo o futuro do pretérito? Como seria a expressão de tempo nas línguas, caso viajássemos no tempo, como previsto pela teoria? São indagações que soam mais como ficção científica, mas que fazem sentido diante da multidirecionalidade e reversibilidade do tempo. Pode não haver resposta para elas e tampouco é o que buscamos no momento mas, diante dessa teoria, não seria mais possível aceitar a noção linear de tempo segmentada em passado, presente e futuro. Em oposição ao sistema de *tempo absoluto* de Jespersen (1931), Reichenbach (1947) utiliza-se da *teoria do tempo relativo*, de Einstein, para esclarecer fatos da língua, acrescentando o *ponto de referência* aos momentos do *enunciado* e do *evento* na observação do funcionamento do tempo verbal.

O tempo pode ser um construto mental; um construto das coisas objetivas; movimento cíclico; uma sucessão de pontos; impressões, momentos e eventos. Essas e outras hipóteses são questões antigas, que têm envolvido filósofos, lógicos, físicos e gramáticos, com resultados díspares ou complementares mas sempre polêmicos.

1.2 Tempo e Linguagem - Tempo Verbal

Tempo nos remete a uma noção um tanto ingênua e generalizada da gramática tradicional de que sua representação na linguagem reflete a linearidade temporal há muito estabelecida em nossa mente: *presente, passado e futuro*. Tal noção reflete-se na maneira pela qual as gramáticas de muitas línguas abordam o *tempo verbal* - uma categoria para representar tempo, e o *tempo* - um construto mental (cf Fleischman, 1982). Embora algumas línguas marquem essas duas distinções temporais, há outras que não o fazem. Em inglês, por exemplo, *tense* contrapõe-se a *time* e, em alemão, *Tempus*, a *Zeit*. Já línguas românicas como o português, francês e espanhol utilizam-se, como o Latim, de um único termo para as duas: *tempo, temps* e *tiempo*.

Em virtude disso, tende-se a considerar a correspondência entre as duas noções de tempo, ou seja, que a seqüência temporal representada pelo tempo verbal (doravante *t. vb*) reflete as relações temporais reais, o que nem sempre ocorre. Em: *Não é possível agora, estou fazendo almoço*, o tempo do estado e do evento é presente, assim como o *t. vb*. Já em: *Eu queria tanto comprar um carro*, o *t. vb* e o tempo do evento não correspondem, ou seja, o *t. vb* é passado e o do evento é presente. Segundo Fleischman (1982), razões expressivas (modais) estão por trás dessa mudança. Em: *Cabral encontra o Brasil e Pero Vaz de Caminha escreve imediatamente uma carta ao rei de Portugal*, para dar maior vivacidade a fatos ocorridos no passado, houve mudança das formas verbais do passado para o presente, o que tem muito a ver com a relevância e/ou o estilo. Há

circunstâncias em que ocorre a *neutralização* da distinção temporal, tornando-se atemporal, como nas formas gnômicas ou de verdade universal. Em: *A lua gira em torno do sol* ou *Os pássaros cantam*, não há especificação temporal definida, ou seja, o presente do indicativo se refere a um evento que pode ocorrer em qualquer momento. Fatores gramaticais também causam deslocamentos. Em: *Quando ele ligar, eu atendo*, o tempo real é a seqüência de dois eventos futuros, representados pelo futuro do subjuntivo e presente do indicativo. Embora expresse relações temporais reais, os deslocamentos que ocorrem evidenciam que o *t. vb* está longe de representar o fluxo de tempo ou suas segmentações.

A referência à tríade *presente, passado e futuro* não se faz de maneira simples ou universal, pois não é todo sistema temporal que possui esses três tempos nitidamente marcados. No plano formal, muitas línguas (finlandês, húngaro, alemão, russo) não têm paradigma verbal futuro semelhante ao das línguas românicas. São sistemas prospectivos¹⁴, em que a dicotomia *passado e não-passado* é primária. Neles, o *t. vb* futuro pode ser comumente expresso pela forma do presente (não-passado) ou ser não marcado. Ao invés da distinção *passado e presente*, o *t. vb* no inglês seria melhor descrito, se baseado na distinção *passado e não-passado*. Enquanto o passado, de fato, refere-se a um evento anterior ao momento do enunciado (*he worked hard*), o presente pode não

¹⁴ - Nessa tipologia, em oposição ao sistema prospectivo, Ultan (1978:88) aponta o retrospectivo, em que a oposição *futuro e não-futuro* é primária, ou seja, quando o passado é não marcado ou pode ser expresso pelo presente. O *dakota*, o *hopi* e o *guarani* são alguns exemplos de línguas *retrospectivas*. Já o *finlandês*, *húngaro*, *alemão*, *russo*, *coreano* e a maioria das línguas *indo-européias* são apenas algumas que se inserem no sistema *prospectivo*.

expressar a simultaneidade dos eventos em relação a esse momento, exprimindo, por exemplo, ação habitual (*he works hard*) (cf. Lyons, 1977:678).

Tem-se discutido o futuro como tempo verbal semelhante ao presente e ao passado. Para muitos gramáticos, em inglês, é mais modo do que tempo (cf. Lyons, 1979:324), uma vez que a forma *will write*, considerada futura, é constituída pela forma simples do verbo, sem marcação temporal, mais o auxiliar modal *will*, semelhante a *can*, *could*, *may* e outros auxiliares modais. Entretanto, se os auxiliares forem considerados marcadores temporais, o número de tempos verbais em inglês será, certamente, bem mais de três. Exemplo: *past perfect* (*had written*), *past perfect progressive* (*had been writing*).

As línguas românicas possuem mais de três *t. vb's*, dos quais alguns formados por auxiliares (formas perifrásticas). Além do *presente*, *passado* e *futuro*, o português e o francês têm o imperfeito (*escrevia*, *j'écrivais*), o mais-que-perfeito (*escrevera*, *j'avais écrit*), o pretérito perfeito composto (*tenho escrito*, *j'ai écrit*). Apesar do parentesco e similaridades significativas, as línguas românicas, muitas vezes, diferem quanto à expressão dos *t. vb's*. Enquanto em português o passado é expresso pelo pretérito perfeito (*eu não escrevi nada ontem*), no francês falado contemporâneo o *passé simple* (*j'écrivis*) foi substituído pelo *passé composé* para marcar o passado: *Je n'ai rien écrit hier*.

Se há línguas com excesso de marcadores temporais, há também as que não se utilizam deles. Línguas não indo-européias como o chinês e o hebreu bíblico não marcam o tempo através de mudanças ou marcas gramaticais no

verbo. Entretanto, fazem outras distinções, tais como aspecto e modo. Isso é observado em muitas sociedades primitivas (línguas indígenas)¹⁵, em que a marcação temporal se dá através da oposição mais cedo/mais tarde; agora/não agora; duração, continuação e realização dos estados de coisas, o que tem a ver com o aspecto e, de certa forma, com sua visão temporal, não significando, porém, ausência ou conceito radicalmente diferente de tempo (cf. Lyons, 1977:679, Comrie, 1985 e Binnick, 1991).

Consideraremos *tempo na linguagem* a sequência de eventos ou estados (cf. Ultan, 1978), realizando-se através do *t. vb* que, como categoria gramatical do verbo, pode ser marcado morfológica ou sintaticamente. O *t. vb* morfológico é formado pelo acréscimo de morfemas típicos a um radical (morfema lexical). Por exemplo, o futuro do presente do português: *falarei* tem a segmentação *fal - a - re - i*, em que */fal-/* é o morfema lexical ou radical, */-a/* é a vogal temática marcadora da conjugação verbal, */-re/* marcador de tempo e modo e */-i/* de número e pessoa. Sintaticamente, a marcação se dá através de auxiliares: *vou falar*, ou composicionalmente (auxiliar e *t. vb*): *tenho falado*.

Excetuando as línguas européias, nota-se que a expressão de tempo não é morfológica em outras línguas. Em mam (England, 1983)¹⁶, língua maia falada na Guatemala e México, partículas no início da sentença marcam o *t. vb*. Em:

ma chin jaw tz'aq-a (*eu escorreguei agorinha*)

¹⁵ - A língua nativa dos índios norte americanos do Arizona, hopi, pertencente à família das línguas astecas, parece não fazer referência ao que se comumente denomina tempo ou presente, passado e futuro mas dá conta de forma pragmática ou operacional de todos os fenômenos do universo (cf. Whorf, 1956).

¹⁶ - Apud Comrie, 1985, p. 31.

o chin jaw tz'aq-a (eu escorreguei um tempo atrás)

ma significa passado recente e o, apenas passado. A presença de um advérbio, por exemplo, eeu (ontem) no início da sentença, anula obrigatoriamente a partícula de tempo passado o. Veja-se o exemplo:

eeu tz-ul aaj nan yaa (vovó veio ontem)

O mesmo ocorre no crioulo jamaicano (Comrie, 1985:31). O marcador de *t. vb* é comumente omitido diante de um advérbio de tempo:

mi en a sing (Eu - anterior progressivo - canto = eu estava cantando)

yese mi a sing (Ontem eu estava cantando)

No turco (Lewis, 1967)¹⁷, uma língua aglutinante, marcadores temporais finais ligam-se a radicais já marcados temporalmente. Assim, o radical do presente simples: *gel.iyor.um* (*vir.presente.eu* = eu estou vindo), dentre as várias possibilidades, pode ser expandido por um indicador de passado *-du*: *gel.iyor.du.m* (Eu estava vindo).

Apesar de todas essas variações, a noção de tempo ainda se associa à categoria verbo, materializando-se através dela. Os verbos “são elementos lingüísticos que mais de imediato situam a ação, estado, evento ou processo na sua relação temporal com a enunciação e o falante/ouvinte” (Corôa, 1985:35). As formas verbais dificilmente marcam tempo sem simultaneamente fazer outras distinções. Dentre elas estão as categorias: *aspecto* e *modo*.

¹⁷ - Apud Binnick, 1991, p. 51.

Usando o termo *perfectivo* com o sentido de “acabamento”, os gramáticos estóicos já notavam algo mais, nas formas verbais gregas, além da referência temporal. Como reminiscência desse uso, a palavra *vid* significando *aspecto* foi usada pelos russos primeiramente para distinguir o *perfectivo* do *imperfectivo* no sistema verbal do russo e outras línguas eslavas.

Em oposição à natureza dêitica¹⁸ do *t. vb*, o aspecto é não-dêítico. Enquanto o *t. vb* é simultaneamente uma propriedade da sentença e da enunciação, pois relaciona-as temporalmente, o *aspecto* é uma propriedade apenas da sentença, referindo-se à constituição interna do desenvolvimento temporal, ou seja, diz respeito não à localização de uma ação, processo ou estado no tempo, mas sim ao seu contorno ou distribuição temporal (cf. Lyons, 1979:320, 329)¹⁹. Aspecto liga-se, portanto, à quantificação do evento, no qual se encontram elementos de *duração, freqüência, conclusão*. Sem se firmar no tempo da enunciação, tais elementos, como indicações semânticas, encontram-se em uma ação que evolui, temporalmente, de um estado de coisas inicial para um final. Em outras palavras, vemos aspecto como o modo²⁰ de realização da ação verbal; ou seja, a ação ocorre de modos diferentes, entre os quais o durativo, iterativo, pontual, terminativo.

¹⁸ - O termo dêixis (do grego *apontar, indicar*) é utilizado na teoria gramatical para indicar os traços “orientacionais” da língua que se relacionam com o tempo e o lugar do enunciado. Por exemplo, os pronomes pessoais são dêíticos porque seu significado é determinado pelo enunciado (cf. Lyons, 1979:290).

¹⁹ - Sobre Aspecto cf. também Castilho, 1968 e Travaglia, 1981.

²⁰ - Modo aqui nada tem a ver com valores modais. O aspecto gramaticaliza distinções de significados oriundos de características *não-modais* do processo verbal (cf. Fleischman, 1982: 11).

Modo e modalidade se relacionam. *Modo* é uma categoria (morfológica) formal do verbo e exprime a atitude do falante (modalidade) em relação ao que diz. Tal função pode ser expressa pelo modo *indicativo*, *subjuntivo* ou *imperativo*.

1.3 Reichenbach

Segundo Reichenbach (1947), que se utiliza da *teoria do tempo relativo* para esclarecer fatos da língua, a percepção dos eventos está relacionada a um observador (ponto de referência) e a simultaneidade ou a sucessividade dos eventos dependem de sua posição (cf. Corôa, 1985:27). Sem dúvida, é uma visão mais ampla do que a definição segmentada: tempo *físico* e *psicológico* ou, mesmo, a noção de *presente*, *passado* e *futuro* do sistema de tempo absoluto de Jespersen (1931), em que o tempo verbal se relaciona ao conceito nocional de cada segmento. Reichenbach introduziu o sistema de *tempo relativo* para esclarecer as dificuldades do sistema de *tempo absoluto* de Jespersen.

A presença do observador (indivíduo), em um espaço/tempo contínuo e limitado, cuja descrição se dá a partir de sua relação com outros indivíduos contiguamente presentes, deu origem aos pontos temporais: *momento da fala*, *momento do evento* e *ponto de referência*, cujas relações são definidas como tempos verbais. Enquanto o MF (*momento da fala*) é o tempo do ato de fala - o “agora” do falante - e o ME (*momento do evento*) é o do estado de coisas a que

o enunciado se refere, o PR (*ponto de referência*) é um tempo mais abstrato, um ponto de vista temporal.

Nesse sistema, um mesmo evento pode ser visto de várias maneiras, ou seja, do ponto de vista *passado*, *presente* ou *futuro*. O PR pode ser anterior, posterior ou coincidir com o MF; o ME pode ser anterior, posterior ou coincidir com o PR. Reichenbach (1947) propõe nove formas básicas, nomeadas de *anterior*, quando o evento precede a fala, *posterior*, quando a sucede, e *simples*, quando coincide com ela. Vejamos o quadro seguido da legenda: *E* significa *momento do evento* (event), *R*, *momento de referência* (reference) e *S*, *momento da fala* (speech). Os traços significam anterioridade e posterioridade e as vírgulas, simultaneidade.

Estrutura	Novo nome	Nome tradicional
E - R - S	Anterior past	Past perfect
E, R - S	Simple past	Simple Past
R - E - S R - S, E R - S - E	Posterior past	
E - S, R	Anterior present	Present perfect
S, R, E	Simple present	Present
S, R - E	Posterior present	Simple future
S - E - R S, E - R E - S - R	Anterior future	
S - R, E	Simple future	Simple future
S - R - E	Posterior future	

Para Reichenbach (1947), nos tempos verbais absolutos, o PR coincide e, nos relativos, relaciona-se com MF. No tempo verbal absoluto, devido à coincidência do PR com o MF, se o ME é anterior a PR, é necessariamente anterior a MF, o que resulta na representação do passado ME, PR - MF. O

mesmo se aplica ao futuro, em que o ME é posterior a PR (MF - PR, ME), e ao presente, em que os três coincidem MF, PR, ME. No tempo verbal relativo, o ponto de vista pode ser passado ou futuro, ou seja, o PR pode ser anterior ou posterior a MF respectivamente. Desse modo, se ME é anterior a PR, tem-se um tempo retrospectivo e, se é posterior, tem-se um tempo prospectivo, conseqüentemente, tempos relativos.

Embora esteja claro que o presente, passado e futuro são tempos verbais absolutos, tal noção não nos parece muito didática. Embora se entenda, também, que entre o ME e o MF encontra-se o PR, que pode ser anterior ou posterior ao MF, pode-se dizer o mesmo do tempo relativo. Diante disso, ficamos com a distinção elaborada por Fleischman (1982:10), que nos parece mais didática: a distinção entre tempo verbal absoluto e relativo não está na coincidência e relação do PR com o MF, para onde tudo converge e, sim, na relação direta e indireta do PR com MF. Para a autora, o presente, o passado e o futuro são tempos verbais absolutos (ou dêiticos), porque o tempo do evento é situado em relação direta com o MF. O relativo situa o ME em relação ao PR, que pode ser anterior, simultâneo ou posterior ao MF. Por isso encontra-se em relação indireta com MF. Em outras palavras, enquanto o tempo verbal absoluto se constitui a partir da relação direta do ME com o MF, no relativo, essa relação é indireta, ou seja, é mediada por outros tempos verbais (PR), como acontece com o mais-que-perfeito e o imperfeito.

Reichenbach considera os adverbiais de tempo como marcadores de PR. No entanto, ignora o fato de que eles podem estabelecer relações temporais diferentes em um mesmo texto ou até mesmo em uma mesma sentença. Em português (cf. Ilari, 1981)²¹, dependendo do contexto, os adjuntos de tempo identificam tanto ME como PR; portanto, a proposta de Reichenbach não se sustenta diante de tais informações.

Além de três formas para o passado posterior, Reichenbach propõe mais três para o futuro anterior (futuro perfeito). Comrie (1981) não vê razão para tanto, a não ser a ambigüidade. O futuro perfeito não diz nada acerca da relação entre o ME e o MF; para esta forma o que importa é que o PR é posterior ao MF (futuro) e o ME é anterior ao PR (perfeito). Evento e fala estão em relação indireta, ou seja, o ME é anterior ao PR, que, no caso, é posterior ao MF (MF - ME - PR). O exemplo: *Sábado, com certeza terei terminado o trabalho*, ilustra essa representação.

O modelo de Reichenbach, segundo Binnick (1991), não apresenta estratégias para diferenciar o condicional perfeito *would have sung* do futuro

²¹ - Para Ilari (1981:184), além de fixar o PR das orações em que estão incluídos, os adjuntos adverbiais de tempo podem determinar o ME. Em *hoje faço trinta anos* não há distinção entre o ME e o PR, e o adjunto *hoje* fixa o PR. Entretanto, quando uma diferença entre o ME e o PR associa-se ao morfema verbal de tempo, pode haver duas interpretações distintas. Vejam-se os exemplos (a) e (b):

(a) *Quando o cientista Hall levou sua descoberta ao congresso de Atlanta, em 1943, não era a primeira vez que se falava de radiações: o fenômeno dos raios cósmicos já tinha sido registrado várias vezes em 1940.*

(b) *Em 1940, o fenômeno dos raios cósmicos já tinha sido registrado várias vezes. Somente o livro de Browning, anterior a 1930, cita duas dezenas de trabalhos a esse respeito, apresentados em reuniões científicas da década de 20.*

Observando-se o contexto em que a afirmação sublinhada se deu, nota-se que, em (a), *1940* determina o ME “registro dos raios” anterior ao PR “levar a descoberta ao congresso”. Já em (b) fixa o PR posterior ao ME “registro dos raios”.

perfeito *will have sung*, uma vez que nas duas formas o ME é posterior ao MF. Além disso, não possibilita a acomodação do aspecto, mostrando-se inadequado para sistematizar os tempos do inglês e de outras línguas.

Apesar de todas as críticas, o valor da proposta de Reichenbach está nos pontos temporais, que instigaram e deram origem a novas propostas, pensando-se tempo verbal a partir de suas relações, ou seja, das relações do PR com o MF e com o ME (Hornstein, 1977; Ilari, 1981; Corôa, 1985).

Para definir tempo verbal, retomamos a noção de pontos temporais com mais detalhes (cf. Ilari, 1981; Fleishman, 1982; Corôa, 1985):

Momento da fala (MF) - *tempo da enunciação* - é quando o falante produz o enunciado sobre o evento (processo ou ação); é o seu *agora*, o ponto zero do conteúdo proposicional do enunciado, que pode coincidir ou não com o PR.

Momento do evento (ME) - *tempo da predicação* - é quando se dá o evento (processo ou ação) descrito em relação ao MF ou ao PR.

Ponto de referência (PR) - *tempo de referência* - é o contexto temporal fixo (ponto de vista temporal abstrato) relevante para a contemplação do evento e a partir do qual se define simultaneidade, anterioridade e posterioridade ao MF.

1.4 Tempo Verbal - Definição

Neste momento, acreditamos ser possível estabelecer uma definição para *t*.

vb. Vimos que tempo na linguagem é uma seqüência de *eventos* e *estados*.

Expandindo-o, pode ser um construto mental representado por uma linha imaginária que se movimenta da esquerda (passado) para a direita²² (futuro),

²² - Reconhecemos que tal proposta reflete adesão à linearidade do tempo, que pode se movimentar em qualquer direção, ou seja, ao invés de horizontal, ser vertical ou até mesmo circular, pois há culturas cuja noção de tempo é cíclica (línguas aborígenes australianas). No entanto, com Comrie (1985), achamos que esta ainda é a representação mais adequada para análise das expressões de tempo em línguas naturais.

tendo vários pontos de orientação (temporais) no seu decorrer: *momento da fala*, *momento do evento e ponto de referência*.

Reichenbach (1947) instituiu a noção de *t. vb*'s absolutos e relativos, em que os primeiros se constituem a partir da relação direta do ME com o MF e os segundos situam o ME em relação ao PR, que pode ser anterior, simultâneo ou posterior ao MF. A partir dessas relações, para Fleischman (1982):

t. vb é uma categoria dêitica da gramática, marcada formalmente por um afixo, partícula ou auxiliar, cuja função principal é marcar uma seqüência de *eventos*²³ em relação direta ou indireta com um ponto zero, que é o MF (p.10).

Por uma seqüência de *eventos* entendam-se *estados*, *ações* e *processos*²⁴. O *t. vb* marca a série de relações existentes entre os três momentos: MF, PR, ME, ou seja, qualquer proposição temporal tem que, necessariamente, fazer referência a um PR identificado apenas em relação ao MF do enunciado.

T. vb é uma forma gramatical cuja função primária é marcar os eventos

²³ - Itálico nosso.

²⁴ - Essa tipologia é de Chafe (1979:98). Para ele a natureza do verbo, como elemento central na organização da frase, determina como será o restante da oração, ou seja, sua relação com os nomes e como estes serão semanticamente especificados. Por exemplo, *rir*, em "*Os homens riram*" (p.97), como verbo de ação, exige que um nome *agente*, *animado* e talvez *humano* o acompanhe. Tais relações sintático-semânticas entre o verbo e os participantes da estrutura frasal decorrem da classificação dos verbos em: de *ação*, de *processo*, de *ação-processo* e de *estado*. O verbo de *ação* expressa o que o sujeito faz. Este é o *agente* (A) da ação verbal, o elemento instigador que desencadeia a dinâmica da frase. Ex.: *Ela só pula corda*. Nos de *processo*, o sujeito, *paciente* (P) ou *experimentador*, é afetado por algo que está fora dele, sofrendo mudança de estado ou condição. Ex.: *A rosa murcho*. Os de *ação-processo* indicam o que o agente faz ao paciente. Eles possuem dois participantes (sujeito e complemento): um, que é *agente* ou *causativo*, e outro, que é *paciente*, afetado pela ação verbal. Enquanto os verbos de ação compõem frases ativas e os de processo, frases processivas, os de ação-processo compõem as causativas, pois indicam um fazer por parte do sujeito e um acontecer em relação ao complemento. Ex.: *Maria cortou o bolo*. Os de *estado* expressam que um nome, paciente (P), encontra-se num determinado estado. Ex.: *O lago está seco* (cf. também Borba et alii, 1985; Lima, 1985). As relações que o verbo mantém com o nome (agente e paciente) são fundamentais para a estrutura semântica da frase.

em relação direta ou indireta ao MF. No entanto, a irrelevância da flexão temporal em certos contextos (formas gnômicas) leva-nos a observar que a expressão temporal não se dá apenas pelo acréscimo de morfemas típicos a um radical, mas também pela presença de outros fatores lingüísticos que se combinam para a sua realização. Por exemplo, em: *Eu termino **daqui a pouco***, a flexão que marca o presente do indicativo é neutralizada e a expressão de proximidade futura é marcada pela locução adverbial ***daqui a pouco***. Os adjuntos adverbiais de tempo possuem papel fundamental nesse processo. Quando se diz : *comprei um carro ontem* existe uma relação entre o morfema temporal passado e o significado passado do advérbio. Tanto é verdade que **comprei um carro amanhã* é agramatical, porque amanhã, significando posterioridade, viola tal correspondência.

Considerando-se a centralidade do verbo e as relações sintático-semânticas que mantém com os demais elementos da estrutura frasal, a forma: *eu termino*, no presente do indicativo, embora neutralizada, deve ter uma função nesse contexto. Deve existir uma interação primária entre a flexão temporal e o radical, conforme sua natureza (ação, processo, estado) que dê a essa forma um significado e a leve a expressar futuridadade. Tendo em vista este sistema de relações, postulamos que a expressão temporal se realiza composicionalmente, através da combinação de vários fatores lingüísticos:

<u>Ação / Processo / Estado</u>
Radical (morfema lexical) + flexões (morfs. de tempo, modo, n ^o , pess.) + adverbiais

Ela não se dá apenas pela categoria gramatical marcada por afixos, partículas ou auxiliares (propriedades específicas do tempo verbal). Elementos semânticos, além dos morfológicos e sintáticos, contribuem para sua realização. O *t. vb*, como forma da língua, compõe-se de um morfema lexical (radical), que pode denotar ação, processo e estado, mais morfemas de flexão (tempo, modo, n°, pessoa). Todo esse conjunto pode vir acompanhado de adverbiais, constituindo-se o que consideramos *t. vb*.

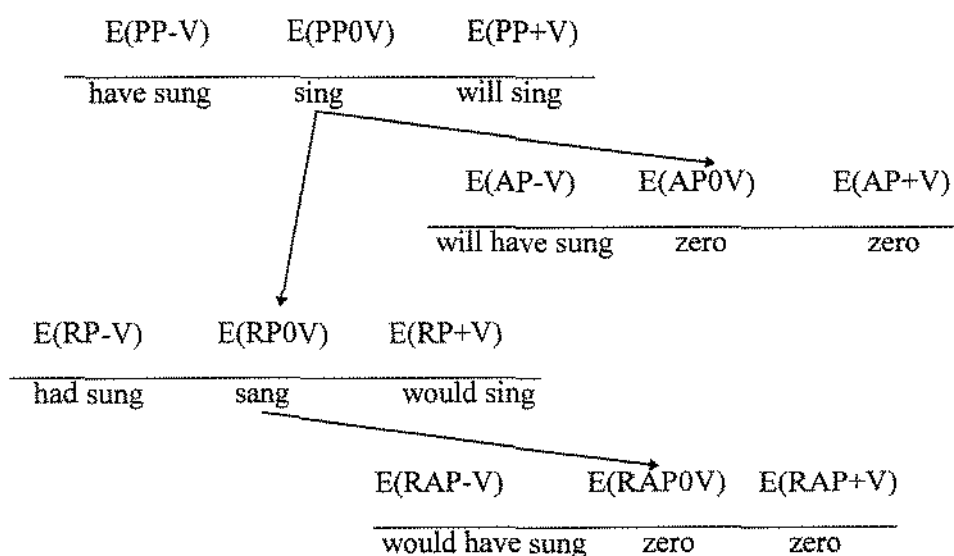
1.5 O Tempo Verbal de Bull

A proposta de Bull (1960), para o sistema temporal espanhol, também com base em conceitos da Física, postula quatro eixos de orientação que, de certa forma, assemelham-se ao PR (ponto de referência), de Reichenbach. Para ele, a observação e a vivência de qualquer evento possuem uma direção e, por isso, transformam-se em eixos de orientação. Um “ponto primário” (P), como é chamado cada ato de observação, centraliza-se em cada eixo, que possui três vetores: um vetor zero (0) que é o próprio (P), um negativo retrospectivo (-V) e um positivo prospectivo (+V). Ao longo do eixo presente (PP) tem-se um evento E(PP0V), que corresponde ao *presente*, um E(PP-V) e um E(PP+V), que correspondem ao *pretérito perfeito composto* (present perfect) e ao *futuro*. Veja-se a representação gráfica:

E(PP-V)	E(PP0V)	E(PP+V)
has sung	sing	will sing

O passado e o futuro são noções que expressam relações de anterioridade e posterioridade ao presente (PP).

Com o passar do tempo, a partir de PP, o homem pode se lembrar de qualquer evento já vivenciado ou antecipar os que ainda não ocorreram. O eixo PP, como objeto abstrato, ao retroceder o evento, aponta para um eixo de orientação retrospectivo (RP= *retrospective point*) e, ao avançá-lo, institui o eixo de orientação antecipado (AP= *anticipated point*). O falante pode antecipar o evento, a partir do RP, que aponta para o eixo retrospectivo antecipado (RAP = *retrospective anticipated point*), que é o quarto e último eixo, proposto por Bull. A representação dos quatro eixos mostra todas as possibilidades relacionais:



Enquanto os eixos PP e RP têm relações vetoriais completas, os AP e RAP possuem pontos vazios, demonstrando que não deve existir expressão formal para eles nas línguas. Do eixo PP saem o eixo antecipado, que dá conta do futuro composto, e o retrospectivo, que dá conta do imperfeito (simples e composto) e do futuro do pretérito.

Já o quarto eixo não se relaciona diretamente com PP, como os outros, mas com o eixo RP retrospectivo, que o institui como o eixo retrospectivo antecipado (RAP), que dá conta do futuro do pretérito composto, ou seja, *would have sung* é acessado a partir de *sang* e não de *sing*. O futuro do pretérito composto expressa um evento lembrado: *eu teria cantado, se tivesse sido convidado (ontem)*, mas que também foi, no presente uma vez, antecipado: *eu cantaria se me convidassem*.

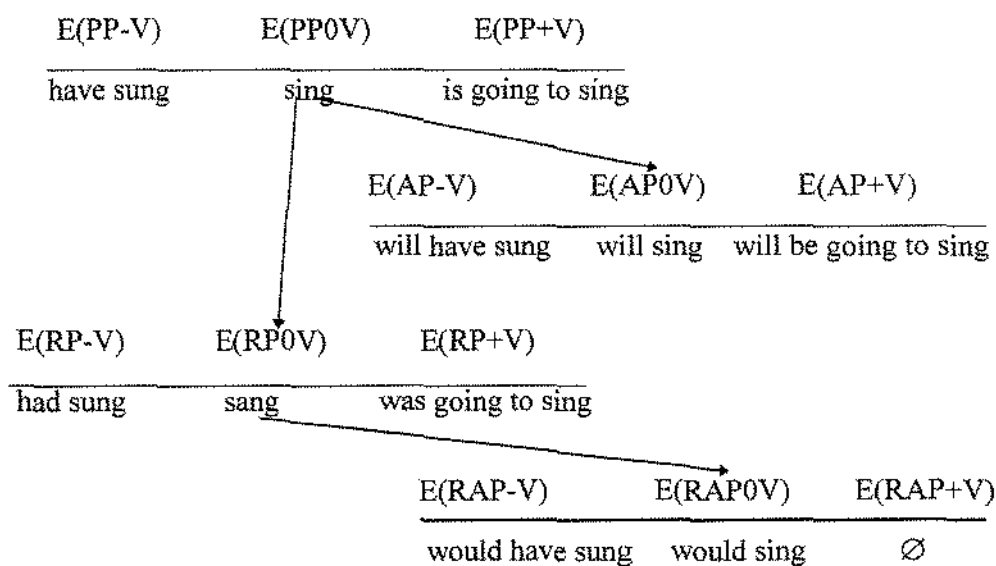
Para Binnick (1991), Bull acomodou as oito formas verbais do inglês, enquanto Reichenbach, embora tenha sabido lidar com o condicional simples (*would sing*), não conseguiu diferenciar o *conditional perfect* (*would have sung* - o nosso futuro do pretérito composto) do futuro retrospectivo (*will have sung*). Em ambos os casos, o ME é posterior ao MF. Quanto à suposta semelhança entre os eixos de orientação de Bull com os PR de Reichenbach, diz-se, no entanto, que, enquanto o PR é conhecidamente um sistema referencial, com base na teoria do tempo relativo e nos pontos temporais, os eixos de orientação de Bull são baseados em pontos de vista subjetivos, ideacionais, não havendo nenhuma realidade objetiva externa para eles, que não representam tempo ou tipos de ações. Diz-se, também, que a separação em eixos traz consigo certa artificialidade (McCoard, 1978)²⁵ como também ignorância de conexões que certamente ocorrem entre os eixos. Embora Bull acredite que o seu sistema seja válido para outras línguas, Binnick (1991) não vê outra razão para o

²⁵ - Apud Binnick, 1991, p. 118.

estabelecimento dos quatro eixos com três pontos em cada um que a de acomodar em um esquema as oito formas temporais do inglês.

Como dois pontos dos eixos AP e RAP não são preenchidos e nesse sistema não há distinção entre os que não precisam e os que não podem ser preenchidos, ele é alvo de sugestões e críticas. Para McCoard (1978), *will sing* como E (PP+V) caberia muito bem no ponto vazio E (APOV). Da mesma forma, *would sing* (RP+V) preencheria o ponto vazio E (RAPOV).

Apesar das críticas à teoria de Bull, ressaltamos a importância do conceito: *ponto de vista* ou *perspectiva* contidos nos eixos de orientação para a compreensão dos *t. vb's* no discurso. Acrescentaríamos nos pontos vazios, resultantes da movimentação sugerida por McCoard, o presente e o passado da forma perifrástica *going to*, não mencionada por ele e tampouco por Bull. Veja-se a representação gráfica:



Além de menos pontos vazios, tal proposta parece-nos mais coerente, visto que *will sing* fica no mesmo eixo de *will have sung* (AP) e *would sing*, no mesmo eixo de *would have sung* (RAP), o que parece estabelecer conexão entre os eixos.

Embora não seja amplamente reconhecida pelas gramáticas, atualmente, em inglês como em muitas línguas românicas, a forma perifrástica *going to* (*je vais chanter, vou cantar*) é, sem dúvida, marcador temporal de futuridade tão representativo quanto a forma simples. Nós o colocamos no eixo do presente em oposição ao *present perfect* (*have sung*), um tempo verbal notadamente conhecido por sua relação com o presente (cf. Jespersen, 1931).

Reichenbach(1947) faz a mesma distinção, ao opor o presente anterior, representação para o *present perfect* tradicional, ao presente posterior, futuro simples tradicional. Em ambas as representações está implícita a ligação com o presente:

E - S,R	Anterior present	Present perfect
S,R,E	Simple present	Present
S,R - E	Posterior present	Simple future

São *t. vb's* relativos, em que o ME relaciona-se indiretamente ao MF, intermediado pelo PR. No *present perfect* (presente anterior) o ME é anterior ao PR, que é simultâneo ao MF. Já no futuro (presente posterior) o ME é posterior ao PR, que também é simultâneo ao MF. Enquanto a prospecção e a retrospecção encontram-se na relação ME e PR, a ligação com o presente encontra-se na relação de simultaneidade de PR e MF. Veja-se outra representação de futuro:

S - R.E	Simple future	Simple future
---------	---------------	---------------

Aqui o novo nome do futuro é o mesmo do tradicional. Embora Reichenbach admita que ambas as formas representem o futuro, ou seja, a posterioridade do ME em relação ao MF, reconhece que um é absoluto e o outro, relativo, ao considerar *je verrai* e *je vais voir* do francês como representativos das formas MF - PR, ME e MF, PR - ME.

Para Joos (1964:141), *going to* é a imagem espelhada do *present perfect*. Aspectualmente, o significado de uma forma é exatamente o contrário da outra, ou seja, enquanto uma é posterior, a outra é anterior. Também para Leech (1971:30), no *present perfect* está envolvida uma noção aspectual - “*perfect aspect*” - que possibilita referência ao passado com a relevância do presente - “*past with the present relevance*”. É, portanto, sua conexão com o presente que distingue o perfeito do pretérito em línguas que possuem tal distinção (*I have sung* versus *I sang*, no inglês). O sistema aspectual proposto por Coseriu (1976)²⁶, semelhante em vários aspectos aos eixos de orientação de Bull (1960), como nossa proposta de preenchimento dos pontos vazios, colocou a forma perifrástica no plano do presente, evidenciando a noção aspectual prospectiva dessa forma e a sua relação com o presente.

	retrospectivo	paralelo	prospectivo
presente	tenho feito	faço	<i>vou fazer</i>

²⁶ - Apud Binnick, 1991, p. 201.

Tais considerações que, sem dúvida, enfatizam essa oposição, esse “espelhamento” entre *going to* e o *present perfect*, uma forma verbal notadamente conhecida por sua relação com o presente, poderão nos auxiliar a fundamentar a hipótese de que a ligação com o presente “marca” a forma *going to*, distinguindo-a do *futuro sintético*.

1.6 Weinrich - *t. vb* x *Tempo*

Weinrich (1964)²⁷ desvincula *tempo* (verbal) de *Tempo* (cronológico). Considera que, em *It's high time the boy went to bed* (Já é hora de o garoto ir para a cama ou estar na cama), o passado *went* não deve ser interpretado como tal, uma vez que se refere a um tempo atual ou futuro, procurando demonstrar que tempo presente nada tem a ver com o *Tempo* presente, haja vista sua representação gramatical. A gramática tradicional afirma que esse tempo designa, em primeiro lugar, o *Tempo* presente, em segundo, ações habituais, em terceiro, ações atemporais e, em quarto, ações passadas e futuras, o que, por si só, demonstra que o tempo presente nada tem a ver com o *Tempo*.

Considerando o texto - um todo cujas partes se relacionam - e que a linguagem se explica por si mesma, o autor utiliza o texto literário para investigar o tempo verbal. Apesar de o objeto de sua investigação ser o sistema

²⁷ - *Tempus* - Besprochene und Erzählte Welt, W. Kohlhammer Verlag, Stuttgart, 1964. A tradução para o espanhol foi publicada em 1974.

de tempo no francês, fundamenta a sua posição através de inúmeros exemplos, extraídos de textos literários em outras línguas (italiano, espanhol, inglês, alemão e latim).

Em francês os tempos se distribuem em dois grupos temporais, com empregos distintos e que não se combinam, normalmente, no mesmo período, e em cada um deles compreendem-se todos os tempos, desde o passado mais longínquo até o futuro mais remoto:

<i>Grupo Temporal I</i>	<i>Grupo Temporal II</i>
il a chanté	il avait chanté
il chantera	il chanterait
il aura chanté	il aurait chanté
il va chanter	il allait chanter
il vient de chanter	il venait de chanter
il est en train de chanter	il était en train de chanter
il chante	il chantait
	il chanta

O autor define tempo como a forma verbal que se inscreve em um dos dois grupos, I e II, aplicando-se às línguas românicas e outras como o alemão, o inglês, o grego, o latim. No português temos:

<i>Grupo Temporal I</i>		<i>Grupo Temporal II</i>	
tem cantado	pret. perf. composto	cantara/tinha cantado	pret.+q/p.simp./comp
cantará	futuro do presente	cantaria	futuro do pretérito
terá cantado	fut. do pres. Composto	teria cantado	fut. Do pret. Composto
vai cantar acaba de cantar está cantando	locução verbal	ia cantar acabava de cantar estava cantando	locução verbal
canta	presente	cantava cantou	pret. imperfeito pret. perf. simples

Weinrich assinala que as várias situações comunicativas se dividem em dois grupos (comentários e narrações) nos quais predomina um dos grupos temporais, ou seja, cada um tende a ter afinidade com uma certa situação comunicativa. A partir disso, estabelece os *tempos do mundo comentado* para o grupo temporal I e os *tempos do mundo narrado* para o grupo temporal II. Entende-se por *mundo* o possível conteúdo de uma comunicação lingüística.

Note-se a assimetria entre os dois grupos. O tempo da narração é mais rico em formas. Ao tempo zero do presente correspondem dois tempos zero do passado: um do imperfeito (cantava) e outro do perfeito (cantou). Como tempo principal do mundo comentado, o presente não indica Tempo, mas uma atitude comunicativa (engajamento, compromisso) e ausência de *perspectiva*, ou seja, de *retrospecção* e *prospecção*. Os outros tempos de cada grupo são tempos de *prospecção* ou de *retrospecção* e designam a perspectiva comunicativa em relação ao tempo zero.

Enquanto a narração, como comportamento característico do homem, é mais descompromissada, pois o passado já foi transformado e talvez nada informe sobre a veracidade ou ficção da narração, a atitude comunicativa não-narrativa (comentada) é mais tensa. Nela o falante está comprometido com o seu discurso, porque comenta coisas que não só o afetam como também ao ouvinte:

El "cantar" comentado exige generalmente una determinada postura, actitud, inmediata: una opinión, una valoración, una enmienda o cosa pareja. Si el "cantar" es, empero, "solo" narrado, no se impone adoptar una postura; puede ser aplazada o se puede, sencillamente, no adoptar ninguna (p. 76).

Da mesma forma que o tempo zero do presente, não se pode identificar os do pretérito com nenhuma fração de tempo vivido ou passado. Eles existem para que a temporalidade do mundo comentado não tenha validade enquanto dure o relato. Não se trata de tempos do passado que deslocam uma ação ao passado e, sim, de um mundo que se transforma em outro mundo. A diferença entre “canta” e “cantava” não tem nada a ver com a relação temporal *presente* e *imperfeito* e, sim, com o modo de escutar, ou seja, o ouvinte deve prestar atenção a se “cantar” vai ser comentado ou narrado e, a partir daí, tomar uma posição.

Segundo Weinrich, os tempos zero do presente e do passado são, estatisticamente, os mais usados, revelando o desinteresse da linguagem por uma orientação fundamentada em perspectivas. Para ele, apenas nos tempos de *prospecção* e *retrospecção* é possível encontrar alguma relação com o Tempo. Ao abordar o conceito de perspectiva comunicativa, afirma que os tempos da linguagem não negam o fenômeno extralingüístico do *Tempo*, visto que o próprio discurso faz parte desse processo:

Este tiempo físico, mensurable, ya está presupuesto en el lenguaje al mismo tiempo que el mundo real. Es cosa que no tiene nada de particular; al fin y al cabo de la palabra “hora” también presupone Tiempo. De la misma manera, también las perspectivas de retrospección y de prespección en algunos tiempos presuponen Tiempo (p.99).

As locuções verbais *vai cantar* (comentado) e *iria cantar* (narrado), ao expressar *prospecção*, relacionam-se com o Tempo. Ocorre o mesmo quando o pretérito perfeito composto *tem cantado* (comentado) e o pretérito-mais-que-perfeito *cantara* (narrado) exprimem *retrospecção*. O mesmo se aplica aos outros

tempos dos dois grupos. Tais perspectivas comunicativas, além da relação com o *Tempo*, continuam sendo, no mundo comentado, manifestações de compromisso e, no mundo narrado, manifestações de liberdade.

Assim como os tempos verbais, os advérbios se ordenam em dois grupos: os advérbios de tempo narrado e os de tempo comentado ou de temporalidade. Para não comprometer a compreensão, ao se passar de um mundo a outro, as leis de concordância dos tempos devem ser obedecidas, ou seja, é necessário manter os tempos de um mesmo grupo em um mesmo período. O mesmo ocorre com os advérbios que entram no processo. *Agora, hoje, ontem* - advérbios de tempo comentado - passam a *então, nesse dia, na véspera* - advérbios de tempo narrado.

Tempos do *grupo temporal I* podem se deslocar para uma situação do *grupo II* ou vice-versa. Weinrich resolve este tipo de infração na concordância dos tempos através do conceito *Metáfora Temporal*, cunhado do próprio termo *metáfora* - palavra em outro contexto. Veja-se o exemplo:

Paul Claudel est plus massif, plus large que jamais; on le *croirait* vu dans un miroir déformant; pas de cou, pas de front; il a l'air d'un marteau-pilon..."(Diário de André Gide, 19 nov. 1912:138).

No texto, entre as formas do presente (mundo comentado), de repente surge um condicional (tempo do mundo narrado), que

no es un tiempo del mundo narrado ni el tiempo prespectivo de este grupo, porque ni narra ni mira hacia adelante; pero tampoco se ha convertido sin más ni más en un tiempo del mundo comentado. Está entre ambos y participa de los dos (p. 139).

Ele expressa um matiz, que o autor denomina *validade limitada*, que traz ao contexto comentador a falta de compromisso, característica do mundo narrado. O que está em jogo agora é o valor expressivo do condicional no texto. Como foi transferido de posição, transforma-se em uma *metáfora temporal* que, por sua vez, não é comentadora nem narrativa mas estabelece a tensão entre os dois campos temporais.

Em *Auriez-vous de la monnaie? J'aimerais savoir, Me gustaria saber, Gostaria de saber, I would like to know, etc.* temos o *condicional de cortesia*, que de tão usado se transformou em uma fórmula. Por isso, o autor o considera como uma metáfora temporal morta (ex-metáfora).

O *imperfeito de modéstia* - *Je voulais vous demander, Volevo chiedere, I wanted to ask you, Eu queria pedir* - aparece frequentemente em contextos do mundo comentado. Por isso é considerado metáfora temporal de modéstia, carregando em si vários matizes que vão desde a discrição até a timidez.

Como metáfora temporal, o imperfeito também corrige e invalida uma opinião errônea. Contém a tensão, que é característica da metáfora e que surge da contradição entre a própria significação e o contexto verdadeiro (metáfora temporal da opinião inválida) :

Ayer estaba enfermo, hoy estoy sano. Por una parte se narra un estar enfermo - que es la tensión de esta metáfora temporal - y por la otra se establece la invalidez de este estar enfermo (p. 153).
Al llegar al cruce, el vagabundo, que *pensaba* irse en derecha a Peñafiel, siente que sus ánimos han cambiado... (155).

O caminhante mudou os planos. Não se pode pensar em outro tempo do passado no lugar do imperfeito *pensaba*, pois o que importa é não ir mais a Peñafiel.

O perfeito aparece como metáfora temporal , mas com menos freqüência.

Veja-se o exemplo:

Es bien cierto que nuestra carne no subsiste (...). Y el que no lo crea, no tiene más que velar como yo toda una noche de verano junto a la cama donde el cuerpo que *fue* un hombre reposa....(p.157).

Aquí *fue* não é o tempo da narração e sim uma metáfora temporal, cujo valor expressivo está na invalidação com um matiz de irrevocabilidade.

Os tempos narrativos se deslocam, como metáforas, para um contexto comentador e expressam um matiz que limita a validade do discurso, podendo expressar cortesia, timidez, hipótese, incerteza. Já os tempos do comentário, ao se deslocarem para um contexto narrativo, levam consigo as características desse mundo, ou seja , emprestam ao relato um pouco da seriedade, tensão e compromisso do mundo comentado. Ao invés de limitarem a validade do discurso, ampliam-na. O *discurso direto* num contexto narrativo é exemplo de metáfora e, quanto mais breve, mais forte será o seu efeito metafórico. O *presente histórico*, que dá ao relato maior tensão e dramatismo, pois narra-se como se se comentasse, também atua como metáfora temporal.

Weinrich questiona a validade do aspecto verbal. Quanto ao aspecto, o *imperfecto*, que representa a ação em seu decurso, é considerado imperfectivo, durativo, iterativo, habitual. O *perfeito* , como ação terminada, é denominado perfectivo, pontual. Considerando que essas noções aspectuais incluídas nos tempos verbais não se sustentam, afirma que a qualidade formal de um processo não se relaciona com os tempos da linguagem. O tempo verbal se relaciona com o

"comportamento do falante articulado nos dois grupos temporais do mundo comentado e do mundo narrado" (p.202). Há uma mescla no uso do par *imperfeito* e *perfeito* (passado) simples em uma narrativa. Quaisquer que sejam as características das ações e dos processos, elas não afetam a narração. Não é possível narrar durativa e pontualmente, mas de maneiras diversas. A diferença entre esses tempos se estabelece com base na noção de *plano* narrativo.

Para Weinrich, o processo narrativo possui três fases: *introdução*, *núcleo narrativo* e *conclusão*, que se relacionam com os tempos verbais. O *perfeito*, como tempo do núcleo narrativo, é o tempo do *primeiro plano*. A seu redor têm-se as circunstâncias secundárias que estão no *imperfeito*, tempo do *segundo plano*. Eles, geralmente, encontram-se no início (introdução) e no final (conclusão) do relato. É através desses planos que a narração ganha relevo: "El dar relieve según un primero y un segundo plano es la *sola y única función* que desempeñan el imperfecto y el perfecto simple en el mundo narrado" (p. 210/211).

Veja-se a história de uma pobre órfã:

Era una vez una pobre huerfanita...Un dia pasó un príncipe por delante de su casa, se enamoró de ella y se casaron...Muchas eran las chicas que envidiaban su suerte (p.207).

No trecho percebem-se, muito bem, as três fases da narração. A introdução e conclusão estão no *imperfeito*, tempo que, no início, introduz o ouvinte/leitor no mundo que se vai narrar. Não faz diferença se a menina era sempre ou habitualmente pobre. No final, atua como remate da narrativa que reconduz ao

mundo comentado, sem nada a ver com o fato de as meninas a invejarem iterativamente ou não. Já o emprego do perfeito simples, na segunda fase, não indica que a ação é única e pontual mas que a oração constitui o centro da ação principal.

No primeiro plano está a estória, aquilo que faz com que as pessoas queiram escutar. O segundo plano não move ninguém a escutar. Atua como auxiliar, facilitando a orientação no mundo narrado. Não existem leis imutáveis para a distribuição desses tempos na narrativa. Tudo depende do narrador, cuja liberdade se encontra limitada por algumas estruturas fundamentais do ato de narrar. Tudo “depende del tipo de relato y también del estilo del autor. Unos demoran más tiempo en el segundo plano, otros en el primero, confiriendo así al relato un *tempo variable*” (p.212).

Os planos narrativos são uma das funções da distinção aspectual, por isso não vemos sentido na negação do aspecto por parte de Weinrich. Visto que tais planos não excluem o aspecto, ele apenas o renomeou. O primeiro plano (foreground), expresso pelo perfectivo e o segundo (background), pelo imperfectivo, apontam para uma função aspectual na organização da narrativa. Essa dicotomia constitui questão importante e muito produtiva para o entendimento estrutural da narrativa, o que talvez tenha levado Weinrich²⁸ a

²⁸ - No artigo *Tense and Time* de 1970, Weinrich reitera a mesma posição de 1964. No entanto, ao falar sobre as formas progressivas em inglês, não tão radical quanto em 64, mostra-se cauteloso ao abordar o aspecto: “Não quero ser muito categórico quanto ao uso dos *t. vb 's* progressivos no inglês, mas acho que valeria a pena refletir se o aspecto é de fato a melhor teoria para explicar suas funções. Obviamente necessitamos de mais estudos sobre esse tópico e, se me permitirem, eu diria que estes devem ser feitos a partir de textos e situações autênticas e não de frases estranhas e bôbas como *the boy was running* (p.39).

ênfatizá-la. A literatura lingüística, durante muito tempo, concentrou-se na questão do aspecto em si, em detrimento de outras funções dessa distinção que, na verdade, são questões textuais e discursivas das quais não se ocupava na época.

Todas as formas verbais que não são tempo, ou seja, que não se deixam inscrever em um dos dois grupos temporais, são chamadas *semitempos* (*infinitivo, gerúndio e participio* e os “*modos*” *subjuntivo e imperativo*). São “formas verbais de espécies diferentes, mas, de modo algum, formas verbais em sua totalidade”(p.348). Os imperativos, por exemplo,

se usan en la situación comunicativa concreta. Con ello ya no se trata del mundo narrado, con ello ya no se trata de la retrospección ni de la prespección y con ello ya no se trata del segundo plano. La enunciación es perfectamente clara e inequívoca; pero sólo porque las formas verbales y las situaciones comunicativas concretas actúan en conjunto (361).

Incapazes de dar a informação completa sobre a pessoa e o tempo, os semitempos não esclarecem a situação comunicativa, ou seja, mostram-se indiferentes à distinção entre mundo comentado e mundo narrado. Há semitempos que informam sobre alguns aspectos da situação comunicativa, deixando de lado outros ou vice-versa. São dependentes de outra informação, geralmente de outros tempos, que lhes determinam a situação comunicativa.

Weinrich apresenta noções interessantes: a atitude comunicativa comentadora e narrativa e os tempos prospectivos e retrospectivos. No entanto, aceitar sua posição quanto ao aspecto e até mesmo quanto a alguns pontos da relação *t. vb* e tempo seria contrariar o nosso objetivo principal. A partir do

momento que nos propomos a descrever a expressão de futuridade nas interações orais, uma posição já foi firmada: além de envolver as categorias modo e aspecto, *t. vb* e tempo podem se corresponder. Apesar de ocorrer com frequência, não quer dizer que tal correspondência se faça necessária.

Esta teoria se mostrou válida para o português brasileiro, apesar de, segundo Koch (1984), o *pretérito perfeito simples* aparecer em um bom número de comentários. Quando não ocorre no mesmo período, é possível considerá-lo como indicador de momentos narrativos dentro do comentário (metáfora temporal). Quando se insere no mesmo período, é considerado tempo do mundo comentado e postula-se a existência de uma neutralização entre duas formas diferentes (cf. Bull, 1960).

Ao dar ênfase à atitude comunicativa, em virtude da qual os *t. vb*'s inserem-se no mundo comentado ou narrado, e à sua desvinculação do tempo cronológico, Weinrich flexibilizou-os, tornando mais simples a sua atuação no discurso. Nesta flexibilização, estão presentes noções relacionadas às propostas anteriores: a perspectiva comunicativa (tempos de grau zero, de graus prospectivos e retrospectivos e a sua relação com o *Tempo*), os planos do relevo narrativo e a metáfora temporal, que limita a validade do discurso introduzindo matizes modais (expressivos), são noções já mencionadas, só que de forma diferente. Para nós, o mais importante nesta comparação é que, como as outras, considera a perspectiva do falante. Ao narrar ou comentar, este possui

várias opções para descrever a seqüência de eventos em relação a si próprio e a outros eventos ao longo da linha do tempo.

2 FUTURO

2.1 Tempo Futuro

Time present and time past
Are both perhaps present in time future,
And time future contained in time past.
If all time is eternally present
All time is unredeemable.

Eliot, T.S.²⁹

Se a definição de tempo é um enigma fascinante e polêmico para homens comuns, poetas, filósofos e cientistas, o que não dizer de sua segmentação - tempo futuro - no contínuo do tempo? Para o homem comum, o futuro é o não-agora, aquilo que vem depois, o amanhã. Para o poeta, Eliot, o presente e o passado talvez estejam contidos no futuro e o futuro no passado. Já para Santo Agostinho, esse tempo não existe, só existe o presente, que está na fronteira entre o passado e o futuro. É possível dizer que há três tempos:

presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras (p.222)³⁰.

Como o futuro existe em forma de expectativa ou antecipação, não tem existência material como o passado e o presente, que se realizam através da memória e da

²⁹ - *Burnt Norton, Collected Poems 1909-1962*, p. 189, London, Faber & Faber, 1963.

³⁰ - Cf. Nota 13, cap. I.

percepção. Não se pode afirmar sobre o que não se conhece, ou seja, sobre o que existe apenas em forma de antecipação.

Afirmar que falta ao futuro um traço de existência e de verdade não se sustenta num mundo de tempo relativo para o qual o tempo e o objeto, como um sistema fixo de referência, qualificam o que é real - “coisas e eventos são reais para A em um tempo t ”. (cf. Corôa, 1985:31). A afirmação de que existir é antecipar de Heidegger (1951:378), ou seja, de que o domínio da existência humana está na antecipação do porvir, também contrapõe-se a essa idéia da inexistência do futuro.

Tais reflexões mostram o paradoxo epistemológico resultante das especulações filosóficas acerca da natureza do futuro. Preferimos, com Bakhtin (1993), considerar que o futuro pertence a uma realidade incerta e vaga e, por mais longo que seja esse período, não expressa as realidades existentes no presente e, principalmente, no passado. No entanto, “o presente e, sobretudo, o passado enriquecem-se às custas do futuro” (p.264), o que tem muito a ver com as estrofes iniciais de Eliot. Apesar de seu sentido vazio e rarefeito, o vir-a-ser futuro é o tempo da plantação, da colheita, do acasalamento, ou seja, todos os ideais e desejos do homem têm de, necessariamente, passar por ele, para se tornarem realidades no passado; daí o seu valor enriquecedor.

2.2 O futuro na linguagem: tempo ou modo?

O *t. vb* futuro situa o evento num período posterior ao MF, podendo ser representado: MF - ME. Na gramática de muitas línguas românicas, caracteriza-

se pelo acréscimo de morfemas típicos a um radical: /*estud-*/ /-a/ /-re/ /-i/; /-a/ /-ria/. Em outras, a sua formação se dá através de auxiliares. No inglês, *will* e *shall* são auxiliares do futuro.

A expressão da futuridade não se restringe às formas do *t. vb* futuro. Além do presente futuro (*praesens pro futuro*, do latim), as línguas românicas possuem formas perifrásticas que também denotam futuridade. *Pode deixar, eu faço o serviço amanhã* (presente futuro), *Eu vou fazer o serviço*, (ir+infinitivo), *Estou para fazer o serviço* (Estar para + infinitivo) são formas futurizadas³¹, visto que se utilizam do presente do indicativo para expressar futuridade.

Em línguas não indo-européias essa expressão temporal pode ter as mais variadas representações. Em bamileke-dchang (Hyman, 1980)³², língua africana falada na República dos Camarões, os vários graus de distanciamento expresso pelo futuro (ou passado) se exprimem pelo seqüenciamento de dois auxiliares, indicadores de referência temporal. Assim, o auxiliar expressando o que ocorrerá *amanhã*: à à *'lù 'ú táη* (ele negociará amanhã) combina-se com o que significa: *mais tarde hoje*: à à *'lù ù 'pìη'η táη* (ele negociará mais tarde amanhã), indicando uma situação que ocorrerá amanhã logo após algum ponto de referência.

Um problema acerca do *t. vb* futuro é o seu caráter secundário (Comrie, 1985). Apesar da visão temporal tripartida (tempos absolutos), muitas línguas possuem dois tempos básicos. A distinção gramatical entre *passado* e *não-*

³¹ - Termo utilizado por Binnick, 1991:120

³² - Apud Comrie, 1985, p. 86 e 91.

*passado*³³, na qual a maioria das línguas européias se insere, torna o *t. vb* futuro uma categoria fraca ou secundária, ou seja, como é realizado, na maioria das vezes, pela forma do presente, é relegado a segundo plano. No alemão, finlandês e húngaro, o auxiliar futuro é raramente usado na fala coloquial, sendo tal referência expressa pelo presente (cf. Ultan, 1978; Comrie, 1985):

Alemão: *ich gehe morgen* (eu vou amanhã)
ich werde gehen (eu irei)

Finlandês: *mina menen huomenna* (Eu vou amanhã)
mina tulen menemaan (Eu irei)

Húngaro: *holnap megyek* (amanhã vou)
fogok menni (irei)

Pode-se dizer que, nessas línguas, os únicos *t. vb* 's que se distinguem são o passado e o não-passado (presente), sendo o futuro um *t. vb* secundário. Câmara Jr. (1956) define o futuro no português também como uma categoria de segunda classe, pelo fato de vir sobreposto a essa oposição³⁴. Apesar de ter um paradigma futuro explícito, o presente do indicativo no português também expressa futuridade: *pode deixar, eu faço o serviço amanhã*. No entanto, como no inglês e em outras línguas, isso ocorre apenas sob determinadas circunstâncias, o que as inclui no subtipo proposto por Comrie (1985:49). Há línguas prospectivas em que o presente é sempre utilizado na referência ao futuro (finlandês, alemão, húngaro) e outras em que, embora o presente seja usado para

³³ - Cf. *Sistema Prospectivo*, nota 14.

³⁴ - Kahane e Hutter (1953) se utilizam da oposição passado e não-passado, no estudo sobre as categorias verbais do português brasileiro. Afirmam que a forma /-re/-/-ra/ "desapareceu, para qualquer propósito prático, na fala coloquial de nossos informantes" (p. 21). Ao tratar do tempo verbal no português brasileiro, a gramática de Luft (1976) também opera com essa distinção.

esse fim, há restrições quanto ao seu uso (inglês e português, entre várias).

Outra questão acerca do *t. vb* futuro está na interferência da categoria modo na de tempo. A correlação entre os diferentes graus de incerteza das categorias modais e os elementos de incerteza inerentes a qualquer evento ou estado de coisas futuros dão origem à sobreposição modal às formas que expressam futuridade (cf. Ultan, 1978). Isso aponta para um problema de categorização gramatical do futuro como *t. vb* ou como modo, o que tem gerado muita controvérsia, tanto na teoria lingüística geral como na análise de línguas particulares.

Comrie (1985:45,51) afirma que, em muitas das línguas em que a distinção futuro e não-futuro (presente e passado) é primária, o uso de uma forma distinta para a referência temporal presente e futura se dá devido ao seu sistema modal e não temporal. Apesar de o burmese (Okell, 1969)³⁵ ser considerada uma língua retrospectiva, a distinção entre os dois tempos é modal - “realis” versus “irrealis”, mais precisamente. Enquanto o futuro insere-se na modalidade “irrealis”, através de partículas de final de sentença *-me/ma/hma*, o presente (na ausência de qualquer outro valor modal) é incluído sob “realis” através de partículas de final de sentença *-te/ tha/ ta/ hta*. Em *mane?hpañ sá-me* (*amanhã começar-me* = *[nós]começaremos amanhã*) a referência ao futuro é determinada pela partícula “irrealis” *me*, revelando não possuir um *t. vb* futuro distinto e que marcar o tempo futuro é uma possível função para o “irrealis”.

³⁵ - Apud Comrie (1986), pp. 45 e 51. O burmese é a língua falada em Burma.

No crioulo caboverdiano, de base portuguesa, o futuro é considerado modo e sua realização se dá através de marcadores pré-verbais *ta* e *al*. Na verdade, *ta* é polifuncional e, entre outras categorias, expressa modo futuro. Exemplo: *M ta mata kel gigante* (vou matar esse gigante). Além de futuro, *al* sinaliza optativo: *Ken ki al leba bo?* (quem te vai guiar?). Segundo Thiele (1991), são morfemas dependentes do verbo, no sentido de não poder haver nenhum elemento entre eles, ou seja, marcador e verbo constituem uma palavra.

Para Lyons (1977:677-678), o *t. vb* futuro das línguas européias como também o *t. vb* que possa razoavelmente ser chamado de futuro em um número pequeno de outras línguas no mundo são parcialmente temporais e modais.

Para algumas gramáticas inglesas tradicionais, a formação do tempo futuro se dá lexicalmente através dos auxiliares *will/shall*. Em "*John will leave tomorrow*", temos uma predição acerca de um evento futuro, cuja verdade pode ser facilmente provada. Já em "*Open the door, will you?*", *will* tem uma função modal que nada tem a ver com referência ao tempo futuro. Devido a isso, em Jespersen (1931) paira a dúvida sobre a existência de um tempo futuro no inglês, uma vez que vê as várias maneiras de expressar futuridade matizadas pela modalidade. Para ele, os auxiliares *will e shall* têm colorações modais de *volição e obrigação*. Já Lyons (1979) afirma que, para o inglês, o futuro é mais modo do que tempo. Strang (1962) e Palmer (1965) não fazem referência a um tempo futuro no inglês e consideram *will e shall* modais. Para Palmer, a referência ao futuro é apenas um dos usos de *will*. McIntosh (1966) desconhece um *t. vb*

reservado para uma predição pura, mas reconhece dois *tipos de tempo* que podem ser usados para esse fim: a forma *going to + infinitivo* e *will + infinitivo*. Close (1970), tentando categorizar as expressões de futuridade no inglês, reconhece a função modal e temporal de *will e shall*. Leech (1971) reconhece também a dupla função dessas formas e para efeito didático categoriza as formas temporais e modais separadamente.

Na gramática do português, Bechara(1978) e Sacconi(1989) reconhecem o valor temporal do futuro e, sem fazer referência à modalidade, apontam outros valores, que têm a ver com as aplicações acessórias dessa forma, propostas por Said Ali, em 1921. Para Luft(1976), é mais modo do que tempo, ou seja, como implicação primária é modo e como secundária é tempo. Mateus et alii (1983:123) vêem no futuro lingüístico um valor modal determinado pela não-fatualidade dos estados de coisas futuros. Câmara Jr. (1957:223) vê as formas do futuro como temporais e modais e define sincronicamente três funções semânticamente distintas para elas: modal; temporal com coloração modal e temporal, simplesmente, sendo que cada uma corresponde a um nível diferente da gramática. No futuro como modo, o tempo é bipartido em pretérito e presente (não passado). Nesta divisão, o futuro tem mobilidade, acrescentando-se ou sobrepondo-se a ela, tornando-se futuro em relação a um pretérito ou a um presente. Já como tempo com coloração modal “motiva o seu emprego em vez de uma forma presente abrangendo o futuro” (p.223). Apenas como tempo está no mesmo plano que o presente ou o passado.

Ao estudar o emprego do futuro no francês, Imbs (1960) identifica dois aspectos: temporal e modal. “Il a une valeur à la fois temporelle et modale comme le conditionnel”(p. 58). Como modal há o futuro *volitivo*, *concessivo* e de *atenuação*. Para Montes (1962:531 e 555), no espanhol colombiano, as formas que expressam futuridade coexistem e se mesclam com outras de valor modal ou aspectual. Aponta que a forma sintética com função unicamente temporal é muito rara nos seus dados e que *ir a + infinitivo* é a forma predominante nas falas populares colombianas para expressar futuridade. O mesmo se aplica ao México (cf. Alba, 1970) e esta parece ser a tendência de todo o domínio hispano-americano.

Coseriu (1957), com base em Carabellese (1948)³⁶, explica a duplicidade do futuro, apoiando-se no conceito de tempo interno, interiormente “vivido”, “compresente” e de tempo externo, considerado como momentos espaçados, não simultâneos, ou seja, uma seqüência de divisões discretas e não sobrepostas. No tempo interno, as três divisões - presente, passado e futuro - estão sobrepostas (compresentes) e a cada uma corresponde uma atividade distinta da consciência: “... el pasado corresponde al “conocer”, el presente al “sentir” y el futuro al “querer” en el sentido de *velle*...(p.13)”. Coseriu acrescenta a possibilidade (posse) e a obrigação (debere), concluindo que o futuro, como tempo vivido internamente, é necessariamente “modal”.

Baseando-se na idéia de que o futuro é o tempo da existência, de

³⁶ - Apud Coseriu (1957), p. 13.

Heidegger (1951), e de que a sua eterna antecipação o traz para o presente, em forma de intenção, obrigação, possibilidade, constata que essa antecipação é expressa, lingüísticamente, através de formas modais, imperativas e incoativas. Como o homem, por essência, é um ser ativo, a compresença do presente, passado e futuro no tempo interno é algo também dinâmico. Para que o futuro:

pueda constantemente “anticiparse”, hacerse “compresente” con los otros dos momentos del tiempo es necesario también que se aleje, que se proyecte como momento “exterior” hacia el cual tiende la existencia; y es este lejamiento, esta “exterioridad” del futuro, lo que se expresa mediante las formas que, de manera impropia, se han llamado “puramente temporales” (p.14).

Ao se exteriorizar, o futuro recupera o seu caráter antecipativo, através de formas denominadas erroneamente de puramente temporais, o que gera toda a instabilidade que existe na abordagem desse tempo. Tal noção de tempo interno, de Coseriu (1957), tem a ver com a noção de tempo de Santo Agostinho. Ambas são subjetivas, modais e consideram o futuro como uma projeção do presente subjetivo, ou seja, ele tem a sua origem estabelecida no presente, em função da realização de desejos, obrigações, o que é um dos aspectos mais importantes dessa proposta.

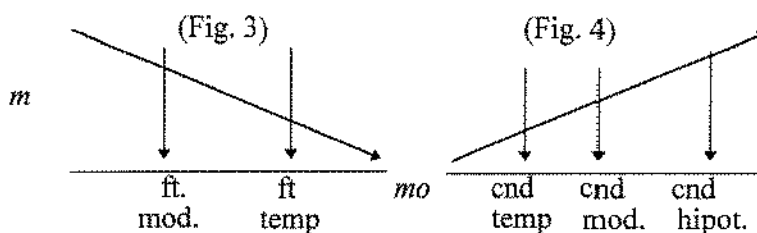
Concordamos com Coseriu que o tempo futuro vivido internamente é essencialmente modal e sua constante antecipação o traz para o presente em forma de intenção, desejo, obrigação. Aceitamos que, ao se exteriorizar, não é “puramente” temporal. Entretanto, consideramos que o futuro não é apenas modal, é temporal também. A simples exteriorização de uma intenção já a

torna temporal. O falante se utiliza de *t. vb's* como opções para descrever a sequência de eventos em relação a si mesmo e a outros eventos ao longo da linha do tempo. Ao exteriorizar um desejo através de uma forma do futuro, projeta-o adiante, implicando que sua realização será posterior ao momento da fala. Nessa exteriorização temporal, o falante projeta uma variedade de noções modais: volição, obrigação, presentes no seu mundo interno e estabelecidas no presente. Na verdade, ocorre uma sobreposição *modal/temporal*.

Martin e Nef (1981:12) também valorizam o presente na lógica temporal. Para eles, o presente é o tempo implícito de toda a proposição (momento do enunciado = *to*). E a partir do presente atuam dois operadores: um que corresponde ao passado (mundos realizados = *mo*) e outro, ao futuro (mundos possíveis = *m*). Devido à sua natureza incerta, é associado a asserções modalizantes e representado com inúmeros prolongamentos (Fig.1) que se abrem no momento da enunciação (*to*). Quando o futuro se torna passado, apenas um desses prolongamentos representa o que se realizou (Fig. 2):



O *t. vb* futuro se movimenta de um grupo de mundos possíveis para um mundo realizado, ou seja, parte de interpretações modais que caminham para a certeza, que aumenta ao se aproximar das interpretações puramente temporais. Martin (1981:84) propõe o esquema (Fig. 3):



Na Figura 4, temos a representação do condicional que, como espelhamento do esquema de futuro (Fig.3), parte de uma base temporal possível de ser para um mundo totalmente hipotético, passando pelo modal.

A idéia de que o *t. vb* futuro se movimenta de um grupo de mundos possíveis para um mundo realizado, em princípio, soa interessante e nos evoca Bakhtin e Eliot. No entanto, a proposta de o futuro ter de se tornar passado para se concretizar como *t. vb* não se sustenta, visto não se levar em conta o momento da enunciação. Por mais incerto que possa ser, e por mais irregular que possa ser sua representação como linha, ele existe no momento da fala, que o projeta para adiante.

A questão para autores que supervalorizam a modalidade é saber se o evento vai se realizar ou não. No entanto, para a linguagem essa não é a questão maior. Com Weinrich (1970:40), julgamos que a “linguagem está completamente desinteressada da realidade ou não-realidade dos eventos”, está interessada, sim, no modo como seus usuários³⁷ consideram esses eventos. Qualquer coloração implícita na referência futura transmitida pelo locutor é avaliada segundo as associações e pontos de vista do interlocutor. O universo de referências para a

³⁷ - Usuário abrange o falante, o ouvinte, o escritor e o leitor.

interpretação de um enunciado depende, pois, do conhecimento de mundo, expectativas e observações dos participantes do discurso.

O *t. vb* futuro é tão polêmico quanto a noção de tempo a ele relacionada e isso tem origem na sua natureza especulativa e incerta. Como resultado, nota-se, claramente, que, nas línguas que operam com um paradigma de futuro explícito, essa sombra modal tem dificultado muito a sua conceitualização e a questão se ele é tempo ou modo persiste.

A coexistência sincrônica das três funções do *t. vb* futuro, propostas por Câmara Jr (1957), abrangendo as categorias tempo e modo, a nosso ver, parece dificultar a sua descrição. Nas formas puramente atemporais é possível detectar a modalidade. Em: *Vamos falar de racismo dentro da igreja... **será** que ela hoje em dia supera?*³⁸, *será que*, expressão fixa muito comum em perguntas, exprime conjectura. No entanto, ao restringir a coloração modal apenas a /-re/~/-ra/, por exemplo: “*irei sem falta*” (p.223), ignora-se a coloração modal implícita em muitas formas futurizadas. Além disso, nas formas em que as marcas modal e temporal estão presentes, é difícil separá-las em termos únicos, ou seja, se são simplesmente modais ou temporais. Por exemplo, em: “*Eu não quero usar a expressão lanchonete porque não digo isso /ele chama de bar/ mas eu não sei como possivelmente minha filha **dirá***”³⁹. Sem dúvida a expressão **não sei** e o advérbio **possivelmente** reforçam o valor modal da forma **dirá**, que poderia ser comutada por **diria**. Entretanto, é possível também atribuir valor temporal a essa

³⁸ - Exemplo extraído de nosso corpus. Turno 146, documento Q.

³⁹ - Exemplo extraído de Baleeiro (1988), Ex. (62), p. 64, inq. 6 - NURC-SP.

forma. Principalmente se considerarmos a possibilidade de uma condicional implícita neste contexto: [*se perguntarem a ela*], *eu não sei como possivelmente minha filha dirá*. Diante dessa dificuldade de identificação, operaremos com a sobreposição dessas categorias, o que, de certa forma, assemelha-se a função 2 *temporal com coloração modal*, de Câmara Jr.(1957).

É até possível aceitar o termo categoria secundária para o futuro, quando se aborda o sistema prospectivo. No entanto, não aceitamos a afirmação de que parece ser fraco ou inexistente como categoria gramatical. Para nós, no português e nas outras línguas românicas, as formas que expressam futuridade, por si sós, demonstram a sua existência. A marca modal é apenas uma, dentre outras, que torna esse *t. vb* mais marcado do que o presente e o passado (cf. Ultan, 1978).

2.3 Modo e Modalidade

Modo e modalidade estão relacionados. O modo é uma categoria (morfológica) formal do verbo e tem função modal, ou seja, a atitude do falante (modalidade) em relação ao que diz pode ser expressa pelo modo do verbo. O modo envolve geralmente um conjunto de paradigmas verbais que variam de língua para língua. No caso do português, têm-se os modos: *indicativo*, *subjuntivo* e *imperativo* e é através deles que a relação modal entre o locutor e o estado de coisas se expressa (Mateus et alii, 1983:148).

No modo indicativo, o locutor reconhece o estado de coisas como necessário ou altamente provável e, no subjuntivo, como possível ou contingente. No imperativo, o fator alocutário se torna preponderante, já que se trata de levá-lo a determinada ação ou comportamento.

Já a modalização lingüística, que tem sido abordada de vários pontos de vista teóricos: sintático, semântico e pragmático, aponta, fundamentalmente, para a atitude do falante em relação ao conteúdo proposicional de seu enunciado, revelando a sua disposição mental, distinguindo o *dictum* do *modus*. O *dictum* é o conteúdo proposicional e o *modus* é o que determina a atitude ou o modo como aquilo que se diz é dito. Envolve, assim, uma série de nuances semânticas que indicam: *dúvida, hipótese, certeza, intenção, desejo, obrigação*. Nuances que fazem parte da estruturação do discurso e que são importantes do ponto de vista pragmático.

Os atos ilocucionários de modalização produzidos durante o discurso realizam-se por meio de diversos tipos de lexicalização oferecidos pela língua (cf. Koch, 1986):

auxiliares modais , como *poder, dever, querer* : *Ela deve ter mais de trinta;*

advérbios de modalidade, do tipo *provavelmente, talvez, certamente*:
Provavelmente ela tem mais de trinta;

predicados cristalizados , formados por um adjetivo em posição predicativa: *é certo, é necessário, é possível* - *É certo que ela tem mais de trinta;*

orações ou proposições modalizadoras, do tipo *eu acredito que, eu sei que, não há dúvida de que, eu tenho a impressão que* - *Eu sei que ela tem mais de trinta e*

certos modos e tempos verbais, entre eles o futuro (presente e pretérito): *Será que ela tem mais de trinta anos? Ela teria mais de trinta anos.*

Quanto ao futuro, Mateus et alii(1983:118) afirmam que ao valor temporal está associado um valor modal de não fatualidade. Por exemplo, é impossível determinar o valor de verdade da proposição contida em "*Choverá em Lisboa amanhã*", no momento da enunciação. Somente quando o amanhã chegar será possível essa constatação. A modalidade fatual não cabe quando o estado de coisas descrito está localizado no futuro. Daí, a agramaticalidade de "*É um fato que choverá amanhã em Lisboa*". A modalidade fatual só é possível quando se pode determinar o valor de verdade no momento da enunciação: "*É um fato que choveu ontem em Lisboa*"(p.119).

Apesar de os estudos da modalização lingüística pressuporem a modalização lógica, lingüistas e filósofos têm opiniões diferentes acerca da questão da modalidade. Isso se deve, dentre outras coisas, ao caráter não-lógico das línguas naturais. Entendendo que, no momento, não cabe uma discussão profunda - filosófica ou lingüística - acerca das modalidades, apresentaremos, com base nas propostas de Koch (1984, 1986), alguns tipos de modalidades relevantes à análise do *t. vb* futuro (cf. também Mateus et alii,1983; Travaglia, 1991 e Guimarães,1979).

2.3.1 *Modalidade Aléticas: necessidade e possibilidade*

As *aléticas* ou *aristotélicas* foram as primeiras modalidades descritas pela lógica clássica. Referem-se ao eixo da existência e à verdade ou falsidade de estados de coisas. Em outras palavras, expressam a atitude do falante quanto ao valor de verdade de seus enunciados.

Nelas a realização do evento é vista como algo possível, viável (possibilidade) ou necessário, essencial, indispensável (necessidade). Na sua relação com o mundo ontológico, são abrangentes, refletindo uma escala lógica que vai do necessário ao impossível, passando pelo possível e pelo contingente (cf. Lyons, 1977):

Eu preciso falar com o professor (necessidade).
Um homem é capaz de chorar (possibilidade).
O homem pode ou não trabalhar (contingência).

Em sequência têm-se as *epistêmicas* e as *deontológicas* ou *deônticas*, estudadas a partir do desenvolvimento das lógicas modais (cf. Von Wright., 1951 e Blanché, 1969)⁴⁰.

2.3.2 *Modalidades Epistêmicas: certeza e probabilidade*

Referem-se ao conhecimento (crença) que se tem de um estado de coisas. Têm a ver com o grau de conhecimento e certeza do falante a respeito da fatualidade daquilo que está dizendo (cf. Lyons, 1977). Se ele acredita na

⁴⁰ - Apud Koch, 1984, pp. 93-94.

verdade, tem-se a certeza; se duvida, tem-se a probabilidade e a língua possui uma série de expressões que relativizam desde o absolutamente certo até o menos provável:

Se continuas a fumar, ficas doente (certeza).
Ela teria uns trinta anos (probabilidade).

2.3.3 Modalidades Deônticas: obrigação e permissão

Situam-se nos domínios da moral e dos deveres. Relacionam-se com a conduta, com o comportamento que se espera do interlocutor diante de determinados estados de coisas. Ao enunciar deonticamente, o locutor quer suscitar no seu interlocutor determinado comportamento ou ação. Como a importância está no fazer, e não naquele que faz, a força dos atos de fala produzidos pelo falante se revela de maneira mais direta:

É obrigatório o cinto de segurança nas estradas (obrigatório)
É proibido fumar (obrigatório)

No primeiro exemplo tem-se o *obrigatório-sim* e no segundo o *obrigatório-não*. Já em: *Aqui você pode fumar*, tem-se o *permitido*. As ordens estão sob o domínio do imperativo, que é o protótipo das deônticas: *Eu te ordeno que me ajudes* (obrigação).

2.3.4 Modalidades Volitivas: intenção, optação

As *volitivas* estão ligadas à vontade, ao desejo e à emotividade do falante, que fazem com que o evento, muitas vezes, se realize. Veja-se o exemplo:

Quero muito ir a sua casa (volição).

Em suma, as modalidades *aléticas* atuam no nível dos *estados de coisas* no qual as relações são *necessárias, contingentes, possíveis ou impossíveis*. As *epistêmicas* funcionam no *nível do conhecimento* e as *deônticas*, no nível da ação. Portanto, no nível do *conhecimento* que o locutor tem dos estados de coisas, uma relação *necessária* é vista como *certa*, uma relação *contingente* é considerada *contestável* e uma relação *possível* é tida como *plausível* (modalidades epistêmicas). No nível da ação, uma relação *necessária* é vista como *obrigatória*, uma relação *contingente* é considerada *facultativa* e uma relação *possível* é tida como *permitida* (modalidades deônticas).

Travaglia (1991) afirma que, no discurso, as modalidades *aléticas* podem aparecer combinadas às *epistêmicas*. Em *Com esses recursos é possível resolver o problema*, o locutor toma a possibilidade como certa (possibilidade + certeza). Já em *Com esses recursos seria possível resolver o problema*, considera-a provável (possibilidade + probabilidade). Aponta também que a *necessidade* como modalidade pode criar uma implicação de *obrigatoriedade*, tornando as *aléticas* em quase *deônticas*: *É necessário estar de bem consigo mesmo*. Neste exemplo, poderíamos dizer também que elas se tornam *epistêmicas*, porque toda verdade contida em um ato de fala traz consigo o conhecimento e avaliação que o falante tem das coisas do mundo.

É nesta diluição entre as modalidades *epistêmicas* e as *deônticas* que se encontra a ambigüidade das *aléticas*. O envolvimento com a verdade relacionada a mundos possíveis dificulta a sua localização no discurso, porque o conteúdo de

verdade em um ato de fala vem sempre mesclado com o conhecimento e julgamento do falante. Aristóteles⁴¹ afirma que os enunciados de uma ciência nem sempre são simplesmente verdadeiros. A sua formulação como *necessariamente* ou *possivelmente* verdadeiros, por si só, modifica o grau de verdade. A modalidade *alética* em seu estado puro só ocorre fora do contexto de enunciação, quando se muda o foco para a organização lógica interna dos termos da proposição e para a sua relação com os mundos possíveis, podendo ou não ser verdadeira. Vê-se, então, que não se presta a uma investigação lingüística dos enunciados, tanto quanto as epistêmicas e as deônticas, às quais se opõe. Diante disso e do caráter não fatural do estado de coisas futuro, as modalidades a ele relacionadas são as *epistêmicas* e as *deônticas*. Apesar de considerarmos *aléticas* algumas das proposições com *poder* no corpus, concentramo-nos nessas duas modalidades em nossa análise.

No *t. vb* futuro, como categoria formal da gramática de uma língua, está implícita a sobreposição de um número de modalidades não-factivas, “irreais”. Para Mateus et alii (1983), isso faz com que a afirmação do estado de coisas futuro decorra da avaliação que o locutor faz da *necessidade*, *probabilidade*, *possibilidade* ou *impossibilidade* de sua ocorrência.

Com relação ao uso do presente do indicativo em proposições descrevendo estado de coisas no futuro, não vêem o presente como um ponto relevante, mas sim o fato de refletir a avaliação desse estado de coisas feita pelo locutor como *necessária*, *impossível* ou *altamente provável*.

⁴¹ - Apud Koch, 1984, p. 75.

Sem dúvida, a sobreposição modal está presente nas formas que expressam futuramente. No entanto, a quantidade de temporalidade ou modalidade atribuída a uma forma está sujeita a flutuações que, segundo Fleischman (1982), resultam de um padrão no processo evolutivo iniciado no latim: “Quanto mais temporalizada uma forma se torna, mais fraca é a sua força modal ou vice-versa”(p.31). Quando a temporalidade sobressai, os falantes partem em busca de uma nova forma (na maioria das vezes, perífrases) que reponha a modalidade perdida no processo temporalização⁴². Essa flutuação modal/temporal é responsável pela instabilidade do futuro. A mudança tipológica do latim, ou seja, a mudança do padrão *SOV* para *SVO*, ao ocasionar a perda do sistema de casos sufixados e aumentar a construção com verbos auxiliares, foi fator determinante das formas do futuro românico. Para evidenciar esses fatos, Fleischman (1982) descreveu a evolução das formas do futuro do latim às línguas românicas, que apresentamos a seguir.

Antes de abordarmos esta descrição, cabe ressaltar que movimento cíclico de *síntese/análise* e mudança do padrão tipológico *SOV* para *SVO*, na evolução das formas do futuro românico, não são processos estanques, devendo-se perguntar até que ponto uma coisa pode estar levando à outra. Mesmo achando que resposta para esta questão não é o que buscamos, no momento, e que, talvez, ela nem exista, esses processos expressos através de *síntese* revelam que se pode

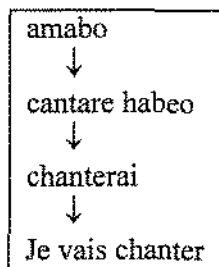
⁴² - Tem-se nesse momento o grau zero de gramaticalização, ou seja, quando a forma atinge um grau de abstração tal que a faz perder o gatilho discursivo que a disparou (o seu significado inicial), vários processos (fonológicos, sintáticos) se desencadeiam, dando origem ao aparecimento de uma nova forma.

prever uma mudança tipológica na língua. Para efeito de sistematização, é até possível desvincular aspectos dessa relação. No entanto, enfatizamos que mudanças lingüísticas não se dão isoladamente, ou seja, a reorganização de uma parte da gramática implica, em princípio, a movimentação de alguma outra, gerando conseqüências. É o que aconteceu com o *t. vb* futuro. Essa movimentação no seu interior pode, eventualmente, ter dado origem à reorganização de outros aspectos da língua, dentre eles, a tipológica.

2.4 Evolução das formas do futuro latino nas línguas românicas

Considerando que distinções fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas não devem ser dissociadas ao se estudar o desenvolvimento do futuro românico, Fleischman (1982) procura evidenciar que as formas de futuridade analíticas e sintéticas tendem a se alternar em padrões cíclicos. E é no interior dessa evolução que podemos encontrar respostas para a instabilidade desse *t. vb*, como também para o aparecimento e fortalecimento de formas perifrásticas expressando futuridade, como: *ir+infinitivo* do românico moderno.

A evolução do *t. vb* futuro do latim ao românico revela um processo cíclico-padrão que se alterna em formas analíticas e sintéticas, ou seja, a forma perifrástica inicial que se sintetiza é, por sua vez, substituída por uma nova estrutura perifrástica, repetindo essa seqüência de eventos. Veja-se Quadro (1):



Devido à inadequação dos dados, causada pela imensa lacuna entre a linguagem dos textos escritos e a linguagem falada na época, tanto a origem como a cronologia da evolução geram controvérsias. Entretanto, não se deve considerar que o aparecimento da forma sintética implicava a eliminação da forma perifrástica antecedente e tampouco que a língua, como um todo, estivesse engajada numa fase exclusivamente analítica ou sintética. O que se vê no Quadro (1) é a representação de extremos de um contínuo evolutivo diacrônico. Os dois tipos de futuro parecem coexistir sincronicamente durante um longo período de tempo, antes de um tomar definitivamente o lugar do outro.

Como paradigmas futuros sintéticos, além do *praesens pro futuro*, o latim clássico teve *amabo* (evoluído da perífrase: *ama#bhu*) e mais três outros oriundos do subjuntivo: (a) *dicam, dices*; (b) *dixo, dixis*; (c) *dixero, dixeris*. Como analíticos, houve a combinação do particípio futuro ativo em *urus* com as formas *sum*: *facturus sum, eram, ero*, a do gerúndio com *sum*: *amandus sum, eram* e a do particípio futuro com o infinitivo. Estruturas que, no latim pós-clássico, passaram a competir com uma forma falada que surgia: *cantare habeo*. De todos esses paradigmas, excetuando-se o *praesens pro futuro* e alguns vestígios de *cantare habeo*, nenhum sobreviveu nas línguas românicas.

Fatores fonéticos, morfológicos, semântico-estilísticos (falta de expressividade do futuro sintético em contraste com a expressividade das formas modais analíticas) e culturais são considerados, quando se investigam as causas dessa *síntese/análise*. Isoladamente, cada fator responde a uma única faceta da questão, estando, de certa forma, interligados.

Os paradigmas futuro do presente e futuro do pretérito das línguas românicas (ocidentais e centrais) se originam das construções infinitivas com *habeo*: *cantare habeo* e *cantare habebam/ habui*.

Como ocorreu com as outras formas, a consolidação da forma sintética no vernáculo românico - *chanterai*, *cantarei*, *canteró*, *cantaré* - derivada de *cantare habeo*, se deu de forma gradativa. Ela deve, sem dúvida, ter sido corrente na fala popular, muito antes de ser registrada no vernáculo escrito. Como o latim permaneceu, por muitos séculos, como a língua do aprendizado e da comunicação oficial, os dados escritos não refletem a mudança na linguagem oral que ocorria na época.

O desenvolvimento de *cantare habeo* em *chanterai* pode ter sido resultado de uma evolução morfossintática ou morfológica, que pode ser assim representada: SV → V. Veja-se o Quadro (2):

Latim Clássico	cantare (infin.)	habeo (vb.princ.)
Românico	chanter	ai

Dois lexemas independentes de um SV se transformam em morfemas ligados de um lexema unitário. O radical é extraído do infinitivo *cantare* do latim clássico e a terminação da forma reduzida de *habeo*.

A evolução morfológica deve ter ocorrido no latim tardio, quando, em uma reanálise sintática, *habeo* foi rebaixado de verbo principal para um morfema gramatical (auxiliar), em um processo através do qual verbos lexicais anteriores se transformam (evoluem) em auxiliares. Veja-se o Quadro (3):

Latim tardio	cantare (vb. principal)			habeo (aux.)
	chant	-e	-r	-ai
Latim românico	rad.	conj.	tempo	pess. n°

Note-se que o antigo marcador de infinitivo passa a ser considerado marcador de flexão temporal⁴³.

O latim era flexível quanto ao posicionamento de *habeo*, que podia tanto preceder como seguir o verbo principal: *habeo cantare*, *cantare habeo*. Veja-se o Quadro (4):

Estágio	Forma sintética	Forma analítica
Latim tardio		cantare habeo habeo cantare
Românico	chanterai	cantar- ϕ -ei tenho de cantar
	cantarei	hei de cantar

⁴³ - A representação proposta por Fleischman, no Quadro 3, só é possível em uma visão diacrônica. Parece-nos que considerar /-rai/ - morfema cumulativo de tempo, número e pessoa - no qual a desinência do infinitivo -r, marcadora de futuro, foi acrescentado o morfema /-ai/ de número e pessoa, é um procedimento possível, apenas quando se explica o aparecimento da forma. Sincronicamente, a análise do francês é análoga à do português: cant - a - re - i

rad. v.t. Tpo. n°
chant - e - ra - i.

A ordem *cantare habeo* aparece na formação do futuro românico sintético. Entretanto, no vernáculo românico, a forma sintética era ladeada por formas não sintéticas de dois tipos. No primeiro, a infixação de pronomes é responsável pela disjunção e reflete a ordem *cantare habeo*: *cantar-lhe-ei*, tendo em comum com *chanterai* a sua origem e o significado temporal básico. Excetuando-se o português, no qual a produção dessa forma está em declínio, não foi mantida nas outras línguas românicas modernas. Especula-se como causa para essa não manutenção a competição direta com a forma sintética como também a rejeição a uma estrutura com um pronome infixado. No segundo, a formação disjuntiva, com ou sem a preposição *ad* ou *de*: *hei de trabalhar*, *j'ai à travailler* = *tenho de trabalhar*, reflete *habeo cantare*. Manteve a sua modalidade de obrigação original e sobreviveu em todas as línguas românicas modernas. Tem em comum com o primeiro tipo a preservação da forma analítica.

Inferre-se do exposto que a colocação do auxiliar deve atuar como um fator determinante da aglutinação, ou seja, um SV com auxiliar preposicionado resulta em SV analítico e um SV com auxiliar posposicionado resulta em V sintético:

aux + verbo = SV analítico
verbo + aux. = V sintético

Parece haver correlação entre as dimensões semânticas e morfossintáticas na evolução do futuro: as formas que, em primeiro lugar, expressam temporalidade são sintéticas e as que expressam modalidade são analíticas.

A próxima forma, na sequência evolutiva, *je vais+infinitivo*, parece advir de *vado+infinitivo* do latim. Surgiu, no latim falado, uma série de estruturas verbais que combinavam *um auxiliar modal mais um infinitivo*: *incipio* (*começar*); *volo* (*querer*); *possum* (*poder*); *debeo* (*dever*); *venio* (*vir*). A semente para a forma perifrástica, que se tornaria a expressão de futuridade mais popular no românico contemporâneo, parece ter germinado nessa época.

Em resumo, nas fases sincrônicas, um futuro sintético segue paralelamente a uma formação analítica de origem aspectual ou modal. Ver Quadro (5):

Estrutura	Forma	Estágio de Língua
Fase diacrônica 1	anal. Ama-bhu	Indo-Europeu
	sint. Amabo	Latim clássico
Fase sincrônica 1	amabo/cantare habeo	Latim tardio
Fase diacrônica 2	anal. Cantare habeo	Latim falado tardio
	sint. Cantaré	Românico (espanhol)
Fase sincrônica 2	cantaré/ voy a dormir	Românico moderno
Fase diacrônica 3	anal. Voy a dormir	Românico contemp.(espanhol)
	sint. yo vadormir	Dial. espanhol americ.contemp.

O corte transversal sincrônico representa a sobreposição de fases diacrônicas sucessivas nas quais a forma analítica se aglutina e passa a assumir a função de *t. vb* futuro da sua forma sintética co-presente, tornando-se no final seu equivalente temporal. Em cada uma das três fases, os dois processos diacrônicos vão juntos, de onde se conclui que, à medida que as formas do futuro se temporalizam, elas tendem a se sintetizar, o que reforça, diacronicamente, a

inferência de que as formas que, primeiramente, expressam temporalidade são sintéticas.

Se isso é um fato, deverá ocorrer futuramente uma eventual aglutinação da forma perifrástica (*voy a dormir*). Dados recentes mostram que a fusão de *yo voy a dormir* em *yo vadormir*, num processo de flexão prefixal, está em processo na fala coloquial de certas variedades hispano-americanas centrais.

Essa reanálise nas formas do futuro não resulta apenas da opacidade gramatical das formas sintéticas, mas também do equilíbrio instável de noções como aspecto, modalidade e temporalidade inerentes à categoria de futuro, ou seja, entre as formações de futuro co-ocorrentes. A divisão de trabalho para expressar temporalidade, modalidade e aspecto é flutuante.

Este fato é notado durante o processo evolutivo. As formações perifrásticas em *urus* iniciaram como marcadores de aspecto prospectivo e, já no período pós-clássico, marcavam não só aspecto como também *t. vb. Cantare habeo*, de marcador de modalidade, passou mais tarde para aspecto prospectivo para finalmente expressar uma sequência de eventos futuros. O mesmo se aplica à forma perifrástica *je vais+infinitivo*, que, originalmente, marcava prospecção e, mais tarde, passou a expressar futuridade. O processo parece obedecer à seguinte ordem: um alto grau de temporalidade corresponde a um nível limiar de opacidade nas colorações modais ou aspectuais e vice-versa. Quando uma forma - *cantabo ou chanterai* - atinge esse grau de temporalidade e, obviamente, um nível limiar de opacidade modal ou aspectual, uma nova forma de futuro surge -

cantare habeo e *je vais chanter* -, na qual as noções modais ou aspectuais são mais evidentes. Veja-se o Quadro (6):

	A		B		C	
I	mod.	ama-bhu				
II	↓ temp. ↓	↓ amabo ↓	mod. ↓ asp. ↓	cantare habeo ↓		
III	mod.	φ	temp.	cantaré	asp	voy a dormir
IV			↓ mod.	↓ Cantaré	↓ temp. ↓ mod.	voy a dormir ↓ yo vadormir ↓ voy a dormir ↓ yo vadormir

As mudanças podem ser vistas como um processo contínuo de três estágios, ou seja, as formas do *t. vb* futuro tendem a evoluir de modais (ou aspectuais) , tornar-se temporais para terminar como modais. No Quadro cada coluna vertical (A,B,C) representa o desenvolvimento de um paradigma individual. Horizontalmente estão representados os estágios sincrônicos da língua, sendo que I = Proto Indo-Europeu, II = Latim, III = Românico e IV = Românico contemporâneo.

A explicação para o aparecimento de formas analíticas, num momento histórico de uma língua românica, pode ser dada através da mudança na ordem das palavras de *SOV* para *SVO* ocorrida no latim e que trouxe consigo a perda do sistema de casos e o aumento de construções com verbos auxiliares. Embora não tenha sido muito reconhecida por romanistas, essa mudança tipológica foi

metacondição para grande número de mudanças gramaticais, entre elas, a determinação da forma do futuro românico.

Sem se preocupar em determinar o tempo exato da mudança, parte-se da premissa de que a consolidação do futuro sintético derivado de *cantare habeo* se deu num período em que a ordem das palavras era ainda *OV*. Portanto, bem antes do perfeito, que se consolidou, quando a ordem das palavras tinha evoluído para *SVO*. Verificar os padrões de conduta universal dos auxiliares modais pode ser útil para a avaliação do que está sendo afirmado. Veja-se um exemplo-padrão da forma *SOV*:

Ego canticum cantare - habeo

S O V aux.

O auxiliar se manteve posposicionado até sua aglutinação, num período em que a ordem *OV* ainda imperava:

*Je chante - rai*⁴⁴

rad. flexão sufixada

A semelhança funcional entre o auxiliar e a flexão é tanta que se pode nomear as duas estruturas de alomorfes de *t. vb* e aspecto. Steele (1975:218, n.14)⁴⁵ chama-as de “auxiliares modais”. O auxiliar modal que seguir um elemento será a ele sufixado (*chante-rai*) e o que o preceder não será afixado. É esta a estrutura do perfeito:

J' ai chanté la chanson

S aux V O

⁴⁴ - Cf. nota 43.

⁴⁵ - Apud Fleischman, 1982, p.123.

O desenvolvimento de *habeo cantatu* em *j'ai chanté* se deu mais tarde, quando a ordem *SVO* tinha se tornado mais sólida. Tal afirmação só é possível, se consideramos que *habeo* - o outrora verbo principal com significado transparente de *posse* - tenha sido rebaixado para um morfema gramatical (auxiliar), num dado momento da evolução do latim clássico para o tardio.

A forma perifrástica *je vais chanter* assim como os outros auxiliares de colorações modais do românico: *devoir*, *vouloir* (oriundos do latim tardio), são morfemas livres prepostos ao verbo e resultam da consolidação da ordem *SVO*. Da velha sintaxe *OV* resulta o fato de a morfologia derivacional e flexional românica ser predominantemente sufixal.

O estudo sincrônico/diacrônico de Fleischman, abarcando as várias dimensões da complexa evolução das formas do futuro nas línguas românicas, esclarece a questão modal/temporal, responsável pelo aparecimento das formas analíticas e declínio das sintéticas. Num processo evolutivo cíclico, um sintagma verbal analítico aglutina-se num verbo pleno, ou seja, quando uma forma sintética se fortalece temporalmente, enfraquecendo-se modalmente, uma nova forma perifrástica surge na qual noções aspectuais e modais são mais evidentes. Além disso, tal padrão mostra em que fase do processo uma determinada língua românica se encontra, possibilitando a predição acerca das direções que as formas do futuro seguirão.

No que se refere ao português do Brasil, pode-se afirmar, de imediato, que as formas *sintética* e *perifrástica* convivem lado a lado. Sendo *ir+infinitivo* a

mais popular, vem substituindo a forma *sintética* em vários contextos. Muito embora ainda não tenha o seu lugar na gramática tradicional como uma forma de futuro, sua popularidade demonstra que está se tornando o equivalente temporal do futuro sintético, que parece estar em declínio. A questão modal/aspectual não é tão evidente quanto a temporal, quando se aborda o *t. vb* futuro no português. Não se têm dados de processos fonológicos semelhantes ao tipo de fusão em desenvolvimento na fala coloquial de alguns dialetos hispano-americanos modernos: *voy a dormir = yo vadormir*. Entretanto, há indícios de que isso pode ocorrer no processo de evolução do português.

Nas línguas crioulas de base portuguesa (doravante *c.b.p.*), tempo, modo e aspecto são expressos por marcadores pré e pós verbais. Como já mencionado, no *c.b.p.* caboverdiano, os marcadores pré-verbais *ta* e *al* (cf. pg. 58) indicam futuridade. Já no da Guiné Bissau⁴⁶ (cf. Mbodj, 1991), o marcador *na* não acentuado, anteposto à base, expressa posterioridade. É um marcador geral de

⁴⁶ - Em Cabo Verde, o crioulo é falado como língua materna por toda a população. Já em Bissau, dividindo-se em três dialetos compreensíveis entre si, é falado por 75% da população interétnica. São línguas aparentadas cuja boa parte do léxico é de origem portuguesa, mas as estruturas gramaticais apresentam, na sua maioria, características das línguas de substrato, ou seja, durante a colonização, diante da limitada exposição ao português falado, na formação do crioulo houve a reconstrução da gramática, tendo por base a gramática das línguas locais, o que, atualmente, as torna incompreensíveis a falantes nativos do português. Nenhum desses falantes, habituado com as desinências verbais, pensaria em marcadores pré-verbais na marcação de tempo, modo e aspecto, o que é um sinal evidente dessa reconstrução (cf. Doneux e Rougé, 1993:51). As várias diferenças no uso de marcadores legitimam a exploração de vias de evolução alternativas e possivelmente múltiplas. Pesquisas revelam que, excetuando-se o caso em que o marcador polifuncional *ta* é durativo, indicando "estar fazendo", em nenhum outro momento o português deve ter sido o modelo para essa presença no crioulo. No entanto, *ta* e *to* existem em diversas línguas africanas (balanta e temne), com valores durativos, habituais, condicionais e futuros, que podem ter sido transferidos para o crioulo. Relacionar *na*, marcador de futuro do crioulo da Guiné-Bissau, à preposição *na* do português também não procede. Na verdade, esse elemento, comum em *susu* (com valor durativo), *bambara* (indicando futuro), deve ter migrado para o crioulo.

movimento e, segundo a situação, pode ser progressivo ou prospectivo: *N na kume* (eu como= eu estou comendo); *N na trabaja* (eu trabalharei).

Para Thiele(1991)⁴⁷, nos *c.b.p.*, esses marcadores são, na maioria, morfemas dependentes⁴⁸, ligados, no sentido de que não pode haver nenhum elemento entre eles e o verbo, ou seja, marcador e verbo constituem uma “palavra morfológica natural⁴⁹”. Diante dessa existência exclusiva de morfemas dependentes, a autora constata que nas línguas crioulas da África Ocidental existe gramaticalização maior que naquelas examinadas por Bickerton, levando-a a considerá-las crioulos tardios, na passagem de uma língua analítica para sintético-aglutinante.

No crioulo da Guiné-Bissau, verbos operadores são empregados para evitar ambigüidade na expressão do futuro e para melhor situar a realização do processo. São eles: *bai* (ir, partir) ou *bin* (vir). Vejam-se os exemplos: *e na bai jusia* (eles vão [ir] brigar); *e na bin jusia* (eles vão [vir] brigar) (cf. Mbodj, 1991).

Excetuando-se *ta* e *na*, que, comprovadamente, não foram transferidos do português para o crioulo, parece-nos que os verbos operadores *bai* e *bin* o foram. Assemelham-se sintática e semanticamente às formas dos auxiliares *ir* (*vai/bai*)

⁴⁷ - A autora investigou o sistema de tempo, modo e aspecto dos *c.b.p.*, principalmente o do caboverdiano e constatou que o postulado - os marcadores de tempo, modo e aspecto são morfemas livres - de Bickerton (1981), dos crioulos de base inglesa não se aplicavam aos de base portuguesa.

⁴⁸ - A única exceção encontra-se no crioulo da Guiné-Bissau, em que um objeto na forma pronominal pode ocorrer entre o verbo e o marcador de anterioridade pós-verbal *ba*, constituindo-se um morfema “relativamente” livre.

⁴⁹ - A autora considerou palavra morfológica natural uma unidade gramatical que não pode ser interrompida por nenhuma unidade lexical e cujas partes constituintes não podem ser submetidas a flexão em separado.

e *vir* (*vim/bin*), situando o traço centrífugo e centrípeto da prospecção. Nessa linha de inferência, por analogia ao que foi observado por Thiele(1991) quanto à dependência dos marcadores, pode-se supor que *bai* ou *bin*, também, podem ser dependentes, na medida em que não são flexionados e entre eles e a forma básica não se pode introduzir nenhuma outra unidade lexical.

Se isso for possível e conforme o parentesco⁵⁰ do português com o crioulo da Guiné-Bissau, pode estar aí um sinal de que essa aglutinação pode ocorrer.

Uma outra indicação se encontra nos dados de aquisição de linguagem. O dado singular “*voir*”⁵¹ em “*eu voir com você, pera aí*” é muito comum na fala de crianças. A redundância de *vou* + *ir* chama atenção para o processo de gramaticalização, ou seja, que *vou* se esvaziou semanticamente, tornando-se prefixo, o que nos leva a inferir que a criança pode estar prefixando o *vou* em outras ocorrências: *vofalar*, *vobrinçar*, *votelefonar*, das quais não nos damos conta porque, na gramática do adulto, o *vou* ainda pode ser sentido como auxiliar. Enquanto ele analisa *vobrinçar* de um jeito, a criança o faz diferentemente e isso só é percebido diante de exemplos como *voir* ou de dados de aquisição de escrita, quando o aprendiz junta auxiliar e verbo em uma única unidade:

⁵⁰ - Sabemos de toda a controvérsia entre as línguas crioulas e a língua de base e reconhecemos o seu estatuto como língua e não como dialeto. Com Couto (1991:47), não aceitamos a pecha ideológica colonialista de que “crioulo é português errado” mas, sim, uma realidade lingüística de integração - a resposta que os africanos deram ao colonizador.

⁵¹ - Este dado nos foi oferecido por um dos componentes da banca do exame de qualificação.

*papai eu votelefona para voce
e mão do oabo*

Ao formular hipóteses durante o ato de escrever, R representa graficamente o grupo de força [votelefo'na] (cf. Silva, 1991:68). É provável que essa menina tenha produzido também *voi* durante o processo de aquisição de linguagem. Essas mudanças implicam o estabelecimento de limites e domínios a partir dos quais eles são reconstruídos e reestruturados e que só crianças⁵² e crioulos sem nenhum compromisso com a gramática da língua são capazes de fazer. O dado singular *voir* evidencia reestruturações que o adulto, acostumado com um tipo de percepção da língua, não faria (talvez nem note que o faz), mas que falantes do crioulo e crianças fazem. Tem-se aí um indício de que esse *vou*, esvaziado de seus conteúdos semânticos, tem sido utilizado como prefixo, constituindo o início de um processo de gramaticalização, que, sem dúvida, não é o mesmo que ocorre em dialetos hispano-americanos, mas que aponta para um direcionamento nesse sentido.

2.5 O *l vb* futuro no português

No português, a expressão de futuridade se realiza através de: *futuro do*

⁵² - A forma *irlamos*, em *é pra nós irlamos*, presente em fala de criança (também sugerida por um membro da banca de qualificação), é outro dado revelador desse processo de reestruturação. É possível que, em princípio, essa criança, ao invés de *vamos lá*, diz *vamosir lá*, da mesma forma que produz *voir*. Há um esvaziamento do verbo *ir*, perdendo o conteúdo semântico de locomoção de um lugar para outro; é um mero auxiliar (*vamosir*). Há, também, o *irlá*, significando *ir a um lugar*. *Ir* como radical e prefixo deve incomodar, o que desencadeia um processo de reanálise. A criança transforma *irlá* em verbo e parte de *vamos* em morfema, ou seja, acrescenta ao radical *irlá* o morfema verbal *mos*, oriundo de *vamos*, revelando ter este perdido todo e qualquer conteúdo ideacional. Com o passar do tempo *irlamos* é reanalisado na direção certa, ou seja, a criança acaba produzindo *vamos lá*, o que não acontece com *voir*.

presente, futuro do pretérito e futuro do subjuntivo (paradigmas desse *t. vb*); *presente-futuro* e *formas perifrásticas*: ir+infinitivo, ter de/que+infinitivo, estar para+infinitivo, haver de + infinitivo e querer, poder, dever+infinitivo.

No modo *indicativo*, o *t. vb* futuro subdivide-se em *futuro do presente* (simples: *estudarei*; composto: *terei/haverei estudado*) e *futuro do pretérito* (simples: *estudaria*; composto: *teria/haveria estudado*. No modo *subjuntivo*, temos o *futuro do presente*(simples: *estudar*; composto: *tiver/houver estudado*).

Para expressar futuridade, em geral, os falantes preferem as formas compostas (perífrases formadas do auxiliar temporal *ir* no presente, imperfeito, futuro e infinitivo mais o *infinitivo* do verbo principal - *vou/ia/irei/ir + ter*) às formas simples: */compr-/a/-re/-i/*, */part-/i/-re/-mos/*. O presente do indicativo e o pretérito imperfeito podem se referir a um fato futuro em interações orais. Vejam-se os exemplos⁵³:

Daqui a janeiro tem mais cinco meses.

Então ótimo, porque assim eu levava (levaria) mais tempo e gravava (gravaria) mais coisa.

Além dessas formas, têm-se as construções perifrásticas com verbos modais, que também expressam futuridade: *ter de/que*; *querer, poder, dever + infinitivo*, auxiliares modais oriundos do latim falado que permaneceram nas línguas românicas⁵⁴.

⁵³ - Exemplos extraídos de Pontes, 1972, pp. 75 e 77.

⁵⁴ - Segundo nossa experiência com o português, o que mencionamos acerca da expressão da futuridade no português brasileiro, é possível se aplicar também ao português de Portugal.

2.5.1 Futuro do Presente

Na gramática tradicional (Cegalla,1969 e Bechara,1978), o *t. vb* futuro expressa uma ação que ainda está para ser realizada. Para Cunha e Cintra(1985), um fato certo ou provável, posterior ao momento em que se fala. Já para Sacconi(1989), apenas “um fato posterior certo” (p.239).

Essas definições revelam que a noção de *t. vb* futuro não varia muito de gramático para gramático. Todos reconhecem a sua posterioridade como também, no futuro do pretérito, a sua posterioridade em relação a um evento passado. Reconhecem também o presente do indicativo como marcador de posterioridade. Excetuando-se Cunha e Cintra (1985), os demais não fazem referência às formas perifrásticas *ir*, *haver de* e *ter de + infinitivo*, denotando futuridade.

Para os autores, além da posterioridade, essas formas possuem outros valores, como certeza, probabilidade (incerteza, dúvida), obrigação; não explicitam, porém, que tais valores têm a ver com a disposição mental do falante, ou seja, com a modalidade. De certa forma, retomam a noção de *futuro categórico* (*O dia sétimo será para vós santo*), *sugestivo* (*Entra, entra e remarás*) e *problemático* (*O prisioneiro a estas horas estará morto*), de Said Ali (1921:318)). Sem fazer referência à modalidade, o autor já identificara outras funções, além da predição do estado das coisas, para as formas verbais do futuro. Acreditamos existir neste ponto uma lacuna da gramática tradicional, pois

qualquer estudo sobre o *t. vb* futuro não pode deixar de lado a importância das oposições modais.

No processo de caracterização temporal, segundo Reichenbach (1947), as informações veiculadas por um enunciado são relativizadas a momentos: o momento da fala (MF), o momento de referência (PR) e o momento do evento (ME), com base nos quais estabelecemos que, no *t. vb* futuro, o ME é sempre posterior ao MF.

Para uma representação temporal mais detalhada do futuro, falta-nos situar o PR. É simultâneo, anterior ou posterior ao MF e ao ME? As divergências são muitas, principalmente, quanto à simultaneidade. Por sua própria natureza, o PR é o mais complexo dos três momentos (cf. Hornstein, 1977 e Corôa 1985). Enquanto o ME é limitado por um referente definido e o MF pela pessoa do discurso e comunicação, o que os torna mais facilmente detectáveis, a natureza teórica, abstrata do PR o afasta do ato de comunicação.

Para Corôa (1985:59), no futuro do presente do português, o PR é simultâneo ao MF: MF,PR-ME (o traço significa anterioridade ou posterioridade e a vírgula, simultaneidade). Em *O garoto virá mais cedo*, segundo ela, tem-se um evento ainda não começado, cujo PR é simultâneo ao MF. É a representação do *posterior present* (o *simple future* tradicional), de Reichenbach.

Para Ilari (1981), tal representação não se sustenta, ao se incluírem as determinações acrescidas pelos adjuntos adverbiais. Reichenbach (1947) considera os advérbios de tempo apenas marcadores do PR. Para Ilari, eles

identificam indiferentemente ME e PR (cf. nota 21 e também Hornstein, 1977), ambigüidade que também afeta os *t. vb 's* que têm ME e PR distintos. Em não se registrando ambigüidade de aplicação do adjunto em orações com verbo no futuro, Ilari propõe a seguinte representação para esse tempo: MF - PR,ME.

Apesar de, em princípio, não ver inconvenientes nessa representação, Corôa(1985) demonstra, através do discurso indireto, que o PR se liga ao MF e não ao ME, o que está correto nesse tipo de discurso. Sem dúvida, em “*José diz: Virei mais cedo* ou *José diz que virá mais cedo*” (p.58), o PR, *dizer*, coincide com o MF do enunciador, José⁵⁵. A autora afirma que no sistema temporal do português parece não existir a representação MF - PR,ME e que talvez seja possível encontrá-la, ao se investigar os usos modais do futuro.

Para nós ela existe e é a representação de Reichenbach para o *simple future* do inglês: MF - PR,ME (também o *simple future* tradicional). Em *O garoto virá mais cedo*, Corôa não considerou o adjunto adverbial *mais cedo* que fixa o PR e se aproxima do ME. Aparentemente, poder-se-ia dizer que a própria natureza do vir-a-ser futuro faz com que ele esteja mais próximo do PR do que do MF. Em *O garoto virá* ou *O garoto virá amanhã*, sua representação pode ser esta: MF - PR,ME. Entretanto, pode-se sugerir que, para *O garoto virá agora*, a melhor representação seria MF,PR - ME, em que o advérbio *agora*,

⁵⁵ - A presença de dois MF no discurso indireto é evidente. Há o do locutor que insere o discurso do enunciador no seu e o do enunciador a quem ele se refere. Diante disso, resta saber a qual MF o PR realmente corresponde. Como há um PR para dois MF distintos, parece-nos que corresponde a cada um dos MF indistintamente. Num primeiro momento coincide com o MF do enunciador, José. Num segundo, com o do locutor, ou seja, o ME *vir mais cedo* continua sendo posterior ao PR *vir*, que coincide com o MF do locutor.

como PR, dependendo do seu significado e contexto, está mais próximo do MF do que do evento. Isso nos leva a considerar que, dependendo do contexto discursivo, é possível tanto uma quanto outra representação.

O PR, como ponto de vista temporal abstrato, é tão importante quanto polêmico, quando se fala de *t. vb*. Reconhecendo isso, apresentaremos, no decorrer deste trabalho, o que consideramos ser o PR das outras formas de futuro. No entanto, muitas vezes, faremos referência ao *t. vb* futuro de maneira mais genérica, ou seja, deixando o PR de lado, diremos que é um tempo em que o ME é simplesmente *posterior* ao MF.

O termo *posterioridade* requer esclarecimento, uma vez que o utilizaremos como sinônimo de *futuridade*. Para Fleischmann (1982:16), são dois conceitos temporais em que o significado de um está contido no outro. Daí ser possível considerar o *t. vb* futuro como posterioridade e futuridade. Posterioridade refere-se à sequência PR - ME, em que eventos se sucedem encadeadamente, um posterior ao outro: *Ele entrou calado, jantou e, em seguida, saiu de novo*, ou em que um evento decorre, sucessivamente, a partir da realização da hipótese contida no outro: *Quando ele chegar, jantaremos*. É este tipo de posterioridade que abordaremos aqui. A futuridade, como um subtipo de posterioridade em que PR = MF, pressupõe a sequência PR,MF - ME : *O garoto virá*.

2.5.2 Futuro do Pretérito

As discussões acerca das formas: *cantaria*, do português, *chanterais*, do francês, *cantaría*, do espanhol, e *would go*, do inglês recaem sempre sobre a questão temporal e modal. Alguns gramáticos vêem essa forma como modo e a classificam como *condicional*. No português, o condicional já foi considerado modo distinto. Atualmente, *cantaria* é tempo do modo indicativo. Para alguns, existem o modo e o tempo condicionais. Outros o classificam como tempo do modo indicativo, devido a sua ligação com o futuro. Guillaume (1965)⁵⁶ contrasta o futuro do presente com o do pretérito. O primeiro, *chanterai*, é futuro categórico, o segundo, *chanterais*, é futuro hipotético. Na mesma linha, Yvon (1952:265)⁵⁷ fala em termos de suposição provável, para o primeiro, e incerta, para o segundo. Para Alarcos Llorach (1961-2)⁵⁸, *cantaré* e *cantaría* expressam modo, mas os distingue pela sua relação com a perspectiva do falante, ou seja, *cantaré*, mais participativo, relaciona-se com o MF e *cantaria*, mais distante, relaciona-se com o PR no passado.

Para Bechara (1978) e Cunha & Cintra (1985), o futuro do pretérito como o do presente expressa uma ação que ainda vai se realizar. Para outros, denota um futuro em relação a um tempo passado, o que nos parece mais correto. Muito embora não se refiram ao valor modal, todos afirmam que é utilizado para expressar que um fato se dará, agora ou no futuro, dependendo de certas

⁵⁶ - Apud Fleischman, 1982, p.27.

⁵⁷ - Apud Fleischman, 1982, p. 27.

⁵⁸ - Apud Fleischman, 1982, p. 27.

condições, e também para expressar incerteza (probabilidade, dúvida) ou polidez. Os exemplos demonstram que esse *t. vb* não designa apenas ações posteriores ao MF:

*Tens certeza de que, passadas as primeiras semanas, não lamentarias tamanho sacrifício?*⁵⁹

*Sem a crença em uma vida futura, a presente seria inexplicável.*⁶⁰

No primeiro, além da futuridade reforçada pelo adverbial *passadas as primeiras semanas*, tem-se implícita uma noção de *dúvida*. No segundo, a afirmação de que a vida atual seria inexplicável está condicionada, ou seja, *sem a crença em....* equivale a *se não houvesse a crença em....*, que é uma prótase condicionante parcialmente implícita.

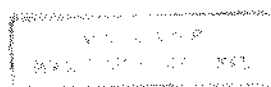
Tais formas são mais modais do que temporais. Entretanto, até que ponto são temporais ou modais? Os autores que enfatizam o seu valor modal chamam-nas de *condicional*, os que as entendem como *futuro do pretérito* enfatizam o seu caráter temporal. Há ainda aqueles, como os das gramáticas citadas, que, apesar de nomeá-las futuro do pretérito, misturam tudo, sem nada dizer.

Bezerra (1993), em estudo quantitativo sobre a língua culta falada em São Paulo, prefere a denominação forma em */-ria/*, que abarca os dois valores: modal e temporal (cf. Mattoso, 1956). No esquema condicional, a forma em */-ria/* ocorre sempre na apódose e, ao contrário da prótase, nunca pode vir implícita, o que lhe dá caráter de principal e determinante (Barbosa, 1803:141)⁶¹. Além

⁵⁹ - Exemplo extraído de Cunha e Cintra (1985), p. 450.

⁶⁰ - Exemplo extraído de Bechara (1978), p. 275.

⁶¹ - Apud Bezerra, 1993, p. 186.



disso, não possui o valor modal hipotético (condicional) que lhe tem sido atribuído ao longo do tempo, valor que pertence à prótase, expressando *afirmação condicionada*. Em *Se sobrassem quartos, eu faria de escritório*, tem-se, em princípio, uma afirmação problematizada (*eu faria de escritório*), que se torna condicionada apenas pelo acréscimo da prótase condicionante (*se sobrassem quartos*). O esquema condicional não é exclusivo da forma em /-ria/. Se admitíssemos o seu valor hipotético, teríamos que admitir o mesmo do futuro, presente do indicativo e imperativo que também atuam nesse esquema. Vejam-se os exemplos:

*Se for possível, **viajarei***

*Se todos ajudam, tudo **caminha** bem.*

*Se queres a vitória, **prepara-te** para a luta.*

Depreende-se, então, que a forma em /-ria/ possui função modal, expressando uma ação hipotética nas apódoses de sentenças condicionais.

Das 391 ocorrências da forma em /-ria/ levantadas por Bezerra, 374 expressaram modalidade, o que evidencia o valor modal dessa forma. Apesar de o maior número de ocorrências estar nas *afirmações condicionadas* (209oc.): *...se sobrassem quartos eu faria de escritório* (Inq.37,p.187), a autora enfatiza que a *polidez* é a modalidade representativa das formas em /-ria/, /-ia/ e /-inha/ (suas variantes) (122oc.): *O certo seria...seria filho adotivo, né?* (Inq.21,p.188). Em menor número, as demais ocorrências tiveram a classificação: *dúvida, probabilidade, certeza, idéia aproximada, irrealidade, timidez, possibilidade, desejo e necessidade*.

Das 17 ocorrências restantes, 11 expressavam mescla de modalidade e tempo e 6, apenas tempo. Das 11, apenas 1 expressava probabilidade no futuro. No exemplo: *Então, a senhora não ia rir com a piada* (Inq.6, p.209), é difícil destacar apenas o valor temporal. Como é uma situação presente, o falante poderia ter usado *vai rir* ou *rirá*, se quisesse destacar apenas futuridade. Como não o fez, em *ia rir* parece estar implícita também a idéia de probabilidade. Nas outras 6 ocorrências, o valor temporal relativo vem da sua vinculação com um tempo passado no contexto e se caracteriza como *futuro do pretérito*.

Muitas vezes, o valor temporal do futuro do pretérito se realiza em orações objetivas diretas, subordinadas a um verbo *dicendi*. *Ele disse que compraria o carro*, exemplo nosso, é típico dessa observação, em que *compraria*, verbo da oração subordinada objetiva direta, expressa futuridade em relação ao passado *disse*, da principal. Expandindo o exemplo: *Ele disse que compraria o carro, se tivesse dinheiro*, nota-se que, mesmo com a inserção de uma cláusula condicional, o valor temporal ainda continua vindo de sua relação com um tempo passado *disse* e o valor modal (afirmação condicionada), de sua relação com a prótase condicionante. Esta análise talvez esclareça a dúvida de Fleischman(1982) que, em *Peter said he would come, if he got the money* - enunciado semelhante ao nosso -, manifesta dificuldade em classificar *would come*: condicional ou futuro do pretérito.

Apesar do número reduzido de ocorrências no futuro do pretérito, segundo Bezerra (1993), pelo fato de o falante raramente se colocar em um

determinado ponto do passado para evocar um evento posterior a esse passado, o seu valor temporal no modo indicativo é de extrema importância no sistema verbal do português brasileiro. A forma em */-ria/* pode ser temporal, cuja função é marcar um evento posterior a algum PR passado. Além disso, possui função modal, expressando uma série de modalidades que vão desde polidez, dúvida, probabilidade até uma ação hipotética nas apódoses de orações condicionais.

Observando o valor temporal da forma em */-ria/*, em *Ele disse que compraria o carro*, considera-se algo que ele disse antes da enunciação, como PR, que antecede o MF (pretérito) e o ME como posterior a PR (futuro). É a questão da relatividade entre o ME e o MF, ou seja, o ME é posterior a PR que, por sua vez, antecede o MF (PR - MF - ME). Do ponto de vista presente, quanto à realização do evento expresso pelo enunciado, várias coisas podem ocorrer: *Ele ainda vai comprar; Já comprou* ou *A compra depende do dinheiro*, em que uma modalidade hipotética/irreal está implícita. No entanto, para nós, se ele comprou ou não o carro é irrelevante. O que interessa é a relação de futuridade estabelecida entre *compraria* ME e *um evento no passado* PR (no contexto), ou seja, a visualização de um evento como futuro em relação a um passado, do ponto de vista atual, “agora”.

Observando-se as condicionais, nota-se que todas correlacionam-se com um *t. vb* futuro. Em *Se você entrar, eu sairei*, o verbo da principal está no futuro e estabelece-se uma condição provável (real) no futuro. *Se você entrasse, eu sairia*, com o verbo da principal no futuro do pretérito, estabelece-se uma

condição não provável (hipotética), agora, no futuro ou no passado (*naquele momento, se você entrasse, eu sairia*). Uma condição impossível (contrafactual) em algum ponto do passado é estabelecida em *Se você tivesse entrado, eu teria saído*, com o verbo no futuro do pretérito composto. Isso mostra que, quanto menos certeza o falante tem da realização do evento, mais distante do MF será o *t. vb* por ele utilizado para representá-lo (Fleischman, 1982:27). É o que vemos no eixo RAP (retrospectivo antecipado), quarto eixo de Bull, que não se relaciona diretamente com PP (ponto presente) e sim com RP (retrospectivo), dando conta do futuro do pretérito simples e composto.

2.5.3 Formas Futurizadas

A expressão da futuridade não se restringe às formas do *t. vb* futuro. Existem as formas futurizadas que se utilizam do presente do indicativo, na forma simples ou em locuções, para expressar futuridade. Vejam-se os exemplos:

Pode deixar, eu faço o serviço amanhã (presente futuro);

Eu vou fazer o serviço (ir+infinitivo);

Estou para fazer o serviço (estar para + infinitivo).

Apesar da pequena diferença entre cada uma das formas, todas querem dizer a mesma coisa, ou seja, são formas alternativas de expressar *Eu farei o serviço*. A

primeira questão que surge é de que forma elas diferem do futuro simples. Binnick (1991) aponta que, já em 1789, Pickbourn afirmava que a diferença entre o uso futurizado do presente e do futuro propriamente dito está na natureza relativa do uso do presente e na sua relação com conjunções. Em sentenças do tipo *He will hear the news when he arrives* ou *I shall send the letter as soon as I have written it* têm-se duas ações subseqüentes, das quais uma está no futuro. Nesse caso, tanto o *simple present* como o *present perfect* atuam como tempos relativos de uma ação futura. São aoristos na medida em que se referem a uma ação individual e indefinidos com relação ao tempo, ou seja, o tempo absoluto não pode ser conhecido. Sem entrar no mérito da afirmação de que o futuro é definido e as formas futurizadas são indefinidas, ficamos com a distinção: *absoluto e relativo*. Enquanto o *futuro simples* é um *t. vb absoluto*, as formas futurizadas são *t. vb's futuros relativos* a um presente, que, com referência ao tempo, é igual ao futuro absoluto (cf. Binnick, 1991).

Vemos nas formas futurizadas uma série de relações: com o presente das coisas futuras de Santo Agostinho, com o presente posterior de Reichenbach e com o eixo presente de Bull, por nós reformulado. Nos vetores (+V) prospectivo e (-V) retrospectivo se encaixam a forma futurizada e a do *present perfect*:

E(PP-V)	E(PP0V)	E(PP+V)
have sung	sing	is going to sing

2.5.3.1 Presente-futuro

Observando os empregos do presente do indicativo (Cunha & Cintra, 1985:436), nota-se o quanto este pode ser ambíguo. É utilizado para enunciar um fato que ocorre no momento em que se fala: *O céu está limpo* (*presente momentâneo*), assim como para indicar ações e estados permanentes⁶²: *Deus é pai*; *A terra gira em torno do próprio eixo* (*presente durativo*); para expressar uma ação habitual: *Como pouquíssimo* (*presente habitual ou freqüentativo*); para dar vivacidade a fatos ocorridos no passado: *Cabral descobre o Brasil* (*presente histórico ou narrativo*) e para marcar um fato futuro, mas próximo: *Outro dia eu volto* (*presente futuro*).

Além desses, há outros usos. Por exemplo, o presente estativo: *Maria ama João*. Pode também ter a função de “quase perfeito”, no sentido do *present perfect* do inglês (um presente em relação a um passado). Em : *Er ist schon zwei Studen da*, do alemão, cuja tradução literal é: *Ele está já duas horas lá*, o presente é quase um perfeito (cf. Binnick, 1991). Embora em sentenças do mesmo tipo em português seja valorizado o valor aspectual durativo do presente: *Ele já está há duas horas lá*, achamos possível considerá-lo também um perfeito.

Devido à sua capacidade neutralizadora, para Weinrich (1964), o presente é o tempo básico (zero), sem perspectivas, do mundo comentado. Nas manchetes

⁶² - Conhecido também como gnômico.

jornalísticas, com muita freqüência, tem-se o presente independentemente de o fato ser anterior, simultâneo ou posterior à sua enunciação. Por exemplo, em *O primeiro ministro viaja para o exterior*, a ação de viajar já pode ter ocorrido, estar ocorrendo ou estar para acontecer. A função desse enunciado é apenas chamar a atenção do leitor para a situação comunicativa comentadora, na qual se espera o seu envolvimento.

O fato de o presente zero do mundo comentado poder envolver tanto ações simultâneas, anteriores como posteriores, possibilita o seu uso em lugar do passado ou futuro e, quando utilizado como tal, carrega em si, de alguma forma, noções de retrospecção e prospecção. Traz consigo valores aspectuais e semânticos que, na maioria das vezes, dependem de um contexto para sua realização e pelo qual sua ambigüidade se desfaz. Em: *Outro dia eu volto*, por exemplo, o valor de futuro do presente do indicativo é reforçado pelo adjunto adverbial.

No uso real do presente, há simultaneidade dos momentos em relação ao MF. Em *O céu está limpo*, o estado de coisas *estar limpo* (ME) coincide com o momento referência (PR), que coincide com o momento da fala (MF,PR,ME). Já no seu valor futurizado: *Outro dia eu volto*, a questão é outra e, com certeza, o ME não coincide com o MF. O *voltar* está incluído no PR, *outro dia*, que é posterior ao MF (MF - PR, ME). Nota-se, então, no presente futuro, diferença de tratamento do PR: é considerado como se fosse posterior ao MF. A questão parece residir na flexibilização do presente, ou seja, ter intrinsecamente na sua

formação um pouco de passado e um pouco de futuro, o que nos parece também uma questão aspectual.

Ao averiguar a relação entre linguagem e pensamento, Guillaume (1929)⁶³ postula um presente psicogramatical, que, como operação do pensamento, é formado por parcelas de passado e de futuro (cf. Imbs, 1960:39). Com base nisso, Imbs (1960) procura dar conta dos valores aspectuais e temporais do presente, ou seja, demonstrar que tais valores correspondem a faixas dessa composição dual.

Como o presente expressa todos os valores do aspecto *inaccompli* (inacabado), Imbs (1960:22) categoriza-os em *aspectos momentâneos e não-momentâneos*. No *aspecto momentâneo* (perfectivo) tem-se um processo único, não repetido, sem duração. Tem como variantes o aspecto *incoativo* (início de um processo: pôr-se a, estar para) e o *terminativo* (seu fim: acabar de, deixar de). No *não-momentâneo* (imperfectivo) tem-se uma ação repetida, durativa, que compreende: o *aspecto iterativo* (indica a repetição - frequência/hábito - de uma ação) e o *durativo*, que pode ser *cursivo* (indica uma ação sem limites, em que não há preocupações quanto ao início ou fim do processo) e *progressivo* (indica gradação do processo). Para o autor, enquanto o *aspecto momentâneo*

⁶³ - Apud Binnick, 1991, p.197. Para Guillaume (1929), que postula um tempo subjetivo, interno, a relevância, na linguagem, não se encontra na linha do tempo, mas na direção seguida pela mente ao conceber imagens de tempo. Acredita que tempo verbal, aspecto e modos são facetas de um processo único de "cronogênese" - operação mental na formação dessas imagens. Tal operação pode ser interceptada em qualquer ponto e produzir a imagem (cronothesis) elaborada até aquele ponto. Segundo Binnick (1991), apesar de ter sido um dos primeiros a apresentar um trabalho completo sobre fases na teoria de aspecto, um dos motivos pelo quais Guillaume não teve seguidores fora do mundo francês deve-se ao alto grau de abstração de sua teoria e, conseqüentemente, dos termos por ele empregados.

corresponde a uma faixa mais estreita do presente psico-gramatical, o *não-momentâneo* corresponde a uma faixa mais larga. O mesmo se aplica ao valor temporal, ou seja, o presente atual do falante e o presente intemporal correspondem respectivamente a uma das faixas.

Dentre os fatores para definir o valor temporal do presente, Imbs (1960:26) afirma que se deve saber se o processo verbal está no tempo indiviso ou se se situa em uma das divisões do tempo⁶⁴. No tempo indiviso, que compreende a faixa mais larga, está o presente intemporal, também chamado onitemporal. Nele se encontram os seguintes usos do presente: o presente de hábitos e de estados permanentes, o gnômico e o descritivo. No diviso, localizado na faixa mais estreita, estão as divisões do presente, ou seja, o evento expresso pelo presente pode coincidir (presente atual), ser posterior (futuro) ou anterior (passado) ao MF. Essa noção de tempo diviso é o que permite algumas variações no uso presente, ou seja, a partir dele é possível evocar um futuro (próximo) ou um passado (recente), vistos em relação lógica ou psicológica com o presente.

O aspecto incoativo (estar para) e a expressão de futuridade relacionada psicologicamente ao presente são noções muito interessantes na abordagem das

⁶⁴ - Imbs (1960) propõe a noção tempo indiviso (não dividido) e diviso (dividido) em épocas para a localização dos processos verbais. O tempo indiviso, como réplica do espaço indiviso, não comporta a divisão passado, presente e futuro: "c'est un temps omnitemporel (ou panchronique), qui comprend toutes les époques du temps"(p. 12). Já no diviso, contrastivamente, há divisão, ou seja, sucessão de épocas, cada uma correspondendo a uma divisão na linha temporal. O verbo expressa apenas as divisões maiores: presente, passado e futuro. As menores são representadas por substantivos: ano, dia, hora, minuto.

formas futurizadas. Fleischman(1982) utilizou-se delas ao estabelecer a distinção entre a forma futurizada *to be going to* e a do futuro.

Vários fatores estão envolvidos nessa flexibilização das formas do presente, o que nos levou a postular, quando buscávamos uma definição operacional para *t. vb*, que a expressão temporal se realiza composicionalmente, através da combinação de vários fatores lingüísticos:

<u>Ação / Processo / Estado</u>
Radical (morfema lexical) + flexões (morfs. de tempo, modo, n ^o , pess.) + adverbiais

Deve existir interação primária entre a flexão temporal e o radical, conforme sua natureza (ação, processo, estado) que dê a essa forma um significado e a leve a expressar futuridade. Se conseguirmos demonstrar isso, as noções de tempo diviso e indiviso, tempo zero do mundo comentado e retrospecção do presente-futuro serão esclarecidas.

2.5.3.2 Ir + Infinitivo

A perífrase *ir+infinitivo* é formada por um verbo auxiliar de movimento *ir* mais o infinitivo do verbo principal. Segundo Almeida(1980), o auxiliar sofre esvaziamento semântico, compondo um todo significativo com o verbo principal (auxiliado), razão pela qual as negações e os advérbios incidem sobre o

conjunto⁶⁵. Parece-nos, contudo, que, apesar desse esvaziamento semântico, é o movimento implícito em *ir* (*pôr-se na direção de, deslocar-se*) que dá a idéia de posterioridade.

Para dar conta do aspecto prospectivo das formas do infinitivo, Almeida(1980) baseia-se em Câmara Jr. (1970), que considera a oposição entre o infinitivo, o gerúndio e o particípio aspectual e não temporal. Desse ponto de vista, o gerúndio possui aspecto inconcluso, o particípio, concluso ou perfeito. O infinitivo, como forma mais indefinida do verbo, não possui implicadas as noções gramaticais de tempo, aspecto e modo. Almeida(1980:19) postula que o infinitivo contém a neutralização da oposição existente entre o gerúndio e o particípio, o que ajuda a explicar o significado das perífrases verbais. Na significação geral dessas formas, o gerúndio revela ação presente e um caráter durativo (está construindo); o particípio expressa ação de sentido perfectivo, situando-a no passado (está construído). Já o infinitivo indica ação de caráter prospectivo, orientada para o futuro. Parece-nos, então, que tanto o caráter prospectivo do infinitivo como a idéia de movimento do auxiliar contribuem para a expressão de futuridade das formas perifrásticas.

A forma *ir+infinitivo* tem recebido ao longo do tempo uma série de significados:

⁶⁵ - Esvaziamento já previsto por Said Ali (1921). Para ele, nessa forma composta tão freqüente na fala cotidiana, *ir*, sem o sentido de deslocamento de um ponto para outro, atua como auxiliar, expressando com o infinitivo "um ato cuja realização próxima prometemos com firmeza, falando de nós mesmos, ou damos como certa, falando de outrem" (p.338).

Futuro próximo ou **imediato** - expressa que a ação poderá se realizar imediatamente após o MF;

Iminência - Às vezes, *ir+infinitivo* parece transmitir sentido de ação iminente, ou seja, uma ação que está para ocorrer no momento de referência;

Intenção - A forma *to be going to* do inglês, que é equivalente à forma *ir+infinitivo* do português, tem sido considerada auxiliar de intenção. Para Comrie (1976), é um presente intencional que contém marcas de uma situação futura, que poderá ser realizada ou não;

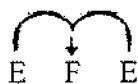
Presente inceptivo - Situa um evento que se inicia no presente e que se estende para o futuro, ou seja, é um futuro que nasce no presente;

Ulterior - É uma atribuição à forma *ir+infinitivo*. Segundo Damourette e Pichon (1936)⁶⁶, a iminência contida no sentido de ulterior não vem da proximidade cronológica do evento, mas do ponto de vista presente que se tem dele. Com base nesse ponto de vista, reconhecido amplamente, Fleischman (1982) propõe a noção **relevância do presente**, uma noção aspectual que apresenta relação com o *agora* e o *não-agora*, ou seja, “um evento cronologicamente não-presente é visto como ligado psicologicamente ao tempo presente” (p.18) do falante.

Tal relevância abrange tanto o presente prospectivo como o retrospectivo. No prospectivo, um evento futuro resulta de circunstâncias presentes; no retrospectivo, ocorrências passadas têm repercussões presentes (acabar de) . Está

⁶⁶ - Apud Fleischman, 1982, p.18.

implícito que o evento *não-agora* está, de alguma forma, ligado ao presente do falante:



Relevância do presente e prospecção ou presente prospectivo são termos intercambiáveis. Entretanto, em termos estritos, há sobreposição parcial de seu significado, ou seja, a prospecção está ligada apenas à noção de posterioridade:

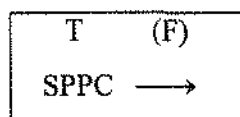


Para Fleischman (1982), futuro próximo e futuro imediato, intencionalidade, iminência e outros significados atribuídos à forma perifrástica são, na maioria das vezes, vagos e se sobrepõem, permitindo passagem fácil e imperceptível de um para outro. O mais importante que subjaz a essa forma é a *relevância do presente*, ou seja, o evento futuro é visto pelo falante como oriundo do presente, fato que estabelece a diferença entre essa forma e a do futuro.

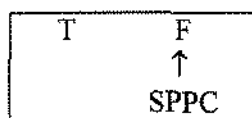
É o que explicita Reichenbach, ao propor o *presente posterior* como forma de futuro (MF, PR - ME) em oposição ao *futuro simples* como forma também de futuro (MF - PR, ME). No presente posterior, o fato de o futuro (PR) ser visto como resultado do presente do falante (MF) é que, talvez, os faça coincidir.

Imbs (1960) também faz a distinção entre o *futuro* e as *formas futurizadas* através dessa ligação com o presente. Enquanto o porvir expresso pelas formas futurizadas é desencadeado por um estado de coisas presente, o representado pela forma do *futuro do presente* está contido nele mesmo; é uma época quase autônoma, “completamente desligada do presente, com o qual opera uma ruptura” (p.45).

Close (1977:140) postula algo semelhante: a distinção entre as duas formas encontra-se no *ponto de interesse do falante* (“*speaker's point of primary concern*”= *SPPC*), que pode estar voltado para o presente ou para o futuro. Em *He's going to leave tomorrow*, o *SPPC* encontra-se em T (momento presente), com a atenção voltada para o pós-presente (futuro):



Já em *He will leave tomorrow*, o *SPPC* encontra-se no F (futuro):



Todas essas noções se relacionam, de certa forma, com a *relevância do presente*, de Fleischman (1982), reforçando a concepção de que as formas futurizadas são *t. vb's* relativos ao presente psicológico do falante e, como o *t. vb* futuro absoluto, situam o evento em um tempo posterior ao MF.

3 ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Introdução

A possível intercambialidade entre as formas que expressam futuridade é uma das primeiras questões que surge, ao se abordar o futuro como *t. vb.* No trecho abaixo, ao prognosticar sobre como seria o ano de seu consulente, a taróloga se expressa:

- (1) L1 - (...) mudança no seguinte sentido... transação comercial... você comprando ou vendendo coisa móvel ou imóvel... *é* um ano bom para este tipo de coisa... aliás *é* um ano favoRÁVEL pra você... desde que você se cuide mais espiritualmente... (*t 19-N*)

O presente do indicativo *é* com valor de futuro poderia muito bem ser comutado pelo futuro do indicativo *será*, ou pela forma perifrástica *vai ser*, mostrando a intercambialidade entre essas formas.

Partindo do pressuposto de que cada uma delas tem significado, surge a pergunta: *Qual o significado? Qual o papel do contexto discursivo para a sua realização?*

Em todos os níveis da linguagem, há maneiras alternativas de se dizer a mesma coisa, haja vista as formas em questão que, apesar de diferentes, expressam futuridade em determinados contextos. Elas são as mesmas ou diferentes? Segundo Schifffrin (1987), a noção do *mesmo* e do *diferente* se

complica no momento em que se tenta definir uma mesma coisa no nível discursivo. A autora aponta a utilização da equivalência funcional em substituição à referencial, o que nos ajuda a responder a questão. Essas formas, embora diferentes, possuem a mesma função.

Tendo como certa a equivalência funcional dessas formas perguntamos:
O que motiva o seu emprego, ou seja, o que leva o falante a escolher uma ao invés da outra, chegando, algumas vezes, a alternar o seu uso?

Qual a abrangência significativa dessas formas?, ou seja, quanto discurso, além da sentença, pode ser incluído no seu campo de ação? Visto que tal abrangência transparece naquilo que é falado e feito no processo interativo entre falante e ouvinte, buscaremos resposta a essa e às outras questões nos discursos orais do corpus.

Antes da análise, cabem algumas observações de caráter metodológico. Sabendo-se que a função classificatória de uma tipologia permite a organização, sistematização e conseqüentemente o direcionamento da análise (cf. Orlandi, 1983:192-194), decidimos estabelecer o contexto discursivo em que essas formas se dão. Os dados nos revelam que ocorrem com muita freqüência em *contextos discursivos ideacionais*⁶⁷. Isso porque a maioria dos textos presentes em nosso corpus resulta da interação entre dois ou mais falantes, na qual trocam informações acerca de sua experiência de mundo. Nessa troca,

⁶⁷ - Como uma das três funções da linguagem, a *ideacional* é aquela que está mais diretamente voltada ao conteúdo proposicional dos enunciados (cf. Halliday, 1973:105). Entende-se por conteúdo proposicional o estado de coisas a que o enunciado se refere.

entrecruzam-se vários tipos discursivos: *descrição*, *dissertação*, *narração*, *injunção* e *predição*.

A atitude do enunciador em relação ao objeto do dizer varia de um tipo a outro. Na *descrição* o enunciador conhece algo e diz como é. Na *dissertação*, reflete, avalia e conceitua o conhecimento para fazer saber. Na *narração*, simplesmente conta os fatos. Na *injunção*, fala sobre aquilo que quer ou deseja que seja feito ou aconteça; explica como fazer, incitando a sua realização. Na *predição*, antecipa os acontecimentos, pré-dizendo-os (cf. Travaglia, 1991:49).

Para facilitar nossa abordagem decidimos, com Weinrich (1964), englobar *descrição* e *dissertação* sob o item *comentário*⁶⁸. Isso é possível porque, em ambos, a postura do enunciador é a do saber, ou seja, enquanto na primeira ele conhece e explica como é, na segunda, analisa e expõe o conhecimento para fazer saber⁶⁹. Em suma, em contextos discursivos ideacionais, locutor e interlocutor têm atitudes comunicativas *comentadoras*, *narrativas*, *injuntivas* e *preditivas*. Os locais em que elas ocorrem serão chamados de contextos discursivos. O exemplo (1) faz parte de um *contexto discursivo preditivo*, ou seja, a taróloga, através do dizer, antecipa uma situação que se realizará posteriormente ao MF.

⁶⁸ - Para Weinrich (1964), existe descrição tanto no interior do *comentário* como no do *relato*.

⁶⁹ - Sem dúvida, há uma distinção entre esse saber descritivo e dissertativo. O primeiro é mais visual (concreto), já o segundo é mais conceitual (abstrato). Como, em nosso trabalho, não buscamos marcas que os distingam, optamos pela facilidade propiciada pela junção dos dois em um tipo só.

3.2 Análise

Inicialmente, apresentaremos partes de uma conversação telefônica que, de certa forma, ilustram as principais ocorrências no corpus. No decorrer da análise, exemplos elucidativos serão extraídos de trechos de todo o corpus⁷⁰.

Em “*Que loucura, né?*”, documento [A], duas amigas, V e B, com nível universitário e na faixa dos 30 anos, comentam os aspectos gerais do desfile de modas beneficente, coordenado por V. De repente, V muda de assunto e informa B sobre o estado febril do filho:

- (2) L2 - éh:... agora menina... éh:... mudando totalmente de assunto né?...
 L1 - [ahn
 L2 - [I está com febre B... J viajou ontem pro Rio...
 L1 - [ahn
 L2 - I está com febre...
 eu *vou levar* ele *hoje* pro pediatra né. (t 55-A)

Como I está com febre e J (pai, talvez) viajou, a solução para o problema é levar o filho ao pediatra. *Vou levar* indica que a ocorrência desse evento será posterior ao MF : *hoje* ainda.

V levará o filho ao pediatra, mas está com medo de que seja uma doença mais grave, visto que já fez de tudo e a febre não passa:

- (3) L2 - [mas eu estou morrendo de medo que seja sarampo alguma coisa dessa sabe (...)eu não sei eu não sei mais o que eu faça já dei banho de álcool... banho de bolsa de gelo na cabeça... uma febre terrível... não sei o que eu faça
 L1 - mas que coisa... mas *vai* pra pedi/ com ele pra pediatra *hoje* né?
 L2 - *vai*... está marcado *hoje*... mas está marcado pras *duas horas* digo “meu Deus do Céu *vai demorar* tanto a passar”... e ainda tenho (t 62-A)

⁷⁰ - Para efeito de localização dos dados, cada excerto será marcado no final com o número do turno e a letra do documento. Por exemplo, o trecho (1) está situado no turno 19 do documento N (t 19-N). Ver, na primeira página do apêndice, o quadro com os sinais utilizados na transcrição.

O conectivo *mas* introduz idéia contrária. Mesmo indo com o filho ao médico, o quadro da doença lhe indica que pode ser algo grave e é esse o temor de V.

A pergunta aberta feita por B : *mas vai (...) com ele pra pediatra hoje né*, evidencia o seu envolvimento com o problema da amiga. Escuta tudo o que V tem a dizer sobre a febre do filho e, diante de tanta aflição, em seu turno, introduzido por *mas*, retoma a ida ao pediatra como solução ao problema.

O presente do indicativo, nesse contexto, indica posterioridade e o *hoje* é definido em termos mais precisos por V: *duas horas*. O contexto evidencia que é uma espera muito longa para ela . Na exclamação *meu Deus do céu vai demorar tanto a passar*, a forma perifrástica *vai demorar*, além de posterioridade da passagem do tempo em relação ao MF, possui coloração modal.

Repentinamente, V muda de tópico, retomando o tema inicial, mais especificamente o trabalho que terá que executar ainda naquele dia, por conta do desfile. Ela tem de prestar contas no Hospital do Câncer, mas antes, para surpresa da amiga, tem de passar em vários lugares:

- (4) L2 - e ainda tenho SIM ainda *tenho que ir* no Hospital do Câncer *hoje*
 prestar conta do: dum bocado de talão ainda porque eu ainda tenho gente
 pra me entregar ainda tenho um que eu *vou buscar* na:: Encruzilhada...
 L1 - |ahn
 L2 - |e
 tem um que eu *vou buscar* na Sudene ((pigarreia))
 L1 - |A::ve Maria (t 68-A)

As atividades que serão exercidas ainda hoje, além da visita ao médico com o filho, são expressas por proposições predominantemente⁷¹ ideacionais. O intuito de V é apenas informar à amiga suas atividades. As duas formas perifrásticas *vou buscar* expressam posterioridade, ou seja, o *ir buscar* ocorrerá num momento, ainda hoje, após aquela conversa. Além do sentido de posterioridade *tenho que*, no presente do indicativo, possui valor modal de obrigatoriedade.

Um novo tópico - modelos - foi introduzido por B, talvez, para saber mais detalhes sobre o incidente ocorrido com uma delas:

- (5) L2 - ah você soube da história?
 L1 - eu vi a/ o rapaz que estava ali esperando pra entrar aí... aí veio um rapaz do hotel...
 L2 - [ahn
 L1 - [“olha... tem um senhor lá embaixo que é o que diz que é o pai dela e diz que *vai entrar* de todo jeito *se ela não for lá falar* com ele diz que *vai entrar* de calção no hotel eu estou pedindo pra ela ir lá”
 L2 - você vi el fa/ viu ele falar com quem?
 L1 - com um rapaz de:... de vocês ali não sei quem (t 104-A)

Questionada se sabia alguma coisa a respeito do ocorrido, B conta aquilo que vira. Quando relata, no discurso direto, a fala do rapaz do hotel, a forma perifrástica *vai entrar* ocorre duas vezes, informando a posição do pai da modelo no momento da enunciação. São formas condicionadas, que poderiam ter acontecido após o MF (apódose condicionada), visto que o pai condicionou a sua não-invasão à vinda da filha (prótase condicionante). Em termos semânticos, a

⁷¹ - Halliday (1973) afirma que “tipicamente cada sentença incorpora todas as funções, embora uma ou outra possa ser mais proeminente” (p.108). Em outras palavras, as funções não existem em seu estado puro. Apesar de um enunciado ser *predominantemente* ideacional ou interpessoal, há marcas de outras funções nele inseridas.

distinção aqui é mais modal do que temporal. É uma situação possível de ocorrer, mas não confirmada e avaliada apenas no momento da fala.

V põe-se a relatar a confusão à amiga. Na verdade, o homem não estava de calção. Estava, sim, embriagado e com uma espingarda ameaçava entrar no hotel, caso a filha não aparecesse. Com muito medo, a modelo não queria descer para se encontrar com o pai, mas, de certa forma, V a forçou. Os seguranças entregaram-na ao pai e o evento pôde continuar. V informa que a garota agira mal, não contando o seu problema familiar e que tudo parecia estar bem com ela. Após o incidente, no dia seguinte, tinha telefonado para a modelo. Como não estava, conversou com o tio:

- (6) L2 - (...) aí eu perguntei... “olhe você é o quê dela?”... aí disse “eu sou tio”... eu disse “você é o irmão da mãe dela?” ele disse “não sou irmão do pai”... eu disse “está tudo bem?”... ele fez “está tudo bem”... aí me identifiquei né...

L1 - [ahn

L2 - [aí ele fez... não... “está tudo bem”... mas meio assim não querendo responder muito sabe... aí eu disse “está bom *depois* eu *volto* a ligar... o que *quando ela está* aí?”... ele disse “no fim de semana”... aí pode ser que no próximo fim de semana... ela esteja por lá...

L1 - meNina (t 152-4)

V relata a sua interação com o tio no discurso direto. O presente do indicativo em *volto* e *ela está* indica posterioridade ao MF, explicitada pelo advérbio *depois*, pelo pronome interrogativo *quando* e pelo membro do par adjacente *no fim de semana*.

Em sequência, V destaca o problema da decoração. A pessoa contratada para fazê-la não cumpriu, na íntegra, o prometido:

- (9) L1 - pois está certo V
 L2 - eu *vou comprar* os tecidos... o tecido branco e tudo e eu lhe *aviso*...
 está bom?
 L1 - está certo está bom V (t 237-A)

A forma perifrástica *vou comprar* indica posterioridade ao MF e o mesmo se aplica ao presente do indicativo *eu lhe aviso*, que é reiterado no final do diálogo, quando ambas se despedem. O aviso ocorrerá após a compra do tecido e a confecção da calça.

Os dados contidos nessa conversa telefônica, prototípicos das principais ocorrências no corpus, revelam que as formas futurizadas: *perifrástica* e do *presente futuro*, ocorrem com muita frequência em contextos discursivos ideacionais e, além disso, destacam sua supremacia em relação à forma em /-*re/-/-ra/* acrescida de morfema n° pessoal, que não ocorreu uma vez sequer. Esta pequena amostra demonstra o ocorrido em todo o corpus, ou seja, uma grande quantidade de formas *futurizadas* (*analítica* e do *presente futuro*), ao lado de uma ocorrência quase mínima da forma *sintética*. Na verdade, houve três casos dela no corpus todo. Diante disso, resolvemos rastreá-la em um possível contexto de ocorrência, ou seja, em contextos mais formais. Este assunto será retomado, quando o abordarmos mais especificamente. Mais adiante veremos a questão modal. Durante a apresentação dos exemplos (de 2 a 9), em alguns deles, foi atribuída coloração modal às formas perifrásticas. Sem dúvida, pela própria natureza desse tempo, em quase todas as formas que expressam futuridade, está implícita a atitude do falante, podendo a categoria modo se sobressair, algumas vezes, até mais do que a de tempo. Na verdade, a natureza temporal dessa

forma está aí presente, mas sobrepõem-se a ela os valores de modo e de aspecto, predominando este ou aquele valor neste ou naquele enunciado. No momento, abordaremos a marca temporal das formas *perifrásticas e do presente futuro em seu contexto discursivo*.

3.2.1 Ir + infinitivo

A *forma perifrástica ir+infinitivo* é, sem dúvida, a mais utilizada para se falar de coisas futuras, nos dados do corpus. Na sua estruturação parece haver elementos semânticos que, por si sós, dão idéia de futuridade. Além do movimento implícito em *ir* (pôr-se na direção de, deslocar-se), que sugere posterioridade, o *infinitivo* possui marca aspectual de prospecção oriunda da neutralização da oposição existente entre gerúndio e particípio. Semanticamente, enquanto o gerúndio evidencia um presente e um caráter durativo (construindo) e o particípio expressa uma ação de sentido perfectivo, situando-a no passado (construído), o infinitivo indica uma ação de caráter prospectivo, orientada para o futuro. Em: *Então dá pra aproveitar ir lá levar seu irmão e dar uma olhadinha ali*⁷², as formas sublinhadas evidenciam a marca prospectiva voltada para o futuro do infinitivo.

Tais componentes semânticos, ou seja, o caráter prospectivo do infinitivo e a idéia de movimento do auxiliar parecem contribuir para a expressão de

⁷² - Trecho extraído do documento [O], turno 217.

futuridade da *perífrase* em questão. Vejam-se os exemplos:

- (2) L2 - I está com febre... eu *vou levar* ele *hoje* pro pediatra né
- (7) L2 - (...)não *vou pagar* mais não B..., ele não fez o que tinha combinado entendeu
- (8) L2 - (...)primeiro que eu *nunca mais vou fazer* num ambiente tão fechado não viu...
- (9) L2 - eu *vou comprar* os tecidos...

No entanto, apesar de a forma sozinha expressar prospecção, é na interação com o contexto discursivo que ela se realiza plenamente.

Nos contextos discursivos em geral e nos predominantemente *ideacionais*, há entrecruzamento de vários tipos de discurso, ou seja, locutor e interlocutor *comentam, narram, fazem injunções e predições*. No contexto discursivo *comentador*, a perspectiva em que o locutor se coloca, descrevendo ou dissertando, é a do saber. Ao descrever, ele está no espaço de seu conhecer. Já ao dissertar, abstraindo-se do tempo e do espaço, busca a reflexão, a análise, para expor um conhecimento. Em resumo, nesse contexto, o locutor tanto caracteriza e descreve, como explicita e comenta seu conhecimento, instituindo uma situação comunicativa mais tensa. Comprometido com o seu discurso, fala acerca de coisas que não só o afetam como também ao ouvinte, que também se estabelece como espectador participante (cf. Weinrich, 1964). Tal envolvimento também é notado na *injunção* e *predição*. Na *injunção*, o locutor encontra-se na perspectiva do fazer posterior ao MF e a sua atitude é querer, desejar e determinar. Na *predição*, encontra-se na perspectiva do pré-dizer, também posterior ao MF e a

sua postura é antecipativa. No contexto discursivo *narrativo*, o locutor coloca-se na perspectiva do tempo. Ao relatar um acontecimento, instaura-se uma situação comunicativa mais descompromissada, da qual não se espera compromisso algum por parte dos participantes.

É nesse contexto que *ir+ infinitivo* ocorre e seu uso está ligado à noção *relevância do presente*⁷³, de Fleischman (1982), ou seja, a ação futura depende de fatos presentes e o falante sabe quais são. Em [A], B levará o filho ao médico porque ele está com febre (2); irá buscar o talão na Encruzilhada e na Sudene porque quer acertar as contas ainda hoje (4); não pagará o decorador porque concluiu, ali, que ele não merecia: não tinha feito o serviço combinado (7). Vejam-se mais alguns exemplos. Num trecho do documento [Q], C explica por que só viaja de avião com o mesmo terno:

(10) L4 - bom... começou a dar sorte e... futebol e avião dependem muito de sorte... dependem do ritual/ eu já tenho certeza disso... por exemplo só ia com um sapato... e às vezes... meu irmão me dava azar... eu descartei meu irmão como vocês *vão me descartar* aqui... entendeu? eu descartei meu irmão completamente... sempre futebol com ele é batata... dava azar... e eu acredito que eu *vou dar*... não sei se *vou dar* sorte... mas de qualquer maneira eu sou descartável aqui...

L1 - mas o que é que te levou a crer que ESSE era o terno da sorte?

L4 - oh G... não se mexe nas coisas que dão certo (...)(t 24-Q)

Note-se o envolvimento dos participantes na situação comunicativa comentadora, intercalada por um relato. O comprometimento é tanto que gera a pergunta de L1, a qual C responde comentadoramente: *Não se mexe nas coisas que dão certo*.

⁷³ - Cf. Cap. II, p. 105, para abordagem mais detalhada dessa noção.

Ao contar por que se descartou da companhia azarenta do irmão durante os jogos de futebol, C deu-se conta de sua situação (como convidado especial, seria substituído por outro no próximo programa) e comentou sobre sua posição naquela mesa, explicitando que, apesar de descartável, acreditava que iria trazer sorte àquele primeiro programa.

O uso da forma perifrástica: *vocês vão me descartar* é desencadeada por um fato presente, ou seja, ao se dar conta da condição de convidado. O mesmo se aplica a *eu acredito que eu vou dar... (sorte)*. C sabe que o irmão trazia infortúnio, mas ele, naquele momento, acreditava que daria sorte ao programa.

Em *Ai meu pé*, [B], N conversa com I, que teve os pés operados. Ao fechar a conversa, N menciona que I terá bastante tempo para repousar, o que a leva a discordar:

- (11) L2 - não... eu *vou ficar* até lá pra umas dez horas... depois *vou levantar* ((bocejos)) levantar não né? ((bocejos)) estou com a minha cadeirinha de rodas pegada da cama
L1 - é::é (t 127-B)

As formas perifrásticas indicam posterioridade do evento em relação ao MF. Ao não concordar com a amiga, I discorre sobre suas atividades. Percebe-se que é uma decisão tomada a partir de fatos presentes. No caso, a afirmação de que ela teria muito tempo para descansar. O mesmo se aplica ao exemplo seguinte, em que N e D falam sobre a morte da diretora do Objetivo. Num determinado ponto, dando a entender que a diretora já tinha sido enterrada, D mostra-se totalmente confusa:

- (12) L2 - [mas ela foi enterrada ontem né?
 L1 - NÃO *vai ser* enterrada às quatro e meia ... morreu hoje de manhã
 L2 - ué:: quem que me contou isso daí?
 L1 - é::... morreu de manhã hoje (t 25-C)

No processo de gerenciamento de informação, N, introdutora do tópico, notando o desconhecimento da amiga, esclarece que o enterro será às quatro e meia, portanto, após o MF, através da forma perifrástica *vai ser*.

O relacionamento da forma perifrástica com o momento presente independe da distância ou proximidade de realização de um determinado evento ou ação futura expressos por ela. Em (11), I não irá descansar o dia todo, como proposto por N, ficará na cama até às dez; a diretora não foi enterrada ontem, como afirmado por D, será enterrada hoje às quatro e meia, em (12). Há momentos em que o evento pode ocorrer logo após o MF. No trecho abaixo a divergência é apresentada em seguida ao anúncio:

- (13) L3 - eu *vou discordar* do Cony... acho que é... é diferente Cony... acho que o... o Serjão se presta... sobretudo... a falar coisas que o Fernando Henrique gostaria de dizer... mais dura... acho que tudo o que ele diz... o Fernando Henrique sabe...(t 91-Q)

Esse tipo de ocorrência é muito comum em demonstrações e aulas em que uma série de eventos, ordenados temporalmente, um posterior ao outro, são apresentados e imediatamente executados. O excerto abaixo é parte de uma demonstração culinária, documento (R), apresentada em um programa de TV:

- (14) L1 - (...) daí então eu tenho aqui... um quarto de xícara de leite... *vou colocar* uma colher de mostarda... uma colher de sopa de mostarda... né? de mostarda e algumas gotinhas... de molho inglês...então molho inglês um pouquinho... agora então eu *vou levar* para o fogo e vou mexer até que que ele fique um creme homogêneo...(R)

Nesse caso, como em (13), o evento parece ocorrer exatamente após o MF. O mesmo se aplica ao exemplo seguinte - parte de uma aula de curso secundário, extraído de uma elocução formal do NURC-SP⁷⁴

- (15) *Inf. (...) vou fazer* um mapa aqui bastante rude... isto seria a Espanha... e aqui a França ((vozes))... certo? então nós *vamos ter...* Altamira... que é um nome que vocês *vão encontrar* em muitos lugares... aqui no norte da Espanha...

Para demonstrar onde foram encontrados os primeiros vestígios artísticos no período paleolítico, a professora se propõe a desenhar um mapa. À medida que desenhava, ia ordenando oralmente os eventos/ lugares em seqüência, para que os alunos os localizassem no mapa. Parece-nos que, nessa ocorrência, o ato de desenhar e indicar as regiões é simultâneo ao MF⁷⁵.

Se, por um lado, a realização de um determinado evento ou ação futura expressos pela forma perifrástica pode estar bem próxima do momento presente, por outro, pode ser totalmente indeterminada. Note-se a imprecisão temporal de L2, em uma parte de *Eu preciso me lembrar* [C]:

- (16) L2 - não não... eu não sei... me contaram um negócio de uma diretora que morreu aí... me falaram
 L1 - então você sonhou ((risos))
 L2 - ((risos))
 L1 - ai...ai ai... ai ai
 L2 - ai meu Deus ((risos))
 L1 - não é?
 L2 - *vou lembrar* esse troço aí... quem que me falou de que diretora foi?... se foi essa daí ou outra ou eu ... (t 35-C)

⁷⁴ - Elocução formal do NURC-SP, Inq. 405, pp. 48-57, linha 44.

⁷⁵ - Simultaneidade possível, porque alguns dos verbos dos exemplos (13,14 e 15) podem ser comutados pelo presente do indicativo: *eu discordo do Cony; coloco mostarda; então nós temos...Altamira*, evidenciando o uso *instantâneo* do presente do indicativo. Para Leech (1971:2), em demonstrações e narrações esportivas é muito comum esse uso do presente. A simultaneidade veiculada é mais subjetiva do que objetiva, porque a realização do evento não ocorre exatamente quando mencionado.

Em meio à confusão mental acerca de quem morreu, L2 acha que irá se lembrar posteriormente àquele momento, mas quando isso realmente acontecerá fica vago. O mesmo se aplica ao exemplo em que a cartomante vaticina sobre o futuro do consulente:

- (17) L1 - [mas *vai vir* um bom andamento pra você... você *vai conseguir*... *vai ter* bom êxito... naquilo que eu falei a gente está trabalhando pra te ajudar... e no amor... o que tem acontecido? (t 7-M)

Na situação *preditiva*, o bom andamento e êxito poderão acontecer hoje, amanhã ou nunca. Como, nesse tipo de contexto, antecipa-se pelo dizer situações cuja realização será posterior ao MF, este é o espaço ideal para esse tipo de indeterminação das formas que expressam futuridade. Os documentos [M] *Você não sente, não as inveja?* e [N] *Tire duas cartas*, pela própria natureza da interação: consulente e vidente/taróloga, contêm muitas partes preditivas. Deles extraímos os exemplos (1) e (17), já apresentados, e o (18) a seguir:

- (18) L1 - (...) aqui mostra que você é uma pessoa super sensível... uma abertura também na parte de trabalho e de negócios... e com relação a parte emocional também... o fim de um ciclo... o começo de outro onde... você *vai reavaliar* os seus valores... tudo o que vem acontecendo até agora... e se *reposicionar*... (t 3-N)

Após virar uma série de cartas, a taróloga passa a explicá-las. Elas revelam várias coisas, dentre as quais um período de reavaliação de valores e reposicionamento futuros. Como se trata de previsão, as formas verbais perifrásticas: *você vai reavaliar* (...) (vai) *se reposicionar*, exprimem futuridade, o que é característico nesse tipo de contexto.

Em todos esses casos, a posterioridade transmitida pela forma perifrástica é mais subjetiva do que objetiva. A sua relação com o presente é de natureza mais psicológica do que cronológica. Com Fleischman (1982:96), achamos que *ir+infinitivo* expressa a visão subjetiva que o falante tem sobre o evento no momento da fala. A sua perspectiva pode até mudar, mas o evento em si permanece fixo no tempo. É o que, também, se verá nos excertos:

- (19) L1 - [a... as criança fica ouvindo... num pode né? marca... né?
 L2 - por mais nova que elas sejam... que nem a F de cinco anos... ela *vai entender*... a de dois anos... as pessoas pensa que ela não entende...
 L1 - [entende
 sim... (...) (t 117-L)
- (20) L1 - (...) e depois se a mãe quiser a criança de volta... ah... *vai mexer* com ela... com a sua irmã... né? com as PRÓPRIAS CRIANÇAS da sua irmã... né?
 L2 - NOSSA... (t 139-L)

Nestes dois trechos do documento [L], RC e RM conversam sobre os problemas da adoção. Nas perífrases *vai entender* e *vai mexer* estão implícitas a sua visão subjetiva naquele momento. Posição esta que até pode mudar, mas os eventos, ocorrendo ou não, permanecem imutáveis no tempo, o que evidencia a *relevância do presente psicológico do falante*.

3.2.2 Presente-futuro

Em nossos dados, além da perífrase *ir+infinitivo*, o *presente do indicativo* expressa futuridade, chegando a ocorrer, muitas vezes, alternância entre as duas formas. Diante disso, cabe a pergunta: por que empregamos o

presente do indicativo para falar acerca de coisas sobre as quais não temos tanta certeza, ou seja, por que o utilizamos para discorrer a respeito do futuro?

Para Leech (1971), o presente do indicativo, como forma “marcada” de futuro, expressa futuridade como um *fato*, o que lhe dá o mesmo grau de certeza dos *t. vb's* presente ou passado, afastando a idéia geral de que é incerto.

Concordamos com o autor, mas achamos também que, como as perífrases, as ações futuras expressas pelo presente do indicativo dependem de fatos presentes, tidos como certos e avaliados e decididos no momento da fala. Retomando o documento [A], vejamos-se os trechos:

- (6) L2 aí eu disse “está bom *depois* eu *volto* a ligar:... o que *quando ela está* aí?”...
- (9) L2 - eu *vou comprar* os tecidos... o tecido branco e tudo e eu lhe *aviso*... está bom?

Em (6), como a modelo não se encontra, V decide-se voltar a ligar e pergunta quando ela estará lá; após a compra do vestido e de tudo acertado, V avisará a amiga, em (9). Sem dúvida, a visão subjetiva do falante sobre o evento, no momento da fala, contribui para o emprego dessa forma em contextos futuros. Isso parece explicar sua ocorrência em todo o corpus como também no exemplo (1). Na visão da taróloga, o ano analisado será muito favorável ao consulente.

Para ilustrar, vejamos-se mais alguns exemplos. Num trecho de [I], ao saber que o filho da cabeleireira não lhe dera o recado, muito brava, N reage:

- (21) L1 - uhn::... olha que fi/ da puta... *amanhã* ele me *paga* FALOU... que horas ela *vai chegar*? muito tarde?
- L2 - ai nem sei
- L1 - éh então *amanhã* cedo eu *ligo* pra ela... eu não liguei de dia porque cheguei de São Paulo agora
- L2 - ah está bom (*t 12-I*)

Tanto a ameaça: *amanhã ele me paga* como o recado: *então amanhã eu ligo pra ela* estão no presente do indicativo e expressam, além da certeza, a determinação de N de executar tais tarefas amanhã. Essa decisão, tomada no MF, evidencia o envolvimento do falante com o seu discurso.

Em um determinado momento de [B], N conta à amiga que irá a São Paulo:

- (22) L1 - (...) está bem I... *vamos ver* essa semana... *amanhã* eu *vou* pra São Paulo
 L2 - ah... você *vai* *amanhã* né?
 L1 - *vou* *amanhã*
 L2 - chuarada não?
 L1 - aí eu estou até pensando meu Deus
 L2 - você *vai* de ônibus
 L1 - não eu *vou* de... de carro
 L2 - você *vai* de carro... com quem você *vai*?
 L1 - eu *vou* com um rapaz da prefeitura...mais a mulher dele(...)(t 258-B)

Nesse contexto discursivo comentador, N parece introduzir um fecho para a conversa: *está bem I... vamos ver essa semana...*, mas interrompe para informar a amiga sobre sua ida a São Paulo, gerando mais perguntas e participação de I. As formas do presente do indicativo nos pares adjacentes: *eu vou/ você vai/ vou amanhã / vou de carro / com quem você vai? / eu vou* expressam posterioridade do evento com relação ao MF. Já está tudo resolvido: ela irá *amanhã*. No turno 270, finalizando a conversa, N retoma o *vamos ver* :

- (23) L1 - (...)então *vamos ver* quarta ou quinta te *dou uma ligada...* e eu *vou* aí bater um papo com você (t 270-B)

Nos dois momentos, *vamos ver*, com valor modal de probabilidade, significa *quem sabe, talvez*. O verbo suporte *dar* e o pleno *ir*, no presente, expressando

decisão tomada naquele momento, indicam eventos possíveis de ocorrer, segundo a perspectiva de N, nesta semana ainda: *quarta* ou *quinta-feira*.

O *presente do indicativo*, como tempo do mundo comentado de Weinrich (1974), nessas conversações, evidencia o envolvimento⁷⁶ do falante com o seu discurso, o que torna a situação comunicativa mais tensa, exigindo dele certa postura e atitude. Ele discorre a respeito de coisas que não só o afetam diretamente como também ao ouvinte, exigindo também dele tomada de posição. Todavia, a noção de que o presente do indicativo constitui o tempo zero (sem perspectiva) do mundo comentado, proposta por Weinrich (1964), choca-se com o valor prospectivo, atribuído a ele em contextos futuros.

A noção aspectual implícita na *relevância do presente*, defendida por Fleischman(1982), ao abordar a forma “*go-future*” (no caso, o nosso *ir+infinitivo*), pode explicar o seu caráter prospectivo tanto nas perífrases *ir+infinitivo* como nas formas do *presente do indicativo*, encontradas em nosso corpus. O fato de o presente prospectivo resultar de circunstâncias presentes do falante dá essa flexibilidade funcional à forma presente do indicativo.

Além do contexto discursivo comentador e preditivo, as formas futurizadas em nosso corpus aparecem em contextos nos quais há relatos de eventos ocorridos antes do momento da fala, ou seja, em narrativas.

⁷⁶ - Sabemos que o *futuro do presente* também é mundo comentado. Mais adiante, abordaremos outros traços, implícitos no seu uso, que o distinguem das formas futurizadas.

3.2.3 Contexto discursivo narrativo

Nas narrativas orais, o locutor, colocado na perspectiva do tempo, apenas relata o acontecido na ordem em que realmente ocorreu, estabelecendo uma situação comunicativa mais livre, sem muito envolvimento dos participantes. Nelas é comum a variação de tempos verbais, ou seja, há alternância das formas do pretérito com as do presente do indicativo (presente histórico), expressando passado. A característica principal desse tipo de presente é trazer os eventos passados ao MF, tornando-os mais vivos.

Nas narrativas orais, tem-se também um dos usos mais instigantes do presente do indicativo - seu emprego no *discurso direto*. Retomando o trecho narrado no exemplo (5), nota-se que o fato se deu antes do MF, apesar da variação de *t. vb's*:

- (5) L1 - eu vi a/ o rapaz que estava ali esperando pra entrar aí... aí veio um rapaz do hotel...
 L2 - |ahn
 L1 - |“olha... *tem* um senhor lá embatxo que é o que *diz* que é o pai dela e *diz* que *vai entrar* de todo jeito se ela não for lá falar com ele *diz* que *vai entrar* de calção no hotel eu *estou pedindo* pra ela *ir lá*”
 L2 - você vi el fa/ viu ele falar com quem? (t 105-A)

Quando L1 encena⁷⁷ a fala do porteiro do hotel, tem-se a inserção do mundo comentado no narrado (daí o presente do indicativo). Essa representação da fala, como se estivesse ocorrendo no presente momento, torna-a ponto de referência central, o que dá proximidade ao enunciado passado. Segundo Schifffrin (1981),

⁷⁷ - Marcuschi diz que todo discurso direto é uma *encenação* de falas.

tal efeito é devido à combinação de mudanças estruturais e dêiticas, o que não ocorre no discurso indireto de enunciados passados. É nesse contexto, também, que as formas expressando futuridade ocorrem. Isso pode ser visto em (6), já citado, e no exemplo abaixo. Ao contar sobre o trabalho exaustivo da irmã para adotar uma criança, L2 apresenta determinadas partes do relato no discurso direto:

(24) L2 - é eu fui cedinho... fui cedinho... chegou lá... tudo... um ... advogado... mas viu? ontem ele ligou pra ela... que era pra ela ir hoje... não... se... sexta-feira ele ligou... que era pra ela ir na terça-feira... ele falou... *“já estou com os papéis todos prontos...”* ele falou assim *“você vem com o teu marido... o teu marido **assina...**”* aí ela falou assim *“e eu vou levar já a Natália embora?”* ele falou *“Oh provavelmente sim...”* aí ele ligou ontem... pra minha irmã... que era pra ela realmente é ir... que era hoje... aí ela falou... *“mas o meu marido quer que o senhor dê certeza que a gente vai trazer a Natália embora... né?”* ele falou assim *“hã-hã... não... vocês estando aqui até umas nove horas... eu já **dou** andamento no processo... e quando for uma hora eu **tenho** uma audiência... quer dizer... que eu **posso** atender vocês até umas onze horas...”* chegamos lá... era... não era nem oito e quinze... (t 87-L)

(25) L2 - é... não... aí minha irmã falou assim *“é moço... a gente pensou que a gente fosse levar a menina hoje...”* e ele falou assim... *“olha eu ainda vou rever o processo... vou falar com os pais... vou procurar saber... né? pelo menos informar... né? isso é um direito dos pais...”* (t 95-L)

Nessa mudança da estrutura narrativa, encenando a fala como se estivesse ocorrendo naquele momento, L2 traz para o presente toda a dificuldade da irmã, tornando o relato mais ativo e interessante. Nesse contexto discursivo comentador formas futurizadas se revezam: *eu já **dou** andamento no processo; olha eu ainda vou rever o processo*. O mesmo se aplica aos exemplos (26) e (27) a seguir. O assunto *dificuldade em levar pessoas idosas ao médico*, no diálogo [B], leva L1

a narrar o trabalho que teve, certa vez, para convencer a senhora, para quem trabalhava, a ir ao hospital:

- (26) L1 - [ela era tia do dr. J e eu sei que... ela depois que ela ficou em cadeira de roda... ela não saiu daquele apartamento mas por nada por nada... e pra gente levar ela no hospital São Paulo... convencer ela para ir lá... fazer uma cauterização naquilo... mas olha acho que levou um mês... aí eu de tanto falar falar eu falei/ aí ela virou e falou pra mim... “*você vai comigo...você fica lá*” falei “*vou... fico com a senhora*” aí então... ela concordou de ir... (t 250-B)

L1 relata, no discurso direto, a sua interação com a senhora. As formas *você vai*, *você fica*, *vou* e *fico*, no presente do indicativo, além de indicarem posterioridade do evento em relação àquele MF, deslocam a situação passada para um momento mais próximo. Ocorre o mesmo num trecho do documento [C], em que L1 retoma o tópico: *costureira*:

- (27) L1 - é::... o que que a L falou? que ela tinha feito justo... não falou nada... a L não falou nada?
 L2 - não... ela não falou nada... “*sabe? é bom ela vir aqui que eu vejo direito como é que é*”
 L1 - uhn
 L2 - [e ela falou que aquele outro seu lá... também não sabe como *vai ser* aquele lá
 L1 - uhn
 L2 - [aí eu falei pra ela... “*você inutiliza o de baixo e faz outra*”
 L1 - [éh:
 L2 - [casa” eu falei pra ela
 L1 - é:: é
 L2 - [(*aí eu vou ver*)... “*então você vai ter que cerzir tudo*” eu falei... “*aí eu não sei se vai dar conserto*”... eu falei “*tem... L... você pega de baixo... cerze tudo... faz um cerzidinho em todas elas e faz outra casa perto*”
 L1 - [é
 L2 - [“*e tem que cortar um pedaço que sobra em baixo*”... ela falou “*ah eu preciso ver... deixa ela vir aqui que eu vou ver direito isso aí como é que vai ficar*”
 L1 - ah... eu vou te falar viu? e olha é uma coisa se fosse qualquer pano né? (t 44-C)

Ao narrar, L2 retoma , mais no discurso direto que no indireto, sua conversa com a costureira. As quatro formas no presente do indicativo como as seis perifrásticas exprimem posterioridade em relação àquele MF.

Observando essas ocorrências, nota-se a infração quanto à concordância dos tempos, ou seja, um deslocamento dos tempos do grupo temporal do mundo comentado para uma situação do mundo narrado, denominado por Weinrich (1964) de Metáfora Temporal. O discurso direto no contexto narrativo dos exemplos acima é exemplo de metáfora temporal que empresta ao relato toda a seriedade, tensão e compromisso do mundo comentado, dilatando a sua validade. Segundo o autor, quanto mais breve o discurso direto, mais forte o seu efeito metafórico. No exemplo seguinte, solicitado a prever se um dia haveria um papa negro, L3 conta as circunstâncias do casamento de Ben Bradley para explicar sua negação:

- (28) L3 - (...) atribui-se o casamento formal de (Ben Bradley) à indicação de um papa polonês... conhece a história?... ele vivia com a mulher dele há muito tempo... aí numa brincadeira qualquer... ele disse "*olha... eu só me caso com você o dia em que tiver um papa polonês*"... e aí veio... o papa polonês... e ele até se casou... tudo bem... então não quero fazer nenhuma previsão aqui... ((risos)) (t 147-Q)

Ao trazer a perspectiva presente do falante para o enunciado, o discurso direto não só torna a narrativa mais expressiva como parece atuar como um separador de eventos. A proposição contida na condicional *eu só me caso com você o dia em que tiver um papa polonês* separa o evento anterior, destacando o fato de Ben ter se casado. Veja-se o trecho de [E] em que L1 narra a L2 o que a fez comprar o ingresso do baile e todo o seu problema:

- (29) L1 - então... eu... então eu comprei o ingresso segunda-feira... eu não fui aí porque e:::e: eu saí... fui no cemitério... cheguei... e a R falou “vamos que eu te *levo até lá em cima na... na quatro... depois você **sobe a pé**”... aí eu descí com ela pra ir lá no Senac... aí falou “*vai vai comprar... você vai quarta-feira eu te **levo de***” né? “*eu **vou te buscar***”... quer dizer está bom... peguei fui e comprei... agora a:: falei “*eu fui ontem*” ... né? hoje e::u descansava e depois de noite ia lá... na estância... imagine agora o médico mandou voltar amanhã pra fazer outro exame (t 32-E)*

Parece-nos que a insistência da filha para que comprasse o ingresso e fosse ao baile narrado em discurso direto, destaca o relato do evento seguinte: sua impossibilidade de ir ao baile. Em todos os exemplos, explícita ou implicitamente, o deslocamento do tempo verbal parece atuar como separador de eventos.

No estudo quantitativo sobre a variação passado [p] e presente histórico⁷⁸ [ph] nas narrativas orais, Schiffrin (1981) afirma: (a) *Essa variação funciona, às vezes, como um separador de eventos*, o que sustenta nossa observação. A autora faz outras constatações que tentaremos confirmar: (b) *a organização da narrativa delimita a área na qual o presente [ph] pode ocorrer* e (c) *tal presente avalia os eventos narrados, visto ser um dos usos do t. vb presente*.

Com relação a (b), notou que, no seus dados, 30% dos verbos no presente faziam parte de orações manifestas na *complicação*, o que, segundo a autora, não é surpresa, pois a característica da *complicação* favorece isso. Apesar de mundo narrado, é nesse contexto que o t. vb se liberta da obrigação de fornecer

⁷⁸ - Nesse estudo, a autora constata que 30% dos verbos de 1288 orações (73 narrativas) estavam no *presente histórico*, ou seja, os falantes se utilizaram do presente no discurso relatado. Sem fazer distinções, ela inclui nessa nomenclatura e porcentagem o *presente histórico*, que, por ser mais ligado à narrativa ficcional, tem valor de passado mesmo, e o presente, no discurso direto, que, por ser mundo comentado, não tem valor de passado. Como fazemos essa diferenciação e o discurso direto é o mais freqüente em nossos dados, preferimos nos referir a essa forma verbal de presente (no discurso relatado), simplesmente, e mencionar o tipo, caso necessário.

referência ao tempo - sua tarefa principal. É aí que se pode ver o evento como tendo ocorrido antes do momento da fala com ou sem a forma do passado.

É fácil notar, em nossos dados, que a inserção do *t. vb presente* no discurso narrado ocorre em momentos de tensão. No exemplo seguinte, excetuando-se o discurso direto no auge da complicação, o relato foi quase todo feito no pretérito:

- (30) L1 - (...)é:: eram quatro rapazes... dois na frente e dois logo atrás... os dois de trás... se/ se vestindo eh... como panfleteiros políticos... um deles portava uma bandeira na mão... éh::... chamou minha atenção porque eles olhavam insistentemente em minha direção... de repente um cidadão se posta à minha esquerda... surgido como que do nada... com uma arma... na mão direita... eu pude ver que era uma arma escura... preta oxidada... quase que certeza... uma automática...
 L2 - apontada pra sua cabeça?
 L1 - arma apontada pra minha cabeça... e ele gritava- “vai... vai... vai... *senão morre*”... ele não me dizia objetivamente o que queria e a alternativa de não... de não atendê-lo era a morte... evidentemente... aí vai falar o seu instinto de sobrevivência...
 L2 - o senhor acabou atirando contra ele?
 L1 - mas sem... sem dúvida neNHUMA... era a alternativa que eu tinha pra... neutralizar a agressão...(t I-P)

A série de eventos relatados no pretérito vão gradativamente crescendo de intensidade até o ponto máximo da complicação (clímax) na qual, liberando-se da referência ao tempo, para maior autenticidade, o locutor⁷⁹ apresenta a fala do ladrão como se estivesse ocorrendo naquele exato momento. O mesmo se aplica ao trecho narrativo de [K] *Eu ia de perua ontem*, em que N informa D sobre a viagem a São Paulo, seu objetivo ao ligar. Apresentamos apenas as falas

⁷⁹ - O discurso direto, na impecável narrativa oral do advogado, demonstra que este não é um estilo apenas de classe populares, como é comumente veiculado, mas sim um recurso gramatical utilizado pelo falante em geral para representar sua experiência na narrativa.

de N em orações separadas para facilitar a identificação/visualização das fases da narrativa e as ocorrências no seu interior:

- (31)(orient.) porque eu ia de perua ontem né?
de perua... de terça e quinta que ela vai...
- (aval.) é bem melhor né?
- (orient.) mas tem uma/ uma fulana
que é uma xarope...
que ela vai duas... três vez por semana
ah ela está tratando de ((ininteligível))
e acho que...
- (aval.) você sabe
como que é né?
ah eu não sei
o que que ela tem... essa mulher...
- (orient.) ela foi terça
quando eu fui...
- (compl.) na... na quarta ela ia outra vez...
e ontem ela foi outra vez...
e ontem ela foi de ambulância
e levou uma fulana com ela... uma amiga dela...
ah ontem quando o motorista chegou aqui...
que eu estava esperando...
que eu sabia
que era perua né?(...)
- (aval.) (...) e... e na perua você sabe
que você tem seu lugar né?
- (compl.) agora a ambulância... ela pega lá embaixo
e depois... a acompanhante senta no banco detrás da ambulância
e a outra senta no banco da frente
e você tem que ir na maca
ah mas eu falei ontem pra ele...
eu falei pra ele
“ó... sorte sua que eu não vou tão já...
porque se eu fo/ fosse tão já...
eu ia falar... não com a assistente social...
eu ia falar co... com o prefeito”... (t 12-K)

As orações da *orientação* apresentam informações de fundo (N relata quando e como ia viajar e descreve a personagem geradora de conflito). Nas orações da *complicação*, a série de eventos narrativos dispostos temporalmente cresce em intensidade à medida que caminha para o final, quando N constata que

terá de ir na maca e adverte o motorista da ambulância. Neste trecho, a maioria dos verbos estão no presente ou no discurso direto, evidenciando a presença do falante. Embora faça parte do mundo narrado (Weinrich, 1964), o momento de tensão implícito na *complicação* favorece a interferência do falante que se dá via presente (mundo comentado).

Embora, no exemplo acima, não haja orações da *orientação* encaixadas na *complicação*, para Schiffrin (1981) isso é possível⁸⁰, pois adicionam mais informações ao ouvinte. Essa *orientação* intercalada pode, algumas vezes, adquirir função *avaliativa*, quando o falante comenta ou interpreta o evento narrado.

Em (c), Schiffrin (1981:59) postula que, ao possibilitar a apresentação dos eventos como se estivessem ocorrendo naquele momento, o *presente*, principalmente no discurso direto, fornece *avaliação interna*⁸¹ à narrativa. Esse tipo de *avaliação* aparece claramente no exemplo: *é bem melhor né ; você sabe como que é né? ah eu não sei o que que ela tem... essa mulher*. Como a avaliação, segundo Weinrich (1964), faz parte do mundo comentado, o uso do presente, aqui, não foge à regra e faz com que a avaliação se torne mais imediata e autêntica.

À guisa de ilustração, observe-se um trecho de [C] em que N conta a

⁸⁰ - Para Labov e Waletzky (1967), somente as orações da *avaliação* podem vir intercaladas entre as da *orientação* ou *complicação*, que são dois blocos distintos.

⁸¹ - Segundo Schiffrin (1981:59), as orações que ocorrem na avaliação podem ser *externas* ou *internas* à narrativa. Quando *externas*, indicam a idéia da história para o ouvinte de uma perspectiva fora da ação narrativa. Quando *internas*, os eventos interpretados ou comentados, inseridos na ação narrativa, têm importância própria e contribuem para a idéia principal da história.

história dos rocamboles, explicitando que seus familiares comem demais:

- (32) L1 - | fiz aquela calda com açúcar... joguei assim por cima e pus um pouquinho de coco... e eu ACHEI né? que eu falei "*ah vai ficar uma semana aí ... né?*"
 L2 - ((risos))
 L1 - você sabe que... ontem... de tarde... a hora que eu fui na tua casa... eu abri a geladeira... acho que para pegar água... a de leite condensado só tinha uma fatiazinha
 L2 - ((risos)) (f 168-C)

A forma perifrástica, no discurso direto: *ah vai ficar uma semana aí, né*, além de posterioridade do evento em relação àquele MF, faz parte da avaliação interna da narrativa, possibilitando ao ouvinte perceber o evento como de fato ocorreu, ou seja, notar a autenticidade da avaliação.

Além de mero recurso estilístico, o uso do presente deve ser considerado recurso gramatical através do qual o falante demonstra sua experiência na narrativa (cf. Schiffrin, 1981:61). Tal representação torna o passado mais vivido e dramático, o que tem a ver com a metáfora temporal de Weinrich (1964).

Parece-nos que as questões iniciais foram respondidas. Ao expressar futuridade, tanto o *ir+infinitivo como o presente do indicativo*, apesar de diferentes, possuem a mesma função. Indicam que ações futuras dependem de fatos presentes, tidos, muitas vezes, como certos e avaliados no momento da fala, ou seja, a *relevância do presente* tem muito a ver com a perspectiva do falante. Seu uso é motivado pela situação discursiva. A situação comunicativa, predominantemente *ideacional - comentadora e preditiva* - traz o falante mais próximo a seu discurso, o que favorece a utilização dessas formas do presente, o mesmo não devendo ocorrer com a narrativa. Entretanto, é comum a inserção de

formas do presente em narrativas orais, principalmente no discurso direto, o que empresta ao relato a seriedade, a tensão e o compromisso do discurso comentado. Atuando como separador de eventos ou como avaliador interno do relato, o discurso direto é recurso gramatical expressivo utilizado pelo falante para representar sua experiência, daí ser a *complicação* o contexto favorável para a sua ocorrência. É nesse contexto que o *t. vb*, libertando-se da obrigação de fornecer referência ao tempo, passa a refletir a perspectiva do falante, corroborando com a ocorrência das formas futurizadas em narrativas.

Não existe diferença entre o *ir+infinitivo* e o *presente do indicativo* com valor de futuridade. No entanto, ainda não abordamos o *futuro do presente* - forma consagrada pela gramática. Qual a diferença de significado entre ele e a forma *ir+infinitivo* - não registrada pela gramática e, de longe, a mais popular? Para responder a essa questão fomos aos dados, com o intuito de observar o seu contexto de ocorrência, contrastá-lo com a forma perifrástica e, a partir daí, definir o seu significado.

3.2.4 O *t. vb* futuro e os advérbios de tempo

Tendo em vista que a representação da futuridade não é só marcada pela forma verbal como unidade lexical, mas também pela natureza do adjunto que, muitas vezes, a acompanha, observaremos a atuação dos advérbios e locuções adverbiais “de tempo”, no interior de sintagmas verbais, com o objetivo de

descrever as relações semânticas que mantêm com o resto da oração e evidenciar o seu papel na expressão da futuridade.

Para facilitar a abordagem dos dados, parece-nos relevante lembrar alguns conceitos.

Definidos como circunstanciais, uma vez que indicam em que circunstâncias se dá um evento, ação ou estado de coisas, os adjuntos advérbiais de tempo:

(a) respondem à pergunta *quando*;

(b) atuam como categorias dêiticas, ou seja, localizam momentos ou períodos por referência ao momento da fala. Vejam-se dois trechos, extraídos de uma aula sobre a demanda de moeda do NURC-SP⁸²:

(33) Inf. (...) bom *hoje* então a gente *vai começar*... demanda de... moeda... a gente quer saber *agora*...

(34) (...) está okay?... a gente *vai ver* isso *depois* esse k aqui depende basicamente de parâmetros institucionais...

As referências temporais de *hoje*, *agora* e *depois* encontram-se na situação comunicativa, ou seja, no *contexto*.

(c) atuam anaforicamente, fazendo remissão a porções maiores do *texto*, ou seja, como *anáforas de tempo* recuperam no próprio texto (um ponto do enunciado) as relações temporais por elas estabelecidas. Veja-se o exemplo:

(35) (...) decidir se é isso mesmo que você *quer fazer* e ficar o resto da vida porque você montar um negócio desse e *depois* falar não não é isso que eu QUero aí você::: (t 24-O).

⁸² - Exemplo (33): EF, inquérito 405, linha 8. Exemplo (34), linha 225.

Uma vez que recupera a informação por remissão ao texto próximo, o sintagma adverbial *depois* em (35) é anafórico. O mesmo não se pode dizer da mesma palavra em (34), que, como dêitico, recupera a informação temporal na situação de enunciação.

Estabelecida a distinção, percebe-se que todo circunstancial fórico⁸³ é dêitico e, também, que uma parte dos sintagmas adverbiais de tempo podem ser empregados indiferentemente como anafóricos ou dêíticos, como *depois* nos exemplos (34) e (35), outros podem ser empregados apenas como dêíticos (ex. 33) e outros ainda apenas como anafóricos. A presença de semas fóricos em alguns advérbios lhes confere natureza pronominal, o que os torna pro-formas ou pro-advérbios (cf. Moura Neves, M.H. et alii, 1992).

Alguns dos advérbios que localizam processos no tempo podem tratar da dimensão interna desses processos, veiculando informações aspectuais. Como advérbios aspectuais (cf. Ilari, R., 1992), podem indicar frequência e duração. Os que indicam duração parecem responder à pergunta: *quanto tempo/por; até; desde quanto tempo*. Vejam-se alguns exemplos:

- (32) L1 - [fiz aquela calda com açúcar... joguei assim por cima e pus um pouquinho de coco... e eu ACHEI né? que eu falei "*ah vai ficar uma semana aí ... né?*" (t 168-C)

Nesse contexto, *uma semana* refere-se à duração interna do processo, ou seja, quanto tempo o rocambole ficará na geladeira, reforçando o aspecto

⁸³ - Fórico é visto como elemento recuperador de informação em um ponto do enunciado, ou na situação de enunciação.

prospectivo de *vai ficar*. O mesmo se aplica a (11):

- (11) L2 - não... eu *vou ficar até lá pra umas dez horas... depois vou levantar* ((bocejos)) levantar não né? ((bocejos)) (t 127-B)

No exemplo seguinte, *nunca*, como *em momento nenhum*, refere-se à repetição/não repetição de situações, expressando mais aspecto do que tempo:

- (8) L2 - (...) primeiro que eu *nunca mais vou fazer* num ambiente tão fechado não viu... (t 198-A)

3.2.4.1 Os Adjuntos adverbiais de tempo no corpus

Nos dados, as formas que expressam futuridade (*presente do indicativo e ir+infinitivo*) vêm ou não acompanhadas de um advérbio de tempo. Vejam-se os exemplos:

- (16) L2 - *vou lembrar* esse troço aí... quem que me falou de que diretora foi?... se foi essa daí ou outra ou eu ... (t 41-C)
- (23) L1 - (...)então *vamos ver quarta ou quinta* te *dou uma ligada*...se der eu *vou* aí bater um papo com você (t 270-B)
- (26) L1 - aí ela virou e falou pra mim... "*você vai comigo...você fica lá*" falei "*vou... fico com a senhora*" (t 250-B)
- (36) L1 - é que eu *vou sair hoje à noite*... eu queria já... dar uma acertada no cabelo (t 26-J)

Enquanto (23)e (36) se fazem acompanhar de adjunto adverbial, em (16) e (26) isso não ocorre. Quanto à forma *ir+infinitivo*, parece-nos que os advérbios temporais que a acompanham atuam como reforço da noção de futuridade já contida no seu interior.Daí a ausência desses advérbios em um grande número de

ocorrências dessas formas nos dados. Veja-se que a locução *às quatro e meia*, especificando o horário em que se dará o evento, em:

- (12) L2 - [mas ela foi enterrada ontem né?
 L1 - NÃO *vai ser* enterrada *às quatro e meia* ... morreu hoje de manhã (t 25-C)

reforça a futuridade do evento contida na forma verbal. O mesmo se aplica a *hoje à noite* em (36).

A descrição quantitativa de Baleeiro (1988) confirma a nossa constatação. Ela nota que são poucos os enunciados em que *ir+infinitivo* se apresenta acompanhado de um advérbio ou expressão de tempo. Demonstra que de 348 ocorrências, apenas 61 (17%) foram acompanhadas de tal advérbio. 24 casos (7%) tiveram o auxílio de outros elementos gramaticais e em 263 (76%) houve ausência total de outros elementos gramaticais. Devido a essa economia adverbial no sistema francês, Klum (1965:217)⁸⁴ notou que os advérbios apenas enfatizavam o valor escalar de posterioridade e o relacional de proximidade já implícitos na perífrase. Reconheceu que eles, também, podiam indicar porvir remoto ou vagamente indicado.

Quanto às formas do presente do indicativo, parece ocorrer o contrário. Como a futuridade não está implícita nela, os advérbios atuam como marcadores dessa noção. Daí sua presença em um grande número de ocorrências dessas formas nos dados. Vejam-se:

- (37) L3 - eu *vou ver* se tem bem... *um momentinho* que *já te falo já* (t 21-D)

⁸⁴ - Apud Baleeiro, 1988, p.148.

- (38) L2 - aí eu falei “*pago na outra terça feira* né? porque está muito... tem muita gente”... (t 57-E)

Sem o circunstancial *já*, expressando o período imediatamente após, e sem a locução *na outra terça feira*, as formas no presente do indicativo (*falo e pago*) expressariam apenas um acontecimento ou estado de coisas atual, sua função básica.

Já nas poucas ocorrências em que a expressão de tempo está ausente, é possível detectar o valor de futuridade através do contexto discursivo:

- (9) L1 - pois está certo V
L2 - eu *vou comprar* os tecidos... o tecido branco e tudo e eu lhe *aviso*... está bom? (t 237-A)

Está implícito, no contexto discursivo, que este aviso só será dado *depois da compra dos tecidos*. O mesmo se aplica ao exemplo (26). Pelo contexto, sabe-se que, apesar de não querer, a senhora tinha de ir ao hospital e que, quando pressionada, solicitou a companhia da enfermeira. Em *você vai comigo?*, *você fica lá?*, está implícito *quando eu for ao hospital*.

Novamente a descrição quantitativa de Baleeiro (1988) vem ao encontro de nossa constatação e ajuda-nos a confirmá-la. Nas 42 ocorrências de presente do indicativo com valor de futuridade (seqüência MF - ME), a autora observou que, na quase totalidade dos casos, esse valor dependia da co-ocorrência de elementos gramaticais com conteúdo de futuro no contexto da ocorrência do presente do indicativo. Esses números fundamentam a constatação de que o advérbio ou o contexto mais amplo do discurso atuam como marcadores da noção de futuridade nas formas do presente do indicativo. A sua presença é

imprescindível, o que não ocorre, como já vimos, com a forma *ir+infinitivo*, na qual o advérbio atua como reforço da noção de futuridade contida nela.

Excetuando-se os advérbios e locuções adverbiais que expressam um tempo específico (*amanhã, quarta ou quinta-feira, na outra terça-feira, à tarde, daqui a oito meses*), há, nos dados, ocorrência de advérbios que expressam uma distância variada entre o MF e o ME, ou seja, a proximidade ou a distância do MF para o ME varia de acordo com o contexto discursivo. São os advérbios: *hoje, agora, já e logo*. Segundo Moura Neves et alii(1992), apesar de circunstanciais, a sua circunstanciação se apóia no âmbito da comunicação, ou seja, na esfera dos participantes. Como fóricos (anáfora temporal), referem-se a um momento ou período determinado da enunciação ou de outro ponto do enunciado. Vejam-se alguns exemplos:

- (2) L2 - I está com febre... eu *vou levar* ele ***hoje*** pro pediatra né... (...) está marcado ***hoje***... mas está marcado ***pras duas horas*** (t 59-A)

Nesse contexto, a relação de *hoje* com o momento da enunciação representa um período fisicamente demarcado, significando *neste dia*, que, mais adiante na interação, passa a ser *hoje às duas horas da tarde*. Veja-se o exemplo:

- (4) L2 - (...) e ainda tenho SIM ainda *tenho que: ir* no Hospital do Câncer ***hoje*** prestar conta do: dum bocado de talão (...) eu ***hoje*** que *vou ver* com o que elas venderam... (t 69 e 208-A)

Pelo contexto discursivo, deduz-se que *hoje=neste dia talvez seja depois das duas*, após V. ter levado o menino ao pediatra.

Como *hoje, agora* (do latim *hac hora* = *neste momento*) refere-se ao momento de enunciação - ao falante-agora. Embora não apresente um momento ou período fisicamente demarcado, demonstra variação de abrangência:

- (39) L3 - *└ vem amanhã... hoje não dá (...)* só se for *na parte da tarde... agora de manhã* não dá (t 25 e 27-J)
- (40) L1 - *é... mas é isso aí... falou I... então agora hoje* você pode descansar bastante né? (t 126-B)

Se, nesses contextos, *agora* não se fizesse acompanhar de advérbios temporais (*agora de manhã; agora hoje*), significaria apenas *neste momento*. A sua abrangência seria mínima; simplesmente pontual: *agora não dá; agora você pode descansar bastante*. Tal companhia faz com que o *agora* do falante pareça se prolongar para um período imediatamente seguinte. O mesmo se aplica ao exemplo seguinte:

- (41) L1 - *... agora hoje eu tenho que ir lá na assistente social buscar o papel... né? já liguei pra ela...() agora eu tenho que ir de tarde* lá nela buscar o papel... (t 36-E)

Quando o prolongamento for expresso pelo contexto discursivo, essa co-ocorrência de advérbios não é necessária para que o *agora* do falante se estenda.

Em:

- (42) Inf. *vamos então agora... discutir... cada um deles... ((tosse)) a demanda de moeda por transação... é⁸⁵...*

sabe-se, pelo contexto, que, após ter retomado brevemente o assunto da aula anterior, o professor introduziu um novo tópico (três tipos de demanda de

⁸⁵ - NURC-SP, EF, Inquérito 338, linha 38.

moeda) e vai começar, agora (nesta aula), a discuti-lo. Já , *agora*, no trecho abaixo:

- (43) L1 - e *agora* desse jeito é difícil né? você não *vai poder*... está bem I... vamos ver essa semana...(t 258-B)

significa *na época atual*, abrangendo um período maior do futuro. O estado de coisas gerador de dificuldade é detectado pelo contexto. Sabe-se que a interlocutora de N se encontra de cama, com os dois pés engessados.

Vejam-se mais alguns exemplos com advérbios fóricos (*logo e já*), que expressam um momento ou período próximo ou seguinte ao presente momento. Retomando (37): (...) *um momentinho que já te falo já*, nota-se que *um momentinho* reforça ainda mais a proximidade expressa por *já*. A recepcionista irá ver se tem vaga na perua e, em seguida, voltará a falar com N. No entanto, no exemplo seguinte, *já já*, por si só, exprime um momento imediato:

- (44) L1 - (...) podia estar com uma roupa mais fresca acho que é isso também... mas *passa já já* é só eu...respira::r ventilar um pouquinho e tudo bem (t 40-O)

Em (45), a seguir, apesar de *logo* indicar um período próximo, essa proximidade é relativa:

- (45) L1 - e:: então se/*logo começa* o frio e isso que é duro né? (t 70-B)

Pelo contexto, sabe-se que N. conversou com I. no fim de fevereiro e o frio na região começa em abril/maio.

O circunstancial *depois* e a sua contraparte *antes* expressam relação de posterioridade/anterioridade de um momento ou período com outro. Vejam-se algumas ocorrências de *depois* nos dados:

- (6) L2 - (...) aí eu disse “está bom *depois eu volto* a ligar:... o que *quando ela está aí?*”... ele disse “no fim de semana”... (t 154-A)

O sintagma adverbial do qual *depois* faz parte recupera a informação por remissão à situação comunicativa (dêitico). Já no exemplo seguinte, tal recuperação se dá num ponto do texto:

- (29) L1 - (...) e a R falou “*vamos que eu te levo até lá em cima na... na quatro... depois você sobe a pé*”... (t 32-E)

Pelo contexto, sabe-se que N subirá a pé, após comprar os ingressos, ou seja, após fazer o que tem de fazer.

Da análise dos dados conclui-se que (a) o advérbio temporal atua como reforço à noção de futuridade já contida na forma *ir+infinitivo*, mas não na do *presente do indicativo*. Como essa forma não possui noção de futuridade, o advérbio ou, mais raramente, o contexto mais amplo do discurso é que atua como marcador dessa noção; e (b) a distância entre o MF e o ME, expressa por advérbios de tempo, apresenta variação de abrangência, que pode ser no mínimo pontual, como também abranger um período menor ou maior do futuro.

A distância temporal variada entre o MF e o ME, expressa pelos advérbios de tempo, evidencia a imprecisão do nome *futuro próximo ou futuro imediato* que é dado à forma *ir+infinitivo* pela gramática tradicional. Pelos exemplos, vimos que, além de proximidade, pode indicar também distância. Some-se a isso a indeterminação da realização de certos eventos futuros, expressa por essa forma em alguns contextos (cf. exs. 16 a 20). Quanto à prospecção ou *relevância do presente*, a ação ou evento futuro,

independentemente de sua distância do MF, está, de algum modo, relacionada com o estado de mundo atual do falante, ou seja, com o seu presente, que é de natureza mais psicológica que cronológica (Fleischman, 1982). Daí as formas do presente, tanto o perifrástico com *o auxiliar ir+infinitivo* como o *presente do indicativo*, indicarem um futuro imediato, próximo ou remoto. Na medida em que a forma *ir+infinitivo* não difere das formas flexionadas em /-re/~-/ra/, ela deveria ter o mesmo tratamento, ou seja, ao invés de *futuro imediato* ou *futuro próximo*, deveria ser chamada simplesmente de *futuro do presente perifrástico*, nomenclatura já sugerida por Basílio M. et alii (1993).

Veremos, a seguir, o que nos revela a possibilidade de interação primária entre a flexão temporal do presente do indicativo, a natureza semântica do radical do verbo e os adjuntos adverbiais na expressão da futuridade - tema veiculado quando definimos tempo verbal (cap.I).

3.2.5 Presente do Indicativo + Conteúdo semântico do verbo

Admitindo-se que o tempo é uma propriedade dos estados de coisas, ou seja, que as flexões de tempo estão ligadas à tipologia: verbos de *ação*, *processo* e *estado*, nota-se que muitas das ocorrências do presente do indicativo expressando futuridade no corpus se dão em orações com verbo de ação:

- (29) L1 - “*vamos que eu te levo até lá em cima na... na quatro... depois você sobe a pé*” (t 32-E)

Os verbos *eu levo* (1ª pessoa) e *você sobe* (2ª), nesse contexto, expressam o que o agente da ação verbal - o sujeito - faz. Além disso, muitas delas estão na *primeira pessoa do singular*, como demonstram os exemplos:

- (21) L1 -(...) então *amanhã cedo eu ligo* pra ela... (t 12-I)
- (22) L1 -(...) está bem l... vamos ver essa semana... *amanhã eu vou* pra São Paulo (t 258-B)
- (29) L1 - e a R falou “*vamos que eu te levo até lá em cima na... na quatro... (t 32-E)*
- (37) L3 - eu vou ver se tem bem... *um momentinho que já te falo já* (t 21-D)
- (38) L2 - aí eu falei “*pago na outra terça feira né? porque está muito... tem muita gente*”... (t 57-E)

As formas verbais *ligar*, *ir*, *levar*, *falar* e *pagar* estão na primeira pessoa e expressam um fazer do sujeito, o que parece contribuir para a qualidade prospectiva dessa forma verbal. O valor semântico do radical (**ação**) mais a nuance modal de certeza⁸⁶ e as marcas de número e pessoa contidas no morfema do presente do indicativo lhe dão essa flexibilidade, ou seja, esse caráter prospectivo:

<u>ação</u>	<u>mod. tpo. n°. pes.</u>
/ lig- /	/ -o /
⇒	⇒

Em *então amanhã cedo eu ligo pra ela*, o morfema /-o/ da primeira pessoa do singular do presente do indicativo liga-se ao radical, o morfema lexical, /lig-/

⁸⁶ - O modo indicativo liga-se a um estado de coisas reconhecido pelo falante como necessário e como tal pode ser certo ou obrigatório (cf. Mateus, M.H.M et alii, 1983).

(ação ⇒), reforçando a idéia desse fazer por parte do sujeito. Sou eu e mais ninguém o agente da ação verbal, expressando a certeza da realização (futura) de uma decisão tomada no meu presente, daí o morfema /-o/ do presente do indicativo. O mesmo se aplica aos outros verbos.

Embora esteja implícito um movimento para diante na natureza semântica dessa forma verbal, o efeito de futuridade, nesse contexto, só se completa com os adjuntos adverbiais - *amanhã cedo* (21), *amanhã* (22), *já* (37), *outra terça-feira* (38) - que, de fato, situam, temporalmente, a realização da ação futura. Como constatado na seção anterior, na ausência dos adverbiais, o marcador temporal se encontra, algumas vezes, no contexto, como no caso de (29) em que o convite vamos reforça a noção de posterioridade de eu te levo ou na estrutura gramatical, como no caso das condicionais e temporais. Essas orações parecem ser o contexto ideal para a realização dessa forma, nas quais tal certeza adquire, muitas vezes, matiz de comprometimento e determinação, reforçando ainda mais seu valor prospectivo:

- (46) L1 - quarta ou quinta te *dou uma ligada... se der eu vou* aí bater um papo com você (t 270-B)
- (47) L1 - eh: vou ver se eu já tenho trocado eu já te levo (...) (...) deixa eu ir ver se ela está aí... que assim eu/eu...se ela estiver eu provo... e aí eu já te dou o seu dinheiro (t 48 e 66-E)

Apesar da contingência que expressa (*se der, se eu já tenho, se ela estiver*), a prótase condicionante parece ser o elemento desencadeador do comprometimento e determinação do falante, presente na condicionada. Vejam-se outros exemplos:

- (48) L2 - depois vou ver... se der tempo eu passo de lá... (t 40-G)
- (49) L1 - aí depois aí ó ó... se depender dela eu caso com o R. né? (t 204-O)

- (50) L2 -(...) não é porque não tenho argumentos... se houver argumentos melhores... eu mudo... (t 16-S)

O mesmo se aplica às temporais:

- (51) L2 - (...) assim que estiver pronto eu lhe aviso(t 246-A)

- (52) L1 - (...) assim que ele chegar eu mando ele te ligar (t 9 -H)

Parece existir relação semântico-pragmática entre a atitude avaliativa de certeza e comprometimento do falante contida no presente do indicativo⁸⁷ da condicionada e o conteúdo proposicional da subordinada. Em (50), o empenho na mudança está condicionado aos argumentos que poderão surgir posteriormente. Já em (51), a determinação de avisar circunstancia-se ao término do trabalho.

Tal certeza e comprometimento continuam manifestos nos casos em que houve referência à segunda ou à terceira pessoa:

- (53) L2 -(...) os invejosos começam a achar que estou rindo... mas se for o momento de chorar... você chora... mas pra que transformar a vida num sacrifício? (t 20-S)

- (54) L2 - (...) se aquele baixinho for tirar ela ... ela não dança de jeito nenhum (...) se estiver de tênis ela não dança... se estiver de sandália ela não dança (t 105 e 129-C)

- (55) L1 - (...) mas você sabe se você for mexer com qualquer coisa... se nós não tiver os material você não consegue nada (t 49-M)

Os verbos de ação não ocorrem apenas na primeira pessoa, mas em todas. Entretanto, a preferência pela primeira procede, visto ser característica das ativas

⁸⁷ - Como, na maioria das vezes, a forma *ir+infinitivo* expressando futuramente ocorre no presente do indicativo, isso pode ser aplicado a ela.

falar do fazer de um sujeito, que, por razões discursivas, na maioria das vezes, é o próprio locutor.

Nossos dados mostram que, nas *processivas*, ou seja, em orações em que o sujeito é o paciente da ação verbal, os verbos tendem a estar na terceira pessoa:

(21) L1 - uhn::...olha que fi/ da puta... *amanhã* ele me *paga* FALOU... (t 12-I)

(44) L1 - (...) mas *passa já já* é só eu...respira::r ventilar um pouquinho (t 40-O)

Os verbos de processo manifestam um vir-a-ser por parte do sujeito, que, como paciente, é sempre afetado por algo que está fora dele, sofrendo mudança de estado ou condição. Em (44), o *mal-estar súbito* é o sujeito paciente da ação verbal *passar*, que aqui significa *sarar*. Em (21), *ele* (filho da cabeleireira) é o sujeito experimentador de *pagar*, que quer dizer *sofrer castigo*. O mesmo se aplica aos exemplos:

(45) L1 - e:: então se/ logo *começa o frio* e isso que é duro né? (t 70-B)

(56) L2 - (...) *se você não passar ela encolhe* um lado... e então tem que passar pra esticar bem esticadinho (t 73-C)

(57) L1 - (...) algumas preferem queimar um defumador... um incenso... para a limpeza do ambiente... calma... paz e tranquilidade ali dentro... *se você fizer isso... você melhora mais...* (t 13-N)

O conteúdo semântico do morfema lexical dos verbos de processo, indicando mudança de estado ou condição do sujeito, sempre paciente de algo fora dele, corrobora com o valor prospectivo do presente do indicativo nesse contexto futuro:

<u>processo</u>	<u>mod. tpo. n^o. pes.</u>
/começ- /	/-a /
⇒	⇒

Esse vir-a-ser, implícito em sua natureza, demonstra que, comparativamente, são mais prospectivos que os de ação, possibilitando-nos inferir prospectividade sem as marcas temporais. Se retirarmos o adjunto adverbial *amanhã* de (21), temos (...) *olha que fi/ da puta... ele me paga.*, o que parece não afetar a noção de prospectividade. Mesmo sem o adjunto adverbial, ainda se tem a idéia de que o pagar será posterior, veiculada pela natureza semântica do morfema lexical processivo /pag-/ mais o morfema do presente do indicativo na terceira pessoa do singular /-a /, expressando a certeza/determinação presente do falante no que se refere à ocorrência da ação verbal.

Nas processivas a tendência para a terceira pessoa procede, visto ser característica delas falar de um acontecer em relação a um sujeito, que nem sempre é o locutor. Apesar dessa predileção, verbos de processo ocorrem em outras pessoas⁸⁸. Veja-se um trecho de (30):

(30) L1 - (...) e ele gritava- "*vai... vai... vai... senão morre*"... (t 3-P).

Note-se que, nesse exemplo, a pessoa do discurso é segunda, mas o verbo está na terceira gramatical, refletindo a neutralização entre *tu* e *você* existente no português falado. Raramente uma pessoa diria *tu vais* ou *tu morres*.

⁸⁸ - Veja-se um exemplo de verbo processivo na 1ª pessoa, extraído de Baleeiro (1988). (131) - Eu preciso dar uma (vacina) bem depressa, se não *pego eu*, que ainda não tive (caxumba) (Inq.22), p. 102.

Nas orações com verbos de *estado*, houve referência a todas as pessoas.

Vejam-se os exemplos:

- (26) L1 - (...) falei “vou... *fico com a senhora*” aí então... ela concordou de ir... (t 250-B)
- (39) L3 - (...) *hoje não dá* (...) só se for *na parte da tarde... agora de manhã não dá* (t 25 e 27-J)
- (58) L1 - (...) você acha que *se eu for ali para umas nove hora... ali pras dez e quinze está pronto?* (t 22-J)

Em (26), *ficar* na primeira pessoa significa *permanecer*. Em (39), *dar*, impessoal, quer dizer *ser possível*. Em ambos os casos, o morfema do presente do indicativo indica certeza do falante. Já em (58), *estar*, na apódose condicionada, tem matiz de suposição. Entretanto, a questão dos verbos de estado com referência ao futuro nos parece outra, ou seja, observando-se as orações dos exemplos acima e as dos que virão a seguir, nota-se que, embora estativas (os verbos são de estado), apresentam dinamicidade, que não é característica desse tipo de verbo:

- (6) L2 - (...) o que *quando ela está* aí?”... ele disse “no fim de semana”... (t 154-A)
- (59) L1 - já liguei pra ela... falou “ó *se for sozinha tem um lugar*”... (t 36 -E)
- (60) L1 - (...) *se eu não estiver aqui eu estou lá na minha casa... lá em cima... em frente o DAE* (t 111- M)

Por definição, tais verbos exprimem que algo se encontra num determinado estado, sem movimento algum, como: *A menina fica só o tempo todo; O sinal está vermelho; Tem um cachorro no quintal*. A ausência de movimento implícita no conteúdo semântico de *ficar, estar e ter*, nesse contexto, qualifica-os de estativos. No entanto, nas orações acima há movimento,

revelando que, ao se falar de coisas futuras, os verbos de estado se dinamizam, indicando um vir-a-ser. No MF, *eu estou*, em *se eu não estiver aqui eu estou lá na minha casa*, torna-se dinâmico, fortalecendo a gradação prospectiva do presente do indicativo, nesse contexto futuro:

<u>estado</u>	<u>mod.tpo</u>	<u>nº.pes.</u>
/ est- /	/-o/	/-u /
⇒	⇒	⇒

O mesmo se aplica aos demais exemplos. Em (59) *Ó se for sozinha tem um lugar, tem*, impessoal, significando existir, dinamiza-se no momento da enunciação.

Ao se falar de coisas futuras, é possível notar essa dinamização, em graus diferentes, em toda tipologia: *ação*, *processo* e *estado*. O verbo de ação exprime um fazer do sujeito, já os de processo e estado, um acontecer. Enquanto no de processo, o vir-a-ser do sujeito realiza-se a qualquer momento, no de estado, essa dinamização se dá no MF. Diante disso, respeitando-se a hierarquia da dinamicidade existente entre as várias caracterizações semânticas do verbo, pode-se dizer que o *t. vb* futuro é essencialmente dinâmico. Isso nos permite abarcar *ação*, *processo* e *estado* sob uma única denominação - *dinâmicos* - e sugerir o seguinte quadro, sintetizador da somatória de elementos que contribuem para a expressão temporal futura da forma presente do indicativo:

<u>Dinâmico</u>
Morf. lexical + Morfs. mod., tpo., nº, pes. + Marcador temporal
⇒ ⇒ ⇒

A interação entre o morfema lexical conforme sua natureza semântica - dinâmicos (ação e processo) e dinamizados (estado) - , a flexão (morfemas de tempo modo número e pessoa) mais o marcador temporal (adjuntos adverbiais ou indicações contextuais e estruturais) contribui para o desencadeamento do caráter prospectivo da forma presente do indicativo em contextos futuros, enfatizando a relevância do presente psicológico do falante através de matizes de certeza, comprometimento, determinação, suposição.

É nessa “marca” que parece estar a diferença entre as formas futurizadas e a forma “não-marcada” /-re/~-/ra/. Nela, tal efeito parece não ocorrer. Em (21), *Então amanhã cedo eu ligo pra ela*, comutando-se o verbo no *presente do indicativo* pelo *futuro do presente*, teríamos: *então amanhã cedo eu ligarei pra ela*, no qual a desinência /-rei/ na primeira pessoa do singular do futuro do presente do indicativo acopla-se ao radical /lig-/-a/ de ação, expressando um fazer por parte do sujeito. Todavia, em /-rei/, há rompimento com o presente do falante, o que torna essa forma psicologicamente neutra, distante e imparcial. É até possível a avaliação e o conhecimento do estado de coisas como necessário ou altamente provável pelo falante, mas o que não se tem é a certeza, determinação que só ocorre no momento da fala, tão bem expressa pelo morfema do presente do indicativo.

Apenas a interação entre a flexão, o radical do verbo conforme sua natureza semântica e os marcadores temporais não basta, é preciso levar em conta a interação da flexão com o radical, segundo a situação discursiva decidida

no momento da fala, pois é ela que definirá a escolha das formas em questão. Portanto, morfemas do *futuro do presente* exprimem melhor ações futuras determinadas pela imparcialidade e distanciamento discursivo; já os do *presente do indicativo*, ações estabelecidas pelo envolvimento e participação. Definidas no presente do falante, tais ações veiculam, muitas vezes, matizes modais (certeza, comprometimento, suposição).

Mesmo não tendo abordado a questão da semântica temporal em profundidade, os resultados aqui apontados contribuem para a compreensão das variações no uso do presente, em especial, sua utilização como futuro. A possibilidade de evocar o futuro a partir do presente consta das noções: *presente posterior*, de Reichenbach (1947); *tempo diviso*, de Imbs(1960), *relevância do presente*, de Fleischman (1982), mas sua constituição não é de todo explicitada. Acreditamos que isso é possível através da composicionalidade de vários fatores lingüísticos; ou seja, o desencadeamento do caráter prospectivo da forma presente do indicativo em contextos futuros, enfatizando a relevância do presente psicológico do falante, ocorre a partir da interação entre o radical verbal, conforme sua natureza semântica, a flexão, segundo a situação discursiva, e o marcador temporal. Ao considerar a relevância do presente psicológico do falante, Fleischman (1982) não explicita a situação discursiva, que, nessa somatória, é de extrema importância, pois a interação do radical com a flexão segundo a situação discursiva, decidida no momento da fala, define a escolha das formas futurizadas ou não.

Muitas das conclusões a que chegamos não são definitivas. Requerem estudo mais amplo da semântica temporal, de preferência com um corpus maior do que este, através do qual se possa analisar e testar as variáveis.

Em sequência, abordaremos a sobreposição modal nas formas *ir + infinitivo* e *presente do indicativo*.

3.2.6 A sobreposição modal nas formas *Ir+Infinitivo* e *Presente do Indicativo*

Em determinados contextos, além de expressar futuridade, essas formas deixam transparecer a atitude do falante em relação ao conteúdo proposicional de seu enunciado, expressando iminência, intenção, determinação e desejo.

Baleeiro(1988) categorizou as várias modalidades expressas pela forma *ir+infinitivo*. No item *espaço mental*, em que, além de futuridade, a perífrase expressa modalidade, a autora substituiu *ir* por um auxiliar modal que se enquadrasse em uma das subcategorias. Mesmo reconhecendo a impossibilidade de uma classificação exata, determinou as subcategorias: *intenção (vontade e determinação)*, *incerteza, conjectura e outros matizes modais*.

Tal classificação não leva em conta as sobreposições modal/modal e modal/temporal a essa forma. Ao afirmar que *vamos ver*, em “(237) *Sempre trabalhando, lutando, e vai indo, vamos ver até quando*” (p.140), expressa apenas *conjectura*, negligencia outro valor modal: *expectativa* ou *desejo*. O mesmo se aplica à afirmação de que *num vou votar*, em “(270) *Eu num vou votar*

agora em 15 de novembro” (p.149), tem apenas valor temporal. Ao categorizá-lo como futuro próximo, no espaço temporal, Baleeiro(1988) deixa de lado o valor modal de intenção/ volição do falante.

Devido a essas sobreposições, que dificultam uma classificação única, consideramos que, além de futuridade, essas formas estão intrinsecamente ligadas às modalidades *epistêmicas* e *deônticas*, como mostram nossos dados.

3.2.6.1 Modalidades Epistêmicas

Certeza

Conforme o conhecimento que se tem dos estados de coisas, uma relação necessária é vista como certa (*modalidade epistêmica*). O falante pode avaliar o estado de coisas futuro como certo e, conseqüentemente, epistemicamente necessário. O maior número de ocorrências em nosso corpus liga-se a essa modalidade. Vejam-se alguns exemplos :

- (2) L2 - [I está com febre B... J viajou ontem pro Rio...
 L1 - [ahn
 L2 - I está com febre...
 eu **vou levar** ele *hoje* pro pediatra né. (t 57-A)

A constante febre de Igor dá a V a certeza de que o levará ao médico ainda hoje. A certeza da proposição contida nesse enunciado faz com que ela o considere epistemicamente necessário. No exemplo seguinte, a tarefa a que V se compromete baseia-se no conhecimento prévio de suas condições:

- (9) L1 - pois está certo V
 L2 - eu **vou comprar** os tecidos... o tecido branco e tudo e eu lhe **aviso**...
 está bom?
 L1 - está certo está bom V (t 237-A)

Sua experiência é o que lhe possibilita empenhar-se na compra e no aviso. O mesmo se aplica ao exemplo:

- (11) L1 - então... agora hoje você pode descansar bastante né?
 L2 - não... eu **vou ficar** até lá *pra umas dez horas... depois vou levantar*
 ((bocejos)) levantar não né? ((bocejos)) estou com a minha cadeirinha de
 roda pegada da cama (t 126-B)

O conhecimento que I tem de sua rotina permite-lhe ter certeza de que não ficará na cama além das dez horas e, assim, rejeitar a proposta da amiga, pois é necessário que se levante. Note-se o grau de certeza no exemplo:

- (12) L2 - [mas ela foi enterrada ontem né?
 L1 - NÃO **vai ser** enterrada às quatro e meia ... morreu hoje de manhã
 L2 - ué quem me contou isso daí (t 25-C)

O conhecimento do horário do enterro faz com que N tenha certeza da proposição contida no seu enunciado. Daí a afirmação categórica.

Sobreposta a essa modalidade, algumas vezes, está implícita a idéia de volição = intenção/ propósito/ determinação do falante. Vejam-se os exemplos:

- (7) L2 - (...) e eu sei que eu paguei a metade daquele cara e não paguei o resto... não **vou pagar mais** não B... ele não fez o que tinha combinado (t 168-A)
- (8) L2 -(...) primeiro que eu *nunca* mais **vou fazer** num ambiente tão fechado não viu... (t 198-A)
- (13) L3 - eu **vou discordar** do Cony... acho que é... é diferente Cony... acho que o... o Serjão se presta... (t 91-Q)
- (21) L1 -(...) olha que fi/ da puta... *amanhã* ele me **paga** FALOU... (t 12-I)

- (29) L1 - (...) a R falou “*vamos que eu te levo até lá em cima na... na quatro...*”
(t 32-E)
- (38) L3 - eu *vou ver* se tem bem... *um momentinho* que já te *falo* já (t 21-D)
- (47) L1 - eh: vou ver *se eu já tenho trocado eu já te levo* (...) (...) deixa eu ir ver se ela está aí... que assim eu/eu...*se ela estiver eu provo...* e aí *eu já te dou* o seu dinheiro(t 48 e 66-E)
- (61) L1 - (...) “fica aqui espera aí que eu *vou pegar* um pra mim” pegavam de dois três (t 163-A)
- (62) L1 - V pois está certo olha eu não *vou te atrapalhar* mais tu está aí com menino doente...(t 215-A)
- (63) L1 - está bom E... à tarde *eu passo* daí... obrigada (t 32-D)

Probabilidade

Se o falante acredita na fatualidade daquilo que diz, temos a certeza, se ele duvida, temos a probabilidade. Quanto ao conhecimento que se tem dos estados de coisas, uma relação possível é considerada provável (*modalidade epistêmica*). O falante pode avaliar a ocorrência de estados de coisas futuros como altamente provável. O número de ocorrências é relativamente pequeno em comparação com o caso anterior.

Neste primeiro exemplo, I tem dúvidas quanto ao tempo de restabelecimento da cirurgia dos pés:

- (64) L2 - (...) é só que *vai ser* meio difícil né? *vai demorar...* meu irmão disse que demora muito a recuperação di/ disso aí
L1 - uhn... é mais às vezes eles falam sabe? eu conheç/
L2 - ((ininteligível)) *quem sabe* o meu *vai ser* diferente
L1 - é:: nem tudo é igual (t 55-B)

Segundo o irmão, a recuperação irá demorar, mas, diante do entusiasmo da interlocutora, I espera que seu caso seja diferente. O que atribui idéia de

probabilidade, nessa especulação sobre o futuro, é o modalizador epistêmico *quem sabe*. O mesmo se aplica ao *eu achei* do exemplo:

- (32) L1 - *└ fiz aquela calda com açúcar... joguei assim por cima e pus um pouquinho de coco... e eu ACHEI né? que... eu falei "ah vai ficar uma semana aí ... né?"*
 L2 - ((risos))
 L1 - *você sabe que... ontem... de tarde... a hora que eu fui na tua casa... eu abri a geladeira... acho que para pegar água... a de leite condensado só tinha uma fatiazinha (t 168-c)*

Considerando a quantidade de rocamboles, N achou que uma semana seria um tempo de duração altamente provável. No exemplo seguinte, C acredita trazer sorte àquele primeiro programa, do qual era convidado especial:

- (10) L4 - *eu descartei meu irmão completamente... sempre futebol com ele é batata... dava azar... e eu acredito que eu vou dar... não sei se vou dar sorte... mas de qualquer maneira eu sou descartável aqui... (t 24-Q)*

A probabilidade da primeira afirmação, marcada pela proposição modalizadora *eu acredito*, deve ter base na relação de C com a sorte. Note-se que o aumento de dúvida, num segundo momento, é marcado por *não sei se*. O mesmo se aplica ao exemplo seguinte:

- (65) L1 - *vai ser dois ônibus de vinte e oito lugares... cada ônibus... s/ só vai acho que de...de terça e quinta... parece que é duas vezes por semana para São Paulo e duas vezes por semana para Ribeirão sabe? (t 96-E)*

A dúvida de N quanto aos dias em que o novo ônibus transportará pacientes é marcada por *acho e parece que*, exprimindo probabilidade. No exemplo seguinte, a probabilidade futura está contida no conteúdo semântico do próprio verbo:

- (66) L4 - (...) *até a reta final... até terminar... acontece muita coisa... pode aparecer um... um candidato como apareceu o Fernando Henrique com o Real... entendeu? que tirou o:: o Brizola (t 58-Q)*

Note-se que o auxiliar *poder* significa probabilidade nesse contexto.

Há em nossos dados ocorrências da construção perifrástica *dever + infinitivo*, em que o auxiliar *dever* carrega os valores modais de necessidade ou possibilidade. Tal construção figura, desde há muito tempo, como marcador de futuridade/posterioridade em francês (Fleischman,1982) e parece-nos que, em alguns contextos do português, o mesmo pode ocorrer. No exemplo, ao comparar dois salários distintos, o professor conjectura quanto cada pessoa separa como reserva monetária futura:

- (67) Inf. (...) então o pagamento de um cara que ganha mil e duzentos e outro ganha... dez mil... *provavelmente* esse esse de/ de/ dez mil *vai fazer*... muito mais diferença... então ele *vai ter que deixar*... (...) ...mas em termos de quantidade de moeda *ele vai ter que deixar*... uma quantidade maior de moeda...guardada... do que o cara que ganha mil e duzentos... certo? um cara que ganha dez mil... *deve deixar* uma quantidade de moeda por precaução... guardada maior do que o cara que ganha mil e duzentos...(l.286)

Já na introdução da comparação, o advérbio modalizador *provavelmente* indica que o discurso será em nível de probabilidade. A forma *deve deixar* soma-se o valor modal de obrigatoriedade, reforçado pela forma antecedente: *vai ter que deixar*. O mesmo se aplica ao trecho:

- (68) (...) aqui evidentemente é mais para efeito didático a gente fez uma coisa assim todo mundo sabe que a gente não *vai gastar*... quarenta cruzeiros todo dia... bonitinho... certo? ...ahn coisa *deve ser*... mais ou menos... no primeiro dia só com aluguel com essas coisas já *deve acontecer* um negócio assim não é?...(l 185)

As construções com *dever* expressam prospecção e sentido de algo decidido ou acertado anteriormente, isto é, marcado para ocorrer provável ou necessariamente num futuro.

Possibilidade /Impossibilidade

As *modalidades aléticas*, no nível dos estados de coisas, dizem respeito ao mundo do possível/impossível. Quanto ao conhecimento do falante sobre os estados de coisas, uma relação possível é considerada plausível [para nós admissível, portanto, provável] (modalidade epistêmica) ou permitida/obrigatória (deôntica). Em nossos dados, há ocorrências em que essa possibilidade ou impossibilidade futura está inserida no conteúdo semântico do próprio *verbo*. É o caso do modal *poder* e *dar* (com o valor de *ser possível*), no trecho:

- (39) L3 - ah... mas hoje?
 L1 - [ahn
 L3 - [vem amanhã... hoje não *dá*
 L1 - é que eu *vou sair* hoje à noite... eu queria já... dar uma acertada no cabelo
 L3 - só se for na parte da tarde... agora de manhã não *dá*
 L1 - mas na tarde... eu só *posso* ali prumas três e meia (t 23-J).

A impossibilidade da cabeleireira, naquela manhã, é marcada por *hoje não dá*, significando *hoje não é possível*. Ao chegarem a uma conclusão quanto ao dia, o modal *poder* exprime a possibilidade de N em *eu só posso*. Em [B], diante da situação de I - operada dos dois pés - falou-se muito sobre possibilidades:

- (69) L2 - ele falou "pra mim tão já você não *vai poder calçar sapato fechado de jeito nenhum*"
 L1 - é:: então antes de uns oito meses *acho que não*... (t 67-B)

O modal *poder* no negativo enfatiza o valor de impossibilidade expresso pela forma *não vai poder calçar*. Em *acho que não* (*pode, dá*), há matiz de probabilidade marcado pelo modalizador epistêmico *acho*. Após avaliar a

situação, N acha que, antes de oito meses, I não terá condições de usar sapatos (combinação da modalidade alética com a epistêmica). Falou-se também que, naquele momento, I poderia descansar bastante: (40) (...) *então agora hoje você pode descansar bastante né?* (t 126-B), como também de sua impossibilidade para ajudar a mãe doente: (43) (...) *agora desse jeito é difícil né? você não vai poder* (t 258-B). Vejam-se mais exemplos:

- (70) L1 - (...) às vezes... ela *pode fazer* este tipo de coisa e isso *pode acabar* cortando os planos que... ela programar tá? (t 121-N)
- (71) L1 -(...) você sabe que na Bahia não tem ressaca... né? todo mundo bebe... bebe... bebe... enche a cara... no dia seguinte você liga e o cara diz assim- “ah... *estou com uma GRIPE... não vou poder sair de casa*” (t 120-Q)
- (72) L2 -(...) sei lá o que vai acontecer... não é? difícil a gente prever... o que *pode acontecer*... agora... eu tenho a convicção de que eu estou fazendo o que eu acho que é certo... (t 8-S)
- (73) L1 - Esse molho aqui é um molho muito especial... MUIto gostoso... você até *pode aproveitar* para outras preparações... isso vai/ você com sua criatividade vai arranjar uma porção de pratos para servir com este molho aqui... (linha 1, Q)

Nos quatro exemplos, além da prospecção, as formas apresentam valor modal de possibilidade ou impossibilidade contidos no verbo. No trecho seguinte, *deve cair* é comutável por *pode cair*, expressando possibilidade:

- (74) (...) eu não tenho certeza mas eu acho que... o preço do carro... *deve cair* no mês que vem... então eu mantenho uma certa quantidade de moeda... (L.335)

3.2.6.2 Modalidades Deônticas

Obrigatório

Quanto ao comportamento e à ação, uma relação necessária pode ser também considerada obrigatória pelo falante (modalidade deôntica). Essas modalidades ocorrem em número menor no nosso corpus e, na maioria das vezes, são explicitadas pela construção modal *ter que/de + infinitivo*, que está intrinsecamente ligada à noção de obrigação. Veja-se o exemplo:

- (75) L2 - *vou lembrar* esse troço aí... quem que me falou de que diretora foi?... se foi essa daí ou outra ou eu ...
 L1 - [então ela morreu... acho... acho que cinco horas da manhã parece
 L2 - uhn:: me contaram uma história de diretora... que não sei o que e morreu a diretora ... aí me contaram uma história de diretora que eu não lembro ... eu vô/ eu *vou ter que pôr* a minha cabeça pra funcionar... viu?(t 41-C)

A noção de obrigatoriedade, que se inicia em *vou lembrar*, tem seu ponto culminante quando D se utiliza do modal *ter que* para reforçar a obrigatoriedade de se lembrar. A construção modal *ter que/de* corresponde à locução *ser obrigado a*, que, no contexto discursivo, parece ser motivada por circunstâncias externas ao falante ou à situação. Notem-se, no exemplo, as diversas atividades que N tem de executar antes de suas idas a São Paulo:

- (76) L1 -... mas eu vou dar uma passada daí... se ela estiver por aí eu já provo... senão... porque eu vou te falar... agora *eu tenho que cozinhar* feijão ainda... *fazer o almoço*... vou dar uma varrida lá no fundo do quintal... molhar aquelas planta... (...) porque amanhã eu n/ eu vou pra São Paulo... então *vou ter que deixar* arroz pra cachorra...(t 82 e114-C)
 (...) (...) então porque amanhã *eu tenho que ir* para São Paulo outra vez
 (...) agora hoje *eu tenho que ir* lá na assistente social buscar o papel... né? já liguei pra ela (...) e ela falou “*mas você tem que vir buscar o papel*”... agora *eu tenho que ir* de tarde lá nela buscar o papel... (t 30, 36 e102-E)

Em função das viagens, o número de tarefas necessárias ao gerenciamento da casa aumentou na rotina de N, que explicita a obrigatoriedade das proposições através do modalizador **ter que**. Vejam-se outros exemplos:

- (77) L2 - [e... e a menina chegava fria gelada junto de mim que pelo amor de Deus que não queria sair de lá que estava com medo dele... aí eu disse “mas você **tem que ir**”... aí veio o segurança do hotel... (t 114-A)
- (78) L1 - sua irmã **tem que se preparar** emocionalmente... e se não dá certo? (t 133-L)
- (79) L1 - essa é a primeira prova de uma série de cinco que *eu vou ter que fazer* durante o ano todo então as notas vão ser balanceadas *eu não vou ter que tirar* média nesta... (t 8 -O)

Nem sempre **ter de** expressa obrigatoriedade, expressa também necessidade. No trecho em que conversam sobre o falecimento da diretora do Objetivo, N encerra o tópico, recorrendo à necessidade da morte:

- (80) L1 - é:: fazer o quê? um dia ou outro... *você tem que ir* né? o pior quando você não/ o pior quando você não aproveita nada aqui né?(t 196-B)

A forma modal no presente do indicativo *tem que ir*, além de expressar resignação do falante, evidencia a sua avaliação do estado de coisas futuro, ou seja, ele encara a ocorrência do evento como altamente necessária e que, fatalmente, ocorrerá um dia ou outro após o MF (modalidades epistêmica e alética).

Obrigação/ Ordem

Os verbos no modo imperativo como realização plena das deônticas estão ligados ao comportamento, à ação e à vontade do falante que considera a

realização (ou não) do evento implícita na obrigação, ordem, permissão e prescrição, determinada por ele. Vejam-se alguns exemplos

- (7) L2 - eu tinha levado material tudo... e eu sei que eu paguei a metade daquele cara e não paguei o resto... *não vou pagar* mais não B... ele não fez o que tinha combinado entendeu
L1 - ah *não pague* não... o que é isso ô xente (t 168-A)

Após avaliar o estado de coisas, V considera necessário o não pagamento e manifesta sua intenção a B que a encoraja a não pagar. A ordem negativa dada por B, além do valor prospectivo, pressupõe a intenção do falante de realizar o evento e é isso que motiva a ordem. O mesmo se aplica aos exemplos seguintes (de 81 a 84), em que o *presente do indicativo* (3ª pessoa) foi usado em lugar do *imperativo* afirmativo, o que é muito comum na linguagem oral:

- (81) L2 - | ela falou “o *carne* é dela... você fica com o toco... quando ela pagar... você *dá* o *carne* inteiro para ela... (t 65-E)
(82) L2 - | *tira* ela lá de dentro do guarda-roupa... *joga* ela lá em cima da minha cama (t 30-G)
(83) L1 - se algum dia você vier aqui eu não estiver aqui *você me procura* lá (t 125-M)

No próximo exemplo, N, insegura quanto a sua ida à costureira, busca apoio em D, que, pressupondo a intenção de N de realizar o evento, lhe dá uma ordem positiva, que nos soa como conselho ou sugestão:

- (84) L1 - então eu falei... “se a L tivesse aí se ela me atendia... eu ia lá agora”... até a hora de (fazer) o almoço dá tempo... né?
L2 - então *dá uma chegada*... quem sabe
L1 - é vou... vou dar uma chegada aí...(t 38-E).

Isso também se aplica ao exemplo (39) - *Vem amanhã... hoje não dá* (t 25-J), quando a cabeleireira sugere a N o dia seguinte. A gramática

O presente do indicativo *eu vou* expressa posterioridade do evento em relação ao MF: N irá à tarde. Entretanto, essa informação foi modalizada por: *eu quero ver*, que, comutável por *vou ver*, expressa a intenção do falante.

No inquérito 338 do NURC, após retomar brevemente o assunto visto na aula anterior: *oferta de moeda*, o professor introduz o tópico da aula: *A demanda de moeda*:

(86) Inf. (...) bom hoje então a gente **vai começar**...demanda de ... moeda...a gente **quer saber** agora... quais as razões...(l 8)

Os advérbios *hoje e agora* marcam iminente prospecção em *vai começar* e *quer saber*. Em *quer saber*, também comutável por *vai saber*, parece estar explícita uma medida de volição.

Quanto à sobreposição modal às formas que expressam futuridadade, nossos dados explicitam claramente sua ligação com as modalidades *epistêmicas* e *deônticas*, o que confirma a afirmação de Mateus et alii(1983) de que essas formas são o reflexo da avaliação do locutor sobre a ocorrência de tais estados de coisas.

A ligação do modo indicativo a um estado de coisas reconhecido pelo falante como necessário ou altamente provável explica a escolha do indicativo (em formas analíticas ou sintéticas) para se falar de eventos futuros. Ao considerar como necessário ou provável um estado de coisas futuro, o falante opta pelo indicativo porque exprime a sua avaliação/conhecimento dos estados de coisas. No entanto, tal constatação não é suficiente para explicar o uso popular

das formas no *presente do indicativo*, ao invés do *futuro do indicativo*, para se falar de coisas futuras.

Tem-se buscado diferenciar a forma *ir+infinitivo* da forma em /-re/~/-ra/ através de traços semânticos. No entanto, a experiência tem mostrado o contrário. Afirmar que a diferença entre elas está na relação *futuro próximo (imediato)* e *futuro distante* não procede, pois sabe-se que a forma perifrástica não se restringe ao *futuro próximo*, como é comumente veiculado. Assim como a forma sintética, ela expressa tanto futuridade próxima como remota. Ainda na mesma esteira, diz-se que na forma perifrástica está implícito o sentido de *iminência* que a distingue da forma sintética, o que também não procede. Comparando *eu vou pegar* com *pegarei*, comutáveis, em (61) *fica aqui espera aí que eu vou pegar um pra mim*, o sentido de *iminência* está implícito em ambas as formas verbais.

Há quem diga que a intenção do falante implícita na forma perifrástica distingue-a da forma sintética. Tal posição tem sua origem no inglês que considerava *will* auxiliar de *predição* e *going to* de *intenção*. Hoje, admite-se que não é bem assim (Close, 1977; Fleischman, 1982). Em determinados contextos, *will* pode expressar *intenção* assim como a forma *going to*. Indo além, o exemplo: *It is going to rain later* depõe contra a afirmação de que *intenção* é um traço exclusivo da forma perifrástica. Para que haja intenção, requer-se um agente humano, volitivo. Embora, no português, essa distinção não seja tão polêmica como no inglês, o mesmo se aplica àquele. Contrastando-se *vou pagar* comutável por *pagarei* em (7), e *não paguei o resto... não vou pagar mais não B*, percebe-

se que ambas as formas expressam a intenção do falante ao enunciá-las. Na intenção sobrepõem-se *1. vb, modalidade e aspecto*, ou seja, ao expressá-la, está implícita a atitude volitiva do falante como também as circunstâncias presentes que resultam na ação futura.

Há sobreposição de significados, que passam imperceptivelmente de um para outro, tornando difícil a distinção. Quando o participante do coquetel diz para o amigo: (61) *Fica aqui espera aí que eu vou pegar um pra mim*, está formalizando a *intenção* de executar um feito, que poderá ocorrer *iminentemente* ou num *futuro próximo*. Além disso, por ser relevante na momento da fala, seu início psicológico localiza-se no presente, daí o aspecto incoativo/inceptivo.

Essas formas se equivalem temporal e modalmente e buscar a diferença entre elas através desses traços não é muito producente. Como variantes livres, podem, muitas vezes, comutar-se e isso causa a migração imperceptível de significados que passam de um para outro, dificultando a distinção.

A seguir, abordaremos as formas de exprimir futuridade pelo modo subjuntivo, ao qual se associam as noções de possibilidade, probabilidade, dúvida (modalidades epistêmicas) e obrigação (modalidade deôntica). A natureza não fatual e subjetiva desse modo liga-o, de certa forma, ao futuro.

3.2.7 Futuro do Subjuntivo

O futuro do subjuntivo, como o próprio nome indica, expressa futuridade e, no português, é comum aparecer em orações temporais e condicionais. Já

mencionamos que estas são o contexto ideal para a realização das formas futurizadas, nas quais a idéia de certeza muitas vezes adquire matiz de determinação e comprometimento.

3.2.7.1 Orações Temporais

Esta é a estrutura típica da temporal:

conectivo	+	subordinada	+	principal
quando/ loc. temporal	+	futuro do subjuntivo	+	futuro do presente

No entanto, há variações que não alteram seu conteúdo proposicional. Dentre elas e, sem dúvida, a mais usada, o futuro do presente da principal é substituído por uma forma futurizada. Veja-se o exemplo:

- (87) L1 - então agora chama ela pra mim e Ó... *a hora que eu for* Aí você *vai apanhar* de mim... viu?
 L2 - por quê?
 L1 - porque você não deu o recado pra tua mãe anteontem
 L2 - não fui EU
 L1 - quem foi?
 L2 - foi o meu irmão
 L1 - ah... então você fala pra ele... que ele *vai apanhar* de mim... *vou cortar* o bingulim dele *a hora que eu for* aí... *vou* com uma faca *a hora que eu for* aí... está bom?(t 4-J)

O exemplo é típico da atuação do futuro do subjuntivo em oração temporal na língua falada. Ele aponta a simultaneidade ou a leve anterioridade do ponto de referência (*a hora que eu for* aí[futuro do subjuntivo]) ao evento (*você vai apanhar de mim* [presente do indicativo]): MF - PR,ME. Além de desencadear o uso do subjuntivo, a locução temporal *a hora que* parece deslocar a ação para frente, como se esta caminhasse para o futuro, exprimindo certeza. Além de (51)

e (52), já citados, vejam-se mais alguns exemplos em que nuances de comprometimento e determinação são reveladas pelo presente do indicativo:

(88) (...) acho que enquanto eu for fazendo esses banhos... essas coisas e assim que eu tiver condições **eu volto** (t 152-M)

(89) (...) não sei ainda vou decidir pensar aí **eu vejo** o que eu vou fazer (t 20-O)

O exemplo (89) é outra variante, na qual a temporal está implícita (quando eu decidir) e as orações não se ligam por conectivo ou locução, estão justapostas. Nos dois excertos seguintes, a cartomante explica um banho de descargo para o consulente. Veja-se que (91) complementa a sequência de procedimentos iniciada em (90):

(90) (...) quando você ver que está cheirando as folha **você desliga** o fogo e **deixa** esfriar normal ... **toma** o seu banho... antes de se enxugar **você joga** daqui pra baixo ((apontando o pescoço)) (...) é pra poder ajudar a descarregar... ajunta aquelas folha e a a hora que você passar numa água corrente **você joga** na água limpa (t 73 e 75-M).

(91) L1 - é bom pra ajudar a descarregar... quando terminar a velinha de queimar... **você abre** a torneira da pia... **pega** aquele copo de água e **joga** na pia (t 149-M).

Nas condições daquele que prevê e tudo sabe, a cartomante num plano imaginário descreve/prescreve toda a sequência do banho, sugerindo a realização do evento. Há duas maneiras de interpretar esses exemplos: considerar o presente como descritivo, ou seja, nesse plano imaginário, a cartomante expõe as ações, como se estivessem ocorrendo diante de si no momento da fala, pela qual tudo adquire caráter genérico e intemporal; a subordinada, sem expressar futuridade, introduz mais uma fase na seqüenciação dos eventos, um posterior ao outro. Outra maneira, com a qual mais nos indentificamos, é considerar que, mesmo

nesse plano imaginário e descritivo/prescritivo, existe a interação em que o você não é genérico, é a segunda pessoa do discurso, e as formas do presente são a alternativa atenuada do imperativo que, a cada nova etapa do processo, foram precedidas pela subordinada temporal, que continua atuando como elemento desencadeador de prospecção dessa forma.

Além das temporais, outro ambiente para a ocorrência do futuro do subjuntivo está nas condicionais.

3.2.7.2 Orações Condicionais

Num dos esquemas da condicional (*se + futuro do subjuntivo + futuro do presente*), há variantes como na temporal. Dentre elas, a mais popular é a em que o *futuro do presente* da principal é substituído por uma forma futurizada⁸⁹. No exemplo, temos um trecho do discurso relatado pelo rapaz do hotel:

- (5) L1 - [“olha... tem um senhor lá embaixo que é o que diz que é o pai dela e diz que **vai entrar** todo jeito se ela não for lá falar com ele diz que **vai entrar** de calção no hotel eu estou pedindo pra ela ir lá”
L2 - você vi el fa/ viu ele falar com quem? (t 107-A)

A ocorrência dupla de *vai entrar* mostra a posição do pai da modelo no momento da enunciação. São formas condicionadas, que poderiam ter acontecido

⁸⁹ - Para verificar os diferentes graus de vinculação estabelecidos na constituição das condicionais, cf. o estudo quantitativo de Gryner (1995). Devido ao pequeno número de ocorrências com o *futuro do presente* (apenas 0,4% dos 482 casos) e à hipótese de que está praticamente desaparecendo do português coloquial, a autora substituiu essa forma pela perífrase (*ir+infinitivo*) na descrição de um dos esquemas das condicionais. Para ela, (FP) é igual (ir + infinitivo), no esquema (FS) futuro do subjuntivo + (FP) futuro do presente.

após o MF (apódose condicionada) , visto que ele condicionou a sua não-invasão à vinda da filha (prótase condicionante).

A oposição entre a temporal, no exemplo (87), e a condicional, no exemplo (5), relaciona-se mais ao modo do que ao tempo. Embora ambas sejam avaliadas no momento da fala e apresentem situações eventualmente reais, cujas realizações não são confirmadas, a ocorrência de uma parece menos provável que a da outra. Enquanto a locução *a hora que*, de certa forma, projeta a ação para um futuro, a conjunção condicional *se*, ao impor uma condição, restringe a ação:

- (92) L1 - e *depois se a mãe quiser* a criança de volta... ah... *vai mexer* com ela... com a sua irmã... né? com as PRÓPRIAS CRIANÇAS da sua irmã... né?
L2 - NOSSA...(t 139-L).

A ação contida na afirmação *vai mexer* está condicionada ao querer da mãe que a restringe, podendo ocorrer ou não. Em termos semânticos, há sobreposição de valores modais e temporais. Na apódose condicionada, a forma perifrástica *vai mexer*, no presente do indicativo, expressa posterioridade do E em relação ao MF. Tem-se um evento posterior que pode ser possível, que não é confirmado mas apenas marcado (*depois*), como ocorre com todas as formas que expressam futuridade. Entretanto, apesar dessa restrição, matizes de certeza, comprometimento e determinação estão presentes nas afirmações condicionadas da mesma forma que nas temporais. Além de (46) a (50) e de (53) a (55), já citados, confrontem-se mais alguns exemplos:

- (93) (...) mas se este desequilíbrio continuar... aí sim... **você vai atrair** este tipo de situação (...) se você deixar/ não cuidar desse aspecto... por exemplo... você **vai acabar** atraindo este tipo de situação... (t 93-N)
- (94) (...) mas é a se for perguntar pra ele **ele vai negar** categoricamente sabe? (t 128-O)
- (95) (...) se você não aproveitar pra torcer roupa de manhã... **depois não torce**... (t 34 F)

A marca de certeza, *você vai atrair*, *você vai acabar* (93), *ele vai negar* (94), na principal, confirma a provável existência de relação semântico-pragmática entre o conteúdo proposicional da subordinada e a atitude avaliativa de certeza e comprometimento do falante, expressa pelo presente do indicativo da principal, na forma simples ou perifrástica.

Embora a sequência *condicional + principal* seja a ordem mais usada⁹⁰, em (28) tem-se *principal + condicional*, ou seja, um caso em que a condicional está posposta:

- (28) (...) ele disse “olha... **eu só me caso com você** só quando tiver um papa polonês”... (t 147-Q)

As condicionais pospostas ocorrem com frequência no esquema *só q se p* e, à primeira vista, nota-se que o operador *só* relaciona-se com a condicional posposta, que o restringe: **eu me caso com você** só quando tiver um papa (...). Esse esquema expressa a condição lógica necessária e suficiente (*se e somente se p, q*). Para Gryner (1995:75), as condicionais pospostas atuam como especificações de um modificador (no exemplo acima, o operador *só*), uma

⁹⁰ - Nos dados de Gryner (1995:74), 84% encontram-se nesta ordem, que é a “natural” ou não-marcada. Tal ordem resulta do princípio da iconicidade: as condições precedem os fatos condicionados.

expressão de atitude ou um ato de fala referido ou implícito na oração principal anteposta, daí o seu caráter restritivo. Apesar disso, seu conteúdo proposicional se mantém inalterado. O mesmo se dá com as variantes na estrutura da condicional, das quais apresentaremos alguns exemplos:

(47) (...) eh: vou ver se eu já tenho trocado **eu já te levo**... (t 48-E)

(96) (...) ele falou assim “hã-hã... não... vocês estando aqui até umas nove horas... **eu já dou andamento no processo**... (t 87-L)

(97) (...) “ô” falei pra ele né? “se cair aí o senhor nem atende” (t 6-K),

Enquanto em (47) a subordinada condicional está no presente do indicativo, em (96), o valor temporal/condicional, implícito na reduzida de gerúndio, justapõe-se à principal. Já em (97), o verbo da principal está no presente com valor de imperativo. Apesar das variações, tanto o conteúdo proposicional da subordinada como a atitude de certeza e comprometimento do falante expressa pelo presente do indicativo da condicionada são permanentes.

Embora as condicionais e temporais apresentem situações eventualmente reais, cujas ocorrências não são confirmadas, a realização de uma parece menos provável que a da outra. Como estamos interessados no modo como os falantes/ouvintes consideram esses eventos e não na sua realidade (Weinrich, 1970), para nós isso não é muito relevante.

Tal discussão nos remete a um novo tópico - ao *futuro do pretérito* - à forma em */-ria/*, que faz parte do esquema da condicional *se + imperfeito do subjuntivo + /-ria/*.

3.2.8 A forma em /-ria/

Ao invés de *futuro do pretérito*, optou-se pela denominação forma em /-ria/ porque abrange o uso modal e temporal a ela atribuídos (cf. Câmara Jr., 1956, e Bezerra, 1993). Em nossos dados, o maior número de ocorrências se dá na sua função modal, expressando várias modalidades, dentre elas *polidez*, como no exemplo:

- (98) (...) mas escuta... mas então você *diria* que o Serra caiu numa cilada? (t 32-Q),

ou exprimindo ação hipotética nas apódoses de sentenças condicionais:

- (99) (...) o próprio Fernando Henrique... *se nunca tivesse sido* ministro da fazenda... *se fosse* apenas ministro exterior do Itamar... *ele não seria* eleito (t 60-Q)

O *imperfeito do indicativo*, como variante da forma em /-ria/, é muito comum no português coloquial falado. Os excertos (100) e (101), abaixo, e a sua frequência nos dados o confirmam:

- (100) (...) *se ela pagasse* consulta *ela não ia tanto*(...) *se pagasse* consulta *tinha* que fazer alguma coisa(...) *não ia... não ia...* (t 259 F)

- (101) (...) *se eu pudesse eu me casava* amANHÃ *mandava* a faculdade às favas ((risos)) não de verdade... (t 17-O)

Vemos, nesses exemplos, os valores *irreal* e *contrafactual* das condicionais. Os irrealis são expressos pelo esquema *se + imperfeito do subjuntivo + /-ria/ ou variante(imperfeito do indicativo)* Em (100) e (101), o *imperfeito do indicativo* da principal, como afirmação condicionada, estabelece com a subordinada (prótase condicionante) uma condição não-provável

(hipotética), agora ou no futuro. O excerto (99) explicita a contrafactual cujo esquema é *se + pretérito mais-que-perfeito (modo subjuntivo) + futuro do pretérito composto*. Está implícita, em *se nunca tivesse sido ministro da fazenda...*, a afirmação condicionada *ele não teria sido eleito*, isto é, a prótase determina uma condição impossível (contrafactual) em algum ponto do passado.

Já na sua função temporal, decorrente de sua relação com um tempo passado no contexto, caracterizando-a como *futuro do pretérito* - tema deste item, que ora se retoma - houve poucas ocorrências e, em todas, tal uso se realiza em contextos discursivos *narrativos*, em orações objetivas diretas, subordinadas a um verbo do tipo *dizer, falar, pensar, achar*. Veja-se um trecho em que V narra a confusão com o pai de uma das modelos antes do desfile:

- (102) L2... ele estava embriagado... com uma espingarda doze na mão... *dizendo* que *ia entrar* de todo jeito... porque todo mundo dentro daquele hotel era ... isso e aquilo sabe (...) aí veio o segurança do hotel... o segurança você nem conhece B não dá pra notar de jeito nenhum... aí *eu disse* que... como é que se diz... *ela ia descer* de todo jeito tal (...) e essa menina não queria descer depois veio a mãe a mãe *disse* que subiu com o segurança não sei o quê...que que *ela não ia descer* tal e tal (110 e 114-A)

Ia entrar, ia descer e não ia descer complementam diretamente *dizer*, ou seja, como verbos da oração subordinada objetiva direta, exprimem futuridadade em relação a um passado *disse*, da principal. O mesmo se aplica ao exemplo seguinte, em que *falar* é o verbo da principal:

- (103) (...) *falavam* tanto que *ia ser* horRÍVEL... que *eu não ia agüentar* a DOR... não está sendo não (t 59-B)

Tal estrutura decorre do *discurso indireto*. Diferente do *direto*, que permite ao falante atualizar o passado, representando a fala como se estivesse

ocorrendo no presente momento, o *indireto* situa-o no quadro temporal próprio e, para expressar o que era futuro no momento passado, a concordância entre as formas verbais (*consecutio temporum*), nesse contexto, aponta para a forma em */-ria/* ou *variantes*.

Se o futuro do pretérito, no discurso indireto, é correlativo ao futuro do presente no direto, o imperfeito provavelmente o é de uma forma futurizada (*presente futuro* ou *ir+infinitivo*). Isso revela a origem do imperfeito como variante da forma em */-ria/* e aumenta a já alta frequência e popularidade das formas futurizadas.

Vejam-se exemplos em que a principal é uma oração modalizadora:

(104) (...) ele queria ser candidato... ele queria... e *ele achava* que o prejuízo provocado pela recusa... *seria* maior que a derrota eventual... correu o risco... (t 33-Q)

(105) (...) engatei a primeira marcha e fui embora... até encolhido porque *achando* que *ia receber* algum outro tiro e foi um ato de:: instintivo de legítima defesa...(t 5-P)

(106) (...) foi um caos não foi? a porta dupla a gente *pensava* que *passava* a arara... uma grade que a gente arrumou né? (...) e:: e *ia passar* e *iria* pro lobby que é aquela salinha ante-salazinha do: salão entendeu?(...) mas acontece que a porta a gente *pensando* que *ia abrir* mas não abria... ela era... estava pregada de prego... (t 23, 27 e 29-A)

Apesar de subordinadas a uma principal modalizadora, as formas verbais ainda continuam exprimindo futuridade em relação a um passado, modalizado ou não. Em (106), a combinação no uso da forma em */-ria/* e sua variante demonstra a equivalência funcional das duas.

Os dados revelam que o *discurso indireto* (cf. Câmara Jr., 1956:52)⁹¹ é o contexto ideal para função temporal da forma em */-ria/*, confirmando os resultados de Bezerra (1993). Mesmo não tendo operado quantitativamente, a forma em */-ria/*, no corpus, como modal, supera a temporal, revelando que, embora não seja basicamente modal, a sua força de atuação expressiva está na modalidade. Bezerra (1993:225) atribui o número reduzido da forma em */-ria/* na função temporal ao fato de o falante raramente se colocar em um determinado ponto do passado para evocar um evento posterior a esse passado, mas não diz por quê. Para nós, isso tem a ver com escolha discursiva. Nas narrativas orais, constantemente o locutor tem de representar o que era futuro no momento passado e para tanto possui duas opções: *discurso direto* e *indireto*. Parece-nos que, diante do exercício que seria situar o passado em um quadro temporal próprio requerido pelo *discurso indireto*, o locutor opta pelo *direto* por sua simplicidade e expressividade. Sem dúvida, esse processo de atualização do passado, reproduzindo as palavras do discurso direto, parece ser mais simples e mais eficaz em termos expressivos, haja vista a grande frequência desse tipo de discurso nos dados.

Em seqüência, abordaremos o *futuro do presente* - forma */-re~/ -ra/* - prescrita pela gramática. Não existe diferença entre o *ir+infinitivo* e o *presente do indicativo* com valor de futuridade. Qual a diferença de significado entre o

⁹¹ - Considerando o futuro do pretérito um tempo relativo, Gili Gaya (1955) demonstra que o seu valor temporal pode ser também explicitado pelo contexto (apud Bezerra, 1993). Isso pode até ser possível, entretanto, nossos dados se direcionam para a conclusão de Câmara Jr. (1956), que considera o *estilo indireto* o contexto para a função temporal dessa forma.

futuro do presente e as *formas futurizadas*, principalmente, *ir+infinitivo*, não registrada pela gramática e de longe a mais popular? Embora já tenha sido inferida uma diferença, quando falamos sobre o presente do indicativo “marcado” como forma futurizada (cf 3.2.5, p. 155), fomos aos dados, com o intuito de observar o seu contexto de ocorrência, de contrastá-lo com a *forma perifrástica* e, a partir daí, definir o seu significado.

3.2.9 Futuro do presente

Houve apenas quatro ocorrências da forma em */-re/-ra/* em nossos dados, o que evidencia seu papel secundário em relação à forma perifrástica *ir + infinitivo*, sem dúvida, a mais utilizada para expressar futuridade. Veja-se um exemplo de sua ocorrência em nosso corpus. É um trecho de [M], em que a cartomante prevê o futuro de E:

(107)L1 - (...) estou firmando os ponto pra poder abrir seus caminho... e você *vai conseguir* se Deus quiser... fortuna... felicidade... paz... viagem... passeio... no amor... *vai conseguir* morar no que é seu e não *vai morar* no que é dos outro ... tudo que você pensar... que você desejar você *vai alcançar*... se cuida muito de certas pessoa que você anda junto... e se cuida bastante também nas suas viagem... sempre vai com pensamento positivo... que *as coisas boas virão* pra você e algumas coisinhas que acontecem é coisa que você tem que passar mesmo... mas coisas grave... ruim assim não estou vendo pra você não (...) e Deus que te ajude e que te acompanhe ((ininteligível))... quer fazer mais alguma pergunta pode fazer? (t 87-M).

O que teria motivado a cartomante, M, que durante mais de vinte minutos se utilizou da forma perifrástica, optar por *virão*, comutável por *vão vir*? Deve

haver algo mais, além da consideração de Thomas (1969), que vê o uso do futuro do presente, no discurso oral, restrito às formas monossilábicas: *ser, estar, ter, dar, ir*. Aparece no encerramento do tópico, soando como uma fórmula, uma frase feita. Isso é comprovado na sua recorrência, quando o consulente retoma o tema, perguntando sobre sua situação financeira:

- (108) L1 - mas *vai entrar* um dinheiro bom
 L2 - esse demorar bastante... a senhora acha quanto tempo?
 L1 - dois ou três anos
 L2 - ah tá... está bom
 L1 - está bom?
 L2 - está bom então
 L1 - e mais *as coisas boas virão pra você*... você resolve... se você quiser... então agora até o fim do mês *vou fazer* uma viagem e *vou ficar* uns três meses fora (t 101-M)

Ao tentar fechar novamente o tópico, M recorre à fórmula: *as coisas boas virão pra você*, citada anteriormente, que parece atuar como marca lingüístico-discursiva, delimitando o tópico. Isso vai ao encontro da constatação de Koch et alii (1992), para os quais a parte final do segmento tópico apresenta-se freqüentemente marcada por mecanismos de recorrência semântica, tais como paráfrases, repetições, provérbios e frases feitas. Além disso, tal escolha poderia ser por eufonia. Com freqüência, os falantes evitam sons desagradáveis e *vão vir* é um deles.

Num momento de [Q], C expõe o que ocorria politicamente, por trás dos bastidores, na época da sucessão do papa Paulo VI, substituído por João Paulo I, que morreu logo depois. No trecho abaixo, C, que o conhecera como cardeal, narra, no discurso direto, a conversa que teve com ele antes de se tornar papa:

- (109) L4 - ele disse “ *você não vai perguntar nada?*” aí eu disse- “*não... eu estou de férias...não estou a serviço*” ele disse “*eu pensei que como jornalista você fosse perguntar*” “*já que o senhor quer uma pergunta eu vou perguntar... se o senhor fosse papa*”... ele disse... “*meu filho... eu não serei papa nunca... porque eu gosto de batizar crianças... em Roma não se batiza crianças*”... isso ele me disse dois anos antes de ser papa... (t 139-Q).

O discurso direto destaca a ocorrência: o fato de ele ter se tornado papa dois anos depois. Veja-se, também, como o cardeal encerra o tópico proposto - com uma negação formulaica. Expressões do tipo: *eu nunca o verei, jamais esquecerei* são comuns em conclusão de tópicos.

No exemplo seguinte, enquanto o queijo derrete, a informante fala sobre o concurso de receitas promovido pelo programa:

- (110) Inf. (...) então vamos lá... mexendo sempre... olha esta semana é a última para vocês mandarem as suas receitas hein (...) então daí eu *vou divulgar* o nome de cada... de cada semifinalista... e essas dez pessoas que foram escolhidas *terão de comparecer* no Tênis Clube Paulista no dia doze de setembro às catorze horas com o prato já elaborado e enfeitado... né? e *vão passar* por uma comissão julgadora...(linha 15-R)

O tom do falante na descrição da receita é bem informal, quase o tempo todo. No entanto, ao apresentar as regras do concurso, deixa transparecer um grau de formalidade e injunção. Ao discorrer sobre o que é obrigatório (o comparecimento dos finalistas), marca-o com a forma *ter que* (modalizador de obrigação) no *futuro do presente*. Tal forma, ao apresentar quebra com o presente do falante, mostra-se distante e imparcial, tornando esse trecho bem formal.

Isso nos fez procurar o contexto discursivo para ocorrência da forma *sintética*. Por analogia com a escrita, é possível inferir que, ao falar oficialmente,

as pessoas tendem a monitorar o seu discurso, favorecendo sua manifestação. Entretanto, apenas o contexto monitorado é insuficiente, é preciso averiguar o tipo de discurso desencadeador desse uso. O seu aparecimento, no exemplo (110) e em muitas declarações de políticos, juízes e executivos na televisão, aponta para o injuntivo. Nossos dados não revelam essa conclusão. Excetuando-se a presença da forma sintética nas fórmulas, a sua escassez em situações discursivas informais nos dados possibilita-nos, com Fleischman (1982), apenas confirmar o seu declínio no discurso oral do português brasileiro e encerrar nossa pesquisa. Isso nos levou a rastrear a forma */-re/-/-ra/*, em noticiários de televisão e no programa *A Voz do Brasil*, pinçando apenas a sua ocorrência nas declarações de políticos e juízes, que julgávamos não estarem sendo lidas no MF.

No exemplo, o embaixador Sergio Amaral, secretário da Comunicação Social da Presidência da República, fala sobre o regulamento do concurso para escolher logomarca para o Mercosul:

- (111) (...) e a entrega das propostas *vai* até o dia catorze de novembro... aí uma comissão julgadora... integrada por oito representantes dos quatro países... *julgará* para uma primeira triagem das trinta/ das trinta melhores propostas feitas por publicitários (...) e depois então esse júri *vai... e:: examinar* a:: a proposta vencedora... uma vez escolhido... o vencedor *ganhará* um prêmio... de dez mil reais... mais o que é mais importante é que esse... eh desenho vencedor *será* submetido aos ministros e depois aos presidentes do Mercosul e como nós esperamos... se for aprovado... ele então *será* adotado como símbolo do Mercosul. (...) bom em primeiro lugar... elas têm que obter uma cópia do regulamento (...) se alguém não tiver acesso ao Diário Oficial... preferir... *poderá solicitar* uma cópia do regulamento à Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República... (U'h)

Considerando-se que, no contexto discursivo *injuntivo*, o locutor encontra-se na perspectiva do fazer posterior ao MF e a sua atitude é a do querer, desejar e

determinar, tem-se aqui uma situação injuntiva, análoga à (110). Ao explicar o tipo de concurso e a norma de participação, o embaixador se utilizou da forma sintética, várias vezes, dando ao discurso tom formal e normativo. O mesmo se aplica aos exemplos:

(112) (...) o tribunal vem fazendo um trabalho de divulgação do ato de votar... como votar... e o eleitor deverá levar no dia... apenas os números dos candidatos escritos em um papel...(t 6 T'e)

(113) (...) sinceramente... haverá grande facilidade para o usuário... principalmente porque todos os formulários... todos os modelos... todas as regras de jogo estão aí contempladas... então os operadores de sistema... os juízes... os promotores... os funcionários de cartório... saberão exatamente... o que fazer... quando fazer e como fazer... então evidentemente que só vai reverter em benefício da população (T'c)

Em (112), ao explicar o procedimento no dia da eleição, o ministro do TSE incita a realização do evento; o mesmo faz o juiz LCF, quando *argumenta* sobre a facilidade dos novos folhetos para adoção, em (113). E a forma em /-re/~/-ra/ contribui marcando a formalidade nesse tipo de discurso. Vejam-se exemplos em que a injunção está implícita na *argumentação* do falante:

(114) (...) muitas empresas... que vivem na clandestinidade... passarão a engrossar o mercado formal com repercussão imediata na Previdência Social e na arrecadação de tributos... essa mudança de rumos... que só se concretizará com a aprovação nesta casa... do novo estatuto da microempresa e da empresa de pequeno porte já aprovada no Senado. (U'b)

Ao argumentar a favor do estatuto das microempresas, S C usa da injunção, ao falar sobre aquilo que deve ser e acontecer. No trecho seguinte, A S faz o mesmo, quando defende a emenda da reeleição do presidente FHC:

- (115) (...) todo mundo sabe... tem consciÊNCIA de que se colocar o poVÃO... aquele lá do salário mínimo... esse cidadão que tem dificuldades de vida... mas que está com o armazém e o supermercado com preços identicos há vinte e oito meses... *se ele for chamado a se pronunciar... ele se pronunciará* positivamente à política econômica em vigor...teria dados aqui... (U'c)

O mesmo se aplica ao exemplo no qual o ministro C V explica por que o tribunal manteve a lei que criou o teste que avalia as universidades:

- (116)(...) eu penso que é razoável exigir-se de que os alunos prestem uma prova a fim de se avaliar a eficiência do curso que fizeram... *se... éh... for dada... for constatada ineficiência...* as gerações futuras *poderão beneficiar-se*. (U'i)

A seguir, FHC discursa (sem texto escrito) sobre a situação do país, firmando sua posição de não ceder a pressões:

- (117) (...) e porque nós não cedemos às pressões... para... dar facilidades hoje que corroem a moeda amanhã... e não *vamos ceder...* de quem quer que seja... os ministros da área sabem que o presidente jamais fez pressão nesse sentido... *se o presidente não fez...* não *hão de ser* os governadores que *farão... não o farão...* ou melhor... podem fazer... não *será* por aí o caminho... porque o caminho é o do entendimento é da busca efetiva da compreensão... (U'g).

A injunção, implícita naquilo que o presidente quer que seja feito, marcada pela forma sintética, evidencia toda a seriedade da situação. No exemplo, no qual se demanda reação contra a proposta de massacre aos servidores públicos, ela atua como incitamento:

- (118) (...) o Congresso Nacional... não *poderá ficar calado...* perante essa violência contra os servidores públicos do nosso país... e contra o Congresso Nacional... obviamente... que está em debate a reforma administrativa... previdenciária...(U'a)

Em *o Congresso Nacional não poderá ficar calado* o tom é de conclamação, que se evidencia muito mais em (119) abaixo, no qual C R argumenta contra a demarcação de terras indígenas:

- (119) C. R. - *Nós passaremos* a votar contra todas as propostas do governo... se eles insistirem em demarcar esta área contínua...(…) ali SIM minha GENTE... é uma/ um verdadeiro quartel-general das comunidades internacionais...(…) mas acima de tudo a minha certeza que esta casa... de uma forma digna *haverá de pressionar* o senhor Presidente da República para evitar a demarcação contínua na Raposo Serra do Sol (U'd).

Usando a primeira pessoa do plural, o falante inclui-se entre os que tomarão responsabilidade daquilo que ele quer que seja feito, enfatizando ainda mais a idéia de conclamação. O mesmo se aplica ao exemplo:

- (120) (...) precisamos dobrar o tempo que estes brasileiros estudam... fazendo isso... *estaremos* cumprindo a Constituição que diz que todo brasileiro tem direito a pelo menos do ensino fundamental completo... *chegaremos* a esse patamar em futuro próximo... pois o Programa Nacional de Educação Profissional é um dos quarenta e dois projetos prioritários do Brasil em ação... (U'e)

Observando-se as formas *vamos ceder* (117) e *passaremos*, *estaremos*, *chegaremos* (119) e (120), todas na primeira pessoa do plural, percebe-se diferença de tom entre elas. Embora na perifrástica o falante chame os interlocutores à ação, incluindo-se, também, no rol dos agentes daquilo que deseja ver feito, na conclamação expressa pela forma sintética há um tom de solenidade, inexistente em *vamos ceder*. Parece-nos que este *nós majestático* é a consequência maior das ligações entre formalidade e injunção nesse contexto discursivo.

De (110) a (120), tem-se uma fala pública, formal, injuntiva no sentido de expressar o que deve ser ou acontecer ou de levar o outro a determinado comportamento, que decorre da solenidade da situação. Parece-nos que esse alto grau de formalidade ligado ao de normatividade e injunção leva ao uso da

forma sintética, tornando-a mais usada em situações solenes. Situações estas altamente modalizadas, muitas vezes marcadas por auxiliares modais como em (111), (112), (116), (118). Em (121), ANF responde sobre o prazo para apreciação das propostas de análise do sistema político brasileiro:

(121) (...) logo em seguida... ainda no ano de... no ano que vem... de noventa e sete... o congresso deverá se debruçar sobre as reformas políticas... *é* um ano bom... porque *é* um ano que **nós não temos** eleição de modo que a/ esses temas **estão** maduros para a:: a discussão e a votação. (U'f)

A ruptura com o presente do falante é o que torna a forma /-re~/ -ra/ psicologicamente neutra, distante e imparcial e, portanto, adequada para esse contexto discursivo. Tome-se, por exemplo, **nós passaremos** em (119), no qual a desinência -remos na primeira pessoa do plural do futuro do presente do indicativo acopla-se ao radical /pass-/ /-a/ de ação, expressando um fazer por parte do sujeito. É até possível ter-se a avaliação e o conhecimento do estado de coisas como necessário ou altamente provável pelo falante, mas o que não se tem é a certeza, determinação ocorrida no momento da fala, tão bem expressa pelo morfema do presente do indicativo (cf. *é*, **nós não temos**, **estão**, em 121).

É nessa “marca” que parece estar a diferença entre as formas futurizadas e a forma “não-marcada”, sintética, na qual tal efeito parece não ocorrer. Em suma, a combinação de tudo isso dá um tom de seriedade, solenidade e ritual ao que está sendo dito, caracterizando essa forma também como *formulaica* nesse tipo de discurso.

A essa somatória, acrescente-se a sobreposição de traços da modalidade escrita que passam para a oral e vice-versa. Essa fala pública, formal e injuntiva,

nos exemplos acima, está próxima do pólo da escrita, situado ao longo dos dois contínuos sobrepostos, sugeridos por Marcuschi (1995). O autor não considera as relações entre as duas modalidades de uso da língua - fala e escrita - tão óbvias e lineares que possibilitem postular polaridades estritas e dicotomias estanques, ou seja, enquanto a fala é informal, não-normatizada, a escrita é formal, normatizada. Para ele, ambas apresentam um contínuo de variações que dão margem a semelhanças e diferenças (cf. gráfico p.11). As falas, nos exemplos de (110) a (120), estão muito mais próximas do pólo da escrita, o que também contribui para o uso da forma do futuro */re~/~ra/*.

Cogitou-se que a monitoração, decorrente do discurso oficial, favoreceria a manifestação da forma sintética. Deve haver monitoração nesse tipo de discurso como não o há em um discurso mais espontâneo. Entretanto, como já inferido, não é apenas a fala monitorada que leva as pessoas ao uso do *futuro do presente*. É isso e mais a proximidade do discurso injuntivo e normativo ao pólo da escrita, no contínuo tipológico das práticas sociais de produção textual. Acrescente-se a formalidade e solenidade da situação decorrentes desse discurso que, rompendo com o presente do falante, torna a forma */-re~/~ra/* apropriada para esse contexto discursivo.

Enquanto o futuro do presente ocorre em estruturas *formulaicas* em alguns contextos de fala espontânea e de fala oficial formal, as formas futurizadas são irrestritamente muito mais usadas na fala informal espontânea, na qual a monitoração é zero. A suposta supremacia da escrita sobre a fala e a

equivocada relação da forma sintética com a escrita levam a considerar a forma *sintética* como pertencente à língua culta, colocando sua contraparte *ir+infinitivo* sob a categorização não-culta, ou seja, é a forma das falas populares não-escolarizadas, o que não é verdade. Ao falar espontaneamente, as pessoas cultas se utilizam predominantemente da forma perifrástica e os números em pesquisas quantitativas comprovam isso. Baleeiro (1988), em seu trabalho sobre o futuro do presente no português *culto* falado em São Paulo, registra 385 ocorrências da forma *ir+infinitivo* com valor de futuridade contra apenas 81 da forma sintética em /-re/~ /-ra/, o que evidencia a sua utilização por todas as camadas sociais do português.

Kahane e Hutter (1953), há quatro décadas, afirmavam o desaparecimento da forma sintética em conversações informais do português brasileiro. Não tão categórico, Thomas (1969) vê o seu uso restrito às formas com radicais futuros monossilábicos: *ser, estar, ter, dar, ir*. Os dados revelam não ser uma coisa nem outra, ou seja, há radicais futuros com mais de uma sílaba (*pronunciará* , *concretizará*), que também aparecem em alguns contextos no corpus. Em termos comparativos, o pequeno número de formas sintéticas em situações discursivas informais possibilita-nos, com Fleischman (1982), confirmar o seu declínio no discurso oral do português brasileiro.

4 CONCLUSÃO

Os textos analisados revelam que a combinação de vários fatores lingüísticos é responsável pela expressão da futuridade no português falado. Apesar das marcas, o futuro é tempo verbal, cuja força e produtividade estão nas diversas formas de que a língua portuguesa se utiliza para expressá-lo.

As formas *futurizadas* (*perifrástica ir + infinitivo* e *presente futuro*) são as mais freqüentes, revelando a supremacia de *ir+infinitivo* como marcador de futuridade e um padrão evolutivo que se repete desde o latim, ou seja, um futuro sintético segue em sincronia com uma formação analítica de origem aspectual ou modal durante um longo período, antes de a forma analítica se aglutinar e passar a assumir a função temporal de sua forma sintética copresente.

O traço marcante da *forma perifrástica* está na noção aspectual prospectiva de relevância do presente cujo relacionamento com esse momento independe da distância ou proximidade de realização de um determinado evento ou ação futura expressos por ela. A relação de tal posterioridade com o presente é de natureza mais psicológica que cronológica, expressando a visão subjetiva do falante no momento da fala. A sua perspectiva pode até mudar, mas o evento em si, ocorrendo ou não, permanece fixo no tempo.

Ir+infinitivo e o *presente do indicativo* têm a mesma função. A escolha de uma forma ou de outra indica que ações futuras dependem de fatos presentes

(*relevância do presente*), tidos, muitas vezes, como certos e avaliados no momento da fala, o que tem muito a ver com a situação discursiva.

Tais formas se realizam em situação comunicativa predominantemente *ideacional - comentadora e preditiva* - que, ao trazer o falante mais próximo a seu discurso, favorecem sua ocorrência. É comum sua inserção em narrativas orais, principalmente no *discurso direto*, emprestando-lhes a seriedade, a tensão e o compromisso do discurso comentado. O contexto favorável para a passagem do discurso do narrador para o da personagem é a *complicação*. Embora faça parte do mundo narrado, o momento de tensão nela implícito favorece a interferência e a perspectiva do falante, via presente.

Tal perspectiva se reflete na maneira como aquilo que se diz é dito. Em quase todas as formas que expressam futuridade, transparecem graus de certeza, comprometimento e vontade do falante, ou seja, está implícito o modo. Sobrepõem-se à natureza temporal dessa forma os valores modais e aspectuais, predominando ora um, ora outro, neste ou naquele enunciado. Devido à dificuldade de classificação, consideramos que, além de futuridade, essas formas estão intrinsecamente ligadas às modalidades *epistêmicas* e *deônticas*.

As relações sintático-semânticas que o verbo mantém com os demais elementos da estrutura frasal participam também da expressão da futuridade, que se realiza composicionalmente, através da combinação de vários fatores lingüísticos, dentre os quais os advérbios temporais ou outras expressões de tempo, marcando a distância entre o MF e o ME, a qual apresenta variação de

abrangência, que pode ser, no mínimo, pontual como também abranger período menor ou maior do futuro. Enquanto na forma *ir+infinitivo* tais marcas atuam como reforço da noção de futuridade já contida no seu interior, na do *presente do indicativo*, o marcador temporal ou contexto mais amplo do discurso propicia tal noção.

Dessa somatória participa também o aspecto semântico do verbo. Há uma interação primária entre a flexão temporal, o radical, conforme sua natureza semântica, e os adjuntos adverbiais na expressão da futuridade. O conteúdo semântico do morfema lexical dos verbos indicando *ação*, acontecer (*processo*) ou *estado* do sujeito e as marcas de número e pessoa contidas no morfema do presente do indicativo apresentam diferentes graus de dinamização, que contribuem para sua flexibilização, corroborando o valor prospectivo do presente do indicativo nesse contexto futuro, enfatizando a relevância do presente psicológico do falante através de matizes de comprometimento e determinação.

A distinção entre a forma *perifrástica* e o *presente do indicativo* parece estar nesses matizes modais - a determinação e o comprometimento estabelecidos no momento da fala expressos pelo *presente* são o que o diferenciam de *ir+infinitivo*.

O caráter prospectivo do presente do indicativo em contextos futuros, desencadeado pela interação entre o radical verbal, conforme sua natureza semântica, a flexão, segundo a situação discursiva, e o marcador temporal, contribui para explicar a constituição de uma noção, não de todo explicitada,

manifesta no *presente posterior*, de Reichenbach (1947), no *tempo diviso*, de Imbs(1960), no *ponto de interesse do falante*, de Close (1977), e na *relevância do presente* psicológico do falante, de Fleischman (1982).

As formas *futurizadas* podem também ser desencadeadas gramaticalmente. É comum aparecerem em orações *temporais* e *condicionais*.

Na oração *temporal*, o *futuro do subjuntivo* aponta a simultaneidade ou a leve anterioridade do ponto de referência em relação ao evento. Além de desencadear o uso do subjuntivo, a conjunção ou uma locução temporal parecem deslocar a ação para frente, como se esta caminhasse para o futuro, reforçando a expressão de certeza, comprometimento e determinação expressos pelas formas *futurizadas*, especialmente pelo *presente do indicativo*.

Como variantes do *futuro do presente*, ocorrem em um dos esquemas da *condicional*: *se + futuro do subjuntivo + futuro do presente*.

Apesar da sobreposição de valores temporais, a oposição entre a *temporal* e a *condicional* está relacionada mais ao modo do que ao tempo. Embora ambas sejam avaliadas no momento da fala e apresentem situações eventualmente reais, cujas realizações não são confirmadas mas marcadas, como ocorre com todas as formas que expressam futuridade, a ocorrência de uma parece menos provável que a da outra. Enquanto a locução *temporal* projeta a ação para um futuro, a conjunção *condicional*, ao impor uma condição, restringe a sua viabilidade. Apesar dessa restrição, matizes de certeza, comprometimento e

determinação estão presentes nas afirmações condicionadas da mesma forma que nas temporais.

A forma em */-ria/*, na sua função temporal, decorrente de sua relação com um tempo passado no contexto, caracterizando-a como *futuro do pretérito*, ocorreu muito pouco nos dados do corpus. Apesar disso, através de sua variante, o *imperfeito do indicativo*, contribui para evidenciar a produtividade das formas futurizadas.

A forma em */-ria/* se realiza em contextos discursivos *narrativos* e decorre do *discurso indireto*, (orações objetivas diretas, subordinadas a um verbo do tipo *dizer, falar, pensar, achar*), que situa o passado no quadro temporal próprio. Ao expressar o que era futuro no momento passado, a concordância entre as formas verbais (*consecutio temporum*), aponta para ela ou sua variante, o *imperfeito do indicativo*, que é mais freqüente.

Se o *futuro do pretérito*, no *discurso indireto* é correlativo ao *futuro do presente* no *direto*, o *imperfeito* provavelmente o é de uma *forma futurizada* (*presente futuro* ou *ir+infinitivo*), explicitando a origem do *imperfeito* como variante da forma em */-ria/* e acrescentando mais números à alta freqüência e popularidade das formas futurizadas.

O número reduzido da forma em */-ria/* na função temporal tem a ver com escolha discursiva. Nas narrativas orais, o locutor tem de representar constantemente o que era futuro no momento passado e para tanto possui duas opções: *discurso direto* e *indireto*. Parece-nos que, diante da dificuldade de situar

o passado em um quadro temporal próprio requerido pelo *discurso indireto*, o locutor opta pelo *direto* por sua simplicidade e expressividade. Tal processo de atualização do passado, reproduzindo as palavras do discurso direto, trazendo o falante mais próximo de seu discurso, parece ser mais simples e eficaz em termos expressivos, haja vista a grande frequência desse tipo de discurso nos dados.

Apesar de seu declínio na fala informal do português brasileiro, a forma /-*re/~ra*/ ocorre em alguns contextos, que definem seu *status*, distinguindo-a da forma *ir+infinitivo*. O contexto discursivo de sua ocorrência apresenta um grau de formalidade e injunção. Nele, a atitude do locutor, muitas vezes marcada por auxiliares modais, é a do querer, desejar e determinar. Nessa fala pública, há um teor de solenidade que culmina com o uso de um *nós majestático*, que parece ser a consequência maior das ligações entre formalidade e injunção nesse contexto discursivo. Tal grau de formalidade ligado ao de normatividade e injunção rompe com o *presente do falante*, levando ao uso da *forma sintética*, tornando-a mais usada em situações solenes, caracterizando-a como *formulaica* nesse tipo de discurso.

Enquanto a *relevância do presente* tem papel importante no desencadeamento do uso das *formas futurizadas*, a ruptura com ele é o que torna a forma /-*re/~ra*/ psicologicamente neutra, distante e imparcial e, portanto, adequada para esse contexto discursivo. Nesse fazer por parte do sujeito, é até possível a avaliação e o conhecimento do estado de coisas como necessário ou altamente provável, mas o que não se tem é o matiz de certeza, determinação

ocorrido no momento da fala, tão bem expresso pelo morfema do *presente do indicativo*. É nessa “marca” que parece estar a diferença entre as *formas futurizadas* e a forma “não-marcada”, *sintética*, na qual tal efeito parece não ocorrer.

Cogita-se que a monitoração, decorrente do discurso oficial, favorece a manifestação da forma sintética. Sem dúvida, deve haver monitoração nesse tipo de discurso como não o há em um discurso mais espontâneo. Entretanto, como já inferido, não é apenas a fala monitorada que leva as pessoas ao uso do *futuro do presente*. É preciso acrescentar a proximidade do discurso injuntivo e normativo ao pólo da escrita, no contínuo tipológico das práticas sociais de produção textual. Acresce a formalidade e solenidade da situação decorrentes desse discurso que, rompendo com o presente do falante, torna a forma */-re/-/ra/* apropriada a esse contexto discursivo.

Enquanto o *futuro do presente* ocorre em estruturas *formulaicas* em alguns contextos de fala espontânea e de fala oficial formal, as *formas futurizadas* são irrestritamente mais usadas na fala informal espontânea, na qual a monitoração é zero.

Na medida em que a forma *ir+infinitivo* não difere funcionalmente de */-re/-/ra/*, deveria ter o mesmo tratamento. Ao invés de *futuro imediato*, *próximo* ou *de intenção*, traços que não a distinguem da forma *sintética*, deveria ser chamada simplesmente de *futuro do presente perifrástico*, nomenclatura já sugerida por alguns autores. Seria reconhecer e institucionalizar um fato que se

vem constatando há muito tempo; ou seja, da mesma forma como na evolução cíclica do *t. vb* futuro do latim, no românico, esses dois tipos de futuro coexistem sincronicamente em nossa língua.

5 APÊNDICE

Em sequência, apresentamos, na íntegra, a transcrição dos documentos que fazem parte do corpus. Seguimos as normas para transcrição do projeto NURC/SP. Veja-se tabela abaixo:

Ocorrências	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Truncamento	/
Entonação enfática	maiúscula
Prolongamento de vogal e consoante (s,r)	:: ::::
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários do transcritor	(())
Superposição, simultaneidade de vozes	L
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto.	(...)
discurso direto	“ ”

(A) - QUE LOUCURA NÉ?

Tipo - conversação telefônica

Situação - telefonema espontâneo, sem que as locutoras soubessem da gravação

Ano - 1986

Falantes - B = L1 e V = L2, duas amigas com nível universitário, na faixa dos 30 anos.

Gravação - Luiz Antônio Marcuschi

1. L2 - alô
2. L1 - V
3. L2 - oi minha filha... tudo bom?
4. L1 - Como é que está?...nunca mais te vi depois daquele dia.
5. L2 - não foi... como é gostou?
6. L1 - gostei
7. L2 - gostou mais do do ano passado?

8. L1 - oh nem sei V... cada um tem um seu aspecto... né?
9. L2 - é
10. L1 - cada um tem o seu aspecto... no fim não sei não
11. L2 - Lahn
12. L1 - e e tu?
13. L2 - e:u eu gos/ sei não porque eu gostei mais do outro
14. L1 - foi?
15. L2 - é: não sei se é porque o tema é mais agradável o ambiente ao ar li:vre sabe?... tem essas coisas aí também né?...
16. L1 - é:: SIM... depois a gente procurou as roupas e::
17. L2 - Lah minha filha você não soube da catástrofe não
18. L1 - La aí sim... a gente procurou né...
19. L2 - éh
20. L1 - aí G também queria ver... aí éh:
21. L2 - Léh
22. L1 - G disse assim... “B que que é lobby?” eu disse “G lobby pra mim é isso aqui mas a gente não sabe muito inglês né?... pode ser que não seja”... aí ela disse “pois é não sei”... a gente te procurou um pouco... e não encontrou... aí depois M disse que que não deu pra passar as roupas não foi?
23. L2 - foi... a porta ((rindo)) foi terrível isso... foi um caos não foi? a porta dupla a gente pensava que passava a arara... uma grade que a gente arrumou né?...
24. L1 - sim
25. L2 - que geralmente chamam-se essas grades de desfile...
26. L1 - ahh

27. L2 - e:: e ia passar e iria pro lobby que é aquela salinha ante-salazinha do: salão entendeu?
28. L1 - ahn::
29. L2 - [mas acontece que a porta a gente pensando que ia abrir mas não abria... ela era... estava pregada de prego cada prego enOR:me de um lado... e só abria uma banda e com essa banda só não dava pra passar entendeu?
30. L1 - [ahn
31. L2 - [aí as roupas ficaram presas... muita gente ficou esperando teve gente que ficou esperando quinze vinte minutos lá embaixo... no no... no: no hall...
32. L1 - [ahn
33. L2 - [pensando que era lá embaixo e cadê as roupas cadê as roup/ tur!Stas e tudo ninguém viu... já pensaste?
34. L1 - que coisa né? pois é quando a M disse eu disse "não é possí::vel mas que... que que pe::na"
35. L2 - foi o outro vendeu tanto né?
36. L1 - não foi? vendeu muito na hora...
37. L2 - éh
38. L1 - que a gente depois foi procurar as roupas e não tinha mais
39. L2 - exatamente... agora foi bom: porque::... divulgou né tudinho
40. L1 - [ahn
41. L2 - e também eu tinha... tinha que os custos estavam pagos né...
42. L1 - éh
43. L2 - então não foi um prejuízo::... assim grande né... mas em termos de de... de venda foi péssimo né...
44. L1 - éh
45. L2 - agora tem aparecido muita gente sabe...
46. L1 - éh
47. L2 - ontem mesmo... sexta-feira não sexta-feira eu sumi ...
48. L1 - foi descansar
49. L2 - ((tossiu)) fui... pra descansar e ontem eu fui tinha muita gente e tal e umas manequins ainda tal e não sei quê... telefone e tal... agora de gente nova gente estranha é difícil viu
50. L1 - é?
51. L2 - eu acho... porque as pessoas que não... não conhecem pra ligar a primeira vez sei lá ... não sei... pode ser que apareça sabe
52. L1 - é tudo pessoas que você já conhecia é?
53. L2 - éh... quem está ligando são as pessoas conhecidas
54. L1 - que estão aparecendo né?
55. L2 - éh::... agora menina... éh::... mudando totalmente de assunto né?...
56. L1 - [ahn
57. L2 - [I está com febre B... J viajou ontem pro Rio...
58. L1 - ahn
59. L2 - I está com febre... eu vou levar ele hoje pro pediatra né...
60. L1 - [ahn
61. L2 - [mas eu estou morrendo de medo que seja sarampo alguma coisa dessa sabe?
62. L1 - é::?
63. L2 - éh::... porque a febre é dessas febres que você dá o remédio... ela baixa quando você vai passando o efeito do remédio já está subindo de novo... foi a noite todinha que ele passou assim... eu não sei eu não sei
64. L1 - [uhn
65. L2 - eu não sei eu não sei mais o que eu faça já dei banho de álcool... banho de bolsa de gelo na cabeça... uma febre terrível... não sei o que eu faça
66. L1 - mas que coisa... mas vai pra pedi/ com ele pra pediatra hoje né?
67. L2 - vai... está marcado hoje... mas está marcado pras duas horas digo "meu Deus do Céu vai demorar tanto a passar"... e ainda tenho SIM ainda tenho que: ir no Hospital do Câncer hoje prestar conta do: dum bocado de talão ainda porque eu ainda tenho gente pra me entregar ainda tenho um que eu vou buscar na:: Encruzilhada...
68. L1 - [ahn
69. L2 - [e tem um que eu vou buscar na Sudene ((pigarreia))
70. L1 - [A::ve Maria
71. L2 - pra ir no Hospital do::
72. L1 - do Câncer
73. L2 - [do Câncer é... porque ainda faltou:: gente me entregar sabe?
74. L1 - ahn... mas aquela menina estava ótima como sempre Miúcha né
75. L2 - Miúcha como sempre né
76. L1 - é a melhor eu acho
77. L2 - é:: ela não
78. L1 - [foi a melhor ali
79. L2 - [é: ela não/ ela é profissional né?...
80. L1 - éh:
81. L2 - tinha outra profissional mas como é! se lembra aquela do Saruel que estava com o colete aquela blusa fina por baixo
82. L1 - uhm:: éh::
83. L2 - Veruska
84. L1 - aquela do cabelo comprido?

85. L2 - do cabelo comprido liso é
 86. L1 - liso?
 87. L2 - sim que estava de touca e tinha estava bem liso o cabelo dela
 88. L1 - ah: não é aquela do cabelo todo encaracolado comprido?
 89. L2 - não aquela é Celinha... aquela é bailarina excelente também
 90. L1 - aquela é manequim não?
 91. L2 - é não... é bailarina... ela como bailarina é ótima né?
 92. L1 - [uhm] [éh]
 93. L2 - aquela... aquela estava no outro ela fez aquela parte do::
 94. L1 - [foi pois é por isso que eu achei que ela fosse manequim também
 95. L2 - não... Veruska é uma::
 96. L1 - [ah eu acho que eu sei
 97. L2 - [é manequim
 98. L1 - [uma do cabelo comprido assim liso né?
 99. L2 - liso é: aquela é profissional
 100. L1 - ah mas aquela não é tão boa como a Miúcha
 101. L2 - como a Miúcha não né?
 102. L1 - não... quer dizer eu achei né?... não tinha um/ não tinha uma... estavam procurando antes ali uma tal de Lili Beth
 103. L2 - ah você soube da história?
 104. L1 - [eu vi a/ o rapaz que estava ali esperando pra entrar aí... aí veio um rapaz do hotel...
 105. L2 - [ahn
 106. L1 - [“olha... tem um senhor lá embaixo que é o que diz que é o pai dela e diz que vai entrar todo jeito se ela não for lá falar com ele diz que vai entrar de calção no hotel eu estou pedindo pra ela ir lá”
 107. L2 - você vi e/ viu ele falar com quem?
 108. L1 - com um rapaz de::... de vocês ali não sei quem
 109. L2 - ah foi... não::... sabe o que foi? foi foi um rolo incrível aquilo ali... meNina... atrasou mais por causa disso também sabe?... o pai dela estava/ não estava de calção querendo entrar não... ele estava embriagado ... com uma espingarda doze na mão... dizendo que ia entrar de todo jeito... porque todo mundo dentro daquele hotel era ... isso e aquilo sabe...
 110. L1 - minha nossa
 111. L2 - dizendo nomes horríveis na porta do hotel... e J desceu pra falar com ele ele quase dá um um soco em J...
 112. L1 - [Virgem Maria
 113. L2 - [e...e a menina chegava fria gelada junto de mim que pelo amor de Deus que não queria sair de lá que estava com medo dele... aí eu disse “mas você tem que ir”... aí veio o segurança do hotel... o segurança você nem conhece B não dá pra notar de jeito nenhum... aí eu disse que... como é que se diz... ela ia descer de todo jeito tal... daqui há pouco vem o gerente do hotel falar comigo... olhe foi um horror de gente falando comigo... e essa menina não queria descer depois veio a mãe a mãe disse que subiu com o segurança não sei o quê... que que ela não ia descer tal e tal... aí por fim... essa menina/ conseguimos convencê-la a descer... eu não sabia de nada disso eu nem conhecia essa menina direito foi uma menina que P conhece:u...
 114. L1 - uhn
 115. L2 - parece que é de colégio de alguma coisa assim::... e que telefonou perguntando se podia desfilar eu disse que podia né? e não sabia que tinha esse problema com ela né?... aí os pais estão se separando e o pai não quer que: tudo o que a mãe concorda que a menina faça ele::... não deixa sabe?...
 116. L1 - [Ave Maria
 117. L2 - e esse negócio de desfilar era uma coisa que ele não queria... que ela já sabia não sei o quê e a mãe fazendo... deixando tudinho sabendo concordando... também pra provocar ele sabe uma coisa de louco sabe um relacionamento de doido os dois...
 118. L1 - eu vi que o negócio era confuso porque o rapaz do hotel estava bem assim chateado preocupado... quando falou com essa::... um dos rapazes ali que estava na porta sabe ...
 119. L2 - sei...sei
 120. L1 - [não é uma moreninha?... essa moça é uma morena?
 121. L2 - Lili Beth
 122. L1 - [ahn
 123. L2 - [é uma baixinha::nha... ela não se/ ela não desfilou não...
 124. L1 - sim mas éh: eu vi depois passando uma ali não sei se era essa
 125. L2 - com o cabelo que ainda estava tirado o cacho há pouco tempo?
 126. L1 - sim o cabelo bem enroladinho assim morena... um pouquinho assim cheinha
 127. L2 - [é ba: gordinha exatam/ umas perninhas bem grossas
 128. L1 - ahn... pois então eu vi... o rostinho muito bonito o dela

129. L2 - é: é: mas ela estava maquiada tiraram a maquiagem dela... para poder sair ela tem os olhos claros... ela é engraçadinha ela...
130. L1 - meNina...
131. L2 - pensou
132. L1 - tem todas essas coisas por trás do pano né?
133. L2 - a gente não sabe a gente não vê ah::... e agora a segurança MUITO discreta a segurança do hotel... discretíssima sabe?
134. L1 - que loucura né
135. L2 - éh: ninguém não há quem... olhe foi um esquema de segurança MESMO... pra o J descer com essa menina... foram seis pessoas pra garantir porque esse homem estava armado e bêbado né B?...
136. L1 - Luhn
137. L2 - Láí o J disse olhe... aí a segurança ficou::... tudo a paisano né...
138. L1 - uhn
139. L2 - Com roupa comum... aí ficaram garantindo J... foram dois na frente dois pro lado não sei o quê não sei o quê pra poder garantir... de: chegar até ele né... aí ele estava com um irmão dele... que não estava bêbado... aí o J falou com ele e disse "olhe... eu vou lhe entregar e você eu quero..." aí no outro dia eu liguei pra casa da menina né...
140. L1 - ahn
141. L2 - Mas o telefone que eu tinha da menina era da casa do av/ da avó... do PAI dele...
142. L1 - ih::
143. L2 - da mãe dele e do pai dele... então lógico que através dos seus pais ele soube logo que a menina estava nesse desfile né...
144. L1 - Lahn
145. L2 - porque se ela estava hospedada na casa dos avós...
146. L1 - ahn meu Deus
147. L2 - ela estava hospedada na casa dos avós porque sempre eu deixei ela depois dos ensaios na TORRE... toda vez era na Torre... e o pai e a mãe moravam em Casa Caiada... quer dizer... ela estava na casa dos avós dos pais dele entendeu?
148. L1 - ahn... menina que confusão
149. L2 - agora essa menina foi muito coisa... não não devia ter escondido esse problema que ela estava vivendo né...
150. L1 - não é
151. L2 - porque se eu soubesse um terço ela não tinha desfilado ela não tinha chegado até o fim... eu até estou com um presentinho dela que eu dei um presente pra cada menina... eu liguei pra casa dos avós dela mas ela diz que ela está em Maria Farinha... aí eu perguntei... "olhe você é o quê dela?"... aí disse "eu sou tio"... eu disse "você é o irmão da mãe dela?" ele disse "não sou irmão do pai"... eu disse "está tudo bem?"... ele fez "está tudo bem"... aí me identifiquei né...
152. L1 - Lahn
153. L2 - Láí ele fez... não... "está tudo bem"... mas meio assim não querendo responder muito sabe... aí eu disse "está bom depois eu volto a ligar::... o que quando ela está aí?"... ele disse "no fim de semana"... aí pode ser que no próximo fim de semana... ela esteja por lá...
154. L1 - meNina
155. L2 - ah menina é muita coisa... E O E A decoração?... você viu que catástrofe
156. L1 - SIM que e::
157. L2 - Não fez nada o cara... foi uma derrota
158. L1 - SIM isso eu ia dizer pra ti...
159. L2 - éh
160. L1 - faltaram as flores faltou::
161. L2 - faltou tudo... faltou a decoração ele só fez pindurar o filô no teto e botar umas bolas
162. L1 - faltou mais clima não foi V
163. L2 - exatamente... NÃO... eu paguei metade do do::... é sa/ o que é o ambiente fechado é terrível né... aquelas paredes nuas assim
164. L1 - uhn
165. L2 - todas de alcatifa aquilo ali dá um::... entendeu...
166. L1 - éh
167. L2 - eu tinha levado material tudo... e eu sei que eu paguei a metade daquele cara e não paguei o resto... não vou pagar mais não B... ele não fez o que tinha combinado entendeu
168. L1 - ah não pague não... o que é isso ô xente
169. L2 - aí ... se ele tivesse feito tudo bem mas não fez absolutamente nada
170. L1 - é claro
171. L2 - chegou naquele dia lá não sei que horas da tarde... aquelas bolas que têm pra encher foram as meninas que encheram entendeu... foi muito irresponsável... a gente ficar sabe o que é a gente ficar com a cabeça eu/ sabe o que eu tive que fazer durante duas horas da tarde eu estava fazendo... conseguindo liberar L do banco... falei com o gerente todo mundo dentro do banco pra ele sair mais cedo

- sabe... L aquele negro também que é indispensável né...
172. L1 - Lahn
173. L2 - [ele não pode faltar de jeito nenhum entendeu...
174. L1 - menina
175. L2 - aí vendo os mínimos detalhes eu estava resolvendo no dia mesmo não sabe... e esse irresponsável não resolver esse negócio de:... de decoração que era um ambiente que precisava... porque num ambiente feito um fundo do poço ao ar livre não sei o quê... não é
176. L1 - éh
177. L2 - tão necessário mas num ambiente fechado que quebraria muito daquela frieza
178. L1 - éh... o ambiente ao ar livre é muito mais... quente né é muito mais
179. L2 - exatamente... ali não ali estava uma frieza total... não tinha nada as paredes nuas... tudo nu entendeu... os biombos de madeira aparecendo TERRÍVEL
180. L1 - e eu também achei que não ficou muito bom sabe V aquele negócio do coquetel sabe
181. L2 - diz que ficou as prate/ as ninguém se serviu direito não foi?
182. L1 - não é n/ e também... éh mais ou menos isso... mas olha uma pouca vergonha ((rindo)) viu
183. L2 - o povo foi em cima
184. L1 - é: menina... que coisa Feia tá... tão Feio V
185. L2 - éh... agora sabe o que é que ia servir... ia servir no terraço mas chuviscou não foi?
186. L1 - mas naquela hora não estava chuviscando né?
187. L2 - diz que estava chuviscando...
188. L1 - [é
189. L2 - [eu estava lá dentro... mas sabe que eu não me servi de absolutamente nada a não ser uma coca-cola... porque eu via passando mas eu estava tão agoniada tão tensa sabe...
190. L1 - éh
191. L2 - mas diz que foi terrível né porque as/ meios das cadeiras eram estreitas e não dava pra ele passar né
192. L1 - é... exato... aí ficava um avanço ficava uma coisa feia quando vem pra cá vem chegando "fica aqui espera aí que eu vou pegar um pra mim" pegavam de dois três
193. L2 - nordestino é fogo viu
194. L1 - Ave Maria achei tão feio viu
195. L2 - mata de vergonha... não pode nem ir num hotel cinco estrelas que faz isso... já pensou... pegaram de dois três foi B?
196. L1 - é: pegavam de dois três logo viu
197. L2 - Ave Maria que coisa terrível... éh: não foi legal isso não... não tem umas coisinhas que a gente vai corrigindo né... primeiro que eu nunca mais vou fazer num ambiente tão fechado não viu...
198. L1 - [é
199. L2 - [eu achei que dá uma claustrofobia e uma agonia né...
200. L1 - éh
201. L2 - [eu ach/ eu não gostei não e o outra coisa coisa ficou muito apertado no fim chegou muita gente... as meninas saíram da portaria ficou entrando todo mundo de graça no fim sabia?
202. L1 - no::ssa
203. L2 - agora no fim mesmo né não foi assim no começo não entendeu... mas dá raiva né
204. L1 - é: é:
205. L2 - tem que ser mais coisa pra o Hospital do Câncer... mas deu uma renda de mais de cinco milhões B
206. L1 - foi ahn
207. L2 - eu hoje que vou ver com o que elas venderam... que o que elas venderam eu não sei que elas ficaram com duzentos pra vender sabe
208. L1 - Lahn
209. L2 - [com o que eu vendi: foi cinco milhões e não sei quanto ainda tem mais duas pessoas pra eu buscar hoje né... que completa... aí eu vou ver quanto foi mas foi bom não foi
210. L1 - foi foi... né... teve algumas coisas alguns senões mas
211. L2 - éh mas eu digo assim em termos de de lucro pra elas está bom né?
212. L1 - ah sim... ah claro pra elas foi ótimo pra elas está com tudo está com tudo...
213. L2 - em termos de renda
214. L1 - V pois está certo olha eu não vou te atrapalhar mais tu está aí com menino doente... só queria te lembrar daquela calça branca
215. L2 - [estou lembrada
216. L1 - [né
217. L2 - [é
218. L1 - tu faz com com o desenho em branco mesmo...
219. L2 - [uhn
220. L1 - [pra ela ficar toda branca só no bolso

221. L2 - tudo bem e a: estou lembrada dela já tinha anotado ela está aqui
222. L1 - agora:: ah tu quer que eu leve pra ver o tamanho o: ou tem lá
223. L2 - o tamanho da calça?
224. L1 - é
225. L2 - não precisa não eu tenho o molde
226. L1 - precisa não né
227. L2 - agora foi feita alguma modificação?
228. L1 - é tamanho único não quer dizer ela era... ela não tinha elástico embaixo ou tinha
229. L2 - tinha
230. L1 - tinha né
231. L2 - ela tinha aquele modelo é prontinho
232. L1 - o modelo é... pronto... então não então não foi/ pronto então não foi não eu estou me lembrando agora foi o macacão que a gente apertou mais a boca embaixo
233. L2 - é
234. L1 - não foi?... do meu que eu pedi pra apertar um pouquinho mais
235. L2 - pronto
236. L1 - pois está certo V
237. L2 - eu vou comprar os tecidos... o tecido branco e tudo e eu lhe aviso... está bom?
238. L1 - está certo está bom V
239. L2 - mas no mais você/ e as roupas? gostou das roupas?
240. L1 - goste::i
241. L2 - você já tinha visto né
242. L1 - eu já tinha visto não tinha nada...((ri)) mas estava ótimo viu?
243. L2 - está bom B um cheirão pra você viu
244. L1 - outro
245. L2 - até... assim que estiver pronto eu lhe aviso
246. L1 - está certo tá
247. L2 - tchau
248. L1 - tchau

(B) - AI MEU PÉ!

Tipo - conversação telefônica

Situação - telefonema espontâneo, sem que as locutoras soubessem da gravação

Ano - fevereiro de 1994

Falantes - N = L1 e I = L2, duas amigas com nível primário, paulistas, na faixa dos 50 anos.

Gravação - Ademar da Silva

1. L2 - pronto

2. L1 - I ?
3. L2 - oi?
4. L1 - oi bom dia
5. L2 - bom dia
6. L1 - como que está?
7. L2 - tudo bem ?
8. L1 - ahn
9. L2 - e aí?
10. L1 - está melhor?
11. L2 - estou
12. L1 - está?
13. L2 - quem está falando? É a L?
14. L1 - é a N
15. L2 - oi N... puxa vida é a voz da L... estou boa fiquei na cama hoje
16. L1 - é
17. L2 - sobrou tanta comida de ontem ((risos))
18. L1 - é:: que bom
19. L2 - teve um monte de gente aqui ontem menina... aí
20. L1 - |eu ia ligar aí ontem... né?... sábado eu liguei pra vê/ mas acho que eu disquei errado porque dava ocupado ocupado... eu acho que eu disquei errado agora que fui olhar na minha agenda ...que eu...eu disquei errado... e ontem eu ia ligar mais eu falei "ah hoje é domingo deve ter muita gente... né?"
21. L2 - é mesmo... meu irmão veio de Campinas
22. L1 - |uhn
23. L2 - |e aí minha filha também veio com o: marido e depois veio um casal que vinha almoçar na casa dela e vieram tudo pra cá... almoçaram tudo aqui
24. L1 - aí que bom... isso é bom quando tem bastante gente
25. L2 - ((risos)) é: e:: e eu gosto também... então minha filha falou "mãe eles vieram" e eu falei "traz pra cá... vem embora" então ela... ela... aí ficaram... no fim acabaram arrumando e limpando a cozinha e tudo e aí eu fiquei aí... e eu estou/aqui sobrou comida não vou nem... e eu falei pro meu marido falei "ó deixa eu quietinha aqui"
26. L1 - uhn
27. L2 - porque eu fico no sofá... mas eu não durmo N
28. L1 - |uhn
29. L2 - |não consigo dormir
30. L1 - |uhn
31. L2 - |e na cama eu eu durmo... "vou ficar aqui... vou/ hoje eu quero dormir de manhã... deixa eu deitar de manhã"
32. L1 - eu não te acordei?
33. L2 - não... eu estava assistindo o M até

34. L1 - ahn
35. L2 - eu fico assim... cochilo... acordo... cochilo é que eu falei "não... não... eu quero quietinho"... senão daqui a pouco ele volta "ai... ai... fica quietinho... deixa eu quietinha" eu falei pra ele ((risos))
36. L1 - é isso... aí com esse temp... l... não dói o pé?
37. L2 - não... graças a Deus... estou bôba menina
38. L1 - é::
39. L2 - nada nada nada nada... hoje que que eu bati o pé... o M foi pôr a comadre pra mim porque eu não posso ficar assim... as vezes eu sento na cadeira vou lá no banheiro... sento no banheiro fa/ pra tomar banho e tudo... né?
40. L1 - uhn
41. L2 - mas não é toda hora também... né? então de manhã... quando ele levanta... ele põe a comadre... né? pra mim e eu bati o pé naquele cabo...aquele
42. L1 - [uhn::
43. L2 - [estupício lá... Ai que DOR menina
44. L1 - [uhn:: faço uma idéia
45. L2 - ele pois... eu falei pra ele assim que/ ele pois... disse "uhn credo" ele ficava (rindo) ((risos))
46. L1 - homem é uma coisa
47. L2 - ele falou... ele brinca coitado... ele falou pra mim "ah qualquer dia vou cagar dentro disso aí" ((risos))
48. L1 - ((risos)) aí ele não te ((iningeligível)) mais?
49. L2 - aí eu falei pra ele "você vai ver qualquer dia você vai ficar com o negócio fedendo debaixo da cama" ele falou ((risos))
50. L1 - ((risos)) aí meu Deus... mais é uma vida né? ainda bem que você teve sorte... deu tudo certo... foi tudo bem né?
51. L2 - graças a Deus
52. L1 - é foi bom você fazer os dois de uma vez... né?
53. L2 - é... então
54. L1 - pelo menos está passando essa fase agora e pronto
55. L2 - junto né? é só que vai ser meio difícil né? vai demorar... meu irmão disse que demora muito a recuperação di/ disso aí
56. L1 - uhn... é mais as vezes eles falam sabe? eu conheç/
57. L2 - ((ininteligível)) quem sabe o meu vai ser diferente
58. L1 - é:: nem tudo é igual
59. L2 - falavam tanto que ia ser horRÍVEL... que eu não ia aguentar a DOR... não está sendo não
60. L1 - então... tem... tem um escurinho... inclusive ele mora aí no São José... não sei se ainda mora... ele era motorista do comandante... sabe? é mas faz tempo... já faz uns dez anos... ele não conseguia mais usar sapato e pra ser motorista tem que se/ usar sapato social né?
61. L2 - uhn uhn
62. L1 - [aquelas coisas... então ele não conseguia mais... ele tinha nos dois pé...mas era enorme... aí ele foi pra São Paulo... no hospital militar lá operaram os dois de uma vez... e ah:: não demorou tanto tempo... não... sei que dentro de uns oito meses ele voltou dirigir
63. L2 - então... oito meses é tempo pra caramba né?
64. L1 - é mas passa rápido
65. L2 - nossa... meu irmão falou mais ou menos um ano... oito meses pra recuperar de tudo
66. L1 - é pra você conseguir botar um sapato fechado né?
67. L2 - ele falou "pra mim tão já você não vai poder calçar sapato fechado de jeito nenhum"
68. L1 - é:: então antes de uns oito meses acho que não... porque se você agora está passando por tudo isso... você tem que ver também de não prejudicar depois né? de botar log/de querer botar logo um sapato fechado e começar a doer ou qualquer coisa né?
69. L2 - é
70. L1 - e:: então se/logo começa o frio e isso que é duro né? mais você bota uma sandalinha... ah põe uma meia fina... aí já tampa um pouco né?
71. L2 - [é
72. L1 - [mas acho que dentro de uns oito meses... ele levou... voltou... a usar sapato fechado tudo... ficou tão BOM o pé dele tem que ver
73. L2 - então está bom
74. L1 - é::
75. L2 - eu falei pra ele... porque se fosse pra fazer... pro meu pé ficar retinho... retinho assim esteticamente
76. L1 - [ah
77. L2 - [ele falou que eu tinha que... tinha que cortar esse osso em cima do pé
78. L1 - uhn
79. L2 - eu fui tirar os pontos... né? anteontem... ele falou "se eu fosse fazer direitinho como tem que fazer tinha que

- cortar esse osso em cima do pé... mas seu pé é muito... tem muita curva"
80. L1 - Lahn
81. L2 - [ele falou aí se
82. L1 - [ainda bem que é o pé... né l?
83. L2 - é
84. L1 - ((risos))
85. L2 - ((risos)) ele falou "não vai... não"...ele falou que achou que não compensava fazer isso
86. L1 - O l... você já pensou se você fosse conquistada pelo pé?
87. L2 - pelo amor de
88. L1 - [porque a minha filha
89. L2 - [meu pé até que não é feio... meu pé é bonitinho... depois ficou feio né?
90. L1 - [a minha filha namorou um rapaz de Campinas...
91. L2 - [uhn
92. L1 - [até e::u fiquei até... sentida que não deu certo porque um cara muito bom sabe? e:: e ele falava sempre... "olha o que me conquistou foi o pé dela"
93. L2 - [AH
94. L1 - [sabe... eles ficavam conversando aqui no sofá... ele não gostava que ela usasse meia nada pra ele ficar vendo o pé dela
95. L2 - vá tomar banho
96. L1 - é:: eu falei "meu Deus do céu" eu falei "ainda bem que você não tem chulé" falei pra ela ((risos))
97. L2 - gozado... e eu é a mão do meu marido
98. L1 - ah é::?
99. L2 - é
100. L1 - você sabe
101. L2 - sabe ((ininteligível)) tem bastante gente assim... eu falo "velho se nós fosse num programa e perguntasse assim... que que eu acho mais de... de bonito em você... que que você diz?" ele falou assim "a mão"
102. L1 - uhn
103. L2 - mas ele tem uma mão bonita
104. L1 - é::
105. L2 - umas UNha
106. L1 - é::
107. L2 - olha o que ele faz... o que ele trabalha... ele não tem... não tem um calinho na mão... a mão dele é lisinha
108. L1 - [uhn
109. L2 - [uma mão e um braço bonito
110. L1 - [uhn
111. L2 - [a mão dele é:: então eu falo... eu fa/ eu falo pra ele "você tem uma mão gostosa velho" eu falo pra ele a mão dele... não sei eu gosto da mão dele... falo sempre pra ele isso... acho bonita a mão dele
112. L1 - você sabe que... e:: eu não sei o que eu gosto no homem... sei lá... eu gosto de homem grande... troncudo sabe?
113. L2 - ((risos))
114. L1 - e moreno e... ah não sei o que me chama atenção no homem... até hoje eu não sei se é a mão... se é o rosto... se é o cabelo... o que que é você entende?
115. L2 - eu gosto dele inteiro... é lógico
116. L1 - [é lógico
117. L2 - [mas eu digo assim
118. L1 - mas tem uma coisa que você
119. L2 - [eu sempre brinco com ele que eu gosto da mão dele falo pra ele
120. L1 - é porque sempre tem uma coisa que você/ que te chama mais atenção então né?
121. L2 - é
122. L1 - e na mulher também... e esse cara ele falava... "aí a R me con/" aí eu falei "quando você viu ela pela primeira vez... como que você viu? descalça? como que foi?" ((risos)) né? eu sei que ele nunca respondeu mais eu
123. L2 - [NÃO às vezes... não às vezes depois ele achou bonitinho o pé dela né?
124. L1 - é:: mas ela tem um pé fino sabe?
125. L2 - tem gente que tem um pezinho delicadinho
126. L1 - é... mas é isso aí... falou l... então agora hoje você pode descansar bastante né?
127. L2 - não... eu vou ficar até lá pra umas dez horas... depois vou levantar ((bocejos)) levantar não né? ((bocejos)) estou com a minha cadeirinha de rodas pegada da cama
128. L1 - é::é
129. L2 - aí eu sento nela e vou
130. L1 - [uhn
131. L2 - [o que já me gozaram com essa cadeira viu?
132. L1 - é::
133. L2 - aí vou até no banheiro... aí o meu/ meu banheiro é assim no meu quarto... ele é comprido de: de: ah:: ah:: ah na largura do quarto... mas ele é estreito de largura
134. L1 - é?
135. L2 - sabe?
136. L1 - é
137. L2 - então eu já enfio a cadeira ali e já estou na bacia da privada... ele é enorme né? só que ele é de comprido
138. L1 - ele é comprido e estreito

139. L2 - é comprido... que eu tenho até banheira e tudo né? só que ele é de comprido
140. L1 - uhn
141. L2 - [então a cadeira encaixa certinho ali. O meu banheiro deu certinho pra mim
142. L1 - eu falo... sempre que você constrói um banheiro... acho que você tinha que pensar nisso daí... né?
143. L2 - é
144. L1 - que você pudesse entrar com uma cadeira de roda... porque olha... ah eu já fiquei com umas duas pessoas que estava em cadeira de roda... as duas... dava certo de entrar no banheiro... porque o banheiro... a porta era grande sabe?
145. L2 - [Luhn
146. L1 - [não tinha degrau nada dava certinho pra ir... agora mas uma vez eu trabalhei nesse prédio ali na rua oito... uhn::: não sei como é o nome do prédio esqueci... ah pra baixo daquela pracinha
147. L2 - Graziela
148. L1 - isso isso... Graziela trabalhei acho que no sétimo andar ali
149. L2 - na casa de quem?
150. L1 - da:: da dona Concheta
151. L2 - [Luhn
152. L1 - [até ela faleceu já... faz tempo
153. L2 - você viu quem morreu hoje? Ale/Alexandrina
154. L1 - eu não conheço ela
155. L2 - não? não... nossa uhn
156. L1 - ela era diretora do Objetivo
157. L2 - é
158. L1 - mais e:: aonde? bom o Objetivo
159. L2 - [diz que ela foi fazer uma cirurgia né? deu derrame cerebral
160. L1 - é
161. L2 - não sei que cirurgia ela foi fazer
162. L1 - será que ela é nova?
163. L2 - é nova... moça nova... deve ser assim mais ou menos da minha idade por aí
164. L1 - é
165. L2 - não sei... eu tenho a impressão... acho que sim ou da idade do meu marido... que eu lembro ainda que ele brincava que eles eram assim... sei lá se eles flertava de solteiro... não sei e aí quando minha filha... estudava no Objetivo... aí um dia ela cha/ ela estava conversando com minha filha ela falou assim "sabe eu conheço muito seu pai"...
166. L1 - uhn
167. L2 - [então até hoje ele brinca né? então hoje ele falou "foi mais uma minha... viu véia" ((risos)) ela é que nem nós assim... sabe? do olho azul meia baixa
168. L1 - uhn
169. L2 - agora ela era uma pessoa legal só vendo... eu nunca conversei com ela mas sempre ela me cumprimentou na rua
170. L1 - [Luhn
171. L2 - [acho que ela cumprimentava todas as pessoas porque ela era ali do... do... São/ do ginásio... então acho que ela tinha receio até de não cumprimentar falando é... às vezes ela já entrou... já foi... então ela sempre me cumprimentava... era supereducada... todo mundo gostava dela... era uma pessoa muito...
172. L1 - mas o Objetivo tem o São Bento... onde era o Duque né?
173. L2 - era aqui no São Bento
174. L1 - São Bento
175. L2 - era o São Bento... eu via sempre ela ali
176. L1 - porque do São Bento é uma parte... do Duque é
177. L2 - quando minha filha fez o Objetivo era aqui no São Bento... depois que passou lá embaixo
178. L1 - [ahn
179. L2 - [né? depois que passou lá embaixo
180. L1 - porque na avenida
181. L2 - mas antes era aqui o cursinho
182. L1 - na avenida Brasil ali na na Duque de Caxias é uma parte né? agora no no Poli... o Objetivo de lá é outra parte
183. L2 - porque minha filha fez o colégio né? no Objetivo
184. L1 - [Luhn
185. L2 - [ela fez o colégio no Objetivo... depois ela fez o cursinho... então o colégio quando ela fez era no São Bento... aí aí ela era pro/ diretora ali... depois no cursinho que era lá na... na avenida né? ali perto do Graciano ali...
186. L1 - na avenida Brasil
187. L2 - era não... é... é lá ainda né? é lá ainda
188. L1 - então né
189. L2 - mas a minha filha fez o colégio no no Objetivo aqui em cima
190. L1 - o meu filho antes da faculdade... ele fez um ano ali na... o Objetivo ali na avenida Brasil... depois ele fez seis meses lá no Poli lá na rua um... ele fez seis meses lá e depois ele prestou vestibular e passou... então nesses dois ele fez o cursinho
191. L2 - uhn é uma pessoa assim muito legal
192. L1 - [ele pode até

193. L2 - [acho que deve ir muita gente... porque ela era uma pessoa muito boa ali dentro
194. L1 - [então ele deve... eu nem falei pra ele porque ele... ele saiu agora pra ir pra faculdade eu nem/ nem perguntei pra ele... mas ele deve conhecer então né?
195. L2 ah conhece
196. L1 - é:: fazer o quê? um dia ou outro... você tem que ir né? o pior quando você não/ o pior quando você não aproveita nada aqui né?
197. L2 - mas ela era uma pessoa saudável né? sei lá que problema que ela teve
198. L1 - é: eu ouvi dizer que foi uma cirurgia na cabeça né?
199. L2 - ah foi na cabeça?
200. L1 - e deve ser né? diz que ela teve uns problemas foi fazer uma cirurgia na cabeça... e não aguentou... é mas
201. L2 [porque eu ouvi falar de derrame cerebral
202. L1 - [é mas o derrame cerebral... não sei né I... talvez o/ não pode fazer uma cirurgia né? porque sei lá... aqui em Araraquara não pode nem pegar pra fazer... porque... aqui você não tem condições de fazer uma coisa dessas... não tem médico pra fazer isso
203. L2 - será?
204. L1 - acho que não... eu tenho medo desses médicos daqui que eu vou te falar
205. L2 - ai credo ((risos))
206. L1 - apesar que às vezes eles né? que nem a M ...você não viu o dr. J falou pra mim... não adianta ir pra Ribeirão/ mas ela queria ir né? foi... quando chegou lá o médico falou... fez a vontade dela... mais né? então quer dizer que às vezes eles acertam... mas também quando vê as coisas que já estão bem adiantado
207. L2 - ela esperou demais o negócio dela foi muita espera
208. L1 - a C diz que quando ela mostrou pra C... diz que ainda chamou a C no quarto pra mostrar... aí a C falou que já estava aquela ferida né?
209. L2 - a ferida era onde?
210. L1 - no seio
211. L2 - [uhn
212. L1 - então?
213. L2 - [quer dizer ela foi deixando né? quando ela falou pra mim... que foi no bico do seio começou a vazar um líquido... eu não sei quem que me falou mas um líquido vaza mesmo... me disseram pra mim quando tem o câncer né? aí que tem que conhecer quando tem...mas ela disse que tinha um feridinha... ela falou pra mim que era uma feridinha emBAIXO do seio... ela disse que nem usava o sutiã porque machucava
214. L1 - é... a C falou que era uma ferida
215. L2 - era uma ferida pequeniniinha... era que nem uma coceirinha quando eu falei pra ela "vai M" aí ela falou "não é na...nada" no comecinho foi
216. L1 - é mas diz que o D deu um escândalo... quando ela foi lá né?
217. L2 - é: ?
218. L1 - porque o meu filho dá aula pra filha dele... sabe? duas vezes por semana... já faz/ já vai pra dois anos que ele dá aula pra ela à noite e
219. L2 - [uhn
220. L1 - [eu não sei como que foi o assunto lá... quando eu fui ah:: eu estava com ela e o D... ele falou lá qualquer coisa e eu estava com ela e eu não sei como que foi... e o D falou que ele atendeu ela a primeira vez... contou pro meu filho... diz que não tinha jeito mesmo... porque ele falou assim que ali tinha os dois burro... sabe? que deixaram adiantar muito e depois o médico não/ não dá volta na doença... e:: eu você sabe que eu acho assim... sei lá né... eu acho ela era muito nova... bonita ainda né? tinha uma vida tão...
221. L2 - e eu me dava muito bem com ela
222. L1 - então coitada... eu vou te falar morria de dó dela... hoje faz seis anos que meu pai faleceu... dia vinte de fevereiro
223. L2 - [uhn
224. L1 - [e foi justo numa segunda-feira... e eu quero ver se eu vou no cemitério à tarde
225. L2 - ah hoje faz seis
226. L1 - hoje faz seis anos
227. L2 - [ahn
228. L1 - [então... depois que minha mãe faleceu...ainda ele viveu dez anos e hoje faz seis anos que ele faleceu... minha mãe já fez dezesseis agora em setembro... então
229. L2 - [faz tempo dá pra esquecer?
230. L1 - ah não dá... ah... a minha mãe ainda parece que passou um pouco sabe por que? porque ficou ele né... então a gente se preocupava muito com ele sabe? pra não dar... pra ele/ pra não ficar com aquela tensão... aquela coisa né? porque se davam muito bem
231. L2 - a minha mãe coitada... a minha mãe está lá na minha irmã né? e ela/ as

- feridas dela tudo melhorando...na ((ininteligível)) diz que está tudo secando
232. L1 - [ahn]
233. L2 - [mas saiu uma feridinha no cantinho do nariz...que a minha mãe... não sei se eu já não te falei que ela já fez plástica né?
234. L1 - não
235. L2 - no olho... tudo que/ minha mãe tem uns problemas de câncer de pele né?
236. L1 - é
237. L2 - saiu uma feridinha no nariz
238. L1 - [uhn:]
239. L2 - [desde que ela está... bem antes do meu pai... depois secou... sarou tudo... depois começou a cutucar de novo e voltou]
240. L1 - [uhn]
241. L2 - [e acho que fechou né? por cima... aí minha irmã disse que furou o nariz meNINA... varou tudo do lado de dentro... uhn que será que a gente faz não?]
242. L1 - NOSSA
243. L2 - será que tem jeito... N? não tem né?
244. L1 - éh:: se for isso daí... acho que tinha que cauterizar né?
245. L2 - então
246. L1 - o médico... o médico não falou alguma vez
247. L2 - porque minha mãe sempre... minha mãe sempre foi no G né? depois ficou doente né? então até ele veio conversar comigo na hora da cirurgia e tudo... eu precisava tanto falar com ele... falei "acho que tem que lev/ tem que lá ver ela"
248. L1 - eu acho que tem que cauterizar... porque ah... uma que morava ali na Henrique Lupo... que eu fiquei com ela uns três anos... ela já faleceu também... ela... ela tinha em cima do nariz... bem entre/ bem aqui em cima do nariz quase perto do olho
249. L2 - [uhn]
250. L1 - [ela era tia do dr. J e eu sei que... ela depois que ela ficou em cadeira de roda... ela não saiu daquele apartamento mas por nada por nada... e pra gente levar ela no hospital São Paulo... convencer ela para ir lá... fazer uma cauterização naquilo... mas olha acho que levou um mês... aí eu de tanto falar falar eu falei/ aí ela virou e falou pra mim... "você vai comigo...você fica lá" falei "vou... fico com a senhora" aí então... ela concordou de ir
251. L2 - a minha mãe acho que tem de pegar uma ambulância né? pra levar ela
252. L1 - a::cho que sim né? daí eu sei que ele fez uma cauterização sabe? fe/ foi às sete e meia da manhã... quando era às cinco da tarde... a gente veio embora... então eu acho que de/ tem que fazer isso aí... viu I
253. L2 - mas varou do outro LADO
254. L1 - uhn::... então... mas fala com o médico pra você ver... deve ser isso daí... a tua irmã não leva ela?
255. L2 - então preciso... eu falei pra ela né? mas ela fica esperando né?
256. L1 - e agora você desse jeito
257. L2 - era eu que corria que levava que fazia que falava né?
258. L1 - e agora desse jeito é difícil né? você não vai poder... está bem I... vamos ver essa semana... amanhã eu vou pra São Paulo
259. L2 - ah... você vai amanhã né?
260. L1 - vou amanhã
261. L2 - chuvaram não?
262. L1 - aí eu estou até pensando meu Deus
263. L2 - você vai de ônibus
264. L1 - não eu vou de... de carro
265. L2 - você vai de carro... com quem você vai?
266. L1 - eu vou com um rapaz da prefeitura... mais a mulher dele... mas acontece que a outra vez que eu fui... faz uma semana hoje... que eu fui de perua e falavam tanto... mas o:: o centro de São Paulo não tem nada... onde tem
267. L2 - [eu fui também lá... lá também não]
268. L1 - é então... e:: e amanhã é um dia perdido
269. L2 - o duro é a marginal ali na entrada né?
270. L1 - mas nem ali porque ele sempre pega a pista... não aquela da beira do rio... a outra do lado sabe? e nã/ não tinha nada... então vamos ver quarta ou quinta te dou uma ligada... se der eu vou aí bater um papo com você
271. L2 - [uhn]
272. L1 - [um abraço]
273. L2 - outro pra você... obrigada

(C) - EU PRECISO ME LEMBRAR!

Tipo - conversação telefônica

Situação - telefonema espontâneo, sem que as locutoras soubessem da gravação

Ano - fevereiro de 1994

Falantes - N = L1 e D = L2, duas amigas com nível primário, paulistas, na faixa dos 50 anos.

Gravação - Ademar da Silva

1. L2 - alô
2. L1 - alô
3. L2 - N ?
4. L1 - oi?
5. L2 - eu fui lá na... na L
6. L1 - ahn
7. L2 - ela falou se você quiser vir depois do almoço ela está aí
8. L1 - [ahn
9. L2 - [prá provar
10. L1 - [ahn
11. L2 - [é melhor provar mesmo... ela falou assim ela vê direito
12. L1 - mas acho que eu só vou de noite... ali pra umas sete horas... porque ah:: eu vou no cemitério à tarde
13. L2 - [uhn
14. L1 - [não sei que::
15. L2 - [ent/ eu não sei se/ que hora você vai no cemitério?
16. L1 - eu vou ali pra umas três horas
17. L2 - qualquer coisa eu te ligo... eu não sei se o:: o meu filho vai lá na minha irmã (se ele fo/ se ele descer pra lá eu quero te aproveitar e ir lá... se eu pudesse levar uns negócios pra ela)
18. L1 - [uhn
19. L2 - (então aí não dá pra ir)...então vamos ver se ele levanta... se ele for pra lá...
20. L1 - [uhn... você viu que morreu a diretora do Objetivo
21. L2 - não
22. L1 - é
23. L2 - ah (que) coisa... quem estava me contando? quem que me contou (da morte) do Objetivo?
24. L1 - então quando o meu filho fez o cursinho
25. L2 - [mas ela foi enterrada ontem né?
26. L1 - NÃO vai ser enterrada às quatro e meia ... morreu hoje de manhã
27. L2 - ué:: quem que me contou isso daí?
28. L1 - é::... morreu de manhã hoje
29. L2 - hoje?
30. L1 - é::... ela teve um aneurisma e foi fazer uma ... e foram fazer uma cirurgia
31. L2 - me contaram que tinha morrido... ah será que sonhei meu Deus?
32. L1 - foi HOJE ... porque morreu hoje
33. L2 - eu não conversei com ninguém e só estava conversando com você e com a L
34. L1 - então vai ver que você ouviu no rádio
35. L2 - não não... eu não sei... me contaram um negócio de uma diretora que morreu aí... me falaram
36. L1 - então você sonhou ((risos))
37. L2 - ((risos))
38. L1 - ai...ai ai... ai ai
39. L2 - ai meu Deus ((risos))
40. L1 - não é?
41. L2 - vou lembrar esse troço aí... quem que me falou de que diretora foi?... se foi essa daí ou outra ou eu ...
42. L1 - [então ela morreu... acho... acho que cinco horas da manhã parece
43. L2 - uhn:: me contaram uma história de diretora... que não sei o quê e morreu a diretora ... aí me contaram uma história de diretora que eu não lembro ... eu vo/ eu vou ter que por a minha cabeça pra funcionar... viu?
44. L1 - é::... o que que a L falou? que ela tinha feito justo... não falou nada... a L não falou nada?
45. L2 - não... ela não falou nada... "sabe? é bom ela vir aqui que eu vejo direito como é que é"
46. L1 - uhn
47. L2 - [e ela falou que aquele outro seu lá... também não sabe como vai ser aquele lá
48. L1 - uhn
49. L2 - [aí eu falei pra ela... "você inutiliza o de baixo e faz outra
50. L1 - [éh:
51. L2 - [casa" eu falei pra ela
52. L1 - é:: é
53. L2 - [(aí eu vou ver)... "então você vai ter que cerzir tudo" eu falei... "aí eu num sei se vai dar conserto"... eu falei "tem... L... você pega de baixo... cerze tudo... faz um cerzidinho em todas elas e faz outra casa perto"
54. L1 - [é
55. L2 - [e tem que cortar um pedaço que sobra embaixo"... ela falou "ah eu preciso ver... deixa ela vir aqui que eu vou ver direito isso aí como é que vai ficar"
56. L1 - ah... eu vou te falar viu? e olha é uma coisa se fosse qualquer pano né? uma blusinha ou qualquer coisa né?
57. L2 - é
58. L1 - então
59. L2 - é::...é que ela não esticou o pano
60. L1 - [então
61. L2 - [ela pois um folgado e um esticado
62. L1 - [então

63. L2 - [Não trabalha com alfinete né? porque se trabalhasse com alfinete... se alfinetasse tudo antes de fazer a casa
64. L1 - aí (n)esse lugar... aí também... ela podia também ter alinhavado né?
65. L2 - é então o que eu estou dizendo... ou alfinetasse ou alinhavado né porque/ porque tem/ a minha filha trabalhava assim... a M
66. L1 - é
67. L2 -ela...ela trabalhava... com o ferro... e ela ia... quando ela punha uma roupa assim... ela pega o ferro ela vai e acerta tudinho com o ferro... junto uma na outra... e vai alfinetando... depois ela passa um linhavo e faz bonitinho
68. L1 - eu tenho uma porção de roupa que a M me fez... tenho um calcete branco de de... de
69. L2 - tem
70. L1 - [trabalhar... um conjuntinho que eu tinha outro de azul... também calcete e bluzinha também foi ela/ eu comprei dela... não eu comprei o pano e ela fez
71. L2 - pois é... a gente tem que... costureira/ você não vê a L ali também... a tábua de passar roupa está lá sempre no quartinho dela lá
72. L1 - é
73. L2 - tem que trabalhar com ferro... porque... se você não passar ela encolhe um lado... e então tem que passar pra esticar bem esticadinho
74. L1 - é mais eu vou te falar... a E no começo estava fazendo bem feito
75. L2 - [ahn
76. L1 - [depois que ela começou a ir pro Paraguai... essas coisa... ela relaxou na costura
77. L2 - [ahn
78. L1 - [relaxou na costura... que vou te falar
79. L2 - engraçado ela não me ligou mais... você viu?
80. L1 - não
81. L2 - nunca mais ela me ligou
82. L1 - ela desligou de todo mundo... agora ela está com aquela GANÂNCIA de ir para o Paraguai que é uma coisa
83. L2 - mas não sei que ela tem tanta vontade de ganhar dinheiro... pra quê se ela é sozinha meu Deus?
84. L1 - e anda feito uma tonta né?
85. L2 - anda mal arrumada ... ela tem uma pele ... eu falei pra ela "você precisa fazer uma limpeza de pele"... porque ela me perguntou outro dia o que que eu faço na minha pele... eu falei "eu não faço nada mas eu uso creme hidratante"... ela falou "eu só passo sabonete"... falei "não eu tenho esse creme que/ hidratante... eu tenho creme desse de:: leite de aveia... eu tenho rugol"... eu falei pra ela "eu tenho tanta coisa em casa... pra mão mesmo eu tenho creme de mão"... eu tinha aquele que... eu comprei aquele Vasenol... agora falei pra ela "a gente tem que se tratar"
86. L1 - é mas ela... eu vou te falar... meu Deus do CÉU
87. L2 - [eu gasto coisa pro cabelo também só vendo
88. L1 - é... em:: pra comida mesmo... você vai lá ela fala "hoje eu só comi isso... tomei leite" e não sei o quê sabe?... eu falei um dia pra ela "te dá uma anemia você vai ver só"
89. L2 - mas é engraçado que ela fica doente... ela não vai no médico... ela fica tomando aquele chá de não sei o quê e chá de não sei o que lá ... chá ... ela ficou uma vez ruim
90. L1 - [e outra coisa que ela tem... ela vai muito atrás dessas mulher que/ fala que: em:: tem isso... fizeram aquilo
91. L2 - ela vai muito nesse negócio de mal feito... essas coisas
92. L1 - é:: é
93. L2 - fica sempre achando os outro
94. L1 - é
95. L2 - ah eu sei lá... eu só sei que eu vou dizer uma coisa pra você... se eu saio com ela... eu larguei de convidar ela pra sair porque ela é negativo... viu?
96. L1 - é: né
97. L2 - nossa eu saio com ela... eu sento no banco... eu saio com a bunda doendo de tanto ficar sentada naquele banco... ninguém enxerga a gente... a gente fica invisível... depois ela fala pra mim que eu comprei pra ela a pa/ entrada de invisível... porque quando a gente vai eu sempre pagava a entrada pra ela né?
98. L1 - [uhn
99. L2 - [e ela falava assim pra mim... "ah D você só me compra entrada de invisível... eu não sei que entrada você pega lá pra mim que eu sou invisível aqui dentro"... eu falei um dia pra ela "eu também perto de você"... me deu vontade... chegou na ponta da língua pra falar "também fico invisível perto de você"
100. L1 - ((risos))
101. L2 - fazer o quê?

102. L1 - não é... acho que não chama atenção ... não con/ não tem um papo legal né?
103. L2 - não é... ela escolhe... ela não dança com os velho que nós dança
104. L1 - NÃO
105. L2 - não... se aquele baixinho for tirar ela... ela não dança de jeito nenhum
106. L1 - eu... uhn... assim
107. L2 - aquele de óculos... aquele brincando lá/ que nós estava brincando com ele ontem... se ele tirar ... também não
108. L1 - ele dança tão bem
109. L2 - então... NOSSA ela não
110. L1 - e você vê... eu prefiro dançar com aquele de óculos que estava de camisa meio esverdeada
111. L2 - Lahn
112. L1 - [que ele dança muito bem... do que dançar com aquele moço... você viu aquele moço que veio me tirar? do que dançar com aquele moço... aquele moço estava cheirando cerveja feito uma coisa
113. L2 - ela não... ela só gosta de tirar moço
114. L1 - espera um pouquinho só D... espera lá ((alguns segundos depois)) aí sobrou macarrão... sobrou frango feito uma coisa... um pouquinho de maionese... mas eu vou fazer arroz pra deixar pra amanhã... porque amanhã eu n/ eu vou pra São Paulo... então vou ter que deixar arroz pra cachorra... a R... o E não come... o pai dela... é até já fiz mais então... é mas acontece que sei lá né? e ela/ ela tem um jeito de ser orgulhosa né?
115. L2 - você já notou? você falou agora espera um pouco e eu lembrei... outra coisa ela... você... a gente liga pra ela... então ela conversa um pouquinho depois ela fala "espera um pouco"... então ela põe música sabe?
116. L1 - é
117. L2 - aí me irrita viu? me dá vontade desligar o telefone viu?
118. L1 - é:: ela faz isso
119. L2 - porque ela faz só pra te deixar você ouvindo música ... falo "vá tomar no..."
120. N - é:: é
121. L2 - me dá vontade de mandar ela viu?
122. L1 - então mas eu... que nem o baixinho... o baixinho ele dança bem... só que ele dança bem até que ele não toma umas e outra... a hora que ele começa a tomar duas ou três cerveja ... ele já fica meio... meio
123. L2 - Ele já não dança certo?
124. L1 - [você entendeu?
125. L2 - fica perigoso a gente tropeçar com ele né?
126. L1 - é
127. L2 - é então né? ela não dança com os coroa que nós dança não... de jeito nenhum
128. L1 - uhn
129. L2 - se estiver de tênis ela não dança... se estiver de sandália ela não dança
130. L1 - ai que BESTEIRA
131. L2 - é... ela é assim... eu falei pra ela (quase eu falei) "você quer que eles vem de smoke aqui pra dançar?"
132. L1 - é: ai que tonteira... eu nem vejo nos pés da pessoa o que tem D
133. L2 - mas o interessante é que ele dance... o pé dele deixa ((risos))
134. L1 - ((risos)) eu nem vejo às vezes
135. L2 - porque tem vezes assim... que está muito calor... esses... esses mais ou menos vão de sandália ... né?
136. L1 - é
137. L2 - tem aquela sandália ela não dança mesmo
138. L1 - ai que tonTEIRA
139. L2 - sabe sandália está na moda hoje em dia para homem
140. L1 - é... no calor todo mundo usa
141. L2 - é... então ela não... ela não dança não
142. L1 - é mas... se ela ainda se arrumasse e ela é feia né? aqui com nós... ela é BEM feia
143. L2 - ela não sabe se arrumar
144. L1 - é... aquele cabelo dela... se ela cortasse um pouquinho mais... sabe? porque ela deixa aquela coisa tão alta na frente ali... sei lá
145. L2 - ela tem um cabelo grosso esquisito... ela devia pintar esse cabelo de outra cor... né?
146. L1 - e bater um pouquinho mais também
147. L2 - então... e tratar... fazer tratamento de cabelo... eu se eu fosse uma sozinha que nem ela... eu não digo que eu não trabalhasse
148. L1 - é
149. L2 - assim pra distrair... mais eu ia comprar as coisa... eu ia pra um instituto tudo pra me arrumar
150. L1 - [é
151. L2 - [imagina que eu ia ficar aqui... eu agora estou um pouco des/ desmanzelada porque estou aqui com essa folia de casa faz não faz... precisa economizar também né? mas senão... ah primeiro eu ia todo sábado na Beti... eu arrumava cabelo...

- arrumava tudo ... agora desmanzelei um pouquinho por causa dessa porcária aqui... que pensei acabar agora... mas essa chuva me atrapalhou mais da metade
152. L1 - e a gente é tonto... né? eu gosto de casa bonita... da casa bem arrumada... mas também... sei lá né?
153. L2 - a gente tem que pensar na gente
154. L1 - aqui ainda... aqui agora... faz uns dois três meses que parou um pouco... sabe?
155. L2 - uhn
156. L1 - mas primeiro eu não vencia comprar as coisas pra comer MENINA
157. L2 - ((risos))
158. L1 - ai toda semana eu ia no mercadão ...senão no Santo Antonio... trazia um monte de coisa... e quando você olhava no outro dia... tinha acabado ... sabe?
159. L2 - uhn
160. L1 - às vezes na quarta ou na quinta eu ia comprar outra vez... agora que o E/ e é ele que come bastante sabe? (por)que a R não é de comer muito... agora que ele está fazendo um pouco de regime
161. L2 - [ahn
162. L1 - então controla mais... sabe que ontem? aquele? a::: a rocambole que você falou corta e põe no meio
163. L2 - deu certo?
164. L1 - ai uma quebrou tudo
165. L2 - [ahn
166. L1 - [sabe? a goiabada... eu peguei metade do pacote... porque eu ia fazer só uma... né? derreti só metade e aí eu pus em uma e não dava na outra né? aí eu peguei e abri uma lata de leite condensado... e arrumei tudo a outra que tinha quebrado e enrolei ... né? com um pouco de leite condensado e pus coco e ai então... acertei bem ela e pus numa assadeira pequena... pra por na geladeira... né?
167. L2 - [uhn
168. L1 - [fiz aquela calda com açúcar... joguei assim por cima e pus um pouquinho de coco... e eu ACHEI né? que eu falei "ah vai ficar uma semana aí ... né?"
169. L2 - ((risos))
170. L1 - você sabe que... ontem... de tarde... a hora que eu fui na tua casa... eu abri a geladeira... acho que para pegar água... a de leite condensado só tinha uma fatiazinha
171. L2 - ((risos)) ((acabou a fita))

(D) - GUARDA UM LUGAR PRA MIM?

Tipo - conversação telefônica

Situação - telefonema espontâneo, sem que as locutoras soubessem da gravação

Ano - fevereiro de 1994

Falantes - N = L1, telefonista = L2 e recepcionista = L3 - Serviço Social de Prefeitura de Araraquara. L1 paulista, com nível primário, na faixa dos 50 anos.

Gravação - Ademar da Silva

1. L2 - prefeitura bom dia
2. L1 - bom dia... o BEM você liga na Assistente Social pra mim?
3. L2 - Fiscalização?
4. L1 - não... quero falar com a E
5. L2 - e qual o setor senhora?
6. L1 - eu não tenho o ramal... é lá na rua oito
7. L2 - ah tá... eu já estou transferindo
8. L1 - obrigada
9. L3 - Promoção Social
10. L1 - bom dia... quem fala é a E
11. L3 - [bom dia... alô?
12. L1 - alô? quem fala?
13. L3 - E
14. L1 - eh... bom dia E... é a N... alô?
15. L3 - alô?
16. L1 - oi... eu estou te ouvindo
17. L3 - pode falar
18. L1 - o E... ontem eu fui pra São Paulo no médico... que eu peguei a guia aí com você
19. L3 - ahn
20. L1 - [e eu tenho um retorno pra fazer outro exame amanhã... certo? que ele pediu pra mim voltar amanhã e você/ você guarda um lugar na perua pra mim?
21. L3 - eu vou ver se tem bem... um momentinho que já te falo já
22. L1 - está bom ((segundos depois))
23. L3 - alô?
24. L1 - Oi
25. L3 - quem está falando?
26. L1 - é a N
27. L3 - ah tá... é uma pessoa sozinha?
28. L1 - é... só eu vou
29. L3 - tudo bem... então a senhora vem hoje
30. L1 - [pegar o papel aí
31. L3 - [ainda buscar
32. L1 - está bom E... á tarde eu passo daí... obrigada
33. L3 - nada

(E) - AMANHÃ É OUTRO DIA ASSIM

Tipo - conversação telefônica

Situação - telefonema espontâneo, sem que as locutoras soubessem da gravação

Ano - fevereiro de 1994

Falantes - N = L1 e D = L2, amigas com nível primário, paulistas, na faixa dos 50 anos.

Gravação - Ademar da Silva

1. L2 - pronto
2. L1 - Deolinda?
3. L2 - oi
4. L1 - escuta... você foi na reunião ontem?
5. L2 - fui
6. L1 - e daí?
7. L2 - é... acertou tudo lá... eu comprei a mesa
8. L1 - comprou?
9. L2 - é... comprei dois lugares
10. L1 - dois uhn
11. L2 - porque não tinha mais mesa... então tav/ tinha gente que tinha comprado mesa inteira... então estava dividindo
12. L1 - ah... com quem nós... você dividiu?
13. L2 - olha eu nem sei quem é... são umas mulherzinha legal
14. L1 - [ahn
15. L2 - [eu peguei o número trinta e oito
16. L1 - trinta e oito
17. L2 - é fica no corredor... ali quando/ no corredor não... na frente
18. L1 - [ahn
19. L2 - [bem na frente assim... na segunda carreira
20. L1 - eu não conheço lá
21. L2 - na frente na segunda carreira
22. L1 - você não sabe se a Lurdes está aí né?
23. L2 - a Lurdes?... eu não sei se ela foi fazer fisioterapia... você vai descer ver/ falar com ela?
24. L1 - uhn
25. L2 - [assim cedo... uma hora dessa às vezes o marido dela chega... ela deita um pouco com ele... e levanta um pouco mais tarde
26. L1 - ah... ele está aí de dia?
27. L2 - é ele chega cedo
28. L1 - [uhn
29. L2 - [tem dia que ele vem... ela
30. L1 - [então porque amanhã eu tenho que ir para São Paulo outra vez
31. L2 - ah é:?
32. L1 - então... eu... então eu comprei o ingresso segunda-feira... eu não fui aí porque e::: eu saí... fui no cemitério... cheguei... e a R falou "vamos que eu te leve até lá em cima na... na quatro... depois você sobe a pé"... aí eu desci com

ela pra ir lá no Senac... aí falou "vai vai compra... você vai quarta-feira eu te levo de/" né? "eu vou te buscar"... quer dizer está bom... peguei fui e comprei... agora a:: falei "eu fui ontem"... né? hoje e::u descansava e depois de noite ia lá... na estância... imagine agora o médico mandou voltar amanhã pra fazer outro exame

33. L2 - [ahn
34. L1 - [então é amanhã... é outro dia inteiro... né? ontem cheguei nove e meia da noite
35. L2 - NOSSA
36. L1 - então... agora... e amanhã é outro dia assim... porque vai com a perua outra vez... agora hoje eu tenho que ir lá na assistente social buscar o papel... né? já liguei pra ela... falou "ó se for sozinha tem um lugar"... aí eu falei "tudo bem" e ela falou "mas você tem que vir buscar o papel"... agora eu tenho que ir de tarde lá nela buscar o papel... agora lavei tanta roupa... estou com os meu varal tudo cheio... e passei um pano na casa e falei... fui na feira buscar uns ovos... não tem uma verdura de folha naquela bendita feira
37. L2 - ahn... não tem nada... não acha mais nada
38. L1 - então eu falei... "se a L tivesse aí se ela me atendia... eu ia lá agora"... até a hora de (fazer) o almoço dá tempo... né?
39. L2 - então dá uma chegada... quem sabe
40. L1 - é vou... vou dar uma chegada aí... porque eu vou te falar... se eu não for agora depois de tarde
41. L2 - às vezes... ela está apertada de costura ela levanta cedo... né?
42. L1 - é:::e também já é nove e cinco... né? nove e dez
43. L2 - quando ela não está muito apertada ela levanta nove... nove e pouco
44. L1 - então foi três real a mesa?
45. L2 - foi
46. L1 - cada pessoa né?
47. L2 - é
48. L1 - eh: vou ver se eu já tenho trocado eu já te levo
49. L2 - então eu não paguei os carnê... porque estava muito tumultuado de gente ontem...
50. L1 - uhm
51. L2 - [era pra mesa... era pra carnê... tinha/ estava todo mundo lá
52. L1 - [uhn
53. L2 - [e até nós viemos embora... eles tinham acabado de acertar o carnê com o pessoal lá

54. L1 - Luhn
 55. L2 - Lá eu falei/ a C falou "deixa que eu pago outra vez... D está muito cheio mesmo"
 56. L1 - é então
 57. L2 - aí eu falei "pago na outra terça feira né? porque está muito... tem muita gente"... lá na fila aquele tumulto lá pra pagar o carnê... pra pagar e o Borges se atrapalha pra caramba
 58. L1 - é::
 59. L2 - aí o Borges não serve pra ficar ali... (está sempre reclamando)
 60. L1 - não serve mais... muito de idade já
 61. L2 - nossa ele se atrapalha MUITO
 62. L1 - é
 63. L2 - ele... uma hora ele queria ficar com o carnê... e eu falei "o carnê é meu"... daí precisou a C falar "o carnê"... a C precisou de onde ela estava ensinar ele
 64. L1 - Lah é::
 65. L2 - Ela falou "o carnê é dela... você fica com o toco... quando ela pagar... você dá o carnê inteiro para ela... você fica com aquela ponta"... precisou ensinar ai
 66. L1 - Len/ deixa eu ir ver se ela está aí... que assim eu/eu...se ela estiver eu provo... e aí eu já te dou o seu dinheiro e eu vou
 67. L2 - não precisa pressa do dinheiro não... imagina pode deixar
 68. L1 - não não
 69. L2 - você me dá lá... depois nós tem de pagar também (o coiso) lá em cima
 70. L1 - o quê?
 71. L2 - é não tem que pagar o coiso?... deixa esse dinheiro aí... você viu eu não te devia quatro e cinquenta
 72. L1 - uhn
 73. L2 - não precisa dar não... ainda assim eu estou te devendo um e cinquenta
 74. L1 - é... você que sabe
 75. L2 - é deixa... ainda fico te devendo um e cinquenta
 76. L1 - uhn:: deixa eu ver se ela está aí então... porque... eu... eu tinha... eu queria ir lá na Cidinha ver se tem verdura de folha... aquela quitanda ali da frente dali... pelo amor de DEUS essa quitanda te esfola feito uma coisa
 77. L2 - é... é a verdura lá é cara
 78. L1 - e depois outra... não tem uma coisa boa ali
 79. L2 - então
 80. L1 - então não sei... diz que na Cidinha sempre chega né?
 81. L2 - é sempre chega mas não sei o dia que chega... acho que às vezes dá certo de eu ir lá e achar... né?
 82. L1 - eu vou ver se tem alguma verdura de folha... mas eu vou dar uma passada daí... se ela estiver por aí eu já provo... senão... porque eu vou te falar... agora eu tenho que cozinhar feijão ainda... fazer o almoço... vou dar uma varrida lá no fundo do quintal... molhar aquelas planta... que o E deixa a moto LÁ... você não consegue molhar a hora que você quer
 83. L2 - Lahn
 84. L1 - Lagora ele saiu... então saiu com a moto você pode molhar né? então eu lavei tudo a minha roupa... lavei roupa de minha cama... as toalhas de banho... a roupa que eu fui
 85. L2 - é ontem secou bem a roupa... né? hoje é
 86. L1 - então... ontem também nós pegamos chuva assim... não pegou chuva... chovia assim... era até gozado... as duas pistas... então chovia na outra pista e na que nós vinha vindo não chovia
 87. L2 - ((risos))
 88. L1 - sabe? até o motorista falava "isso é porque você está com nós... por isso... outro dia você veio e não choveu... hoje você veio não choveu... olha chove ali e não pega nós aqui por causa de você... e tanto tempo que a gente não vê uma chuva"... ele falava sabe?
 89. L2 - ((risos))
 90. L1 - encheu o saco... mas eu vou te falar... ficamos uma hora só dentro de Campinas pra pegar duas pessoas
 91. L2 - Oi meu Deus
 92. L1 - aí... você fica numa canseira e... eu quando era onze hora eu estava livre
 93. L2 - é mais do jeito que eles vão mudar... vai ficar pior
 94. L1 - vai ... isso que ele estava falando
 95. L2 - e aí vai passar ônibus em tudo em quanto é hospital... depois tem que levar de volta e tudo
 96. L1 - vai ser dois ônibus de vinte e oito lugares... cada ônibus... s/ só vai acho que de...de terça e quinta... parece que é duas vezes por semana para São Paulo e duas vezes por semana para Ribeirão sabe?
 97. L2 - é
 98. L1 - é: e aí... isso que ele falou... ele falou "(vamos) ver se os médico vão concordar lá de/ vai ter que marcar tudo no mesmo dia né?"
 99. L2 - é
 100. L1 - então
 101. L2 - tudo no mesmo dia
 102. L1 - então e eu ontem... ele o:: olhou meu exame... aí ele mandou eu ir amanhã

- fazer um outro... ele disse que conforme esse que eu vou fazer amanhã... aí eu vou ter que ir daqui a seis meses só
103. L2 - Lahn
104. L1 - então eu falei... "então deixa eu fazer já que eu estou no meio do caminho né?"
105. L2 - ah é
106. L1 - falou D... tchau então... obrigada
107. L2 - tchau
108. L1 - tchau

(F) - ELA FOI NA BENEFICÊNCIA

Tipo - conversação telefônica

Situação - telefonema espontâneo, sem que as locutoras soubessem da gravação

Ano - fevereiro de 1994

Falantes - N = L1, na faixa dos 50, e T = L2, na faixa dos 60. Ambas donas-de-casa, paulistas, com nível primário.

Gravação - Ademar da Silva

1. L2 - alô
2. L1 - tia?
3. L2 - olá
4. L1 - olá tia?
5. L2 - olá
6. L1 - oi está boa?
7. L2 - tudo bem e você?
8. L1 - tudo bem
9. L2 - Lahn
10. L1 - Leu tia... e a E está bem?
11. L2 - a E está... está na rua
12. L1 - ah está na rua?
13. L2 - está
14. L1 - ah eu queria falar com ela... então ela não está aí?
15. L2 - não... quem que está falando?
16. L1 - a N
17. L2 - a N... né?
18. L1 - é::
19. L2 - oi N... ela não está aqui... você sabe que ela saiu... ela subiu comigo... ah ela foi na Beneficência buscar um exame de sangue
20. L1 - Lahn
21. L2 - Ldepois que ela entrou na Unimed... ela faz exame todo dia
22. L1 - Ai meu Deus do céu
23. L2 - eu falei que quem procura acha
24. L1 - é: é: é
25. L2 - se ela pagasse consulta ela não ia tanto
26. L1 - é... ah isso é
27. L2 - o que fazer né?
28. L1 - se pagasse consulta tinha que fazer alguma coisa
29. L2 - não ia... não ia... senão que ela ficasse lá na fila do INPS
30. L1 - é
31. L2 - ela não ia
32. L1 - é... ou senão
33. L2 - agora ela... ela... até ela queria que eu fosse buscar... aí eu falei "ah eu não vou... eu tenho serviço"... agora com esse tempo... né N?
34. L1 - Ai meu Deus
35. L2 - se você não aproveitar pra torcer roupa de manhã... depois não torce... não enxuga né?
36. L1 - a minha já está quase seca tia... bati três máquina de roupa hoje
37. L2 - NOSSA
38. L1 - mas também
39. L2 - Lvocê sabe... N... como que eu faço... eu não tenho uma máquina que seca né? ah eu aperto ela bem... ah num instantinho seca
40. L1 - a minha torce... mas/ mas aqui é bastante roupa né tia?
41. L2 - é claro
42. L1 - aqui que nem... eu hoje... eu lavei roupa da minha cama... lavei as toalhas de banho
43. L2 - então eu lavei ontem de cama
44. L1 - e mais... roupa das criança
45. L2 - Lentão
46. L1 - Lque ontem eu não lavei... ontem eu fui pra São Paulo
47. L2 - ah você foi?
48. L1 - fui e vou amanhã outra vez
49. L2 - por que...o que que aconteceu?
50. L1 - não... eu estou indo com uma senhora... que ela faz tratamento lá
51. L2 - ah muito bem
52. L1 - então quando ela vai
53. L2 - Lahn
54. L1 - Leu vou junto... que ela vai
55. L2 - ela vai de ambulância?
56. L1 - NÃO... vou/ ela vai de carro
57. L2 - ah ela vai de carro
58. L1 - é... e ela tem o motorista... e então pra ela não ir só com ele... ela me paga o dia pra mim ir com ela
59. L2 - muito bem ... vai mesmo
60. L1 - então...e ontem nós saímos daqui era quatro hora da manhã
61. L2 - Lahn
62. L1 - L e eu voltei... era dez hora da noite
63. L2 - NOssa
64. L1 - então mas... é que ela lá... depois ela vai na filha dela

65. L2 - é claro
66. L1 - e eles têm apartamento lá e então
67. L2 - então
68. L1 - ela vai no apartamento e eu
69. L2 - e com essa você vai ganhar um dinheiro e passeia
70. L1 - é... ela me paga trinta real por dia... quando eu vou
71. L2 - então... não está bom?
72. L1 - mas eu não gasto um tostão né? porque ela paga almoço
73. L2 - está pra LÁ de bom
74. L1 - ela paga almoço... ela paga/ que nem eu fui ontem... vou amanhã... estou ganhando quase um salário em dois dia
75. L2 - não é um salário? você põe comida também que é um salário
76. L1 - é... então
77. L2 - [passa de um salário
78. L1 - é porque lá eu não sei quanto ela paga... porque a gente... eu e ela almoça... depois o motorista também almoça e ela já paga tudo junto... né?
79. L2 - então não está bom? está bom demais
80. L1 - ela... ela que paga
81. L2 - assim que tudo pensasse que nem você
82. L1 - então
83. L2 - outro dia tinha uma... a: a M J F
84. L1 - [uhn
85. L2 - [ela foi operada né? e ela queria uma pessoa pra ficar com ela... mas você sabe eu ia... eu pensei em você mas depois eu não te falei nada
86. L1 - uhn
87. L2 - [porque ela quer de dia e de noite... é muito pra você né?
88. L1 - uhn:: pra mim não... porque agora mesmo se eu quisesse sexta-feira pegar um serviço até as/ a: a quarta-feira
89. L2 - é
90. L1 - mas eu tinha que entrar sexta de manhã
91. L2 - [uhn
92. L1 - [e sair quarta de manhã
93. L2 - ah imagina
94. L1 - de manhã não... ali pro meio dia... quando ela chegasse para ficar com a mãe dela ... aí ela me pagava duzentos reais
95. L2 - então
96. L1 - mas eu falei "não... não vou não ficar cinco dias dentro de um apartamento ((ininteligível))"
97. L2 - não... mas nem pode... nem pode
98. L1 - [e cinco noite... eu falei "não uhn uhn"... e eu falei "não vou não"
99. L2 - espera aí um (pouquinho) ((chama alguém)) S ...o S... vai ver no portão quem que está batendo lá... vai lá
100. L1 - então... mas se ela... se ela... se ela pegasse alguma coisa assim pra ela fazer que... que nem... puxa VIDA ela ainda está com saúde... ela pode sair
101. L2 - ela faz... né N? ela faz crochê
102. L1 - então... mas o crochê
103. L2 - ela pega muita coisa pra vender
104. L1 - o tia... mas o croCHÊ... a senhora fica... ah dentro de casa
105. L2 - ahn
106. L1 - uma coisa assim... que nem assim a senhora... não tem mais... mas ela/ que ela ainda é nova ainda... que nem ela era
107. L2 - [então pegar alguma coisa
108. L1 - [ela trabalhou de telefonista tanto tempo... pega numa loja... tem tantas loja que tem PBX aí... pega numa loja Aí
109. L2 - é... mais você sabe o que acontece N... você não sabe como fazer
110. L1 - [uhn...
111. L2 - [porque se eu falo... parece que ela está me estorvando né? e ela não se habitua ficar sem fazer nada você sabe?
112. L1 - é
113. L2 - ela não está acostumada a ficar em casa... ela fica doente de ficar em casa... é: ela quer fazer alguma coisa... né?
114. L1 - é... e então eu peg/ eu vou sair eu vou pegar a proposta do SENAC... ia falar pra ela se ela queria uma né?
115. L2 - [ahn
116. L1 - [entendeu?
117. L2 - pegar SENAC o que que você vai fazer?
118. L1 - é da terceira idade... lá que a gente frequenta
119. L2 - ah... na terceira idade é:?
120. L1 - é então
121. L2 - então você está ? você entrou né?
122. L1 - ah faz tempo que eu estou lá
123. L2 - faz muito bem
124. L1 - eu estou lá e estou na Conceição
125. L2 - ah faz muito bem
126. L1 - então... que nem hoje e amanhã vai ter o baile do carnaval da/ do SENAC lá na Estância ... né?
127. L2 - é
128. L1 - é da/ das oito a meia noite
129. L2 - [ah
130. L1 - [e eu comprei ingresso pra duas noites
131. L2 - [ah
132. L1 - [cinco real... mas acontece que... hoje

133. L2 - espera um pouco ((alguns minutos)) tudo bem... é o I que está aqui
 134. L1 - ah ó fala pra ela assim/ assim que ela chegar se ela me
 135. L2 - [ahn
 136. L1 - [dá uma ligadinha
 137. L2 - eu falo
 138. L1 - tá?
 139. L2 - falou
 140. L1 - falou tia... tchau
 141. L2 - desculpe que eu preciso correr lá... viu?
 142. L1 - está bom... tchau tia
 143. L2 - tchau

(G) - FAZ UM FAVOR PRA MIM?

Tipo - conversação telefônica

Situação - telefonema espontâneo, sem que as locutoras soubessem da gravação

Ano - fevereiro de 1994

Falantes - N = L1, na faixa dos 50 e nível primário e R = L2, na faixa dos 20, escolaridade secundária, paulistas.

Gravação - Ademir da Silva

1. L1 - alô
 2. L2 - mais meu Deus hein... que acontece aí HEIN?
 3. L1 - estava com a tia I no telefone... ô:::
 4. L2 - né? primeiro eu ligo... liguei umas três vezes
 5. L1 - Lah foi a primeira vez que ó/ que tocou o telefone
 6. L2 - [deixa eu falar... cala a boca
 7. L1 - é... eu também tenho que falar
 8. L2 - tá... liguei... tocou tocou tocou e nada de atender o telefone... daí a pouco liguei tocou tocou tocou e nada
 9. L1 - ah eu fui lá na L e fui na feira VIU
 10. L2 - aí eu falei "mas meu DEUS"
 11. L1 - era nove horas
 12. L2 - ((ininteligível))
 13. L1 - era nove horas
 14. L2 - aí ligo... faz duas horas que estou ligando e aí ninguém
 15. L1 - não senhora... nove horas fui na feira... depois fui na L experimentar o meu calcete que ela tem que apertar que ficou muito largo então
 16. L2 - ô mãe... faz um favor pra mim?
 17. L1 - depende
 18. L2 - que você está fazendo?
 19. L1 - eu estou fazendo batata e vou fazer salada de tomate porque não tinha uma verdura mais na feira
 20. L2 - ah é... é? não sabia que você fabricava essas coisas... você faz isso também? você faz batata e tomate? essas coisas você faz?
 21. L1 - hein?
 22. L2 - não sabia... eu pensei que viessem da terra
 23. L1 - você falou o que que eu estou fazendo né?
 24. L2 - tá... ô mãe... sabe aquela bolsa do (nenê) na mala dele
 25. L1 - como?
 26. L2 - a mala do nenê
 27. L1 - ahn
 28. L2 - [você faz um favor pra mim?
 29. L1 - ahn
 30. L2 - [tira ela lá de dentro do guarda roupa... joga ela lá em cima da minha cama
 31. L1 - ahn... ó a J falou pra você passar lá... que chegou uma calça jeans... que não sei quê não sei o que lá... sabe?
 32. L2 - tá... eu preciso falar com ela também... um negócio da A lá
 33. L1 - uhn... por que? não pagou?
 34. L2 - não... ainda não
 35. L1 - tá
 36. L2 - vai dar um cheque pra ela segurar lá
 37. L1 - ahn
 38. L2 - [tá?
 39. L1 - tá
 40. L2 - depois vou ver... se der tempo eu passo de lá... senão a semana que vem eu passo
 41. L1 - tá
 42. L2 - está bom?
 43. L1 - tá
 44. L2 - você faz esse favor pra mim?
 45. L1 - tá
 46. L2 - então tá
 47. L1 - tchau
 48. L2 - tem mais alguma coisa?
 49. L1 - não... eu que falo alguma coisa
 50. L2 - ((riso))
 51. L1 - eu fui comprar ôvo e tomate
 52. L2 - e aí mãe? vai dar pra ir amanhã pra São Paulo?
 53. L1 - vai ... eu tenho que ir lá na assistente social buscar o papel... né?
 54. L2 - que horas você vai lá?
 55. L1 - aonde?
 56. L2 - na mulher
 57. L1 - na assistente social?
 58. L2 - é:::
 59. L1 - a qualquer hora... menos das onze e meia a uma que está fechado... mas depois da uma tenho que ir lá até as quatro

e meia... tenho que pegar... então... uma merda porque você faz um puxa de um plano desse... de repente vai tudo por água abaixo... né?

60. L2 - é
61. L1 - então
62. L2 - então está bom tchau
63. L1 - tchau

(H) - NA FACULDADE

Tipo - conversação telefônica

Situação - telefonema espontâneo, sem que as locutoras soubessem da gravação

Ano - fevereiro de 1994

Falantes - N = L1, na faixa dos 50 e nível primário e S = L2, acima dos 20, nível universitário.

Gravação - Ademar da Silva

1. L1 - alô
2. L2 - alô... o E está?
3. L1 - não...quem gostaria de falar
4. L2 - é Sandra
5. L1 - oi bem... eu acabei de chegar agora... que eu fui pra São Paulo... entrei agora... mas ele não está... não sei se ele está na faculdade agora
6. L2 - ah... a hora que ele chegar fala pra ele ligar pra mim
7. L1 - falo sim
8. L2 - por favor
9. L1 - assim que ele chegar eu mando ele te ligar
10. L2 - obrigada...
11. L1 - tá... nada
12. L2 - tchau tchau

(I) - AMANHÃ ELE ME PAGA!

Tipo - conversação telefônica

Situação - telefonema espontâneo, sem que as locutoras soubessem da gravação

Ano - fevereiro de 1994

Falantes - N = L1, na faixa dos 50 e nível primário e M = L2, na faixa dos 12, estudante primeiro grau.

Gravação - Ademar da Silva

1. L2 - alô
2. L1 - quem fala?
3. L2 - M
4. L1 - sua mãe esta aí?
5. L2 - não
6. L1 - não?
7. L2 - não

8. L1 - onde ela foi?
9. L2 - ela saiu
10. L1 - ah...o G deu o recado pra ela ontem... que eu liguei de noite... do negócio do meu cabelo
11. L2 - espera deixa eu perguntar ((alguns segundos depois)) o N... não deu
12. L1 - uhn:... olha que fi/ da puta... amanhã ele me paga FALOU... que horas ela vai chegar? muito tarde?
13. L2 - ai nem sei
14. L1 - éh então amanhã cedo eu ligo pra ela... eu não liguei de dia porque cheguei de São Paulo agora
15. L2 - ah está bom
16. L1 - fala pra ela tá?
17. L2 - está bom
18. L1 - tchau
19. L2 - tchau

(J) - AGORA DE MANHÃ NÃO DÁ

Tipo - conversação telefônica

Situação - telefonema espontâneo, sem que as locutoras soubessem da gravação

Ano - fevereiro de 1994

Falantes - N = L1, na faixa dos 50 e nível primário, X = L2, na faixa dos 9, estudante primeiro grau e L = L3, cabeleireira na faixa dos 30, primeiro grau incompleto.

Gravação - Ademar da Silva

1. L2 - alô
2. L1 - sua mãe esta aí?
3. L2 - está
4. L1 - então agora chama ela pra mim e Ó... a hora que eu for Aí você vai apanhar de mim... viu?
5. L2 - por que?
6. L1 - por que você não deu o recado pra tua mãe anteontem
7. L2 - não fui EU
8. L1 - quem foi?
9. L2 - foi o meu irmão
10. L1 - ah... então você fala pra ele... que ele vai apanhar de mim... vou cortar o bingulim dele a hora que eu for aí... vou com uma faca a hora que eu for aí... está bom? ((alguns segundos depois))
11. L3 - alô
12. L1 - é a L ?
13. L3 - é
14. L1 - oi viu
15. L3 - [ahn
16. L1 - [eu não não fui aí... porque eu fui pra São Paulo terça e ontem de madrugada

- e voltei à noite... e... escuta? esse negócio quanto tempo demora pra fazer?
17. L3 - depende do tempo que se leva pra descolorir
 18. L1 - uma hora mais ou menos?
 19. L3 - por aí
 20. L1 - [ahn
 21. L3 - [por aí
 22. L1 - uhn... você acha que se eu for ali para umas nove hora... ali pras dez e quinze está pronto?
 23. L3 - ah... mas hoje?
 24. L1 - ahn
 25. L3 - [vem amanhã... hoje não dá
 26. L1 - é que eu vou sair hoje à noite... eu queria já... dar uma acertada no cabelo
 27. L3 - só se for na parte da tarde... agora de manhã não dá
 28. L1 - mas na tarde... eu só posso ali prumas três e meia
 29. L3 - tudo bem
 30. L1 - está bom?
 31. L3 - está bom
 32. L1 - então eu vou... e que assim você faz... e dá uma arrumadinha no cabelo pra mim
 33. L3 - tá
 34. L1 - tá
 35. L3 - está bom
 36. L1 - então falou... tchau L.
 37. L3 - tchau

(K) - EU IA DE PERUA ONTEM

Tipo - conversação telefônica

Situação - telefonema espontâneo, sem que as locutoras soubessem da gravação

Ano - fevereiro de 1994

Falantes - N = L1, na faixa dos 50 e nível primário, D = L2, na faixa dos 50 e nível primário

Gravação - Ademar da Silva

1. L2 - pronto
2. L1 - oi
3. L2 - oi
4. L1 - CARAMBA disquei quatro vezes... está caindo no... no... vinte e dois meia meia onze
5. L2 - ah tem dias que esse telefone que toca... aqui nessa vila é assim mesmo... tem vez que
6. L1 - ah... mas eu falei... "mas que que é isso?" e o homem atende e eu falei pra ele "ô eu vou discar de novo"... "ô" falei pra ele né? "se cair aí o senhor nem atende"... mas que coisa viu
7. L2 - porque será que está caindo?
8. L1 - não sei... e até eu falei "mas não é possível... eu estou discando certo e cai no vinte e dois meia meia onze"... escuta? você ligou aqui ontem?
9. L2 - liguei... eu falei "deixa eu ver como ela chegou de viagem e tudo"
10. L1 - Ai nossa... ontem foi... vou te falar
11. L2 - você estava dormindo... aí falei pro seu filho "deixa ela dormir então... não acorda não"
12. L1 - eu cheguei era quinze para as sete... mas ontem olha eu vou te falar... eu até chorei ontem lá de tanta cansaça e nervoso que você passa... porque eu ia de perua ontem né?
13. L2 - é
14. L1 - de perua... de terça e quinta que ela vai... é bem melhor né? mais tem uma/ uma fulana que é uma xarope... que ela vai duas... três vez por semana
15. L2 - mas nossa...o que ela vai fazer?
16. L1 - ah ela está tratando de ((ininteligível)) e acho que... você sabe como que é né? L2 - ave MARIA
17. L1 - ah eu não sei o que que ela tem... essa mulher... ela foi terça quando eu fui... na... na quarta ela ia outra vez... e ontem ela foi outra vez... e ontem ela foi de ambulância e levou uma fulana com ela... uma amiga dela... ah ontem quando o motorista chegou aqui... que eu estava esperando... que eu sabia que era perua né? e o motorista da perua é um amor de pessoa... você tem que ver... os dois que é da perua... e... e na perua você sabe que você tem seu lugar né? agora a ambulância... ela pega lá embaixo e depois... a acompanhante senta no banco detrás da ambulância e a outra senta no banco da frente e você tem que ir na maca
18. L2 - é mas tem que falar isso na prefeitura
19. L1 - ah mas eu falei ontem pra ele... eu falei pra ele "ô... sorte sua que eu não vou tão já... porque se eu fo/ fosse tão já... eu ia falar... não com a assistente social... eu ia falar co... com o Prefeito... eu ia" eu falei "eu ia direto com ele"
20. L2 - porque essa assistência junto? tem que ir uma acompanhante junto?
21. L1 - eu falei pra ele... eu falei "essa mulher ela não tem nada nas perna e nem na vista" eu falei "por que que ela está levando acompanhante? agora eu tenho problema... que eu dilato pupila... eu faço exame na vista... eu fico sem poder sair de

lá da clínica umas três hora"... eu falei "agora eu não estou levando acompanhante ... só levei acompanhante uma vez" eu falei "certo? depois quando eu vi que/ que os outro precisava de lugar eu nunca mais levei eu me viro... vocês deixam na porta e pegam na porta... agora... olha... sorte sua... e dela que hoje eu vou e depois eu só vou em setembro... porque pelo contrário" eu falei "eu ia lá na prefeitura... eu não ia na assistência social... eu ia apontar tudo que eu já vi até hoje na perua e na ambulância"... falei pra ele "porque você pega elas lá em baixo...depois eu sou a última você me enfia na maca"((acabou a fita))

(L) - ME CORTOU O CORAÇÃO

Tipo - diálogo interativo entre duas donas de casa

Situação - gravação feita pelo documentador (que atuou como L3), no portão da casa de uma das falantes (L1), sem que elas soubessem da gravação

Ano - abril de 1995

Falantes - R C G A = L1, 28 anos, primeiro grau incompleto (5ª série), R M S S = L2, 30 anos, ginásio completo e V L = L3, faixa dos 30, nível universitário (3º ano de Letras)

Gravação - Vera Lúcia

1. L1 - agora tem que por tudo no lugar... passar um pano úmido... limpar tudo os móveis pra por tudo no lugar... não é fácil... (VOU LIMPAR ATÉ...)
2. L2 - hoje nós já conversamos tanto... né?
3. L1 - conversamos...né? ((pausa)) OH... M. por que você estava brava ontem? você não vai falar? a não?
4. L2 - não pode falar...
5. L1 - AH... é segredo?
6. L2 - é...
7. L1 - a tá... ((pausa))
8. L2 - e a Érica... sarou ... R...?
9. L1 - sarou... GRAÇAS A DEUS... você viu... foi o Kerflex que deu infecção... deu... deu alergia nela... ela é alérgica...
10. L2 - você levou ela no retorno?
11. L1 - levei...
12. L2 - não deu nada?
13. L1 - não o médico mandou... falou pra nunca mais dar o Kerflex e nenhum remédio

que tenha penicilina nela... porque senão dá... pode até dar um choque anafilático...

14. L2 - preciso levar o Gustavo pra... dar o remédio de verme... depois você me dá o nome? R... é verdade... você me dá o nome que eu esqueço...
15. L1 - é Pantelmin... não é... Elmibem e o... Flágl... é os dois... é Elmibem você dá três dias e o Flagil... cinco dias... aí pára... o Flagil... depois de dez dias você dá ... e com é... o... Elmibem você para... você dá três dias para (depois dá de novo) depois de sete dias...
16. L2 -a a... Lena deu a idéia da casa... né?
17. L1 - deu...
18. L2 - você pôs igual ela... né?
19. L1 - é eu falei pro homem colocar a estante lá... porque a televisão está pifada mesmo... só tem uma tomada pra televisão... né? então eu coloco o sofá ali... fica melhor... compra uns quadros lindos põe na parede... fica boa ...
20. L2 - ficou melhor pra limpar... né?
21. L1 - ficou... GRAÇAS A DEUS... você falou pro seu marido por na sua casa?
22. L2 - tsk... tsk... ((estilo negativo))
23. L1 - não? não falou nada?
24. L2 - com o piso comprado nem adianta... né?
25. L1 - AH... isso que é ruim... né? mas faz que nem eu... né? põe o piso... é... e... (põe o hiperpiso por cima...)
26. L2 - você viu como ficou bonito?
27. L3 - ficou...
28. L2-ficou linda... né? (mais que na Ro...)
29. L1 - mas da vida dos outros eu não posso falar... Bem...
30. L2 - a não DEUS ME LIVRE...
31. L1 - AH... eu vou falar... tá? a outra não falou nada? pra...
32. L2 - [a não... (não falou nada...) eu nem estou conversando direito também...
33. L1 - a não? não falou nada? pensei que tivesse falado alguma coisa...
34. L3 - ninguém descobriu nada...
35. L2 - não né?
36. L1 - bom... mas eu não dei nome aos burros...
37. L2 - de mim falou... fiquei sabendo hoje...
38. L1 - falou? o quê?
39. L2 - (eu tenho má língua...) ((risos))
40. L3 - repórter... ((risos))
41. L2 - você assistiu jornal ontem?
42. L3 - [não...
43. L1 - [não...

44. L2 - o cara... agora não sei que cidade que é... não sei se é aqui ou se é São Carlos... ahn... que... ele está passando um bisturi cortando a mulherada?
45. L1 - ah... eu vi... que ele só ataca dentista? né?
46. L2 - isso...
47. L1 - ele... passou no Fantástico... outro dia que ele invade o consultório a noite...
48. L2 - [não... não... ontem passou que ele vem com a bicicleta e corta a mulherada...
49. L1 - não porque no Fantástico passou um que ele...
50. L2 - não aquele lá... é o estuprador... né?
51. L1 - é o estuprador... ele só ataca dentista...
52. L2 - não... esse não... ele passa de bicicleta... deu ontem no jornal... ahn... (disse que tem uma) mulher que levou 74 pontos...
53. L1 - DEUS ME LIVRE E GUARDE... tadinha da minha bunda... ((risos)) ((pausa)) não... mas... você viu aquele o do... o do... fantástico...
54. L2 - é eu vi... daquele que (...)
55. L1 - ele ataca as moças... amarra... estupra... rouba as coisas dela... e... teve uma que amarrou é... e... morreu sufocada com um lenço na boca... não conseguiu tirar...
56. L2 - é... eu vi... eu vi a reportagem... é verdade...
57. L1 - AI CREDO...
58. L3 - Credo foi aquele negócio da Alaíde... QUÊ QUE FOI AQUILO LÁ?
59. L2 - de menor...
60. L3 - eu não sei direito como foi... a história...
61. L1 - que estava... é o ... Renato Nato... foi preso e ele pegou... e falou... que tinha dois menores envolvidos... né? e... Aí... a polícia vai... procura aqui fuça daqui... fuça de lá... prendeu o irmão da minha cunhada e um menino que mora perto da minha sogra... bateram bastante nele aqui... ((mostrando o tórax)) né? diz que ESTAVA ATÉ CUSPINDO SANGUE... agora ele está em Itápolis... está... tem... o juiz tem a guarda dele por vinte cinco dias... até sair o... resultado do exame... mas agora... eu não fiquei sabendo mais de nada...
62. L3 - já saiu...
63. L2 - [já saiu o resultado do exame... só que não chegou aqui ainda o laudo... ainda... né?
64. L1 - ele jura... é... inocente... ele fala que ele não foi... e a mãe dele fala que às dez e meia ele estava em casa...
65. L3 - [inocente sim... ahn
66. L1 - mas uma amiga da minha irmã... que faz tratamento lá na Clínica SLIM... e era amiga dessa moça... (disse) que ela saiu da república as nove e quinze... da noite... elas estava fazendo um trabalho... pra ela fazer o percurso da Rua Nove até a Dezesseis... ela gastou... uns quinze... vinte minutos... quer dizer... não foi às onze... deve ter feito isso às dez... nove e meia... eles...
67. L2 - (mas) o horário certinho... eles não sabem... né?
68. L3 - no máximo até as dez e quinze...
69. L1 - [não... não sabe... porque a mãe dele afirma que dez e meia ele estava em casa... né? mas a amiga da Alaíde diz que ela saiu da república às nove e quinze...
70. L2 - em meia hora acabaram com ela...
71. L1 - se ela andou rápido...
72. L3 - [esta história está mal contada... porque o que eu sei foi ao contrário... ela estava saindo de uma outra casa... ela estava indo pra república... ela estava indo pra casa dela...
73. L1 - não pra casa dela... então... mas ela estava saindo da república que é lá na Rua Nove... entendeu? Nove pra dezesseis... oito quarteirões... ela não demorou tanto... se você anda depressa... (porque eu gosto de ir depressa... se tem que andar sozinha de noite...) ando rapidinho... não ando devagar... deve ter chegado andando depressa... também... chegou lá... pegaram ela porque ela morava pela... aqui em baixo... ela tinha que pegar a Dezesseis...
74. L2 - mas eu escutei o Madalena... segunda... não... não... semana passada chegou o... de São Paulo... estava pronto lá o exame só que aqui eles não falaram nada...
75. L3 - ah não?
76. L2 - que tem que chegar o laudo... o tal laudo... né? aqui eles não falaram nada... aí eles falaram que os de menor... tinham bastante chance de não ter sido envolvido... né?
77. L1 - possibilidade de não ter sido envolvido...
78. L2 - [do outro lado... a mãe do cara lá... é... só que eles não falaram mais nada... né?
79. L1 - eu não ouvi mais nada... (eu não sei...) e esse Nato diz que também... ele matou uma velha... portuguesa... lá... na... na Rua Seis... ele era vizinho dela... diz que

ele ia tomar café todo dia lá... fazia chá pra ele... de tarde... né? ela morava sozinha... ela tinha ele como um filho... e... ele usava o telefone dela... parece que um dia... ele foi a noite... ela era diabética ele pegou e fez ela beber uma garrafa de pinga...

80. L2 - é ... eu escutei falar...

81. L1 - aí foi furando ela com agulha... né? e deu parada cardíaca... O MEDO e... ela sofria de diabete... né? morreu... depois que ele... que ela morreu ... ele estuprou ela... Aí A POLÍCIA PEGOU... achou que era... que ela tinha se embriagado... porque ela estava com a roupa e não foi feito exame... a perícia... né? porque estava de roupa... então... não foi comprovado o estupro...

82. L2 - (mas você sabe que esse negócio de injustiça...)

83. L1 - a polícia achou... porque ela morava sozinha... estava se sentindo sozinha... bebeu e a o álcool... subiu... sei lá...

84. L3 - (bateu as botas...)

85. L2 - sabe que eu acho uma injustiça... às vezes a gente fica até... sabe? COM RAIVA... você vê... o negócio da minha irmã... que ela está adotando a menininha... querendo adotar... né? ela já está atrás... quase um mês... ela foi... e o advogado mandou a gente ir lá... ela ia ir lá hoje... eu fui com ela... tudo... você viu?

86. L1 - ah... eu vi você chegando... com ela...

87. L2 - é eu fui cedinho... fui cedinho... chegou lá... tudo... um ... advogado... mas viu? ontem ele ligou pra ela... que era pra ela ir hoje... não... se... sexta-feira ele ligou... que era pra ela ir na terça-feira... ele falou... "já estou com os papéis todos prontos..." ele falou assim "você vem com o teu marido... o teu marido assina..." aí ela falou assim "e eu vou levar já a Natália embora?" ele falou "OH provavelmente sim..." aí ele ligou ontem... pra minha irmã... que era pra ela realmente é ir... que era hoje... aí ela falou... "mas o meu marido quer que o senhor dê certeza que a gente vai trazer a Natália embora..." né? ele falou assim "hã-hã... não... vocês estando aqui até umas nove horas... eu já dou andamento no processo... e quando for uma hora eu tenho uma audiência... quer dizer... que eu posso atender vocês até umas onze horas..." chegamos lá... era... não era nem oito e quinze...

88. L1 - (não era... que a altura que eu passei lá da esquina era sete horas...

89. L2 - é que eu fui buscar leite...

90. L1 - eu olhava assim... que a M. estava com dois saquinhos de leite e ela ia e ela voltava... ela ia e voltava... ((riso)) com os dois pacotes...

91. L2 - eu falei... assim... "vou ver se ela me vê né?" que eu tinha ido no bar... chega lá tudo... mais... o advogado estava por dentro de todo processo da menina... Aí... entramos lá na sala... tal... tudo... o advogado pediu uma autorização... (o papel)... mas era uma procuração... dando pleno poder pra ele poder... sabe? pro... procurar os pais da menina... e... falar... né? que ... ela está... está... sendo passado a... agora não é adoção

92. L1 - (a guarda...)

93. L2 - e... que ela está sendo passada a guarda... é pra minha irmã... pro meu cunhado... e... ma... minha irmã ficou louca da vida... fomos lá e... ele deu o papel... bateu a procuração... mandou meu cunhado assinar... e nós viemos embora...

94. L1 - (e não trouxe a menina...)

95. L2 - é... não... aí minha irmã falou assim "é moço... a gente pensou que a gente fosse levar a menina hoje..." e ele falou assim... "olha eu ainda vou rever o processo... vou falar com os pais... vou procurar saber... né? pelo menos informar... né? isso é um direito dos pais..." ela falou assim... é ele falou assim... "que impossível eles vão falar assim não... eu não quero..." porque está lá... não vai... fomos lá... é... faz mais de dois meses...

96. L1 - mas é... mas eles investigava a vida da pessoa de fio a pavio... porque...

97. L2 - isso é... tem essa também... né? eles vão investigar é o... o... porque deixamos o endereço... telefone... carteira...

98. L1 - eles investiga a vida da pessoa de fio a pavio... mesmo que a criança esteja jogada na rua... né? abandonada... se você quiser adotar... eles vão... (te revirar)...

99. L2 - foi o que eu falei pra minha irmã... e meu cunhado ficou... sabe? é "eu não venho mais aqui não... porque... a gente vem... pensei que ia já levar a menina..." aí a minha irmã falou assim... "mas se for assim... qualquer bandido... qualquer um vai lá... e fala" né? "quero adotar... daí eu quero adotar..."

100. L1 - (é...)

101. L3 - (é não pode...)

102. L2 - aí a minha irmã foi... perguntou... do conselho tutelar... né? ela falou assim... "e... quando o conselho tutelar vai lá em casa?" ele falou assim... "eles aparece de uma hora pra outra... tem que você esperar..."

103. L1 - é... é... verdade...
104. L2 - "tem que você ficar preparada... que eles vão na tua casa... mas é de Araraquara mesmo... não é de Itápolis não"... tem que acreditar que eles vão... ((sobreposição vozes-trecho ininteligível))
105. L1 - eles vêm pra ver se eles estão cuidando bem da menina... né? que a filha era alcoólatra...
106. L2 - (então... a minha irmã ficou...) aí... nós fomos na casa da tia do Wesley... entrou mais seis criança no Lar... tem uma menininha de seis meses...
107. L1 - NOSSA... QUE JUDIAÇÃO... né?
108. L2 - você já pensou? QUE PECADO... SEIS MESES... e... que fi... sabe que... que... me dói o coração? essas criança está lá... está precisando... né? o advogado falou... "elas estão precisando de muito amor... muito carinho..."
109. L1 - você vê a gente tem que dar mais carinho pra eles do que pros filhos da gente...
110. L2 - LÓGICO... você vê... a tia do Wesley... que estava atrás daquela de cinco anos... ela trouxe a de dois anos também... você viu que ela aqui... não viu?
111. L1 - ah... ela trouxe... eu vi ela estava outro dia (no ônibus... mas eu confundi... com a July... confundi com a July...)
112. L2 - é... é... isso mesmo... a Sílvia também confundiu ela com a July... ahn... ela as duas estão com a tia do Wesley... só que a de cinco anos ela quer adotar... e a pequeninha ela só está assim... só até ela arrumar uma família... só que... uma semana uma fica doente... a outra sara... a outra fica doente...
113. L1 - e gasta...
114. L2 - a semana passada estava a J... é aquela febre que não tem... sabe? que não sabe nem da onde que vem... ela sarou...
115. L1 - [pode ser febre... emocional... né?
116. L2 - é... falei... é coisa do psicológica... está mexendo muito com a cabeça dessas criança... e vai num lugar e fica... e você sabe? vem um visitar as menina e começa aquele comentário sabe? aquilo lá...
117. L1 - [a... as criança fica ouvindo... não pode né? marca... né?
118. L2 - por mais nova que elas sejam... que nem a F de cinco anos... ela vai entender... a de dois anos... as pessoas pensa que ela não entende...
119. L1 - [entende sim...
120. L2 - eu falei... muito pelo contrário ela vai gravar muito mais que a de cinco anos... eu falei... porque eles estão ali... elas não sabem o que falam... é ... mas ela está aqui só até arrumar uma outra família tal... que nem hoje... nós chegamos lá... ME CORTOU O CORAÇÃO... a de cinco anos falou assim... "eu não vou com você..." eu falei... "eu não vim te buscar Bem a tia vem te visitar porque você está com febre né?" comecei a brincar e meu cunhado né? DÁ ATÉ DÓ... porque onde elas estão... na cabeça delas... aquilo lá não é pra sempre... É PROVISÓRIO
121. L1 - é... elas sente falta da mãe né?
122. L2 - é por mais que seja...
123. L1 - [mãe é mãe... né? se a gente der... dá carinho... mãe é mãe...
124. L2 - por mais que seja... que a mãe é uma... pessoa que não sabe...
125. L1 - [uma vadia...
126. L2 - [é uma vadia... uma prostituta... que nem hoje o advogado falou né? "a mãe é uma prostituta não tem nem como ela educar estas crianças"...
127. L1 - [educar e criar uma criança...
128. L2 - aí então... né? o advogado falou pra minha irmã "é uma pena... infelizmente... é um processo demorado..." ele falou... "eu fui revi o processo... eu acompanhei o que a mãe fez"... porque a mãe dessa menina que minha irmã quer adotar... ela tem a V de cinco anos... a N de dois e ela deu... - GUSTAVO O CARRO-((barulho de freada)) e... ela deu o menininho que ela pegou o ano passado... recém-nascido...
129. L1 - NOSSA... ISSO AÍ NÃO É MÃE... É CHOCADEIRA... né?
130. L2 - não... aí o advogado falou... eu não estava... você vê... o advogado falou... eu não estava sabendo disso... porque no dia... no primeiro dia que a minha irmã foi conversar com ele... ele foi tão grosseiro... ele falou... "mas como você vai querendo adotar uma criança que tem mãe e tem pai?" a minha irmã falou... "não... eu não estou querendo... eu não estou exigindo... é que eu fiquei SABENDO... tal... eu vim aqui... conversei... vim ver a menina... no Lar... eu VIM FAZER UMA VISITA... e eu me APEGUEI COM A MENINA..."
131. L3 - a sua irmã?
132. L2 - a minha irmã... porque... porque foi... eu comentei com ela...
133. L1 - sua irmã tem que se preparar emocionalmente... e se não dá certo?
134. L2 - NOSSA... eu conversei tanto com a minha irmã... eu falei assim... porque ela tem a caçula... né? a R...
135. L1 - é...

136. L2 - eu falei assim "você tem que conversar... preparar bem a cabeça dessas menina"... eu falei assim... "POR MAIS QUE VOCÊ... É... é... ela entenda... ela não vai conseguir separar a atenção que você está dando de... nela... ela vai achar que você está pirando"...
137. L1 - [é... é verdade...
138. L2 - tirando dela pra dar pra outra...
139. L1 - e depois se a mãe quiser a criança de volta... ah... vai mexer com ela... com a sua irmã... né? com as PRÓPRIAS CRIANÇAS da sua irmã... né?
140. L2 - NOSSA...
141. L1 - [que vai se apegar na menina também... né?
142. L2 - então... aí o advogado falou pra minha irmã que ele não dá... ahn... cem por cento... assim... vamos supor... ela vai ficar na tutela da minha irmã... seis meses... ele falou "nesses seis meses a mãe e o pai pode exigir a criança"...
143. L1 - [aí eu já não queria por causa disso... porque eu me apego fácil...

(M) - VOCÊ NÃO SENTE, NÃO AS INVEJA?

Tipo - diálogo entre informante e documentador (DID)

Situação - diálogo interativo entre uma cartomante e um consulente(que atuou como documentador). Ela não sabia da gravação

Ano - março de 1996

Falantes - M = L1, na faixa dos 50 e nível primário e E = L2, na faixa dos 30, doutorando em Química.

Gravação - Ademar da Silva

1. L1 - o que que está te preocupando mais?
2. L2 - eu queria ver em termos de serviço mesmo... né... em termos financeiros... como vai ser agora
3. L1 - está um pouco parado... né?
4. L2 - está
5. L1 - mas está um pouco complicado também... mas isso aí está geral... não precisa pensar que é só pra você não...
6. L2 - [uhn uhn
7. L1 - [mas vai vir um bom andamento pra você...você vai conseguir... vai ter bom êxito... naquilo que eu falei a gente está trabalhando pra te ajudar... e no amor... o que tem acontecido?
8. L2 - está bem agora... estou namorando
9. L1 - é daqui ou de lá

10. L2 - daqui
11. L1 - você vai conseguir o que você quer mas as inveja ainda continua em cima de você viu
12. L2 - uhn uhn
13. L1 - [NOSSA como pode... né... você não sente... não as inveja?
14. L2 - eu acho... sei lá... depende de como que
15. L1 - as inveja está atrapalhando um pouco seu trabalho... seu casamento... seu futuro... seus estudo... suas coisa... você entendeu? está atrapalhando um pouco... ainda continua ter inveja em cima de você... a gente conseguiu tirar bastante... mas ainda continua... que mais está te preocupando?
16. L2 - mais mesmo seria ter uma idéia do... dessa parte financeira que agora está parada né? que queria saber se vai demorar muito... se vai
17. L1 - vai um pouco
18. L2 - vai?
19. L1 - vai... mas você vai conseguir aquilo que você quer... vai dar certo pra você... você entendeu?
20. L2 - uhn uhn
21. L1 - na época o que que nós precisou pra fazer o seu trabalho? ((pausa)) está lembrado?
22. L2 - não... não não
23. L1 - não te falei que precisava queimar umas vela para pode fazer um trabalho pra você
24. L2 - ah tá
25. L1 - o que que precisou... está lembrado?
26. L2 - não... faz tempo... né?
27. L1 - no amor estou vendo que você vai ter bom êxito no amor...vai conseguir... viagem...está pretendendo fazer alguma viagem
28. L2 - só por turismo mesmo... não por
29. L1 - éh vai conseguir... vai dar certo... vai ter sorte...alegria...gozo... prazer... seus caminho está precisando de luz... precisa iluminar seus caminho... está precisando das vela pra queimar pra iluminar seus caminho pra afastar as coisas feita que está ni você... que você só não conseguiu até agora por causa dessa inveja que está atrapalhando você... e a gente deve ((ininteligível))... LÁ quanto tempo que você frequenta lá
30. L2 - São Carlos?
31. L1 - é::
32. L2 - ah... já faz uns seis meses mas ou menos

33. L1 - porque lá também... ó que você tem de inveja lá nos seus estudo... lá no seu trabalho
34. L2 - uhn uhn
35. L1 - [também tem gente que tem inveja... tem uma mulher lá que tem interesse por você... não tem?
36. L2 - lá em São Carlos?
37. L1 - é
38. L2 - não percebi
39. L1 - você vai perceber... a sua felicidade...o seu casamento...o seu futuro... se você não conseguiu ainda é porque está tudo trancado pra você... as inveja... eu falei pra você na época que precisava fazer um trabalho... não falei
40. L2 - Luhn uhn
41. L1 - [que que eu falei que precisava?
42. L2 - então parece que foi um negócio de velas... né?
43. L1 - é
44. L2 - uhn uhn
45. L1 - não voltou mas aqui por que?
46. L2 - porque a senhora pediu as velas... mas eu não tenho condições
47. L1 - não fui eu que pedi... precisa
48. L2 - eu sei ... eu estou falando... mas não tenho condições... né?
49. L1 - precisa fazer... se nós fizesse já tinha melhorado mais ainda... que eu estou fazendo as proteção pra você... mas você sabe se você for mexer com qualquer coisa... se nós não tiver os material você não consegue nada
50. L2 - Luhn uhn
51. L1 - [né? é a mesma coisa... você entendeu? precisa... seu caminho está precisando de luz... precisa iluminar seu caminho pra poder te dar força... te dar proteção... pra quebrar um pouco dessa inveja que está te atrapalhando... aí você vai ter o que você quer... você tem tudo pela frente para ser feliz ... você já era pra ter conseguido... só não conseguiu porque estão te prendendo... você entendeu?
52. L2 - uhn uhn
53. L1 - agora a gente tirando... afastando/ o que que está te preocupando mais? você pode fazer mais alguma pergunta
54. L2 - então a gente está pedindo uma uma bolsa de estudos lá na/ onde estou trabalhando e é essa parte financeira que me interessa... né? e a gente vai pedir e eu não sei se eles vão responder sim ou não... então eu quero saber
55. L1 - pra quem vocês estão pedindo?
56. L2 - para um órgão do estado
57. L1 - vai demorar um pouco... mas você vai conseguir... não desista não... tudo que você quiser fazer... você sempre põe o pensamento positivo primeiro em Deus e pensa assim eu vou conseguir... eu vou vencer e você vai conseguir
58. L2 - uhn uhn
59. L1 - [e você vai conseguir... você não quer fazer aquele trabalho que eu te falei?... você não pode pagar pelo menos uma vela pra nós poder ((ininteligível))
60. L2 - não dá ... eu estou justamente falando perguntando isso por causa disso... agora estou sem dinheiro...está tudo parado... não tem condições... não... talvez depois a hora que eu conseguir lá eu posso até tentar fazer a coisa ir mais pra frente
61. L1 - não dá... o problema é que todas as carta que eu jogo sempre ((ininteligível)) está precisando de luz... precisava de pelo menos uma vela... cinquenta reais uma vela
62. L2 - então pra mim... quem está desempregado é...
63. L1 - [não se aborreça... não se contraria... põe o pensamento positivo em Deus e eu já falei em tudo que você for fazer vai fazer com pensamento positivo... te ensinei algum banho pra fazer de defesa?
64. L2 - não... não falou nada
65. L1 - você vai fazer um banho pra você de defesa... pra poder descarregar um pouco... pra você conseguir o que é seu vir nas suas mão
66. L2 - Luhn uhn
67. L1 - [mas não pode comentar não pode falar
68. L2 - tá
69. L1 - tem jeito de você fazer uns banhos pra você
70. L2 - tem
71. L1 - você pega assim sete folhas de louro
72. L2 - Luhn uhn
73. L1 - [põe três litros de água pra ferver e põe sete folhas de louro pra ferver junto... depois que ferver você desliga o fogo e deixa esfriar normal... quando você ver que está cheirando as folha você desliga o fogo e deixa esfriar normal... toma o seu banho... antes de se enxugar você joga daqui pra baixo ((apontando o pescoço))
74. L2 - do pescoço pra baixo
75. L1 - é pra poder ajudar a descarregar... junta aquelas folha e a hora que você

- passar numa água corrente você joga na água limpa
76. L2 - quantas vezes isso?
77. L1 - você pode fazer segunda quarta e sexta
78. L2 - uhn uhn
79. L1 - pode fazer esses três banho por semana e na outra semana segunda quarta e sexta você faz as rosa... rosa branca
80. L2 - como que é isso?
81. L1 - pega três raminho de branca põe três litros de água para ferver... é o mesmo banho só que as rosa joga da cabeça
82. L2 - da cabeça para baixo depois do banho também
83. L1 - termina o banho e antes de se enxugar joga da cabeça com as pétala e tudo... você junta aquelas folhinha e joga numa água corrente... você guarda numa sacolinha... você tira da sacolinha
84. L2 - [e joga né
85. L1 - porque você está precisando realmente daquela ajuda que eu te falei da ajuda e proteção você está precisando
86. L2 - uhn uhn
87. L1 - [e vai ser necessário dessa ajuda... eu estou fazendo o que eu posso pra te ajudar ((ininteligível)) eu estou fazendo firmeza... estou firmando os ponto pra poder abrir seus caminho... e você vai conseguir se Deus quiser... fortuna... felicidade... paz... viagem... passeio... no amor... vai conseguir morar no que é seu e não vai morar no que é dos outro...tudo que você pensar...que você desejar você vai alcançar... se cuida muito de certas pessoa que você anda junto... e se cuida bastante também nas suas viagem... sempre vai com pensamento positivo... que as coisas boas *virão* pra você e algumas coisinhas que acontecem é coisa que você tem que passar mesmo... mas coisas grave... ruim assim não estou vendo pra você não... estou vendo muitas coisas boas que vai acontecer...vai ter paz de espírito... sossego...tranquilidade...paz no amor e um bom dinheiro vai entrar pra você... você vai conseguir sua bolsa...vai...não desista não...vai insistindo que você vai conseguir ...o que você pensar... o que você desejar você vai alcançar... vai ser muito feliz e Deus que te ajude e que te acompanhe ((ininteligível)) feliz ... quer fazer mas alguma pergunta pode fazer
88. L2 - bom... acho que era isso... o principal era o assunto do dinheiro mais imediato... né?
89. L1 - vai demorar um pouco... mas vai conseguir
90. L2 - talvez a senhora poderia ver aí também né... em São Carlos eu tenho... está programado pra eu ficar três anos fazendo esse trabalho lá... então eu gostaria de saber se vai ser feito nesses três anos... lá?
91. L1 - não falei (tudo que você pensar vai dar certo) tudo que você for fazer pensamento positivo... eu vou conseguir... eu vou vencer... não se aborreça para outro lado... põe tua cabeça naquilo que você quer
92. L2 - [uhn uhn
93. L1 - [você quer conseguir isso aqui... você vai em frente... vai a luta... vai... eu vou conseguir e você consegue
94. L2 - pensamento positivo
95. L1 - porque você tem tudo pela frente para ser feliz e eu vou te ajudar você... vou dar uma força pra você... com o tempo você consegue... está bom?
96. L2 - tá
97. L1 - não se aborreça... se contraria... vai alegre e contente porque o que é seu vai vir nas tuas mão...você tem alguma herança de alguém pra receber?
98. L2 - não... não tenho não
99. L1 - tem um bom dinheiro que vai entrar pra você... mas vai demorar bastante
100. L2 - uhn uhn
101. L1 - mas vai entrar um dinheiro bom
102. L2 - esse demorar bastante... a senhora acha quanto tempo?
103. L1 - dois ou três anos
104. L2 - ah tá... está bom
105. L1 - está bom?
106. L2 - está bom então
107. L1 - e mais as coisas boas virão pra você...você resolve...se você quiser... então agora até o fim do mês vou fazer uma viagem e vou ficar uns três meses fora
108. L2 - [uhn uhn
109. L1 - [só depois de três meses que eu estou aqui
110. L2 - então acho que aí é o tempo de chegar a bolsa talvez... aí e eu ter condições
111. L1 - se eu não estiver aqui eu estou lá na minha casa... lá em cima... em frente o DAE
112. L2 - aonde que é lá?
113. L1 - na Fonte
114. L2 - Ah tá
115. L1 - tem o DAE
116. L2 - mas onde que é lá?

117. L1 - bem em frente onde tem a placa com o meu nome tudo direitinho... casona bonita de esquina assim
118. L2 - não é uma que tem uma outra placa lá então?... tem uma outra moça lá que acho que faz lá também
119. L1 - minha nora
120. L2 - é nora da senhora... legal então
121. L1 - conhece?
122. L2 - não... eu passei em frente... aí eu vi a placa lá... tem um rapaz que eu dei aula que é vizinho dela... tem um portãozinho de garagem ali... aí eu vi... vi... vi inclusive aquele... um panfletinho que ela está distribuindo também
123. L1 - nós trabalha junto... então eu falei eu vou continuar aqui por causa do colégio das criança que é tudo pertinho... é terminei a casa tem pouco tempo e ela está lá cuidando pra mim
124. L2 - ah é legal então... eu não sabia que era nora
125. L1 - se algum dia você vier aqui eu não estiver aqui você me procura lá
126. L2 - procura lá
127. L1 - qualquer coisa eu tenho o telefone também
128. L2 - tem o papelzinho lá... eu sei onde eu deixei lá
129. L1 - qualquer coisa você me liga
130. L2 - está bom
131. L1 - no que eu puder te ajudar eu vou vou fazer força
132. L2 - está bom... tá
133. L1 - e faça o que eu te falei e eu estou vendo que você vai ter êxito no seu estudo... no seu trabalho... você vai conseguir muita coisa boa... porque você tem força pra isso... você não tem preguiça ((ininteligível)) tem dia que você está desanimado
134. L2 - tem é óbvio
135. L1 - de vez em quando
136. L2 - acho que é por causa das invejas
137. L1 - é: é a inveja que faz você ficar assim... faça os banho de defesa pra você e de vez em quando põe uma vela pro seu anjo da guarda pra queimar num lugar mais alto que você/ é bom sempre antes do banho você por a vela... se você não tiver mel... você põe um pouquinho de açúcar assim... se você tiver mel ... você põe bem pouquinho
138. L2 - e põe a vela no meio
139. L1 - no meio e num lugar mais alto do que você com um copo de água na ponta... e pede pro seu anjo da guarda abrir seus

caminho... te dar força... te dar proteção... pra você vencer naquilo que você quer

140. L2 - certo
141. L1 - aí você vai pro chuveiro e faz o banho de defesa... sempre é bom fazer os banho na parte da manhã
142. L2 - isso daí... esses banhos por exemplo... faço na semana agora que entra... faço a primeira semana com o louros e depois com a rosa branca e depois aí termina
143. L1 - aí pode parar
144. L2 - ah
145. L1 - quando você sentir que está meio trêmulo... com dor no corpo... tudo ((ininteligível)) alguma coisa... faz um outro
146. L2 - [outro
147. L1 - [nunca é demais... pode fazer sempre que não estiver bom
148. L2 - tá
149. L1 - é bom pra ajudar a descarregar... quando terminar a velinha de queimar... você abre a torneira da pia... pega aquele copo de água e joga na pia
150. L2 - na água corrente
151. L1 - que vai poder descarregar... está bom?
152. L2 - por enquanto... acho que enquanto eu for fazendo esses banhos... essas coisas e assim que eu tiver condições eu volto.

(N) - TIRE DUAS CARTAS

Tipo - diálogo entre informante e documentador (DID)

Situação - diálogo interativo entre uma taróloga e um consulente (que atuou como documentador). Ela sabia da gravação

Ano - abril de 1996

Falantes - I = L1, na faixa dos 30 e nível universitário e A = L2, 49 anos, nível universitário.

Gravação - Ademar da Silva

1. L1 - (...) de um modo geral depois a pessoa costuma... vai perguntar sobre... onde ela tem dúvida... as intenções e as pretensões dela né? já que é o seguinte... tarô ele não é um jogo de adivinhação... ele mostra... ele mostra as probabilidades ... o que você pode encontrar de mais ou menos favorável neste ou... em outro setor no aspecto da vida... tanto emocional quanto profissional... afetivo e vai/ vamos lá A... corta o ((ininteligível)) com sua mão esquerda... qual o seu signo A... ?

2. L2 - câncer...
3. L1 - câncer... ah aqui mostra o seguinte... de um modo geral dentro da... parte da personalidade... família... casa... setor assim familiar... aqui mostra que você é uma pessoa super sensível... receptiva que capta muita energia de lugares... de pessoas com as quais você entra em contato... tá? uma abertura também na parte de trabalho e de negócios... e com relação à parte emocional também... o fim de um ciclo... o começo de outro onde... você vai reavaliar os seus valores... tudo o que vem acontecendo até agora... e se reposicionar ...está aqui uma pretensão espiritual... você prega alguma religião... filosofia de vida... alguma coisa assim... A?
4. L2 - não... assim não... eu sou católico mas não praticante... quando a coisa aperta eu apelo para um pai nosso ((risos))
5. L1 - na hora H...((ininteligível)) OLHA eu digo isso pelo seguinte motivo... aqui aparece a carta do (hierofante) que mostra proteção na parte espiritual... ahn... dentro da sua linha (carmástica)... do seu ciclo de vida... tá?
6. L2 - uhn::
7. L1 - tem muita coisa positiva... muitos... muitos (darmas)... aquela situação de... saldo né? tem muita coisa boa... e a partir disso você deve aproveitar e redirecionar... também pro outro lado assim... da caridade... fazer caridade do seu jeito... do jeito que ela lhe vier...
8. L2 - uhn uhn
9. L1 - dentro do seu ambiente... do lugar que você mora... aqui aparece a necessidade de cuidar um pouquinho espiritualmente... existem algumas energias um pouquinho negativas que se aproximam... então... que vêm através de... que você capta certo?
10. L2 - uhn uhn
11. L1 - essas energias... às vezes... ficam aí no seu ambiente... no lugar que você mora... então aí você (deveria) limpar a sua casa do jeito que você achar que é mais ((ininteligível)) que é mais conveniente...
12. L2 - ahn ahn
13. L1 - cada pessoa seguindo uma linha tem um esquema de trabalho pra limpeza do seu próprio ambiente tá? algumas preferem queimar um defumador... um incenso ((ininteligível))... para a limpeza do ambiente... calma... paz e tranquilidade ali dentro... se você fizer isso ... você melhora mais... você trabalha com quê?
14. L2 - eu sou professor...
15. L1 - aqui sai fim de um ciclo também... na parte sua profissional... o começo de mudanças no esquema de trabalho e provavelmente surja... um... um trabalho... uma coisa também paralela ao que você já faz... você trabalha com pesquisa alguma coisa assim também?
16. L2 - pesquisa...
17. L1 - fora o lecionar
18. L2 - é::
19. L1 - é então provavelmente uma mudança na outra parte... (daí)... de pesquisa... dentro da casa também... (aparece)eh... mudança no seguinte sentido ...transação comercial... você comprando ou vendendo uma coisa móvel ou imóvel... é um ano bom para este tipo de coisa... aliás é um ano favorÁVEL pra você... desde que você se cuide mais espiritualmente... não deixe que só o lado material... o dia-a-dia te consuma...
20. L2 - ahn ahn
21. L1 - existe um potencial aqui que você pode desenvolver... na sua linha espiritual ...você (trabalhar) com relaxamento... meditação... relaxar um pouco sua mente objetiva... dar espaço mais para a subjetiva ...que é... onde você vai alcançar mais... vai ter mais insights... mais idéias pra desenvolver melhor o seu trabalho... na parte material mesmo... com relação à saúde física... tomar mais água... tomar bastante água... procurar ingerir mais... caso você não o faça
22. L2 - uhn uhn
23. L1 - não sei se você tem isso por hábito... mas... tomar mais água mesmo tá? para uma purificação... maior a nível interno ... aqui surge viagens ...você trabalha/ você viaja bastante... esse tipo de coisa?
24. L2 - não... não mas ano passado eu viajei... aconteceu um milagre na minha vida e eu consegui uma viagem... fui viajar...
25. L1 - não... aqui aparece uma coisa a nível de trabalho também... que pode surgir tá?
26. L2 - tá...
27. L1 - uma viagem de trabalho e provavelmente uma viagem a nível... passeio mesmo... mas é mais pro final do ano...
28. L2 - uhn...

29. L1 - tem alguma coisa ligada a nível de exterior também... mas é em termos de... de trabalho que está surgindo muito aqui pra você tá? mais mostrando esta parte... na linha emocional... você é casado o A?
30. L2 - sim...
31. L1 - tem filhos?
32. L2 - tenho...
33. L1 - aqui aparece... eh... sua esposa tá? às vezes um pouquinho depressiva... um pouquinho angustiada com a vida dela... dentro do esquema de vida
34. L2 - uhn
35. L1 - também por captar energias um pouquinho negativas... qual o signo dela A?
36. L2 - capricórnio...
37. L1 - materialmente têm mudanças favoráveis pra ela... se ela trabalha... se ela tem uma profissão... ela eh... pode desenvolver bastante o trabalho dela... uma fase assim favorável... essa agora tá?
38. L2 - uhn
39. L1 - agora emocionalmente ela precisa de se trabalhar mais... ou seja... o mesmo aspecto de você... reavaliação dos valores... reposicionamento... todo esse tipo de coisa... dentro da família... uma pessoa de mais idade... parente uma coisa assim... com problema de saúde... principalmente na parte assim... circulatória... ossos... esse... esse tipo de coisa pode surgir com alguém de mais idade... ou é parente ou é pessoa muito próxima
40. L2 - uhn uhn
41. L1 - tá? você a nível energético... você bloqueia os seus chacras... os seus chacras... sabe o que são chacras?
42. L2 - sei...
43. L1 - são seus pontos de força onde você capta e emana energia... você tem aqui uns três chacras bloqueados: o básico... o (esplênico) e o laríngeo... são três chacras que vivem sendo eh... bloqueados então...
44. L2 - quais são?
45. L1 - o básico... na altura do (osso púbico) na base da coluna atrás...
46. L2 - ((diz algo inteligível))
47. L1 - o esplênico ((inteligível))... o solar é na boca do estômago tá? o esplênico seria o umbigo... umbilical e o laríngeo tá? que seria o seu ouvido espiritual... por onde você... às vezes... pode ficar um pouquinho mais agitado... aqui está mudanças de novo muito rápidas vindo pra você... você está num alto astral... contente tranquilo... de repente é como se tivesse uma chuva só em cima de você... e uma tendência a ficar assim... a se desequilibrar um pouquinho... ficar um pouquinho nervoso... agitado
48. L2 - uhn
49. L1 - mas é pelo bloqueio... por estes bloqueios que estão acontecendo aí... dentro do/ por exemplo... numa visualização de cor... respiração... trabalhar muito com (pranaiama)... este tipo de energia resolveria o seu... problema a nível energético
50. L2 - uhn uhn
51. L1 - e aqui está... um ano muito bom em todos os aspectos... tanto material quanto profissional e também emocional... desde que você eh... se ligue um pouquinho mais com o seu lado psíquico... energético ou espiritual também
52. L2 - ahn ahn
53. L1 - pode perguntar A...o que você que saber?
54. L2 - eu não entendi muito bem essa parte aqui da... ((aponta para a carta))
55. L1 - da família...
56. L2 - da... da da... da/ esta parte aqui... O ((mostrando a carta))
57. L1 - certo
58. L2 - não ficou claro...
59. L1 - aqui é o seguinte... mudanças dentro de casa... ou seja... fim de um ciclo começo de outro... transação na parte profissional ou material seria... ahn compra... venda... transação comercial... então favorável... é um período/ um ano favorável para você comprar... vender coisas ligadas à casa... coisa móvel coisa imóvel... transação comercial mesmo... mas dentro da casa uma energia um pouco negativa que... às vezes... incomoda... então onde você vai se sentir mais cansado do que o normal... às vezes... as pessoas que estão na casa acabam se sentindo meio que depressivas... irritadas por essa captação... por essa receptividade de vocês que acaba... sugando tal energia... vem coisa boa... mas às vezes vêm coisas menos favoráveis e é onde você se desequilibra um pouquinho...
60. L2 - uhn... e... quando você me perguntou da espiritualidade no caso se ...
61. L1 - se você seguia uma religião
62. L2 - se eu seguia uma religião... pra ah... melhorar essa situação eu teria que... que me apegar à alguma coisa... isso não?

63. L1 - [não necessariamente... não... veja bem... quando uma pessoa segue... por exemplo... uma religião... então ela já tem o esquema dela de se ajudar tá? então vamos supor ela é espírita... então ela vai tomar um passe... ela vai para um centro... ela vai para uma palestra... ela vai fazer evangelho no lar... se ela é católica... ela vai à missa... ela faz novena... ela tem o esqueminha dela... se o cara é um budista... ele defuma a casa... ele trabalha do jeito dele... cada um seguindo/mas não necessariamente você precisa seguir uma religião... porque a religião não é o que vai te salvar... o seu templo é você... então se você se cuidar mentalmente/ e como você faz isso? procurando pensar positivo... pra que você atraia também coisas positivas pra você... se você ficar negativo pensando "pô isso não vai dar certo... aquilo não vai dar certo... acho que isso eu não consigo... não consigo... não sei... acho que não vai dar"... acaba mesmo atraindo pra você esse tipo de situação... mesmo que você não seja essa pessoa... ahn... insegura... meio baixo astral... pela sua receptividade... seria esse potencial que você poderia desenvolver mais... tem a ver com a sua mente... então se você controla a sua mente você está equilibrado... com a sua energia yang e ying equilibradas... então você passa por um problema... de uma maneira estruturada... agora quando você está desequilibrado ou com chacras bloqueados ... a tendência é que você fique mais receptivo a essas energias negativas... sua área se fecha... se cola
64. L2 - uhn uhn
65. L1- então... conseqüentemente... você fica vulnerável... mais receptivo a doencinha... é gripe... resfriado... cada pessoa tem um ponto mais fraco né? um chacras que desequilibra mais facilmente... algumas pessoas por exemplo... é gastrite... é úlcera... problema na coluna... dor nas costas... aquele negócio todo... outras pega os chacras coronários... é dor de cabeça direto... enxaqueca... todo esse tipo de... de coisinha que você detecta como sendo a falta... desequilíbrio energético... a doença ((ininteligível)) seria um desequilíbrio energético trazendo pro corpo físico os/ o mal estar...
66. L2 - ahn ahn
67. L1 - [deu pra...?
68. L2 - [deu pra entender sim
69. L1 - pode perguntar A...
70. L2 - você vai continuar jogando?
71. L1 - não... você pergunta e a gente...
72. L2 - ahn ahn... o:: os... os chacras... eu queria saber..... REALmente eu sinto às vezes...((apontando a garganta))
73. L1 - é você é professor... você trabalha com isso
74. L2 - a primeira coisa que me ataca quando eu fico um pouco ansioso é... é um bloqueio aqui ó ((apontando a garganta))... é a primeira coisa... fico ansioso e prende aqui... esse é o chacras? o chacras da...
75. L1 - é o chacras da laringe
76. L2 - [da laringe... né?
77. L1 - e este é o seu ouvido espiritual... e este chacra é/ vamos supor se você é/ fosse um motorista de trânsito... então ele está direto com a buzina... com isso ... com aquilo... aquela tensão... todo o tipo de ruído né? a parte negativa do som penetra por este ouvido aqui... então desse chacras passa a vibração ((ininteligível))... então é muito fácil você encontrar pessoas que estão direto no trânsito terem problemas assim... estomacais ... digestivos... porque ele vai afetar/ os ruídos né? afetam às vezes mais... por exemplo...o estômago... eh o nervosismo então... depende da pessoa... você... você vai jogando/ a parte (dela) mais sensível... mais vulnerável acaba sendo mais atacada... no seu caso... por exemplo a laringe está bloqueada mesmo
78. L2 - um tempo atrás eu estive assim... com minha ansiedade muito alta... e a primeira vez que eu senti era/ agora que eu consegui controlar isso... está bem controlado... mas a primeira coisa que eu sentia e que ia crescendo durante o dia... acordava bem... meio-dia eu estava sabe... aquele sufoco aqui ((apontando a garganta))... mas isso já passou ((risos))
79. L1 - bom... você quer saber sobre o seu chacras... não é isso?
80. L2 - sim
81. L1 - tire duas cartas...A
82. L2 - duas cartas
83. L1 - não é uma coisa... de louco né? não é uma coisa absurda o que acontece... é uma coisa perfeitamente... perfeitamente trabalhável... dá pra você... ah:: com pouca coisa que você faça... você consegue se equilibrar... mas precisa em primeiro lugar administrar a sua ansiedade... mesmo que você... às vezes... é uma pessoa que acaba se auto-enervando... muito crítica consigo mesmo... então você acaba ficando irritadiço e esse seu chacra realmente está

- um pouquinho desequilibrado... um pouquinho bloqueado...
84. L2 - essas duas cartas dizem isso?
85. L1 - é a combinação delas né? a associação... veja bem... no tarô a carta sozinha é uma coisa... a carta combinada é outra
86. L2 - e essas duas o que?
87. L1 - no caso aqui sai o rei ouros... o rei de paus mostrando mudanças e define mais assim... a personalidade da pessoa...então o estado de espírito... a preocupação... por exemplo... aqui nesta carta... com a parte material... com a parte financeira... a preocupação com... com o trabalho...com coisas... com obrigações... o seu dia-a-dia te consumindo... você perdendo muita energia por aí... e dentro aqui... também... da... da parte física...tá? você... às vezes... não se cuidando tanto também
88. L2 - ahn ahn
89. L1 - então sai aqui desgaste energético e por isso você acaba ficando assim ... às vezes se sentindo um pouco mal... aqui sai também... uma coisa de sono meio perturbado... ah ou dorme mas não repousa... acorda cansado... aquela coisa que é meio desgastante mesmo...
90. L2 - éh... interessante eu durmo... às eu/ eu acho que é este calor de Araraquara porque eu acordo cansado... mas eu durmo muito bem...
91. L1 - mas às vezes não é só o fato dormir... dormir em si... você deitou... você apagou...
92. L2 - uhm
93. L1 - isso aqui significa... às vezes... pode acabar acordando cansado... não quer dizer que isso esteja acontecendo...mas se este desequilíbrio continuar... aí sim... você vai atrair este tipo de situação... nem sempre o tarô mostra que/ olha você está assim... mas ele mostra que dentro da probabilidade... se você deixar/ não cuidar desse aspecto... por exemplo... você vai acabar atraindo este tipo de situação... até chegar ao ponto de dormir mal... acordar mais cansado... mas não é só por esse bloqueio desse chakra porque aparece o básico...
94. L2 - o básico o que é?
95. L1 - que significa a mudança também... de temperatura do corpo... trabalha com a parte do metabolismo também... então mudança na parte glandular... hormonal que devagarzinho vão/ podem começar aparecer e trazer este tipo de probleminha... mas como eu disse no começo... no seu caso não é uma coisa de louco tá? você não está desequilibrado... nada disso... é uma pequena situação que está acontecendo e que se você trabalhar com visualização criativa... com cromoterapia... é o suficiente para você se equilibrar...
96. L2 - ahn ahn
97. L1 - então não pense numa coisa negativa a ponto de... OH vou ter uma doença... não está saindo isso não...
98. L2 - dá para saber mais alguma coisa ou não?
99. L1 - pode
100. L2 - você falou sobre a caridade... não ficou muito claro isso...
101. L1 - tire uma carta... a questão é a seguinte... você é/ poderia se você quiser... quando você quiser... fazer algum tipo de caridade... quer dizer... louvar porque você tem uma energia muito boa... você tem uma luz... você tem um/ você é uma pessoa carismática... tem um astral assim muito bom e tem uma proteção espiritual também muito forte... mesmo que você não se dê conta... ela existe... ela está atrás de você... são vibrações muito positivas também
102. L2 - [ahn ahn
103. L1 - [e através... desta coisa boa... tudo aquilo que de bom vem pra você que você dívida também com o seu semelhante fazendo a sua caridade... da maneira que você achar que está bom
104. L2 - está ok
105. L1 - tá... é mais um trabalho assim... você se ajuda... você se sente bem e leva um pouquinho dessa coisa boa pro seu próximo... a caridade pode ser moral... material... como ela lhe vier... mas é muito importante... se tem alguém com fome... está pedindo comida... você dá comida... se tem outra com sede... da água tá? esse tipo de caridade é uma coisa que também vai te fazer muito bem... é a nível de amor mesmo regendo inteiro sua vida... não esqueça do seu semelhante mesmo tá? dentro do seu esquema... daquilo que você julgar necessário... da forma que você quiser... não quer dizer você tem que contribuir para a instituição tal... não... não é isso... é:: é caridade do jeito que você entende... do jeito que você sente e como você quiser ajudar... você já trabalhou em vida pregressa com seu lado espiritual... você não está trabalhando... mas ele está em estado latente... a medida

- que você for colocando isso para fora... que for trabalhando com o seu lado energético... ele vai crescendo e se reverte de uma maneira positiva para você
106. L2 - entendi... ficou claro... AH você falou da minha esposa... sobre... ela está/ esta parte
107. L1 - do lado emocional
108. L2 - do lado emocional que também influi muito
109. L1 - sua esposa trabalha?
110. L2 - trabalha... é professora como eu...((risos)) faz pesquisa como eu...
111. L1 - tire uma carta para mim A... é dentro de que área?
112. L2 - trabalha na minha área... professora...
113. L1 - literatura?
114. L2 - língua e literatura
115. L1 - olha A... aqui aparece o seguinte... ela é uma pessoa também bastante sensível... materialmente sai mudanças favoráveis para ela... agora emocionalmente... o emocional que eu digo aqui é/ não é só conjugal... é também o relacionamento com... com outras pessoas... eh ela captando as energias das pessoas... dos alunos... dos lugares com os quais ela entra em contato... então... ela aparenta um pouco assim cansadona... um pouco eh:: até um pouquinho angustiada... um pouquinho depressiva... procurando assim/ se sentindo um pouco vazia... procurando alguma coisa a mais... dentro dela tá? por que?... pela/ por esta captação... por esta receptividade... então sai uma fase nova pra ela... onde ele tende a prestar mais atenção na vida dela de um modo geral e se reposicionar... pra que a situação fique mais agradável ainda... são fases novas que entram aqui no caminho dela... ela já deve ter aniversariado?... capricórnio né?
116. L2 - capricórnio
117. L1 - ela já está no primeiro... período após o aniversário... que é muito bom para você... eh começar a trabalhar em outros planos... se programar... se reprogramar... buscar novos objetivos... uma motivação maior e ela também é muito sensível... ela pega as coisas muito facilmente
118. L2 - Lahn lahn
119. L1 - Láqui sai pra ela retorno de situação... de uma pessoa que está fastada e que ela vai rever... pessoa que ela gosta muito e também de uma situação... essa situação de retorno significa o seguinte... alguma coisa que ela já fez em outro ciclo de vida e que tende a retornar... não é uma coisa negativa... não é uma coisa ruim... só que ela precisa tomar um pouquinho de cuidado... falar a medida que falam coisas pra ela... não sair assim de repente eh... ah eu tenha uma idéia... legal eu vou fazer isso... fazer... NÃO... primeiro amadurecer a idéia... colocar em prática... aí tudo bem... levar ao conhecimento de outras pessoas... colegas... pessoas (com as) quais não tem muita confiança né... se fechar um pouquinho mais...
120. L2 - [pra depois... quando a coisa se concretizar...
121. L1 - [exatamente... amadurecer primeiro as idéias antes de colocar assim... em evidência pra pessoas que ela não confia... então ((ininteligível)) da amizade... aquela situação de NOSSA eu acredito nesta pessoa... ela realmente é minha amiga desde a infância... as pessoas do contato normal... às vezes... ela pode fazer este tipo de coisa e isso pode acabar cortando os planos que... ela programar tá?
122. L2 - estou satisfeito
123. L1 - tire uma carta
124. L2 - uma carta... pensando em que?
125. L1 - em nada...((risos))
126. L2 - aqui saiu a carta da justiça... a justiça mostra equilíbrio... é você... precisa tomar um certo cuidado com... com alguma coisa na parte de legal... burocracia... cuidado com alguma situação nova que pode... que pode surgir... então... se você for assinar algum documento... for fazer algum tipo de transação comercial... alguma coisa assim... então é pra você tomar cuidado... averiguar primeiro antes de sair já a... assinando a coisa tá? fim de um ciclo... começo de outro... confirmando aquilo que já disse pra você... onde as energias negativas tendem a dar... lugar para uma fase um pouco mais tranquila pra você... num período... A... que antecede um mês antes de seu aniversário... evite fazer algum tipo de mudança assim drástica... alguma coisa completamente nova que você não tenha já amadurecido desde agora... desde o ano passado
127. L2 - [mudança
128. L1 - uma mudança assim radical... uma coisa que surgir num período mais ou menos trinta ou quarenta dias antes do seu aniversário... evite fazer uma grande mudança... tomar cuidado assim com trânsito... com carro... com saída neste período...

129. L2 - nesse mês antes do aniversário?
130. L1 - é neste mês antes do aniversário... então tomar um certo cuidado com relação a trânsito em relação a carro esse tipo de coisa tá? seja mais persuasivo... e procure assim... nos momentos onde dá aquele impulso... vou mudar agora pra isso... tentar segurar um pouquinho tá? evite ser impulsivo... controle mais a sua ansiedade... administre melhor sua ansiedade para não correr o risco de ser impulsivo... perder um fruto de um trabalho... de uma idéia... de uma coisa que vem crescendo... o mago aqui mostra... uma fase nova pra você ou dentro da parte de trabalho dentro da parte amocional e também profissão... é um período novo... um período assim... mais ou menos de um mês... existem mudanças assim favoráveis que podem entrar e surgir... mudanças bem no seu esquema de trabalho e situações novas que podem também aparecer... é só trinta dias antes do seu aniversário não promover mudanças... espera um pouquinho... a não ser que seja aquela coisa que você já vem trabalhando
131. L2 - [trabalhando]
132. L1 - [(de) anos... desde o ano passado... aí é diferente... aqui aparece uma viagem... viagem a nível exterior pra você... e o mundo ((ininteligível)) que é realização em todos os níveis... a única coisa que você precisa... ah procurar mais... é cuidar do seu lado psíquico espiritual... porque você tem um potencial muito bom... você pode primeiro se ajudar bastante... caminhar muito mais rapidamente... e também... levar este bem estar para as pessoas que estão em contato com você... então tem aquela coisa muito boa pra você e que você também pode fazer que chegue a seu próximo... não tem assim nada de ruim... a única coisa no seu físico é tomar mais água... ingerir mais líquido tá? mais alguma coisa?
133. L2 - não...

(O) - EU ME CASAVA AMANHÃ

Tipo - diálogo entre informante e documentador (DID)

Situação-entrevista em que um dos participantes, que sabia da gravação, atuou como informante e o outro como documentador.

Ano - abril de 1995

Falantes - F = L1, 23 anos, estudante de farmácia bioquímica e M = L2, na faixa dos 20, nível universitário.

Gravação - Marila C. da S. Falcão (UNESP Araraquara)

1. L2 - F. você já passou perigo de vida?
2. L1 - ahn:: só uma vez eu acho não a estrada... uma derrapada assim muito doida mas não aconteceu nada...nada assim...FOra isso não eu já caí demais já levei trezentos pontos mas de resto tudo bem ((risos)) não aconteceu mais nada
3. L2 - e nunca foi atropelada?
4. L1 - Não aliás uma vez eu fui quase atropelada que eu não estava vendo atravesssei a rua pra conversar com um amigo do outro lado da rua e não tinha vi/ vinha vindo um carro e eu não vi mas fora isso eu já quase atropei umas dez pessoas é claro porque fica parado na minha frente ((risos)) mas de resto... normal
5. L2 - e a prova você foi bem hoje?
6. L1 - foi uma prova que eu não esperava porque eu esperava uma prova assim di/ dissertativa pra escrever muito eu estava preparada pra escrever chegou lá eu só tive que fazer associaçãozinha esTúpida e que eu não tinha entrado em tanto detalhe assim que eu nem estudei...mas de re/ ah espero que eu tenha ido bem sim claro que o básico eu sabia né? agora o específico assim aqueles detalhezinhos que era pra associa:r que eu não tinha lembrado assim aí eu chutei mesmo foi assim mesmo e acabou ((risos))
7. L2 - você precisava de nota nessa matéria?
8. L1 - essa é a primeira prova de uma série de cinco que eu vou ter que fazer durante o ano todo então as notas vão ser balanceadas eu não vou ter que tirar média nesta... eu quanto ma/ quanto mais nota eu tirar nessa melhor mas eu preciso tirar menos nas outras mas como é primeira prova eu não estava dependendo de nada ainda é só::... primeira prova é mas fácil também a matéria ali é mais simples né? e o que eu tenho que estudar são pras próximas ((risos)) que vai ser muito muito muito mais difícil
9. L2 - e a jornada?
10. L1 - aí a jornada já está imagina a gente está em aBRIL a jornada é em Agosto mas já está um ROlo já está apertado estou tendo que pedir pra palestrante entrega:r o resumo do que vão falar do que vai falar cada um eu tenho

- bastante coisa pra fazer porque eu sou da da secretaria então eu tenho que ficar datilografando tudo o que aparece na frente ((risos)) inclusive aprendi a mexer no computador por causa disso
11. L2 - huum que CHIque
 12. L1 - mas foi engraçado...e agora...é reunião na terça-feira de novo quer dizer hoje à noite né?
 13. L2 - hoje é
 14. L1 - hoje hoje à noite...e ver que mais eu vou ter que fazer porque agora é só assim Ah F tem isso pra fazer é um... muito bocó né? é lógico... aí espero que dê tudo certo a gente tem bastante tempo e acho que vai ser legal porque eles elogiaram a organização não... não a coisa assim que foi super de improviso imagina quando tiver bem organizado mesmo
 15. L2 - e que ano você termina a faculdade?
 16. L1 - uhm... esse é um assunto mais crítico teoricamente daqui há dois anos ainda porque eu tenho que fazer umas matérias do do quarto ano terminar as do terceiro e fazer matéria do quarto ainda e provavelmente daqui dois anos
 17. L2 - e quais são seus planos?
 18. L1 - ((risos)) se eu pudesse eu me casava amANHÃ mandava a faculdade às favas ((risos)) não de verdade... o que eu mais queria mesmo era casar ter minha casa ficar no sossego sabe? eu sei que vida de casada não é sossegada mas eu acho que é melhor mil vezes melhor que ficar na faculdade e... e ficar cansada torrada eu acho que é muito mais fácil muito melhor mais como o o assim como falta um mero detalhezinho por exemplo o noivo né? ((risos)) então... vai demorar bastante ainda
 19. L2 - mas e aí você vai terminar a faculdade e fazer o quê? se você não casar?
 20. L1 - AH:: nã/ é que agora já estão abrindo vários outros a planos né? vamos dizer assim porque eu já dou aula particular em casa agora graças a não sei quem que me indicou sabe? eu vou começar numa escola particular de inglês mesmo... então tudo isso são coisas diferentes e se eu achar melhor ficar ahh dando aula numa coisa que eu gosto falar inglês invés de ficar na farmácia que é uma coisa que até agora só me enche o saco não sei ainda vou deciDIR pensar aí eu vejo o que eu vou fazer...pra até assim não que eu tenha muito TEMpo assim
 21. L2 - você não ia abrir uma farmácia com a sua irmã?
 22. L1 - aí é era sempre nosso plano só que minha irmã está fazendo análise apesar de estar fazendo curso de cosmético tal... fazendo curso de cosmético ela poderia abrir a farmácia pra manipular que é que a gente ia
 23. L2 - curso de cosmético?
 24. L1 - cosmé-tologia cosmé-to a gente fala né? e:: a gente ia AH sempre... só que agora chega Ela está pra casar também quer dizer não é bem pra casar mas já está meio encaminhadinho o negócio PROvavelmente não vão morar aqui pelo menos no começo e eu não pretendo sair daqui porque eu adoro ficar aqui em Araraquara né? sei lá eu gosto daqui gosto de tudo daqui...então já fica mas inviável sem contar que PROvavelmente já o ano que ela termine ela vai começar a fazer pós-graduação... então não vai ter pra já plano de farmácia e a farmácia também precisa de capital inicial MUito grande sabe? em torno de quarenta mil dólares pra ficar uma coisa BOA uma farmácia boa né? e isso assim se você for aprimorar ainda mas imagina até aonde você pode gastar dinheiro sabe? você tem que fazer estoque você tem que ter prédio completamente reformado você tem que ter tudo de acordo com as normas da da higiene... tem um vigilância sanitária que verifica tudo isso sabe? fora empregados farmacêutico responsável então é um investimento muito muito grande mesmo então você tem que estar bem preparada tanto psicológica financeiramente e depois decidir se é isso mesmo que você quer fazer e ficar o resto da vida porque você montar um negócio desse e depois falar não não é isso que eu QUERO aí você:::
 25. L2 - e você não vai achar que perdeu tempo de fazer farmácia e partir pra outro ramo?
 26. L1 - eu sempre achei que a faculdade que eu estou fazendo é mas como é que se diz?... na verdade eu encarava como tá um passar de tempo porque é aquilo que eu falei o que eu queria mesmo era me casar... só que eu estou fazendo farmácia quer dizer enquanto eu estou fazendo

- farmácia eu estou fazendo alguma coisa então no conto geral eu não vou achar que eu perdi tempo e outra que é sempre uma profissional/ uma profissionalização ainda de terceiro grau né? você já está no completando quase o terceiro grau então acho que NUnca vai ser perda de tempo eu vou poder não não seguir a profissão farmacêutica quem sabe? né? mas pensa em tudo o que eu aprendi também de ahn porque que eu tenho uma dor de cabeça... prova maldita que eu fiz hoje ((risos)) porque acontece essas coisas porque remédio interage quer dizer tem muita coisinha muito detalhe que você nunca vai imaginar e/ na verdade você pode aplicar na prática né? quando você for observar bem
27. L2 - e porque que você não fez uma faculdade direcionada pra inglês: alguma coisa assim?
28. L1 - o meu problema é com coisa séria eu já percebi isso ((risos)) porque eu converso assim eu gosto muito de ler você sabe eu leio demais só que eu acho que a partir do momento que eu fosse obriGada a a sentar porque eu tenho que ler cinco livros pra faculdade eu também já ia odiar ficar lendo livro não era aquele livro que eu gosto não era esse que eu queria fazer então eu acho que do jeito que já está já está mais pro final do que pra antes está bom inglês eu tenho uma boa base eu acho que... AH eu poderia fazer lógico Letras acontece que o que eu fa/ que o que eu tenho mais eu acho é falar e se eu for fazer uma faculdade de Letras que que eu vou fazer eu vou ter que ficar três anos em gramática vamos dizer assim sabe? saber tudo decor de trás pra frente então não é também tem que ter dedicação tem que ter VOcação vamos dizer assim né? e o meu já é uma coisa mais livre é mais intuitiva eu SEI falar inglês porque eu sei não sabe? vem na cabeça eu falo e pronto
29. L2 - e você não tem vontade de viajar pro exterior?
30. L1 - eu TENho vontade de viajar só que eu não tenho vontade de viajar sozinha... sabe? é é acho que é uma coisa assim eu acho que viagem pro exterior é uma coisa muito legal uma coisa que deve ser aproveitada ao extremo e sozinho você não vai conseguir aproveitar porque você vai estar sempre se preocuPANDO em Ai bom então quero eu quero fazer tudo isso aí porque que não tem alguém não sei o que ou você vai chegar lá vai querer ficar caçando sabe? ((risos)) eu gosto de coisa assim mais estável já bem defiNida então se eu for viajar... que eu espero que eu viaje né? eu não falo quero quero quero de morrer mas eu espero que eu viaje SIM mas quando eu tiver uma companhia quando eu tiver uma coisa mais certinha né? mais pra frente
31. L2 - mas pode uma companhia amiga só?
32. L1 - POde mas nã/ é como eu já disse ((risos)) no momento não era exatamente o que eu preferia né?... eu ia gostar mesmo claro que já fosse não exatamente em lua de mel mas um negócio assim eu acompanhando meu marido ele tivesse fazendo uma uma especialização FOra uma pós-graduação podia ser até MEU caso só que...aí já eu já sou muito machista olha que incrível né? porque aí eu vou achar chato eu estar indo fazer pós-graduação e ele não ter pós sabe? nesse sentido eu vou ficar pensando tudo assim no que eu estou fazendo a mais porque que eu estou fazendo a mais deixa eu ficar quieta...eu não sou muito ambiciosa eu quero umas coisinhas muito simples e por isso que eu acho que vai ser mais fácil de conseguir ((risos)) vai dar mais certo
33. L2 - legal... está com dor de cabeça?
34. L1 - aí eu não posso comer requeijão que eu fico com tontura
35. L2 - requeijão?
36. L1 - é:: ((risos)) e hoje cedo eu me entucheí de pão com requeijão falei "eu vou comer vou comer mesmo não quero nem saber" e fui pra prova fiz a prova saí né? depois da prova passei na casa da minha amiga pra me despedir e agora que está me dando essa tontura eu começo a suar fica horrível daquelas tontura de você virar olho sabe essas coisas? é horrível e eu não sei o que que é isso
37. L2 - e você comeu pra fazer prova ainda?
38. L1 - eu não sei porque que eu fiz essa coisa idiota né? mas eu ss/ olha eu sei que me dá tontura e normalmente é logo depois que eu como só que na prova eu não senti nada ((risos))
39. L2 - é que você estava preocupada com outra coisa
40. L1 - eu acho que esqueci e agora me vem uma onda súbita assim acho que é calor também eu com essa calça flanelada aqui doída né? sai/ uma lua dessa sai com uma calça assim podia estar com uma roupa mais fresca acho que é isso

- também... mas passa já já é só eu...respira::r ventilar um pouquinho e tudo bem
41. L2 - e como que você está sentindo você vai começar a dar aula você foi lá se informar ver o preço?
42. L1 - ((risos)) não... eu estou com vergonha sabe eu nunca pensei claro que eu quando eu pensei em dar aula fora é lógico que eu pensei em receber né? é um as/ uma um fator assim que é o atrativo na verdade porque dar aula pra mim é comum eu dou aula em casa né? só que além de ser uma experiência diferente seria ó recebendo aquela coisa só que eu falo eu tenho vergonha não tenho cara pra ir lá falar "ó quanto que eu vou receber?" então eu decidi que como a semana que vem ela pediu pra eu voltar pra pegar o livro pra começar a preparar minha aula de sábado eu falei "bom próxima vez que eu for até lá mesmo né? encontro com ela e já pergunto discretamente" inclusive eu vou testar bastante ((risos)) o que eu vou dizer primeiro e aí eu vejo...
43. L2 - você tem direito você tem que perguntar
44. L1 - mas eu nunca tive experiência assim antes e sempre quando eu vejo profissão de alguém alguém que é contratado já está definido sabe? a primeira coisa que faz é assinar o contrato e pra mim ela não não mencionou nada disso não mencionou conTRAto não mencionou traTado não mencionou nada nada e eu até estou pensando em abrir uma conta também porque a minha irmã vai receber bolsa e eu vou receber bolsa no segundo semestre só que já estava pensando em abrir agora né? aí eu já vou lá já aviso "olha já tenho conta... já tenho CIC"((risos))
45. L2 - bolsa do CNPq?
46. L1 - eu não sei vai ser pra pesquisa mas eu não sei se é CNPq ou da Fundap
47. L2 - e você vai receber também?
48. L1 - eu espero que sim porque eu estou fazendo estágio com uma:: professora que eu tive lá:: no segundo ano né? na verdade eu fiz no como estava as matérias todas atrasadas eu fiz completamente fora de ordem mas a matéria é imunologia e eu conheço eu gostei muito da professora e sem contar que o marido dela é amigo do meu pai também sabe? então ela Ai quando eu conversei com ela ela falou "Ah se você tiver mas tempo livre tudo bem" eu tinha né? dias da semana períodos não só de sexta-feira porque todo mundo que está no horário no currículo certo só tem sexta-feira à tarde assim então eu tinha mais tempo e ela gostou ela falou então vamos inclusive dá dá mas pra por exemplo estágio de noventa horas no mínimo daria pra eu fazer cento e vinte horas e não teminar o semestre ainda não sei não fiz as contas mas deve ser uma coisa por aí sabe? mais tempo Ou eu peço bolsa antes mas a bolsa só vai a: menina só vai terminar acho que é no meio do ano tipo assim uma larga a outra pega é a professora que faz o requerimento... é isso que eu falo sabe? na min/ na minha vida quando chega as coisas assim já organizada já prontinha pra mim é uma maravilha eu adoro eu não gosto de ficar correndo atrás de ter que ficar Ó fazendo milhares de coisas pra... conseguir não sei eu não gosto de correr atrás eu pra mim tudo sempre chegou assim fácil sabe? sempre chegou ficou todo mundo me ajuda bem a antes de entra na faculdade era assim depois que eu entrei...também e acontece as coisas porque todo mundo me indica me ajuda e não sei o que sempre foi
49. L2 - e você não sente falta de morar fora por causa disso?
50. L1 - Ai a questão de morar fora pra mim é:: relativa porque::((risos)) aí tem hora que enche o saco ficar em casa eu vejo tudo o que minhas amigas podem fazer tudo o que elas fazem inclusive ahh:: de morar fora então aí eu gasto porque é assim morar fora é fato que você vai ter que gastar é quer dizer ela pode gastar que o pai dela vai sempre manDar está bom que vai ter um mês que vai ficar ahh:: vinte reais a menos mandados mas sempre vai ter entendeu? ela fala eu preciso mandam né? outro fator é: de você entrar na tua casa a hora que você quiser você FAZ o que você quiser você vai na aula se você quiser você TUDO SE você quiSer eu sou completamente a favor disso eu odeio ser obrigada né? e eu adoro essa história e eu vejo que puta repressão que é em casa aí você vai você vai sair onde você vai? que horas você volta? você vai na casa de quem? você tem aula? você tem estágio? tudo assim Rígorosamente controlado eu não estou mais agüentando isso meu pai disse que é a hora certa pra casar né?eu falei AH concordo plenamente só falta arranjar o noivo ((risos))
51. L2 - você acha que você ia se sentir mais responsável assim?

52. L1 - eu acho que PROvavelmente teria me me feito melhor sabe? porque realmente eu sou muito inconseqüente muito assim deixa o que acontece está bom né? desse jeito responsabilidade é uma coisa que tem que ser adquirida...eu por ser filha mais velha acho que eu já tenho um pouco disso né? mas NÃO na parte de estudo de resto eu acho que eu sou absolutamente sabe responsável competente a na parte de estudo eu já eu nunca gostE::i de estudar eu nunca gostei assim né? mas NÃ::o faz faculdade CLARo a gente está está aqui em Araraquara está na mão passei no vestibular que é o mas difícil de conseguir porque não fazer? né? só que... continuou nas coxas eu achei que fosse melhorar mas não melhorou não
53. L2 - hum suas amigas falam muito que é bom morar fora ou elas também não gostam?
54. L1 - é tem um aspecto negativo porque ninguém pensa ninguém pensa exatamente em Ai morar fora porque é assim quem não mora quem mora na cidade enxerga as coisas do jeito que eu falei agora elas só pensam Ai eu estou longe de casa Ai não agüento mais essa cidade Ai é porque sempre é diferente da cidade onde elas moram sempre se elas moram em cidade pequena já estão acostumadas com as cidades maiores então tinha muito mais coisa o que fazer chega aqui só fala mal de Araraquara eu quebro o maior pau porque eu adoro Araraquara ((risos))sabe? então você nessa assim a maior reclamação é exatamente pela falta que faz os pais ter família por perto... fora do esquema e outra que você você mora fora não sei quantos anos aí quatro cinco anos e você como é que você vai voltar pra casa morar em casa ainda? sabe? tem uhn um monte de fatorezinhas pra mim é mais fácil porque eu não cheguei a sair então apesar de né? continuar estudando aqui de mai/ e não casar
55. L2 - você chega na sua casa e se sente uma visita eu acho...quem mora...
56. L1 - [quando você mora fora é eu escuto muito disso realmente mas eu te/ a minha amiga minha melhor amiga assim é filha única então ela volta pra casa é aQUEla festa porque o quarto DEla a televisão DEla o telefone DEla tudo DEla não desgruda da mãe um momento o pai também faz tudo pra mimar sabe assim? então tem tem aspectos as-pectos que são legais de nesse sentido que nem a outra T. ... é QUase filha única porque o irmão mais velho já está fora de casa também já casou tem a casa dele mas lá é tudo meio...estranho quer dizer também depende do ponto de vista se for igual ao que a gente está acostumado em casa vê a relação familiar vê o a convivência e tudo mas a gente fala AH é assim considera se é diferente como é o caso da T. assim eu já nem penso muito eu não queria morar na casa dela
57. L2 - por que?
58. L1- eu estou muito mal acostumada... minha mãe fazendo tudo dentro de casa você levanta da mesa e o máximo que faz é levar o copo pra cozinha o prato sabe? essas coisas? não faz nada dentro de casa a faxineira vai uma vez por semana ahh: fica na sala de televisão tira a almofada do lugar empurra sofá e joga guia de programação no chão ela vai lá recolhe VINte vezes por dia põe tudo no lugar recolhe tudo E a mãe da T. nã/ Ela chega em casa Ela lava a roupa dela Ela faz a comida Ela...ela que tem que fazer tudo sabe? porque a mãe dela acorda de manhã ela que faz café da manhã olha q/ a gente já acorda está com a mesa pronta tudo certinho tudo maravilhoso né? se não tem mesa já pega as coisas da geladeira direto ((risos)) e não monta nada
59. L2 - de onde que ela é?
60. L1 - ela é de São Paulo... eu não sei exatamente o bairro mas é... NÃO é Grande São Paulo é um bairro mesmo
61. L2 - ao invés da mãe dela paparicar então
62. L1 - exatamente ela vai pra casa ela que faz as coisas ahh faz pouco tempo a mãe dela sofreu um acidente e estava com uma blusa... acho que era poliéster era uma coisa assim e riscou o fósforo o fósforo quebrou caiu na blusa e pegou fogo aqui assim no peito todo aqui em baixo no pescoço né? e por isso ela não pode chegar perto de fogão e tal mas ela NUNca nunca teve essas tendências domésticas apesar de não trabalhar fora ela só fica... pra ser sincera eu não sei o que ela faz né? porque se ela não trabalha fora e não faz nada de casa ((risos))
63. L2 - vive no shopping o dia todo
64. L1 - a a imagina pra ir fazer comprinha em supermercado que está precisando de final-de-semana a T. que faz tudo ela chega na sex/ nu no sábado de manhã tem que ficar fazendo tudo em casa ahh ir fazer compra não sei o que lá quer dizer que

- tempo que ela fica junto com os pais? é uma coisa que eu também não entendo e e sempre quando você vai conversar não é aquela coisa assim de compreensão e tal eles sempre usam muito de ironia de coisa
65. L2 - eles quem?
66. L1 - os pais dela... para com ela... não eu escuto tipo assim conversa pelo telefone eu não escuto mas eu estou sempre do lado e do jeito que ela ahh:: transcreve pra mim as conversas sabe? que ela vive falando e comenta como é que foi tal sabe aquela coisa assim? não tem compreensão aquela coisa que a gente já está acostumada é sempre nos cascos é sempre ai mas você é boba ai mas não sei o quê... então pra MIM é uma realidade falsa falsa entre aspas né? porque pra mim não existe isso... então se eu voltasse pra casa acho que seria de modo diferente com cer/seri/ acho não seria com certeza né? ai eu estou só esperando meu irmão viajar agora imagina né? ((risos))
67. L2 - que que ele quer prestar F.?
68. L1 - ai eu acho que ele vai prestar veterinária e vai prestar... agronomia? eu acho que é agronomia na ESALQ né?
69. L2 - Piracicaba?
70. L1 - Piracicaba...e::: na verdade ele queria veterinária só que... a se você você já está vendo como eu sou um exemplo de aluna aplicad/ aplicadíssima ele é assim é tres vezes mais do que eu ((risos)) que nem de dia de semana ele volta da aula...assiste Vestibulando porque minha mãe põe ele sentado lá e vai pro clube... ai ele volta pra casa vai pro Senai à noite chega fica lá fora com os amigos e vai dormir... então
71. L2 - não estuda
72. L1 - é ((risos)) quer dizer vai ser que nem a minha pessoa pra entrar na faculdade vai ser como um milagre da Virgem Maria né? porque ((risos)) não eu sempre... eu não nunca fui boa aluna mas eu sempre tive os meus amigos... é aquilo que eu falei eles sempre me apoiavam faziam tudo por mim eu não gostava de estudar então tinha um o F ... eterno ia na minha casa todo dia da semana das duas às cinco e meia seis horas a gente ficava estudando TOdo dia né? primeiro e segundo colegial ele ficou pegando no meu pé o tempo todo... quer dizer a hora que você vai fazer um terceiro que é a revisão
73. L2 - você já está super preparada
74. L1 - você sabe o que que é aquilo NÃO eu fiquei de recuperação de quatro matérias ((risos)) é f/ não é mas quer dizer não não tipo assim eu prestei vestibular lógico e saiu a nota da recuperação que eu tinha passada antes mas é uma coisa que não é aquela novidade e no vestibular eu achei que eu fui MUITo bem... eu acertei na na USP eu acertei todas de química acertei::i... física e matemática na física até que eu também f/ fui mas ou menos né? mas biologia eu também acertei tipo tinha doze eu acertei onze e meio
75. L2 - você passou na USP?
76. L1 - passei mas pra química... se bem que quando você é bicho que você está entrando na faculdade você não sabe nada né? ai eu comecei a fazer a farmácia e e paralelo com o curso de química inclusive a farmácia tem muitas aulas muitas matérias que dePENDem dos laboratórios da química dos professores né? a hora que eu vi o que que era química eu falei gente graças a Deus inclusive na primeira chamada eu dispensei falei eu não vou fazer matrícula e agora fica no que Deus quiser se eu for aprovada na Unesp né? que foi na segunda chamada
77. L2 - onde tem o curso na USP?
78. L1 - não/ química na USP em São Carlos e tem na Federal também... em São Carlos te/
79. L2 - São Carlos?
80. L1 - é tem dois cursos né? e eu eu pra ser sincera eu nem lembro se foi USP ou Federal eu sei que era Fuvest...né? mas a Federal também faz vestibular pela USP então não lembro... ma/ o F. passou em S. Carlos ele foi o primeiro que me ligou AH você passou em São Carlos ((risos))
81. L2 - e ele fez São Carlos?
82. L1 - ele fez já se formou olha como eu estou adiantada ((risos)) não ele fez computação e a:: vontade dele era que eu fosse pra São Carlos né? só que não::o... não sei porque não fui né? então ai eu comecei ver como é que é a vida da química simplesmente tem matemática três física cinco quer dizer cinco sabe? é estou exagerando mas tem não é a que nem a farmácia que é básico só química uma química e uma física lá eles têm um MONte como é que eu ia conseguir acho que eu ia ficar parada no primeiro ano pra sempre ((risos)) não é nunca eu passava por matemática dois matemática três mais ter nem jeito sabe? então eu acho que da das escolhas dos males o pior... foi a

- farmácia e... ir levando do jeito que dá porque eu fui reprovada em vez de em matemática duas vezes em física mas você sempre acaba passando sabe?
83. L2 - isso aparece no currículo?
84. L1 - na ficha da faculdade aparece no currículo pra gente que nem se você vai ser farmacêutica pra que que vai te interessar o currículo? você vai ter a sua farmácia
85. L2 - não que nem agora você vai pedir bolsa não interfere?
86. L1 - Ah:: não sei...PROvavelmente interfere ((risos)) mas como eu sou única candidata então pra mim... não eu acho que interfere sim mas é se fosse currículo de indústria...Toda vez que você vai pra um laboratório eles vão pegar as tuas notas fazendo análises se você vai pra indústria eles vão pegar tuas notas na indústria então as notas básicas ficam meio esquecidas né? o que vai interessar vai ser esse último ano como é que você fez esse último ano as notas e tal
87. L2 - uhn uhn
88. L1 - então...como eu ainda não estou com esse problema ((risos)) não não espero que não demore pra chegar porque a gente não tem vinte anos pra terminar a faculdade a gente tem só 5 na verdade seis né? e se conseguir a prorrogação oito então está nessa situaçãozinha meio apertada
89. L2 - e:: que que o F. está fazendo?
90. L1 - ele está trabalhando...num banco em São Paulo no Alphaville ói que chique
91. L2 - no::ssa!
92. L1 - não é:: acho que é BCN o banco mas não é... é que assim o banco implantou...um processo de informatização da rede inteira na rede nacional toda e ele foi um dos escolhidos nas faculdades quer dizer as eles foram pegar os top dentro de cada faculdade de de computação e botaram lá pra trabalhar então ele está fazendo ahn programas pra rodar tudo do (banco) do Rio de Janeiro...sabe?
93. L2 - então ele nem foi atrás? encontraram
94. L1 - não quer dizer foi ele ele tinha mandado currículo já pra uns dois ou três lugares só que não tinha dado nesses dois ou três lugares não sei o pessoal... já estava porque é assim os tem que eles também tem estágio então os estagiários que estavam já eram mais ou menos encaminhados para os cargos e não sobravam os cargos lá pra quem não tinha sido estagiário naquele lugar e ele não lembro onde ele fez estágio né? até que apareceu essa oportunidade aí a fa/ a faculdade a o banco foi procurar entre os melhores colocados e ele foi o segundo eu acho...e aí ficou ele empregado
95. L2 - nossa que BOM
96. L1 - um puta emprego quer dizer está ganhando bem primeiras férias da vida já vai pro Caribe ((risos)) é ele não foi antes porque ele foi enviado exatamente pro Rio de Janeiro pra fazer esse programa pro banco de lá...aí deu alguma coisa eRRAda ele teve que refazer::r então demorou não pôde tirar férias né? mas agora em maio parece que ele vai vai vocês vão se encontrar ((risos))
97. L2 - mas ele vai por conta própria ou pelo banco?
98. L1 - é por conta própria
99. L2 - sozinho?
100. L1 - não ele vai com um primo dele porque ele IA sozinho ele queria que eu fosse ((risos))
101. L2 - e porque você não foi?
102. L1 - ((risos)) pergunta se o barbudinho lá deixou
103. L2 - quem sabe você voltava casada
104. L1 - aí gente olha o F. é um amor ele sempre foi super-amigo a vida inteira sabe? mas não o F. não é pra casar... se bem que a gente não pode ficar cuspiando pra cima né? porque você sabe que cai no meio da cara mas...não é exatamente o meu ideal pra casamento... eu sempre pensei em não por causa de profissão por causa de... do tipo mesmo da pessoa
105. L2 - você pensa num HOMem griSAIho né?
106. L1 - ((risos)) não não o fato é o seguinte eu sempre quis alguém que tivesse um... aí sejamos realistas um puta emprego pra me sustentar me dar o que eu quisesse sabe daquele jeito? eu sei que ultimamente os tempos lógico estão absolutamente diferentes você tem que se virar e tal mas eu ainda não tirei isso de dentro de mim sabe? e eu acho que você acredita você alcança algum dia assim viu? espero que não muito distante é claro mas eu a eu acho se você tem uma coisa em mente você quer aquilo você consegue aquilo
107. L2 - mas o F. não está nesse parâmetro já?
108. L1 - o F. o problema é outro o problema é a faMÍlia eu não é é daquele estilo que eu não gosto sabe? que muito

- materialista um fica jogando as coisas para os outros não só dão importância pra esse lado:: material não que eu seja AL::tamente espiritual mas é o comportamento é o jeito deles sabe? se fosse assim... ai não sei explicar não me agrada não me agrada... tá outro outro negócio tipo assim ele é o filho mais novo então ele ia pra faculdade a mãe dele também estava dormindo sabe? acordava nove e meia dez horas não que ela não trabalha ela trabalha pra caramba depois ela faz parte do Nosso Ninho de bastante coisinhas a:: ah de ajuda de ajudar os outros isso eu porque são espíritas também então isso é legal mas TUDO é baseado em quanto você vai ganhar quanto você vai perder que que você ganhou sabe? eu odeio isso eu não gosto de ficar falando em dinheiro ((risos))... que eu também não mencionei aposte que a primeira coisa que ele ia perguntar ia ser essa sabe? e todos os outros meus namorados quer dizer fora o T. que também era meio bocó né? tudo ele tinha tudo era poderoso mas os os todos os meninos que eu convivi tal NINGuém menciona dinheiro sabe? todos têm a estão super acomodados o o ca/ apartamento em São Paulo com o seu carro faz o que quer foi pra Itália ficou três meses ninguém menciona nada de dinheiro sabe? nada quer dizer eu fui acostumada desse jeito então eu não suporto essa história de tudo você ter que ficar fazendo continha não pode porque
109. L2 - F. e quanto à família do F. quando você vai lá pizza?
110. L1 - ((risos)) sabe o que acontece? Eles são uma coisa incrível TU/ a dona N. me trata como se eu fosse a a a próxima vítima nesse sentido literal né? tudo é::: como se eu fosse Tlvesse que casar com o F. porque:: eu não sei mas eu acho que é uma fixação ainda comigo... AS cunhadas dele então já ficam ISSO puxa mesmo o saco da sogra ah sabe? quer dizer eu acho que é outro outro sentido que eu me sinto acoada aquele jeito apertada obrigada sabe? coisa que eu odeio fazer então é por isso que eu já espanto também e nem aliás eu nem tenho ido muito lá ultimamente acho que a última vez que eu fui foi no aniversário dele e ele não estava aí esse final-de-semana pra ir no meu aniversário né?
111. L2 - por causa disso que você não vai lá?
112. L1 - não é consciente entendeu? mas quando eu não me sinto bem eu não gosto de fazer as coisas e na verdade eu não me sinto bem em:: ficando lá e ouvindo falar a sabe desse jeito? OUtra coisa...a gente lógico fez pizza um dia can/ cansado e tal eu falei não mas noi/ eu falei que à noite ia lá não vamos tal cheguei lá estavam jogando baralho terminou de jogar baralho só ficou o F. e dona N. na sala os dois dormindo em pé mas nem pra conversar comigo você acha que:: você tem vontade de voltar de ficar lá? eu não tenho MESmo né? é... quando vai na minha casa a não fica conversando sabe? mas aí você se sente tratar diferente te/ tal não é do jeito que você está acostumada mesma coisa aquele estilo sabe? você trata bem você espera ser tratado bem mas não é nem questão de ser tratado mal daquele jeito é ser... a ignorado na verdade ((risos)) aí eu catei meu carro fui ficar dando volta na Bento foi muito mas produtiva pelo menos eu vi bastante gente andei de carro sabe essas coisas? mas eu fiquei BRAva mesmo fiquei muito brava não quis mas saber de história então aí está:: por isso que foi mudando sabe? eu Vivia na casa dele mas ele também não tinha terminado a faculDAde tá era difernte porque a gente sentava no computador ficava horas... sempre tinha um motivinho agora ele trabalha eu acho que ele olha pra mim como ((risos)) sua incompetente que não terminou a faculdade ainda sabe esse jeito? ele nunca vai falar isso pra mim mas dá pra perceber porque o tamanho do QI dele né?... não tem mas nada do que se esperar é claro
113. L2 - e antes vocês tiveram alguma coisa?
114. L1 - não nunca tive nada com ele mas... eu acho que ele perdeu a coragem porque eu dei umas acho que umas duas cortadas nele aí mas é que eu nunca MESmo quis nada com o F. e olha que se for pra considerar desde começo de tentativa vai desde o primeiro colegial nisso... ((risos)) aquele tempo TDo que ele passava em casa sabe né? estudan::do... eu é aquela coisa acho que não tem a química
115. L2 - e sua mãe? que que ela acha?
116. L1 - A::H o F. é um menino muito bom mas ela sempre foi intusiasmadesima pelo R. depois pelo outro R. ((risos)) então não é... é no meu pai já não não porque o F. é um menino bom um menini sa/ sabe?

- sempre considerou super o F. porque ele era super inteligente porque super daquele jeito...mas acho que minha mãe por ser mulher já entende mais meu lado sabe? não é só o cara estar afim de mim e... você conseguir se arranjar também né? tem que ter al/ aquela coisa porque que você vai fazer do lado duma pessoa que você nem:: gos::ta de verdade assim de gostar né? num sentido bíblico ((risos)) e o respeito assim lógico você respeita mas também não vai ser daquele jeito porque o cara ficou se arrastando no teu pé Anos e você nu/ uma hora ou outra você vai se considerar vencida pelo cansaço né?
117. L2 - perde o valor né?
118. L1 - É:: não é aquilo que você tem que correr atrás tem que ficar lá batalhando AH conseGUI aQUI sabe? isso no fim acho toda mulherada procura né? aquela coisa batalhada assim né? pode ser o maior fingimento não ele que me conquistou ÔH:: mas na verdade é... o que você quis você foi lá e conseguiu e eu acho que isso que é o... o importante não a situação dessa assim não relacionamento... que é impossível você gostar de um cara que:: você não respeita é impossível na verdade né? você não sente nada por ele mas pra ter segurança pra ter uma coisa assim você vai e fica com ele
119. L2 - é
120. L1 - ((risos)) conheço um exemplo muito bom de quem foi lá batalhou Anos... e o às vezes as coisas acontecem muito mais fácil né? você bate o olho é aquilo é aquela química e pronto... está feito mesmo que você não se encontre não se encontre... por um tempão daí a pouco s/ a hora que você se vê de novo você continua sentindo a mesMÍssima coisa e eu acho que a minha amiza/ tem amizade que dura por causa disso sabe? você se vê no fim você só fala porcaria e fica enchendo o saco mas da próxima vez ele sempre volta vai em casa sabe? é sempre assim? eu estou super acostumada com relacionamento desse jeito então eu sou muito complicada eu acho pra ((risos)) conseguir
121. L2 - quem que é esse o R?
122. L1 - ah lógico né? ele que... tem dia que ele está carente ele me liga de São Paulo fica conversando... de SÃO PAULO sabe?
123. L2 - no::ssa
124. L1 - doído antes de ele ir pra Itália ele estava aqui e a gente saiu tal conversou só que ele falou não eu passo na tua casa amanhã que ele ia embora na SEXta pra embarcar na segunda ele tinha um monte de coisa pra fazer em São Paulo só que ele não VEio na minha casa... aí chegou domingo à noite ele ligou pra casa era umas dez e meia a gente desligou o telefone meia-noite e vinte
125. L2 - de São Paulo?
126. L1 - ele ligou de São Paulo pra cá porque ele ficou com pe/ aí é a primeira vez que ele falou assim nã/ ele não falou que estava com peso na consciência ele falou assim ah ficou chato porque eu falei que eu ia e não FUI e aí ficamos conversando duas horas no telefone ele em SãoPaulo eu aqui batendo o maior papão isso que é amizade sabe? eu gosto disso essa coisa que... tem sempre alguma coisinha lá te cutuCANdo você por um motivo ou outro você sente saudade sente vontade de ligar sente vontade de estar PERto
127. L2 - é só amizade dele?
128. L1 - é ((risos)) tem sido a gente tentou namorar o R. a gente nossa mas é a se for perguntar pra ele ele vai negar categoricamente sabe? mas nossa faz muito tempo mas é claro que não deu certo porque eu não gostava dele eu gostava do outro né? aí os dois eram aMigos...o que eu falava no ouvido de um o outro ficava sabendo aí não gostei eu no fim eu acabei não gostando dessa história no fim fiquei sem um sem o outro né? mas tudo bem ((risos))
129. L2 - e o outro não tem notícia?
130. L1 - ah:: continua sendo chifrado lá né? que é burro...falei e não o certo com o seguro aqui vai catar ramperinha da vida eu vou fazer o que?...mas não eu já desencanei inclusive eu nem tenho visto mas na verdade eu queria encontrar a mãe dele pra poder falar tudo né?
131. L2 - pra mãe dele contar pra ele?
132. L1 - ((risos)) NÃO pra mãe dele contar pro pai porque naquela casa quem toma as atitudes é o pai né? a mãe ele faz tudo ao contrário mas o pai ele obedece o que o pai manda... então é pai mandado né? não é pau mandado é pai mandado ((risos))
133. L2 - e ele está fazendo faculdade ou terminou?
134. L1 - NÃO a última notícia que eu tive quando eu convesei com o irmão dele que a gente saiu um dia é que ele ele passou aqui em Administração se não me engano
135. L2 - UNESP?

136. L1 - é...não sei se é diurno ou noturno também nem veio nem foi atrás mas ele:: tinha prestado pós-graduação em São Carlos então acho que ele ficou por lá mesmo fazendo pós...e:: volta pra cá de final de semana no mesmo esquema sabe? só que eu estranhei porque ele adorava TANTo um SãoCarlos ele MORre de saudade mais tempo ele quer estar aqui em Araraquara e:: agora ele fica lá de novo ainda...vai ver que ele arranhou alguma:: ela chifra ele aqui ((risos))ele chifra ela lá e estamos empatados
137. L2 - e ele mora com a vó?
138. L1 - eu acho que ainda mora... o irmão dele termina esse ano também...também né? ele terminou o ano passado o irmão dele esse ano...ai o irmão dele ó sabe eu eu acho que vai entrar mais na pratica já vai vir pra cá construtora de papai já está tudo muito mais acertadinho né? e o R. ai não sei eu não entendo mas ele nem... desencanei com ele e de verdade olha que eu... muito tempo eu falava NÃO não quero mais saber mas agora é sério...não vejo não me faz falta está bom que quando eu vejo ainda fico meio geladinha né?((risos)) mas ultimamente ele tem me visto com com outro lá me visto vírgula né? mas o outro está está em casa ele sempre passa então é acho tomara que tenha chegado aos ouvidos dele minha volta de TEMpra sabe essas coisas assim né?
139. L2 - é porque você arrumou outro pra colocar no lugar foi isso
140. L1 - ai mas cansou também sabe? você vê quantos mil anos eu fiquei atada com essa história? na verdade eu achava que era muito mas da minha parte do que da dele né? sempre eu é que quis eu é que fiz ele vinha na minha casa quando eu chamava bababá e tudo mas...Mas na verdade:: eu acho que era eu que queria que continuasse existindo que queria que não terminasse e agora acho que eu caí na real...ele lá nessa vida faz nossa já faz dois anos e sei lá quase dois anos e meio na verdade...infelizmente você sabe né? que está sendo feito de bobo não é legal e que que eu posso fazer?... gostaria que fosse de outro jeito inclusive ele é um excelente partido se por acaso algum dia o pai dele conseguir convencer ele a se casar comigo estou aqui ((risos)) sabe porque? não é mesma coisa que o F. sabe? é é com ele é diferente eu conheço o jeito dele e a família dele é igualzinha a minha apesar de agora ele pensar diferente que eu também até sei do jeito que ele pensa né? MAS ué estamos ai
141. L2 - igualzinho assim materialista não é materialista?
142. L1 - não eles têm eles têm MUITo eles têm demais da conta...quatro carros ahn:: VINte telefones cada menino já tem o telefone no seu nome fora mais não sei quantos que está no nome do pai mais uma casa um escritório um não sei onde sabe? assim e eles não alardeiam não falam nada nada nada nada e não é aquela coisa ai como é que eu vou pagar como é que NÃO o pai dele acho que pagava até um salário quando ele estava na faculdade porque ele já tinha bolsa...e mas o tanto que aqueles meninos andam de carro é impossível ((risos)) deve encher o tanque três vezes por final de semana ó o detalhe sabe? e nunca nunca nunca ouvi um comentário dentro da casa dele nada nunca ouvi nada falando não você não pode porque a gente está gastando dinheiro demais ou vai custar caro então não vou fazer NAdá é isso que eu gosto
143. L2 - também é assim quem tem não conta
144. L1 - ai eu sei eu gosto disso acho que eu não sei se eu sou desse jeito mas que eu adoro isso eu adoro ((risos)) o nã/ é assim lá em casa também não tem essa né? sabe de ficar... comentando não não pode por causa disso por causo daquilo mas... esse essa é dele é a situação QUase perfeita eu acho agora se fosse pra conviver com a situação seria mais ou menos parecida com essa
145. L2 - lá só tem homem? na casa?
146. L1 - só são três meninos e::: deve ser horrível pra mãe né? ((risos)) ela fica exTREMamente preocuPAda porque como ela é daquele acho que é mau de professora porque eu vejo minha mãe tirana mãe dele é mesma coisa né? e: mandando sempre sempre quer tem que fazer do jeito que ela quer o que... eu concordo em parte é claro que isso é tirania comigo eu eu me revolto com ele eu quero que aconteça né? não é exatamente isso mas menino é mais bôbo ainda mais ele que só foi dar o grito de independência perto dos vinte anos sabe? você:: ... é idiota mesmo então não tem direito tem que mãe mandar falar ó isso pode não pode ((risos))
147. L2 - mas eles são super-organizados não são?

148. L1 - em que sentido?
149. L2 - todos... ô são super estudiosos ahn pelo menos a o carro parece que está sempre limpo tudo sempre na ordem a casa
150. L1 - eles eles têm muita rotina sabe? é inCRível mas eles adoram rotina se você botou uma rotina pra eles está sossegado a rotina é assim vem pra Araraquara chega almoça com a mãe vai pro clube...sexta à tarde aí à noite vai tomar banho se/ seis e meia sete horas sete e meia está na casa da namorada...dez e meia deixa a namorada em casa e vai pra casa dos amigos... aí sábado de manhã... não me pergunte eu já não faço mais parte dessa rotina ((risos)) só sei que depois sábado à tarde de novo no clube jogando futebol até não sei sete horas da noite aí vai pra casa casa da namorada de novo ahn:: sai da casa da namorada vai pros amigos e de domingo passa na namorada e vai dar volta na Bento e larga ela em casa e vai pra casa dormir porque de manhã tem que viajar...sabe? não muda NÃO muda então eu não sei se é não sei explicar que que é isso exatamente mas é a rotina e se eu tentasse mudar alguma coisa porque ele chegava chegava de São Carlos ia na minha casa aí ficava conversando até umas sete horas ia tomar banho pra vir me buscar pra gente ir no cinema...aí ficava na minha casa até dez e meia e ia embora mesma coisa mesma coisa só que antes ele não ia pra casa dos amigos era melhor um pouco ((risos)) sabe?
151. L2 - e ele tem amizade com o G. ainda?
152. L1 - ai eu Acho que sim... porque agora eles eles são eu faio menino é idiota menina briga mas acho que eu por exemplo brigo e não olho mais na cara sabe? olho oi assim mas não tem mais nada né? e eles não eles... ahn BRÍgam voltam dali a pouco fala mal chama de chifrudo a daqui a pouco está batendo no ombrinho de novo e assim vão... o outro agora está fazendo faculdade né? também na classe do G. parece que se... arrumaram encaminharam não sei mais um pouquinho a ma/ é isso que eu falei não mais de como é que é a relação e a nem sei se eu quero ver de novo agora que eu consegui esquecer eu não fico mais pensando quem está com quem que horas sabe essas coisas? ((risos)) também não quero nem saber... exatamente por causa da rotina né? sabia TUDO horário onde é que ele estava não queria ficar sócia do clube porque eu ia ter que ir lá encontrar com ele encontrar com ele em baile com a vaca a tira colo sabe essas coisas? ... então agora... vou no clube desencanada encontro o E. sempre só que pra variar ele está acompanhado do G. aí quem não fica sou eu
153. L2 - por causa dele?
154. L1 - sabe que que é? ele não cresCEU ele não cresCEU então passa do meu lado ele vira a cara e olha pra cima... assim sabe aquele jeitinho ridículo de criança que te fez uma coisa você vai ter que ficar pagando aquilo pro resto da vida? eu falei eu passei do lado dele outro dia falei oi
155. L2 - como que foi que vocês brigaram mesmo?
156. L1 - aí foi uma coisa tão ridícula ((risos)) todo mundo da vida do G. tem briga ridícula né? ele eu lógico que eu era apaixonada pelo R.e ele sabia de tudo só que ele começou a subverter o R. a a a incitar ele a encontrar não sei quem a ligar pra fulana porque fulana achava ele bonito e era mentira porque todo mundo achava o R. ridículo sabe? inclusive falavam pra MIM isso que achava ele muito horroroso não sei o que
157. L2 - mas ele é né?
158. L1 - ((risos)) você sabe que os olhos apaixoNados não deixam você perceber esses detalhes agora eu estou começandoa pensar direito também né? e:: e ele ficava sabe? do contra falando coisa e ele ficava rindo pra mim todo bonitinho falando uma coisa na minha frente e atrás de mim ele falava outra
159. L2 - como você descobriu?
160. L1 - por causa do R. porque o R. ele ria ele falava assim como se falasse assim vocês estão me disputando pra que sabe? no fim ele escolheu o G. né? eu não me pergunte porque também ((risos)) mas era a cara dele ele olhava pra mim falava assim porque que vocês ficam me disputando? no olhar né? ... porque? que pergunta idiota que ele fazia e e não sei se ele não entendeu se era se eu era tã horrível assim mesmo que ele não queria MESmo saber de mim mas estava comigo porque a mãe dele queria eu não
161. L2 - ai não tem essa
162. L1 - eu não cheguei a essa conclusão
163. L2 - não tem essa eu acho
164. L1 - ai é que a gente ficou tanto tempo que acho que acostumou sabe a rotina dele? é difícil aí veio esse subversivo nojento ((risos)) e não porque vamos e e e

porque o R. é motorista também você sabe né?

165. L2 - uhn uhn

166. L1 - então e ficava levando pra tudo quanto é lugar aí aquele final de ano eu viajei e fiquei na praia no reveillon a hora que eu voltei eles já tinham parado na casa da... daquele outro grupo de vaquinhas mimosas também e ficaram ficavam lá e ele vinha me deixava com a F. não hoje eu não posso ficar porque eu tenho compromisso claro que eu catava o carro e ia ver o compromisso era com a vaca-mor lá então não tem condições de você manter um relacionamento desses...te machuca começa a matar mesmo sabe? o que você sentia tal então Ai desencana fica é é coisa que você quer ficar fica fica lá

167. L2 - mas teve alguma discussão?

168. L1 - NÃO não teve discussão a única briga que a gente teve foi uma vez que eu chamei ele de bicha... o mo/ não e depois de uma noite maravilhosa isso o pior é ISSO...ele tinha ido em casa estudar e deixava a maõzinha e ficava fazendo massagem no meu pé AH isso aquela maravilha coisa boa mesmo né? eu tentando estudar com ele na minha frente imagina que eu ia conseguir e ele estudando mesmo né?...porque ele...estuda estuda né? que ele queria vim em casa eu falei que ele não podia porque eu ia estudar aí ele veio estudar também... aí eu comecei a ficar brava com ele porque ele não queria ficar eu tinha certeza que ele ia pra outro lugar e:: aí virei falei "ai porque estão falando que você é bicha" aí o moço saiu cantando pneu da Quantum lá de casa ((risos))

169. L2 - não acredito

170. L1 - aí no dia seguinte ele voltou eu falei AH eu fiquei tão ai eu fiquei com peso na consciência falei ai eu mandei ele embora nunca mais ele volta ÔH:: né? mo morta de remorso

171. L2 - mas era verdade?

172. L1 - as meninas faLavam isso só que isso que eu falei ele se achava também gostoso o outro ficava pondo na cabeça dele que ele era gostoso ele não não tem não tinha contato com a realidade sabe? aí acho que ele achou essa daí que a também... porque eu não conheço a menina só sei a fama inclusive a:: PÉssima né? fama e reputação também... parece que ele gostou se adaptou então fica só que:: tem péssimos hábitos né? pára lá e buzina pra menina sair de casa não toca a

campainha fala "oi boa noite como é que o senhor vai? como é que a senhora vai" pros pais sabe? nada disso na minha casa ele entrava ficava sentava lá na poltrona assim ((risos)) mas ficava conversa com o meu PAI com a minha MÃE eu ia na casa dele também ficava HORas de bate papo com a mãe dele ele odiava né? porque eu ficava conversando com a mãe dele... agora agora tudo está mudado é claro...é não sei o E. diz que ele continua idiota como sempre... né?

173. L2 - fala assim do irmão?

174. L1 - fa::la eu não sei porque el/ isso eu falo assim "ah e o seu irmão como é que está?" a não sei eu não converso com ele...assim o agente está é é quer dizer tem um aspecto eu acho que é porque eles são homens sabe? porque a gente vê você as suas irmãs eu e né? tem que saber onde é que está que que está fazendo com quem né? não é? tudo assim?

175. L2 - uhn uhun

176. L1 - e eles não cada um...vão tipo assim acabam se encontrando no mesmo lugar mas cada um sai com um carro...agora ele tem namorada é diferente lógico mas quando a gente saía junto sabe?... saía os dois de casa qua/ com quinze minutos de diferença pra ir no mesmo lugar de carro depois ia no mesmo lugar sabe? não podia sair junto...seu seu T. acostumou mau o negócio ((risos)) agora acho que continua é que agora o E. não tem namorada né? quem está amarrado é o outro quem sabe não cai na real que nem o E.? ele não olha mais pra cara da menina não conversa mais com ela apesar de

177. L2 - uma dessas amigas

178. L1 - é era uma dessas... só que também já ouvi coi/ eu conheci a menina achei ela um amorzinho contra ela eu não tenho nada é contra a irmã mais velha né? aliás irmã mais velha... e... era uma dessas e:: ele não olha mas falou que a menina já foi ligou não sei o que a MÃE gostava olha que milagre a mãe...né? não falava nada CONtra gostava AH F. é um amorzi::nho e ele não quer mais saber aí uma turminha meio... uhm estranha no mínimo né? sabe a C. e etc. falando mal da vida alheia da menina falei imagina eu acho conheci acho ela legal né? nã não vou falar mal da menina porque realmente eu acho ela legal

179. L2 - e ele falou porque que eles terminaram?

180. L1 - não... talvez por aquele bando de... nerds lá ele tenha dito né? mas acho que nem pra eles não...eu acho que foi sim alguma pisadinha que ela deu e ele descobriu porque eles nossa eles se davam tão bem... ou pode ter sido só cansaço também do E. porque ele começou a normorar ela tinha catorze anos quinze uma coisa bem... pegar pra criar mesmo... e aí acho que falou NÃO que ele aproveite demais porque eu também eu não vejo ele fazendo nada assim né?...mas acho que pela liberdade ele gosta de vai pra cidade aqui em volta qualquer torneiozinho qualquer não sei o que lá ele já está qua/ sempre
181. L2 - mas eles namoraram bastante tempo?
182. L1 - ah:: namoraram acho que mais de dois anos... ba/ bastante mesmo... três eu não sei é a F. que sabe direito porque ela faz relação com o namoro dela né? mas a gente enchia tanto o saco do E. né? Aí pegou pra criar Aí vai casar Aí não sei o que sabe? e agora não namora mais ninguém eu acho
183. L2 - e o irmãozinho tem quantos anos? mais ou menos
184. L1 - uh::m ai não sei dezesete eu acho dezesesse ou dezesete
185. L2 - nossa é grande então? irmãozinho
186. L1 - é mais novo é que nem na minha casa né? é só que ele é um ano mais... mais no::vo que o... é é modo de falar eu eu sou de pa/ número par e meu irmão também meu irmão é quatro anos de diferença e o E. não sei se são cinco ou seis do R. ... mas aquele menininho faz o que ele quer né? o tempo todo...anda anda anda e... com com essa idade aí catorze anos quinze não sei cata o carro vai pro hamburgueiro dá volta o R. que ensinou ele a dirigir né?
187. L2 - é?
188. L1 - AH o R. adora o E. adora quando eu vivia lá na casa deles TUDO o que o E. precisava o R. fazia o E. tem que ir na tia vai levar o E. o E. tinha que não sei o que tudo tudo tudo
189. L2 - então acho que não se aplica muito isso porque eles são homens que você falou que o R. e o E.
190. L1 - é:: mas é que o R. e o E. que tem essa relação o E. eu acho que o E. que é a diferença sabe? da casa ... mas eu não sei se a recíproca é verdadeira do E. amar o R. antes ele gostava mesmo sabe? aquela coisa de irmão mais Velho faz tudo o que eu quero você sabe que era coisa mais de criança né? agora ultimamente não sei como é que anda...mas realmente você percebia a admiraÇÃO E. só o E. que ficou de fora nessa equação acho que porque a mãe dele também Mima demas o R. né? puxa o saco completamente o pai puxa o saco do E. ((risos)) e o E. fica meio de fora
191. L2 - ai...
192. L1 - e o E. fica assim meio de fora então ele se sente né? ele teve que fazer ahn não sei mas deve ter... lógico o pai também o E. sempre foi revoltado lembra? aí eu lembro uma um tempo...que ele saía ele beBia ele largava o carro onde estava e voltava com os amigos pra casa duas vezes o pai dele catou grudou no... já deu uns ponto final sabe? ((risos)) falou não que que é isso? chamou junto e nunca mais o E. ficou bêbado
193. L2 - mas ele esquecia que ele estava de carro?
194. L1 - não mas quem sa não tinha co não tinha jeito mesmo de pegar o carro e voltar pra casa... sabe de de chegar em casa e dormir no meio no sofá da sala nem ir pro quarto sabe essas coisas?...aí não teve o seu T. teve que usar seus métodos mas uma vez...mas sempre fo/ é que é menino e o e o pai também sempre ahn daquele estilo de lutador de box acabou com não sei quantos carros aquela juventude transviada né? e acho que eles seguem o exemplo porque o pai casou só com trinta e um anos... então ((risos))
195. L2 - nossa
196. L1 - o R. o o R. não ele tinha idéia de quando terminasse a faculdade ia casar porque já ia trabalhar com o pai porque não sei o que agora ele quer casar o mas depre/ longe possível esperar o máximo que puder
197. L2 - ele falava em casar?
198. L1 - não... não não falava em casar a gente... vivia junto vivia ahn vivia junto modo de falar né? porque estava sempre juntos não sei o que mas também não era um naMOro como você pode considerar um namoro normal era o que eu falei tinha sempre meio pé atrás dele era aquela coisa meio assim que nunca era oficial nunca era certinho
199. L2 - ainda que vocês eram novos também não é?
200. L1 - é a gente ficou até... acho que dezenove anos a gente ficou...meio juntos
201. L2 - nem tanto

202. L1 - ((risos)) não mas começou ahn uns cinco anos atrás Disso sabe? quer dizer a história começou quando a gente era bem mais novinho é que pra nós dois o co são pouco amadurecidos ((risos)) varia um pouco de de de novo ou não né? é relativo... mas... depois ah não sei se se emendou se ele não se emendou só sei que (...) e estuda ...como ele não pediu meu conselho então fica assim mesmo
203. L2 - e a mãe dele você não conversou mais?
204. L1 - Ai minha mãe que encontrava muito com ela ahn... na noVEna que ela também reza demais sabe? e a última vez que eu encontrei a mãe dele foi quando eu fui a um consultório com a minha tia e ela estava lá também...mas nem deu pra conversar muito porque a que engata porque ela ficou surpresa assim de me ver né? aí depois aí ó ó... se depender dela eu caso com o R. né? ((risos))
205. L2 - você não ligou mais lá?
206. L1 - não sabe? é que é assim eu ligava antes pra falar com ele...aí eu acabava conversando com ela mas... nem tinha muito papo porque eu falei esse estilo meio ditatorial também às vezes me me intimidava né? às vezes não intimidava...e eu não gosto de ser intimidada então nem:: evitava... evitava conversava mas ela conversava com a minha mãe...na formatura do E. quer dizer faz lógico que faz tempo também mas sabe? NÃO senta aqui aí o pai dele a mãe dele tudo falando dele sair que ele não ia e foi comigo e tal
207. L2 - não é o amigo do seu pai que mora ali do lado?
208. L1 - é mas agora eles mudaram dali eles estão no prédio ((risos)) agora não dá nem só uma vez eu passei de lá e tinha carro fora porque antes você sabia quem estava fora por causa do carro que estava não estava na garagem né? quem está morando lá agora é o H. F. amigo do meu irmão
209. L2 - não conheço
210. L1 - não? aquele que perdeu a vista faz tempo quando ele era criança no aniversário dele o pai dele é justo médico oftalmo e ele
211. L2 - como?
212. L1 - ele foi furar uma bexiga só que fez assim com o garfo...isso quando eles eram bem novinhos aos seis anos não sei sabe? mas agora ele está um Tipo você não acredita o moço ((risos)) ele joga basquete ele é super bonitão sabe? charmosão? só que eu acho que é mal de de cria de menino nessa idade porque é imaturo completamente né?
213. L2 - e ele não tem uma vista mesmo?
214. L1 - não não tem... ah deve ter perdido o o cristalino você você olha no olho dele você percebe lógico ele é menorzinho ele é não tem brilho sabe? mas se você não soubesse assim... normal
215. L2 - nossa
216. L1 - meu irmão tem bastante amigos não tem bastante bons amigos e alguns desses amigos são bons ((risos))
217. L2 - então dá pra aproveitar ir lá levar seu irmão e dar uma olhadinha ali ((risos))
218. L1 - o sacco é que meu irmão por ter essa diferença de idade eu eu já me sinto tia né? e mesmo com os amigos dele tudo de dezoito anos nem fizeram dezenove ainda ((risos)) ele ele não gosta que a gente fale dos amigos dele que irmão mais velho era bom seria bom por causa disso né? porque você:: poderia fazer olhar e não sei o que lá...mesmo assim o irmão ia cortar não ia deixar sair com a sua irmãzinha né? agora irmão amigo de irmão mais novo então é pior ainda porque...além de ser mais novo é amigo do irmão então é uma confusão essa história
219. L2 - ah mas acho que mais velho é pior
220. L1 - mais velho é pior porque acho que ele regula mais TEnta pelo menos né?...como eu não tenho eu meu irmão que era era tiranizado por mim ((risos)) mesmo você não querendo ou não tendo a intenção acaba né? porque irmão mais novo você manda e faz... até ele ficar nessa idade cavalgar aí e no tamanho dele também... fora ahn: depois dessa idade assim não aí você começa a se relacionar como adulto sabe? você vê como muda essa rotina de casa assim você rece/ vocês ainda recebem muita criANça tem esse relacionamento lá em casa não todo mundo que vai agora é es/ quase estritamente adulto...então você vê a diferença quando vai um casal qualquer e leva filho aí que sofrimento ((risos)) é sofrível terrivelmente sofrível ...e:: a...relacionamento mais adulto acho que até ajuda esse amadurecimento irmão sempre briga né? sempre briga mas no fim acaba tendo esse amadurecimento de relação inclusive acho que por causa desse QUEM te cerca já é mais maduro mais velho e sempre assim
221. L2 - e você e sua irmã se dão bem?

222. L1 - a minha irmã? a gente se dá bem sempre se deu bem né? todo mundo pergunta aí irmã vocês nunca brigam? não...o tem dia que QUEbra o pau quebra mesmo mas é raro assim é... três vezes por Ano
223. L2 - nada de se pegar?
224. L1 - ah você acha que eu vou bater em alguém do tamanho dela? ((risos)). não nem dá nem dá... a minha mãe diz que quando eu era pequena eu batia nela né? mas agora não

(P) - VAL... SENÃO MORRE

Tipo - diálogo entre informante e documentador (DID)

Situação - trecho de entrevista jornalística para a TV em que um dos participantes (informante) relata ao repórter o que exatamente lhe ocorreu no trânsito.

Ano - setembro de 1996

Falantes - X = L1, faixa dos 40, advogado e Y = L2, jornalista

Gravação - Ademar da Silva (UNESP - Araraquara)

1. L1 - (...) ah na faixa da direita... quando vislumbrei... eh...quatro elementos que... que transitavam pela calçada da direita... em sentido contrário ao que eu ia... é:: eram quatro rapazes... dois na frente e dois logo atrás... os dois detrás... se/ se vestindo eh... como panfleteiros políticos... um deles portava uma bandeira na mão... eh::... chamou minha atenção porque eles olhavam insistentemente em minha direção... de repente um cidadão se posta à minha esquerda... surgido como que do nada... com uma arma... na mão direita... eu pude ver que era uma arma escura... preta oxidada... quase que certeza... uma automática...
2. L2 - apontada pra sua cabeça?
3. L1 - arma apontada pra minha cabeça... e ele gritava- "vai... vai... vai... senão morre"... ele não me dizia objetivamente o que queria e a alternativa de não... de não atendê-lo era a morte... evidentemente... aí vai falar o seu instinto de sobrevivência...
4. L2 - o senhor acabou atirando contra ele?
5. L1 - mas sem... sem dúvida neNHUMA... era a alternativa que eu tinha pra...neutralizar a agressão...o farol abriu... o trânsito andou... engatei a primeira

marcha e fui embora... até encolhido porque achando que ia receber algum outro tiro e foi um ato de:: instintivo de legítima defesa...

6. L2 - não esperava matar?
7. L1 - evidente que não... quem sai pra trabalhar não tem a intenção de matar ninguém...
8. L2 - e agora... o que o senhor espera?
9. L1 - eu já me submeti... às autoridades... eu:: espero que o caso seja apurado com maiores detalhes... e que nós tenhamos...um exemplo desta tragédia em que vivemos...que é esta insegurança total

(Q) - FIRST CLASS

Tipo - interação entre vários falantes

Situação - programa de televisão (SBT), em que um apresentador e mais dois participantes fixos discutem, informalmente, com um convidado os mais diversos tópicos. Apesar de televisivo, a flexibilidade na condução dos vários tópicos e a dinâmica da interação dão ao programa um tom informal, de bate papo em sala de visitas, onde fala-se de tudo.

Ano - setembro de 1996.

Falantes - M.G. = L1, jornalista e apresentadora, Z. S. = L2, jornalista, A. N. = L3, jornalista e C.H.C = L4

Gravação - Ademar da Silva (UNESP - Araraquara)

1. L1 - agora é a vez do Zé Simão... que é colunista da Folha de São Paulo... aliás... o mais lido colunista da Folha de São Paulo
2. L2 - piadista da Folha de São Paulo
3. L1 - que veio a?
4. L2 - eu vim aqui... eu acho que eu vim... pra esculhambar... pode?((risos)) olha eu já trouxe até um objeto aqui... e isso é novo
5. L1 - serve para?
6. L2 - serve pra vocês ((risos))
7. L1 - esse é um objeto de rodízio
8. L2 - verde... falo... vermelho respeite minha privacidade... não tenho opinião formada sobre isso... NÃO... porque de repente... ela joga assim "hoje vamos falar sobre a privatização da SHESP... do FHC... do BBC" vermelho... não tenho opinião
9. L1 - você... Carlos Heitor Cony?
10. L4 - eu... aqui sou descartável... não é? duplamente descartável e estou muito bem assim... é ótimo ser descartável

11. L1 - você bota sinal vermelho pra que tipo de assunto?
12. L4 - eleição...
13. L1 - não ACREDITO... você escreve sobre ELEIÇÃO
14. L4 - não é a primeira... não é a primeira nessa pauta?
15. L1 - [nós vamos falar sobre eleição... mas antes disso... eu queria fazer uma pergunta quase indiscreta... eu conheço esse terno... Cony?
16. L4 - eu acho que sim
17. L1 - eu conheço esse par de sapatos ou não?
18. L4 - pra vir no teu programa eu boto a mesma roupa ((sobreposição de vozes)) pra dar sorte
19. L1 - eu vou contar o que é... não é o meu programa... não essa vale a pena... o Cony... apesar de ter o racional brilhantemente inteligente... ele só toma avião com um mesmo terno... seja trinta graus abaixo de zero... o tempo... ou vinte graus acima... não é verdade?
20. L4 - sou supersticioso... sou bastante supersticioso
21. L1 - quantos anos tem esse terno... Cony? ((ininteligível))
22. L4 - não... deve ter umas dezenas
23. L2 - qual foi a primeira vez que o terno entrou no avião? que isso é importante... por que sempre esse terno?
24. L4 - bom... começou a dar sorte e... futebol e avião dependem muito de sorte... dependem do ritual/ eu já tenho certeza disso... por exemplo só ia com um sapato... e às vezes... meu irmão me dava azar... eu descartei meu irmão como vocês vão me descartar aqui... entendeu? eu descartei meu irmão completamente... sempre futebol com ele é batata... dava azar... e eu acredito que eu vou dar... não sei se vou dar sorte... mas de qualquer maneira eu sou descartável aqui...
25. L1 - mas o que é que te levou a crer que ESSE era o terno da sorte?
26. L4 - oh Gabi... não se mexe nas coisas que dão certo... aí está o problema... o mundo é uma questão ((ininteligível))... mexer muito não dá... entendeu... não dá
27. L1 - olha aqui... então vamos falar de sorte... quem ganhou... quem perdeu nesse primeiro turno de eleição... acho que nós temos dois nomes... né? dois caciques mesmo... da política... que levaram de cara no primeiro turno... são o ACM... o Antonio Carlos Magalhães e o Jaime Lerner... não sei se os senhores concordam... levaram pra valer... (em) quanto terminou esse primeiro tempo? na sua opinião... Zé Simão?
28. L2 - olha... acho que terminou... o problema não é terminar... o problema é que vai recomeçar... esse horário político... que eu chamo de trágico político... né? que agora vão ser dois... então é tipo tranca... entendeu? túnel... creche... túnel... creche... né? e aqui em São Paulo terminou com o Serra em terceiro lugar... aliás... em quarto... diz que ele perdeu dos brancos... pretos e nulos ((risos)) e a grande novidade nessa eleição é que o Serra não vai voltar para Brasília
29. L1 - não vai voltar para Brasília? de onde você tirou essa informação?
30. L2 - diz que ele foi convidado para auxiliar o Parreira... nunca/não ganham nada mesmo ((risos))
31. L3 - [a declaração do...do Fernando Henrique... que é recente aí... já tira já o: o Serra de Brasília... né? diz que... poderia voltar mas não pra a área econômica e tem certeza de que o Serra não quer... ser ministro... é uma maneira de convidar desconvidando...
32. L1 - mas escuta... mas então você diria que o Serra caiu numa cilada?
33. L3 - eu acho que não... acho que ele... ele foi pra armadilha por vontade própria... ele queria ser candidato... ele queria... e ele achava que o prejuízo provocado pela recusa... seria maior que a derrota eventual... correu o risco...
34. L2 - [mas candidato sem voto é duro... né? eu via o Serra assim ele não queria ser prefeito... mas também não queria perder a eleição... aí fica complicado... né? o cara quer/não quer ser prefeito... mas também não quer perder
35. L3 - quem tem mandato não gosta de... de... de disputar outra eleição... né? ele tem mandato de senador... o sujeito sempre recusa... ele é empurrado pra isso... mas nos últimos dias ele quis... você não achou... Cony que ele queria?
36. L4 - eu não sei... eu sinceramente não sei... essas eleições aí ... eu realmente me desinteressei delas completamente... eu achei ela muito parecida com turfe... porque o cavale vai correndo... as pesquisas diárias... de manhã... de tarde e de noite... as... as totalizações cria um pouco um tom assim de... de lotérico... ideologicamente não existia nenhuma divisão... nenhuma divergência... então eu acho que deu tudo igual...

37. L1 - você diz que não houve essa divisão ideológica?
38. L4 - que não houve não houve...eu não vejo... todo mundo prometeu fazer o que? o que está certo né? prometeu atender a cidade... problema de clã... de túnel... de viaduto... tri virtual... e: e... a... eleição para mim... não representou nada e eu não votei... pela primeira vez... não votei...
39. L1 - [você não votou... você está dizendo isso publicamente? ((sobreposição de vozes/risos))
40. L4 - [é um exemplo de péssimo cidadão... mas eu sou um péssimo cidadão assumido e está acabado
41. L1 - mas você foi lá e anulou?
42. L4-não... não eu não fui... simplesmente não fui
43. L2 - diz que o melhor candidato é o ninguém ((risos))... quem fez mais obras? ninguém... quem fez os melhores hospitais? ninguém... entendeu? então ele optou por votar... no ninguém...
44. L3 - [eu acho que essa eleição também... não tem... não provocou os efeitos considerados sobre a pa/ participação federal... é municipal
45. L1 - como não? o que aconteceu aqui em São Paulo? não... ÔPA espera aí
46. L4 - Marília... ainda vai ter muito tempo ainda... em dois anos acontece muita coisa...
47. L3 - e mais... e mais o PSDB ganhou em vários lugares... você argumenta com um... outro argumenta com outro... todos os partidos tiveram grandes vitórias e grandes derrotas... e o PT... em Porto Alegre... fez pela terceira vez o prefeito... nós estamos falando aqui de caciques... falando de sigla... talvez tenha sido a vitória mais... estrondosa... por ter sido... a terceira... perdeu estrondosamente em outros lugares ...no Rio não chegou ao segundo turno... cada partido perde eleições municipais... eu acho que...
48. L4 - quantos votos teve o Serra para Senador... aqui em São Paulo?
49. L3 - não me recordo... ((sobreposição de vozes))
50. L4 -seis bilhões... não foi? ((sobreposição de vozes))
51. L1 - ele foi muito votado... ele foi ... ((sobreposição de vozes))
52. L4 - ((ininteligível)) não PASSA os campeões de hoje... não vão ser os campeões de amanhã... tranquilamente
53. L3 - exatamente
54. L4 - vão ser dadas coordenadas novas... ninguém poderia prever que o Fernando Henrique fosse eleito...
55. L1 - [mas espera aí... mas espera aí... você está dizendo assim... que agora
56. L2 - [ele não foi eleito... foi o Real... se fosse ((ininteligível))... Fernando Henrique Cardoso seria ((ininteligível))
57. L1 - você está dizendo...você disse assim... dois anos é muito tempo para uma eleição... mas nesse momento... o que estavam/ o que estava em discussão... quer dizer... subliminarmente era a presidência da república... porque (se)não teria entrado o Serjão...
58. L4 - ele... ele... ele faria... se ele fosse papa... ele faria esse mesmo estrago... é o temperamento do Serjão... que ele é trapalhão por natureza entendeu? agora... não tem pelo seguinte... a dinâmica é muito grande... é um turfe... até a reta final... até terminar... acontece muita coisa... pode aparecer um... um candidato como apareceu o Fernando Henrique com o Real ... entendeu? que tirou o: o Brizola
59. L2 - não fala do assim Real... tem que falar O REAL
60. L4 - o Brizola em 89... o Brizola era considerado uma... um/ inclusive muita... muita coisa da lei eleitoral foi feita para impedir o Brizola de ser presidente em 89... depois deslocou para o Lula... e no entanto... levou o Collor que era um ilustre desconhecido... quem poderia prever o Collor dois anos antes da eleição? quem? o próprio Fernando Henrique... se nunca tivesse sido ministro da fazenda... se fosse apenas Ministro exterior do Itamar... ele não seria eleito
61. L3 - não seria eleito nem Senador
62. L1 - alias... aliás... eu posso contar uma coisa aqui... essa é terrível e tal... é confissão de jornalista... mas eu me lembro que quando começou a corrida presidencial na época do Collor... o Collor procurava a gente... ele me procurou... procurou a produção do Cara-a-Cara... nós achamos que não era conveniente na época... imagina... o cara está com quatro pontinhos percentuais
63. L3 - ele mandava caixas de lagosta... muito boa por sinal...
64. L1 - mandava? você recebeu ca/ caixas de lagosta?
65. L3 -caixas de lagosta... eu dirigia a sucursal do J B... para ser entrevistado

66. L4 - [o PC ainda não tinha entrado na jogada... o PC não ia te mandar lagosta... não ia te mandar ((risos/falas paralelas))
67. L2 - [eu não recebi nada... só Collorgate ... só me deu grandes colunas ((risos/falas paralelas))
68. L4 - Gabi...eu nego qualquer influência ((ininteligível)) eleição presidencial... (porque as coordenadas vão ser todas diferentes)... e essa eleição em si... me pareceu toda ela muito homogênea... ou seja... em torno dos... das/ em torno da... o cidadão não mora no país... não mora na federação... não mora no estado... mora na cidade... mora na rua... é coisa do prefeito... cada um deve saber... então quem for eleito... acho que está bem eleito... agora... eu pessoalmente não voto porque eu acho a situação muito turfe... eu não jogo no turfe...
69. L1 - [bom então... mas espera aí...mas falando aqui
70. L3 - [um palpite... o Maluf pode ser o grande aliado do Fernando Henrique na reeleição
71. L1 - mas é isso o que eu vou dizer... eu ia propor agora para o próximo bloco... como é que fica depois do Serjão ter batido tanto em todo mundo... ter chamado... o Maluf de... o que mesmo? falem...quem vai dizer? chamou do quê? ((risos/sobreposição de vozes))
72. L4 - corrupto
73. L3 - [corrupto
74. L1-corrupto...falado o que da Erundina?
75. L2 - o Serjão tem problema sexual é menopausa... é saco preto
76. L1 - como é que vai ser... como é que vai ser depois do Serjão... que é ministro desse governo Fernando Henrique... ter dito o que disse de Paulo Maluf e equipe... no segundo turno... o pessoal do Fernando Henrique apoiar o PPB de Paulo Maluf? é uma pergunta para o próximo bloco... a gente já volta
77. L1 - o Carlos Heitor de Cony chama o programa de ((ininteligível))... o ministro das comunicações... Sérgio Motta... se consagra com o frasista do governo F H C... masturbação sociológica definiu a entidade dirigida por dona Rute Cardoso... tempos atrás... saco preto... comenta uma das muitas qualidades do presidente... e menopausa é usada para atacar a candidatura Erundina... eh... Serjão... antes da gente falar de ideologia e votos... eu queria saber se vocês me explicam essa fascinação... essa obsessão... vamos dizer pelos países baixos né?
78. L3 - é aquilo roxo do... do Collor... né?
79. L2 - acho que ele... deve ser (bissexual)...((risos)) ele só pode ser... porque ele só fala baixaria... acho que ele devia lançar um livro "na sala com Serjão"... sabe uma coisa... um guia de práticas de boas maneiras? é uma coisa do Serjão... porque você percebe que o tucano é uma coisa inédita para mim... eu não sabia que tucano falava baixaria... falava tanta baixaria e como fosse... tucanos são todos finos... Oh...Oh... de repente vem o homem falando tanta baixaria... ele fala tanto que/ ele alardeia o tempo todo que ele é precedido pela ditadura... e consegue ser mais grosso que o Figueiredo... e isso também é inédito...
80. L3 - acho que... acho que o: o... o Serjão é o Antonio Carlos Magalhães que não tem compromisso com a urna né? nunca vivenciou uma eleição... acho que ele interpretou mal o estilo autoritário...
81. L2 - Antonio Carlos Magalhães tem mais verbo... ele é mais inteligente
82. L3 - só para explicar... o Antonio Carlos faz tudo dirigido... o Antonio Carlos é o seguinte... ele diz que ele não gosta de ser ofendido em público e... e: e receber desculpas em particular... então quando alguém o ofende e telefona... ele diz "não... faz o contrário... você me insulta pelo telefone e me elogia em público" ((risos)) o... o Serjão está perdendo isso de vista... e acho que está dizendo coisas que ((ininteligível))
83. L1 - mas espera aí... espera aí... agora eu quero colocar uma coisa aqui... ele está Ministro... você acha que Ministro fica dizendo... quer dizer... fica recorrente na bobagem? isso começou lá trás
84. L4 - se fosse só Ministro... tudo bem... não seria de espantar... mas ele é tesoureiro da campanha
85. L3 - e amigo
86. L4 - e tesoureiro da campanha... quer dizer que ele que arrecadou... recebeu os fundos para a campanha do Fernando Henrique na... na campanha eleitoral passada... ele está providenciando o... o... o numerário para enfrentar a reeleição... em termos de congresso... se for em termo de plebiscito... vai sair mais caro... bem que Fernando Henrique já disse... de acordo com o plebiscito... e depois tem a grande campanha da reeleição ou não... em que vai continuar sendo tesoureiro... ou

- seja... um tesoureiro tem... digamos... tem algumas vantagens... tem uma certa liberdade de... de ação... ostensivamente ou subte/ subterraneamente... como foi o caso do PC... mas no fundo... a função do tesoureiro é uma função/ homem da mala preta... essa mala preta a gente sabe o que que é... então ele tem... custa caro ((ininteligível))
87. L3 - é porque ele tem ligações íntimas com o Fernando Henrique
88. L4 - não é só isso... ele detém todo um sistema de poder...
89. L1 - agora... o que você está dizendo diante do que eu coloquei...
90. L4 - o Fernando Henrique sabe perfeitamente ele/ ((ininteligível)) eu disse isso abertamente em uma coluna que o Fernando Henrique... de duas uma... ou ele aprova o:: o... o Serjão...ou seja... concorda com a maneira dele de ser... de dizer... e concorda com a própria esculhambação que ele deu na mulher dele e ele seria então... o Fernando Henrique... seria uma pessoa muito sofisticada entendeu? pra chegar a esse ponto... ou então... ele não concorda... mas não pode fazer nada... pois ele é um certo refém do seu tesoureiro...
91. L3 - eu vou discordar do Cony... acho que é... é diferente Cony... acho que o... o Serjão se presta... sobretudo... a falar coisas que o Fernando Henrique gostaria de dizer... mais dura... acho que tudo o que ele diz... o Fernando Henrique sabe...
92. L1 - mas chega uma hora que um começa trabalhar contra o outro...
93. L3 - aí... o Fernando Henrique recua...
94. L1 - mas recua até que ponto? quer dizer...recua uma vez...recua duas... e aí?
95. L3 - desautoriza
96. L1 - aí eu pergunto
97. L3 - [eu acho que o Fernando Henrique... eu só discordo do Cony nesse aspecto... eu acho que o Fernando Henrique quer o Serjão no governo... porque é uma voz... que o Fernando Henrique não tem
98. L1 - é o ideólogo de plantão?
99. L3 - é o cara que fala os desaforos que um homem como o Fernando Henrique... que é muito polido... não diz
100. L4 - ele pode não dizer... em não sendo essa... a alternativa é a do tesoureiro
101. L3 - ah sim
102. L2 - porque ele é Ministro das Comunicações...e o telefone não funciona ... celular... a linha cai antes... por isso que é bom... porque não pode ser grampeado... cai antes do grampo ((risos)) o telefone em São Paulo é tão bom que só falta falar...
103. L1 - bom... eu tenho aqui uma frase que me comoveu muito nesses dias... é do General chileno Augusto Pinochet... vou botar aqui à apreciação dos senhores... abre aspas "na forma como entende a gente comum... NÃO... não fui um ditador..." três pontinhos fecha as aspas... eu quero saber de vocês se essa é a pior ou a melhor frase da semana?
104. L2 - é... ditador tem departamento também... é? tipo de ditadura... é melhor a dita...dura que a dita mole... só vou falar isso... entendeu? porque eu acho péssimo falar sobre o Pinochet
105. L3 - o Pinochet acredita ((risos)) tem seus momentos de ternura... ele acredita que não foi um ditador ((sobreposição de vozes))
106. L1 - você está falando sério? você que conversou com ele... você está dizendo dos momentos de ternura em que sentido?
107. L3 - ele se acha e se vê com uma candura que é inexplicável... porque ele diz o seguinte... quando se fala nos cadáveres que passavam pelo rio Macu/ Macucho... ele dizia "não... é que o comunismo é um câncer... você erradica... é um tumor... tem que tirar... então foi necessário violência... foi necessário bombardear o palácio onde estava o... o o: o presidente Allende"... ele diz isso... com a... a/ ele não diz com cinismo não... isso é típico de ditadores militares... mas ele é assim... tanto que ele continua achando uma bênção a presença dele como... tutor do Chile...
108. L2 - é um psicopata...né ? "serial killer"... quando você vê um rio de cadáveres... "serial killer" né?
109. L1 - Cony... existe ditador soft? ou menos soft?
110. L4 - existe uma gradação muito grande de ditadores... há ditadores razoáveis até... eu acredito que há ditadores que não foram tão truculentos... há os truculentos... quando se fala em ditador... a gente vê o seguinte... o Hitler é citado como o grande ditador do século... ele foi eleito...
111. L3 - [foi eleito
112. L4 - [ele foi eleito e a eleição dele foi...ele perdeu/ ele teve uma boa votação na... ele perdeu primeiro... pra ganhar o poder através do golpe militar de ((ininteligível)) em Munique... famosa cervejaria em Munique... depois ele viu

- que ia... ia tomar pela lei natural... pela lei democrática... e tomou... foi convidado... eleição direta... e no entanto... foi um ditador ((sobreposição de vozes))
113. L1 - isso vem de encontro com aquela sua coluna... outro dia você escreveu numa coluna que o povo é culpado... é isso mesmo? você reproduziu uma frase de Francis?
114. L4 - [é o seguinte... éh... é do Francis... eu trouxe um disco da Itália... com vozes... então... tinha voz do Hitler anunciando que ia invadir a Polo/ a Rússia... e o povo gritando né?... depois o Mussolini dizendo que havia encaminhado ao embaixador da Grã-Bretanha e da França a... a ação de guerra... o povo na praça Veneza... gritando... depois um cardeal... lá anunciando que o Pio XII... o cardeal (Pachelli)... tinha sido eleito Papa e o povo gritando... aí o Paulo saiu com essa frase... o povo é o grande vilão da história... muito bem... eu não acredito que o povo seja o vilão da história... o povo é cúmplice... é cúmplice de muita vilania né? não há dúvida alguma...((sobreposição de vozes))
115. L1 - O povo é cúmplice?
116. L2 - eu acho que o povo na realidade se diverte... ah ah aquela coisa que diz que grita para o Hitler mas também gritava quando degolava aqueles nobres na revolução francesa... caía a cabeça e todo mundo gritava- AH MAIS UMA... MAIS UMA... botei aqui vermelho
117. L1 - não tinha notado ((risos)) um intervalo e a gente volta em seguida com muito mais ((intervalo))
118. L1 - eu acho muito estranho... porque essa terminação ITE não significa uma inflamação... uma coisa de urgência? eu nunca ouvi falar de operação de apendicite programada três meses antes
119. L2 - é coisa do Yeltsin... o Yeltsin vai ser operado de gripe... ele está sempre gripado...
120. L1 - aliás... é uma coisa da Bahia... você sabe que na Bahia não tem ressaca... né? todo mundo bebe... bebe... bebe... enche a cara... no dia seguinte você liga e o cara diz assim- "ah... estou com uma GRIPE... não vou poder sair de casa"... mas aí ah... ah eu gostaria de saber de vocês que é que vocês pensam... o que que acontece com essa situação do Papa né? aliás... ele tem uma saúde de ferro... porque ele suportou atenTADOS... atropelamentos... o DIABO
121. L2 - e o Papa não faz NADA... não bebe... fica em casa
122. L4 - [ele bebe sim... ele bebe vodca... ele bebe vodca boa
123. L1 - [no mínimo na missa
124. L4 - vodca artesanal... vodca artesanal... mas ele bebe e gosta de beber
125. L1 - agora... tem gente que defende um mandato para o papa... outros defendem um limite de idade... o que é que vocês pensam?((aparecem imagens do Papa na tela)) olha aí o papa... dizem que ele não está mais assim... que ele está péssimo agora...
126. L3 - ele está bem debilitado... você sabe que eu daria pelo menos alguns meses da minha vida... anos não... algumas meses para ver como é a escolha do Papa... porque...
127. L1 - pensei que fosse para você ser Papa... NUNES
128. L3 - sim... mas aquela coisa tão beatífica... e os caras conspirando
129. L1 - você está dando meses para assistir... e eu achando que você queria ser candidato a Papa... pensei que fosse ao papado ((sobreposição de vozes))
130. L3 - sou brasileiro
131. L4 - a própria igreja tem idéia de que oficialmente a eleição do Papa é... é presidida inspirada pelo Espírito Santo... agora o espírito santo evidentemente... se materializa em várias correntes
132. L3 - essas várias correntes
133. L4 - a corrente que prevalecia até a eleição de João Paulo II fo/ foi uma jogada muito hábil... eu estava por dentro... inclusive eu estava em Roma nessa época eu viajei com o papa duas vezes... as duas vezes que eu viajei((ininteligível)) eu viajei com o Papa ((risos e sobreposição de vozes)) (tem uma foto minha a bordo... tenho uma foto a bordo... ele botando a mão assim no meu ombro)... muito bem ah... o problema é o seguinte... o::: o (Casaroli) que era o... o Ministro/ era Arcebispo... não... era Cardeal... ele estava visitando os países da cortina de ferro e era o seguinte... os Estados Unidos jamais poderiam derrubar... a cortina de ferro... só poderia derrubar por um meio que seria uma retaliação atômica... evidentemente isso não interessava nem à humanidade... nem à igreja... uma briga... um confronto uma retaliação desse tipo... então o Casaroli ...com grupos de alemães e de belgas... da igreja belga... que é bastante:: inteligente por sinal... os belgas

- não são... mas a igreja belga é inteligente... dessas coisas estranhas ...então começou a articular uma situação para um Papa da cortina de ferro... evidentemente os romanos... os romanos e eu digo os italianos... e o pessoal da América Latina... não aceitaram... então elegeram o:: o para (suceder) a:: a Paulo/ a...a: a Paulo VI... um a::... Cardeal que não tinha nada a ver com isso... o Albino Vitciani... que foi João Paulo I... que morreu pouco depois... morreu pouco depois por que? porque foi eleito ((ininteligível))
134. L1- morreu cedíssimo... ((falas paralelas))
135. L4 - ele não era tão velho não...dizem que ele não resistiu a um chá que lhe deram à noite... aquele chá ((falas paralelas))
136. L1 - na época... você não se lembra disso? levantou-se a hipótese que ele havia morrido por envenenamento...
137. L4 - ele era um papa completamente fora do esquadro... para ter uma idéia... eu/ eu... estive em Veneza pouco antes dele ser Papa... uns dois anos antes... ele era Cardeal em Veneza e eu... estava na igreja porque estava chovendo muito... e eu vi aquele homem... e fui falar com ele e ele perguntou se eu era brasileiro... eu disse "sim... sou brasileiro" ele falou que também gostaria de ser jornalista... imagina um... um Cardeal que seria Papa... queria ser jornalista...
138. L3 - por que você não fez uma troca? ((risos))
139. L4 - ele disse "você não vai perguntar nada?" aí eu disse "não... eu estou de férias...não estou a serviço" ele disse "eu pensei que como jornalista você fosse perguntar" "já que o senhor quer uma pergunta eu vou perguntar... se o senhor fosse Papa"... ele disse... "meu filho... eu não serei Papa nunca... porque eu gosto de batizar crianças... em Roma não se batiza crianças"... isso ele me disse dois anos antes de ser Papa... esse ((ininteligível)) foi eleito
140. L2 - e se você fosse Papa?((risos))
141. L4 - eu jamais seria Papa
142. L2 - não...você ia ser a favor da camisinha... esPERO ((risos/falas paralelas)) eu no meu caso... eu quero ser católico... mas o Papa não deixa... porque camisinha não pode... não pode sexo antes do casamento... não pode gay... não pode aborto... então não pode NADA
143. L4 - L ((ininteligível)) há um/ uma frase
144. L2 - Láí você vira macumbeiro... CLARO... o Papa é um cortador de ondas... na realidade
145. L4 - L há uma frase é o seguinte/ Simão... Simão há uma frase minha que o ((ininteligível))... eu estava esquecido dela ...mas o ((ininteligível)) citou ela outro dia a respeito de ((ininteligível))... "é católico ... não quem quer... quem pode"
146. L1 - agora vem CÂ... vocês acham que... há alguma chance de um Papa negro? agora vamos falar de racismo dentro da igreja... será que ela hoje em dia supera? porque hoje em dia fala-se muito ((risos)) hoje em dia fala-se muito nos jovens bispos africanos... há alguma possibilidade... Augusto?
147. L3 - olha... história que... se não ocorreu deveria ter ocorrido...atribuído ao/ o Cony talvez possa confirmar... atribui-se o casamento formal de (Ben Bradley) à indicação de um Papa polonês... conhece a história?... ele vivia com a mulher dele há muito tempo... aí numa brincadeira qualquer... ele disse "olha... eu só me caso com você o dia em que tiver um Papa polonês"... e aí veio... o Papa polonês... e ele até se casou... tudo bem... então não quero fazer nenhuma previsão aqui... ((risos))
148. L1 - porque você não pode casar de novo?((risos))
149. L4 - Gabi... é o seguinte... a eleição do Papa polonês foi a primeira brecha aberta (na turnê) mundial... isso é tranquilo... isso é tranquilo... é preciso ver que os Estados Unidos jamais iriam provocar a derrubada da...da... da cortina de ferro... isso foi preciso ter um trabalho... não é que o Papa tenha se aliado ao CIA... o CIA que até certo ponto se aliou ao papado... numa jogada comum... para evitar uma retaliação u::uma re::taliação nuclear...
150. L1- bom... isso a gente vai ter logo... logo no livro bomba que o (Karl) ((ininteligível)) aquele mesmo do watergate
151. L4 - Lele
152. L1 - aquele... está escrevendo
153. L4 - eu não li o livro dele (direito) mas é o seguinte... nada daquilo é novidade pelo seguinte... todas essas associações foram feitas... aquele atentado ao Papa...vejam só... tanto o Reagan... quanto o Papa sof/ foram/ sofreram atentados... mais ou menos numa mesma época... um

- depois do outro... ou seja...ah houve uma contra ofensiva da KGB através da Bulgária... da Albânia e não sei de quê... e que eles procuraram pa/ para evitar... aprofundar a... a jogada... eles então acharam melhor botar uma pedr/ uma pedra em cima...
154. L1 - quer dizer... moral da história é péssimo negócio se associar à CIA... é isso ou não? bom gente... já que estamos falando do Papa... vamos falar agora numa Papisa... vamos falar de Maria Bethânia Telles Veloso... mulher nascida em Santo Amaro da Purificação... recôncavo baiano... filha de Zeca e Canô e irmã de Caetano... que está de volta... vai estreitar o show no Metropolitan... Rio de Janeiro... dia dez com a direção de Fauzi Arap... eu me lembro ((imagens na tela))... olha ela aí... LINDA... eu me lembro tinha acabado de chegar em São Paulo e fui ver no teatro Maria de la Costa... um espetáculo que era Rosa dos Ventos... que era Maria Bethânia dirigida por Fauzi Arap... e eu achei belíssima... a: a Bethânia declamando Pessoa
155. L2 - ((ininteligível)) declamava
156. L1 - exatamente declamava Antonio Maria... e eu me lembro... volta aqui... vou mostrar como ela fazia... volta a imagem aqui... ela fazia assim... vocês já viram Bethânia no palco? ela corre pra lá e pra cá... pontinha do pé... batia com a mão aqui ((mostra o peito)) "não sei se vou para lá... mas SEI que não vou por AQUI" lindo de morrer... bom... expectativas?
157. L2 - sobre ela?
158. L1 - botou verde aí... vai falar ou não?
159. L2 - claro... Maria Bethânia eu boto ouro... dourado... entendeu? eu... eu sou apaixonado pela Maria Bethânia... eu acho ela um orixá ao vivo... outro dia eu vi ela na televisão... ela já não está um orixá... ela está uma Nossa Senhora... mas uma di(vindade)... uma coisa... o... o que eu gos/ olha o que eu gosto na Bethânia... como eu gosto de Guimarães Rosa... porque ela fala muito sobre... o Brasil... nas canções interioranas e desperta sentimentos interioranos e joga para o cosmos... que é o que o Guimarães Rosa faz... então... e ela é uma cantora meio cósmica... e ela é mara/ maravilhosa porque ela é pequenininha... não é? você viu aliás?
160. L1 - no palco ela parece ter dois metros de altura... mas ela é pequenininha e magrinha... você abraça ela e você acaba se abraçando...
161. L2 - no palco... a testa ... aquela coisa toda né? e eu adoro ela declamando... eu me lembro que em Salvador... assisti no teatro Castro Alves... estava tendo anistia... toda aquela coisa da anistia... da/ era o tempo da ditadura... então ela leu... um poema que eu não sei de quem é... que ela lia...lia... ela dizia assim "seu NOME é ANISTIA" ela é aplaudida quando desafina... uma vez eu estava no Anhembi
162. L3 - [se ela fizesse assim... ela não seria tão aplaudida... ela jogou com mais elegância ((risos))
163. L2 - ((ininteligível))
164. L1 - agora... o Cony... o Cony tem uma das maiores discotecas que eu já vi... coisas finíssimas... o Cony me deu aula outro dia... ele me mostrou... IH... vou dizer aqui... hein? o Cony me mostrou que...GENTE... o compositor o compositor o compositor que plagiou aquela música americana... que fez o hino do América
165. L4 - Lamartine Babo
166. L1 - Lamartini Babo era um grande plagiador... de acordo com o Cony
167. L4 - de acordo comigo... não mas (está lá)
168. L1 - está lá... mostrou/ mostrou... falou... matou... matou a cobra e mostrou o pau... o hino é IDÊNTICO
169. L4 - o hino do América é uma versão... apenas a letra é de Lamartine Babo em cima da... de uma música americana chamada "row...row... row"... rema... rema... rema...
170. L1 - IGUALZINHO
171. L4 - foi cantado por ((ininteligível))... não só em disco mas também em filme... entendeu? é um hino que afinal de contas... fa/ faz parte de várias... o remo é um esporte mais ou menos que já teve sua... sua
172. L1 - [o do América é considerado o mais bonito deles... inclusive... não é?
173. L4 - sim... porque é americano...agora... ele também copiou muita música religiosa... entendeu?
174. L2 - esse sabia trabalhar ((risos))
175. L4 - eu... eu gosto do Lamartini Babo porque realmente... eu o conheci pessoalmente... agora... ele começou/ estreou com "teu cabelo não nega"... que é plágio de uma/de um frevo do (Valença)... a primeira versão do "teu cabelo não nega"... que tinha afinal de contas (da tuba)... só tinha o nome de Lamartini

Babo... (Valença em Pernambuco entrou com uma ação)

176. L1 - o ((ininteligível)) estava na tuba... lá?

177. L4 - estava ((risos/falas paralelas))

178. L1 - foi pra música... você sabe por que... não? não... porque foi fazer marinha e aí sentou lá... aquela bóia fria desgraçada... olhou numa mesa do lado... tinha uns... uns quatro oficiais... ou soldados mesmo... rasos... comendo muito bem... falou "por que eles estão comendo melhor?" da banda... aí foi lá e falou "eu gostaria de tocar na banda"... e deram-lhe um instrumento que sobrava que era a tuba...

(R) - UMA DELÍCIA ISSO AQUI

Tipo - locução formal

Situação - programa de televisão sobre culinária (TV MULHER), em que a apresentadora demonstra como fazer um molho de queijo para salsichas.

Ano - agosto de 1996.

Falantes - V = L1, na faixa dos 60 anos, cozinheira e apresentadora.

Gravação - Ademar da Silva (UNESP - Araraquara)

L1 - Esse molho aqui é um molho muito especial... MUItto gostoso... você até pode aproveitar para outras preparações... isso vai/ você com sua criatividade vai arranjar uma porção de pratos para servir com este molho aqui... MUItto bom... ((colocando o queijo na panela)) aproveitar até o finzinho... daí então eu tenho aqui... um quarto de xícara de leite... vou colocar uma colher de mostarda... uma colher de sopa de mostarda... né? de mostarda e algumas gotinhas... de molho inglês...então molho inglês um pouquinho... agora então eu vou levar para o fogo e vou mexer até que que ele fique um creme homogêneo... você vai usar um fogo baixo... e mexendo sempre... então a medida que ele vai aquecendo... esse queijo vai derretendo e vai formar um creme muito gostoso... né? esse queijo já é bem temperado ele vai dar um gosto todo especial... né? vocês vão ver que delícia que É... então vamos lá... mexendo sempre... olha esta semana é a última para vocês mandarem as suas receitas hein... até sábado dia dez... daí a gente vai... a outra semana a gente já não vai receber mais...tá? porque daí a gente vai/ a gente está fazendo uma/ uma triagem... então saindo dez das melhores receitas... né? então daí eu vou

divulgar o nome de cada... de cada semifinalista... e essas dez pessoas que foram escolhidas terão de comparecer no Tênis Clube Paulista no dia doze de setembro às catorze horas com o prato já elaborado e enfeitado... né? e vão passar por uma comissão julgadora... e daí vão sair as cinco melhores... mas OLHA gente... está difícil de escolher... a turma tá/ a nossa... comissão está pensando viu? olha a água já está fervendo... eu vou colocar a salsicha... hoje eu estou usando uma salsicha de peru... você pode usar... a nossa salsicha tradicional né? então é só que ela dê uma ferventada aqui... então vocês... quem quiser ainda mandar/ mandar alguma receita... mande aqui para a rua Granja Julieta... você coloca no envelope concurso da Val... rua Granja Julieta número duzentos e cinco... o CEP é zero quarenta e sete... vinte e um... tracinho zero sessenta... Santo Amaro São Paulo... pronto... olha aí... vai derretendo devagarinho... pra isso o fogo tem que ser baixinho... a gente vai devagarinho... vai derretendo... esse molho é um molho forte... sabe? ele é um molho/ molho picante... então pra você... você pode até partir essa salsicha em pedacinhos pequenos e e:: o molho à parte com um/ uns palitinhos a pessoa espeta o palitinho no... passa no molho pra acompanhar uma cervejinha uma delícia isso aqui... muito bom... olhe aqui vou dar uma mexidinha aqui na nossa salsinha para que ela... é só levantar a fervura novamente a gente já pode escorrer... viu? mesmo porque a salsicha se você ferve muito tempo ela abre... então ela levantou fervura você tem que escorrer... já essa semana eu vou apresentar... eh três sugestões assim para lanche... com três... refrescos também com a fruta da época... bem nutritivo pra criança... né? a criança fugir um pouquinho do refrigerante... fácil de fazer... olha ele já está fervendo... vou apagar o fogo e vou escorrer aqui... então vou tirar um pouquinho aqui do fogo pra escorrer a nossa salsicha... então vamos lá na pia... esse eu vou deixar aqui... eu vou arrumar essa salsicha na nossa travessinha ... e nós vamos arrumar bem bonitinho... então olha aqui eu vou/ tá quase derretendo aqui... enquanto... enquanto eu acabo de derreter aqui eu vou/ vou pedir para a K passar a receita ((enquanto isso os ingredientes são apresentados na tela)) essa salsicha de peru eu acho ela mais suave um pouquinho do que a outra... sabe? então você/ você pode variar um pouquinho... pronto eu não vou encher muito a nossa travessa... eu vou colocar aqui... olha o nosso creme... tá consistente...né? eu vou jogar um pouquinho/ um pouquinho aqui sobre a salsicha... só:: para dar um toque... né? e o

restante eu vou colocar numa molheira... vou colo/ colocar aqui... eu vou colocar numa molheirinha o restante e assim quem quiser... mais temperado coloca... mais molho... pronto... esse eu vou deixar aqui... agora eu vou preparar o nosso refresco de morango ((terminada a preparação do refresco de morango, despeja-o em um copo e decora-o com um morango na borda)) (...) um moranguinho aqui... vou dar um charme... olha que cor bonita... olha aí a criançada vai ficar muito bem nutrida... essa é uma sugestão RÁpida para vocês fazerem... mesmo que não seja pra da/ servir pra criançada pra servir isso aqui como aperitivo... vocês vão ver que delícia que é... então quarta feira estou de volta com outra sugestão... com sanduíche gostoso que eu vou fazer e outro refresco... e até lá e um beijo bem grande para vocês.

(S) - EU DISFARÇO BASTANTE

Tipo - diálogo entre informante e documentador (DID)

Situação - o jornalista Roberto D'Ávila entrevista o Presidente da República Fernando Henrique Cardoso para o programa de televisão Conexão Nacional (Bandeirantes). Gravação e transcrição dos últimos dez minutos no qual o Presidente responde sobre assuntos pessoais

Ano - agosto de 1996.

Falantes - R D = L1, repórter e F.H.C.= L2, presidente da república

Gravação - Ademar da Silva (UNESP - Araraquara)

1. L1 - presidente... a vida em família do presidente da república é sacrificada? os filhos... os netos... como é que é?
2. L2 - ah... eu vejo os netos que vêm aqui com certa frequência... eu tenho uma neta que mora em Brasília... tem os filhos do Paulo... que vem aqui com certa frequência ... as filhas/ o filho e a filha da Beatriz... a Bia vem também... é claro que é sacrificado ...isso aqui é na verdade... você... o presidente é um prisioneiro de luxo... essa é a melhor prisão... você está vendo... aqui tem jardins e tal ... mas se você olhar bem em volta... tem guardas né?... se eu tento vir para o jardim mas já vem gente atrás de mim... eu vivo aqui... entre esse palácio e o palácio do planalto... e quando eu vou a São Paulo... eu moro no apartamento que eu sempre morei... e que não é um apartamento para presidente... é um apartamento de classe média... é muito

confuso... te/ bloqueiam a rua... é uma confusão... eu fico meio envergonhado... eu não gosto de batedor né?... em certas circunstâncias tem que ter um batedor... não é uma vida... do ponto de vista pessoal... não é uma vida fácil

3. L1 - agora... presidente... o senhor não se emociona com frequência? como é que o senhor usa as suas emoções?

4. L2 - eu disfarço bastante... como eu disse a você... eu disfarço bastante... agora... me emociono como todo mundo né? e... e na verdade você... na posição que eu estou... você tem coisas muito difíceis de você enfrentar e mesmo de ver... né? eu ando muito no Brasil... eu conheço bem o Brasil e sempre... porque eu fiz sociologia prática... então... eu andava nas favelas... fiz um trabalho sobre negros... eu/ a Rute sempre trabalhou com pobres... populações mais carentes né? e eu acho que isso dá um sentimento de maior realidade... né? você sente as coisas... você... que você não só vê as estatísticas... você sente... você sabe... você sabe o que é a pobreza... você sabe o que é dificuldade... você... e o duro é que você ao mesmo tempo que você sabe... e tem que olhar para ver essas coisas... para sentir lá dentro essas coisas... você também sabe muitas vezes que não tem como né?... por exemplo... a coisa que tanto crítico... das cartinhas... é verdade... mesmo como presidente... o povo vem e me em/empurra uma cartinha né... eu leio... eu não leio tudo... porque só eu recebo... não sei quantas... umas quinhentas por dia... mas algumas e você vê que é uma coisa pungente dura... você tem um drama... outro dia... uma pessoa escreveu "olha... só o senhor pode me salvar... porque eu me separei de meu marido e ele me deixou dívidas e eu tenho uma lojinha e eu preciso de dinheiro" olha... evidentemente eu falei... "eu não posso"

5. L1 - têm esse sentimento que o presidente pode tudo... não é?

6. L2 - mas ao mesmo tempo... você fica...você vê que não dá... eu sei que não dá... mas me dá lá dentro do coração... será que não dá? quem sabe eu possa... né? faz um bilhetinho... não tem jeito... fazer o quê? é isso que deixa a gente... enfim... com uma sensação às vezes que... o problema é maior... que as suas forças podem fazer... e o problema humano... pessoal...

7. L1 - como é que o senhor vê o julgamento da história? continuando o seu governo... como que o senhor pensa em história Fernando Henrique no Brasil?
8. L2 - seria pretensioso eu querer dizer hoje isso... sei lá o que vai acontecer... não é? difícil a gente prever... o que pode acontecer... agora... eu tenho a convicção de que eu estou fazendo o que eu acho que é certo... eu faço assim... com muita força... eu acredito... eu tenho argumentos... eu não faço por acaso... eu acho que nós estamos deixando... mudando o rumo do Brasil... isso eu tenho a sensação... vai dar certo? não vai dar certo? sei lá... eu vou fazer de tudo que eu puder pra que dê certo... pelo menos do ponto de vista da minha motivação... aí eu acho que é indiscutível
9. L1 - e o senhor sente que o senhor se dedica ao que há de melhor nesses sessenta e cinco anos de vida que o senhor está jogando na presidência?
10. L2 - ah... inteiramente... inteiramente... não é fácil ser Presidente... quando você chega lá... você tem que fazer... o que tem que ser feito... eu digo sempre que a política não é a arte do possível... é a arte de tornar possível o necessário... às vezes... o necessário é duro... às vezes... é (prazeroso também)... dá uma satisfação e tal... e... mas eu acho que eu não sou uma pessoa preocupada com biografia... nunca fui... eu não guardo muita coisa... não tenho/ não tenho esse feitio... eu brinco sempre comigo mesmo... é digo olha ((ininteligível)) na diplomacia você tem o hábito... você dá o seu retrato de presente... o presidente... ele dá o dele para o embaixador... eu digo... "isso é culto à personalidade... então vai lá um culto à minha personalidade" que é para quebrar o formalismo dessas coisas... não é o meu jeito de ser assim... eu sempre tive horror a virar estátua... eu tenho muitos amigos que alguns deles viraram estátua... que nem intelectuais... ficaram importantes... depois que ficam importantes... não criam mais nada... eles se levam muito a sério... acho que a pior coisa numa pessoa... é a pessoa se pensar como estátua... eu prefiro ser de carne e osso...
11. L1 - essa imagem do Fernando Henrique extremamente vaidoso...
12. L2 - não... eu não vou negar... a vaidade que eu tenho é intelectual... não é pessoal... não é física né? eu sou descuidado... não digo... mas não sou preocupado com isso... não tenho nem tempo pra me preocupar com... com essas coisas... eles têm essa mania de dizer que sou vaidoso... quem sabe eu SEJA... mas só o fato de você reconhecer que é... já diminui um pouco os malefícios... espero né?
13. L1 - eu falei aqui... Presidente... dos sessenta e cinco anos e outro dia o senhor falou "estou entrando na terceira idade"... como é que bate isso?
14. L2 - olha... eu não falei aquilo ((ininteligível)) com a sociedade... até agora os anos não pesaram não... quer dizer... eu não sinto... o cabelo... você vê está branco né? e quando você olha... você diz "o tempo produz um naufrágio... a velhice é um naufrágio"... é verdade... do ponto de vista clínico... eu não sinto assim não... eu me sinto com disposição... eu não tenho esse problema de querer parecer mais jovem... pintar o cabelo... ou... NÃO nada disso...
15. L1 - a sua alma ainda é uma alma de lutador... uma alma de uma pessoa que quer transformar o Brasil... como um jovem de trinta anos atrás... quarenta anos atrás?
16. L2 - eu estou fazendo o que eu acredito... eu faço com muita força... eu acho que estou mudando... ajudando a mudar o Brasil...e eu não tenho nada para esconder e... posso estar errado... mas não é de má fé... não é porque não tenho argumentos... se houver argumentos melhores... eu mudo... eu acho que tem que ter maturidade e humildade... para quando estar errado mudar... não tem problema... mas do ponto de vista da consciência... eu estou fazendo o máximo que eu posso... porque eu trabalho sem parar... eu trabalho realmente sem parar... mas eu durmo também... eu durmo...
17. L1 - deita e dorme?
18. L2 - deito e durmo... seis ou sete horas eu durmo... eu durmo e como todo mundo sabe... de manhã... três vezes por semana eu nado... para poder evitar problemas de coluna... e para me sentir melhor... e:: e... eu gosto da vida... senão... se não gostar da vida... fica...
19. L1 - "o Fernando Henrique está sempre contente... o Brasil com todas as dificuldades"
20. L2 - ao contrário...a população percebe que você é:: tem energia né? isso são os despeitados... os invejosos começam a achar que estou rindo... mas se for o

momento de chorar... você chora... mas pra que transformar a vida num sacrifício? já não é fácil os que trabalham comigo... eu cobro as coisas... eu sei/ eu sei das coisas... eu sei em detalhes das coisas... ao contrário que tem pessoas... algumas pensam... outras dizem... mas eu não transformo a vida de quem trabalha comigo num inferno... não... podendo... eu alivio a... a tensão... ainda mais que eu sou Presidente... quer dizer... se eu ficar carrancudo... ou se eu ficar com ar de tristeza... ou assim com dor de cabeça o dia inteiro... quem que gosta de trabalhar com gente assim?

21. L1 - teve algum momento que a dona Rute chegou "Fernando... não desanima"...
22. L2 - não... a Rute é mais forte que eu... mas ela não... não... eu nunca desanimei... nunca desanimei... você tem problemas... obviamente... você tem incompreensões... você tem ataques às vezes que são cruéis... e às vezes são coisas... assim... muito ressentidas... muito de fígado... eh mas isso não abateu o ânimo não
23. L1 - só para terminar... e a imprensa... de um modo geral? o senhor está contente? O senhor acha que está sendo muito criticado?
24. L2 - na mídia vai bem... o papel dela é criticar mesmo... na mídia vai bem...

**(T) - RASTREAMENTO DA FORMA /-RE/-
/-RA/ (TELEVISÃO)**

Tipo - entrevistas e comentários

Situação - trechos de falas, depoimentos e comentários que ilustram a notícia dos jornais de televisão (Cultura, Manchete e Globo)

Ano - setembro/outubro de 1996.

Falantes - políticos, secretários do governo e empresários

Gravação - Ademar da Silva (UNESP - Araraquara)

(T'a) - Marcos Mendonça - Secretário da Cultura

(...) nesse primeiro edital... a área que está excluída... é tão somente a área de cinema... porque nós... através de um programa feito junto com a TV Cultura... nós vamos fazer um programa específico para cinema... todas as outras áreas artísticas serão contempladas dentro desse mecanismo da lei de incentivo...

(T'b) - Fernando Henrique Cardoso - Presidente da República

(...) nós estamos entrando numa nova FASE... de desenvolvimento que só foi possível porque houve a estabilização da moeda... e essa vai continuar havendo... e eu vejo tanta gente com ingenuidade perguntar "mas será que agora o Presidente não vai ceder porque haverá pressão política e ele tem interesses tais quais?"... só se o Presidente fosse beócio...

(T'c) - Luís Carlos Figueiredo - Juiz

(...) sinceramente... haverá grande facilidade para o usuário... principalmente porque todos os formulários... todos os modelos... todas as regras de jogo estão aí contempladas... então os operadores de sistema... os juizes... os promotores... os funcionários de cartório... saberão exatamente... o que fazer... quando fazer e como fazer... então evidentemente que só vai reverter em benefício da população

(T'd) - Carlos Chagas

(...)o direito de exprimir opiniões políticas... e na época das eleições... de dizer em quem vai votar... agora é um segredo de polichinelo... o Presidente ter dito que vai votar no Serra... novidade seria... se ele dissesse que iria votar no Celso Pitta ou na D...Erundina... AGORA... suspense vai haver... se o Serra não emplacar... se o Serra não passar para o segundo turno... nesse caso... em quem votará o Presidente Fernando Henrique? é possível que ele fique quieto... mas... se ele votar no Celso Pitta... não há dúvida... vai tirar alguns dividendos políticos... porque nesse caso... toda bancada malufista... noventa e seis deputados... todos eles... votarão integralmente... na emenda da reeleição... vamos aguardar

(...) outro dia o presidente se queixou da imprensa... disse que os jornalistas identificam em tudo o que ele faz... algum sentido com relação a reeleição... ele faria tudo para conseguir aprovar a reeleição no congresso... pode até ser verdade... mas se o presidente conseguir... desta vez... arrefecer as tensões no campo... ele vai ganhar grandes dividendos políticos... porque aqui para nós... o governo está preocupadíssimo... os fazendeiros continuam se armando... os sem-terra também... e um conflito... como acabou de dizer o ministro Raul Jungma... pode acontecer... e se acontecer... será o pior de tudo... não só para o governo... mas para o país...

(T'e) - Carlos Chagas= L1 entrevista o Ministro Marco Aurélio - Pres... do TSE = L2

1. L1 - (...) as margens de erro... no seu entender... serão pequenas no voto informatizado?
2. L2- sim... Carlos Chagas... a máquina é muito simples... o tribunal vem fazendo um trabalho de divulgação do ato de votar... como votar... e o eleitor deverá levar no dia... apenas os números dos candidatos escritos em um papel...

(U) - RASTREAMENTO DA FORMA /-RE/- /-RA/ (RÁDIO)

Tipo - discursos, entrevistas e comentários

Situação - trechos de discursos, depoimentos e comentários que ilustram a notícia do programa de rádio A Voz do Brasil

Ano - 14, 15 e 16 de outubro de 1996.

Falantes - Deputados, Senadores, Ministros e o Presidente da República

Gravação - Ademar da Silva (UNESP - Araraquara)

(U'a) - Agnelo de Queiróz - PC do B do Distrito Federal

- A. Q. - O Congresso Nacional... não poderá ficar calado... perante essa violência contra os servidores públicos do nosso país... e contra o Congresso Nacional... obviamente ...que está em debate a reforma administrativa...previdenciária... o governo desconheceu completamente o debate no Congresso e por medida provisória tira direitos elementares dos servidores públicos... o Congresso Nacional tem que exigir a instalação imediata da comissão e não fazer como outras medidas provisórias que as comissões especiais não funcionam ...não se reúnem... porque essa medida tem um caráter diferente... não podemos admitir que o Congresso Nacional aceite... que todo o mês o Presidente da República reedite uma medida provisória cujo objetivo é tirar direito dos servidores.

(U'b) - Severino Cavalcante - PFL de Pernambuco

- S. C. - Muitas empresas... que vivem na clandestinidade...passarão a engrossar o mercado formal com repercussão imediata

na previdência social e na arrecadação de tributos... essa mudança de rumos... que só se concretizará com a aprovação nesta casa... do novo estatuto da micro-empresa e da empresa de pequeno porte já aprovada no senado.

(U'c) - Adualdo Streck - PSDB gaúcho

- A. S. - Todo mundo sabe... tem consciência de que se colocar o poVÃO... aquele lá do salário mínimo... esse cidadão que tem dificuldades de vida... mas que está com o armazém e o supermercado com preços idênticos há vinte e oito meses... se ele for chamado a se pronunciar...ele se pronunciará positivamente à política econômica em vigor...teria dados aqui... uma quantidade de dados... mostrando o::: o que esse governo... o número de analfabetos caiu no país... mas caiu BEM... o número de estudantes no Brasil cresceu... de mil novecentos e noventa e cinco para cá... o número de domicílios permanentes no país passou de trinta e sete milhões... em noventa e três para no/ para trinta e nove milhões em noventa e cinco... e por aqui olha aqui ó... tudo são dados que eu poderia colocar aqui e que autorizam ao cidadão brasileiro... ter certeza e convicção de que... que este governo veio para melhorar a vida do cidadão brasileiro.

(U'd) - Chico Rodrigues do Roraima.

- C. R. - Nós passaremos a votar contra todas as propostas do governo... se eles insistirem em demarcar esta área contínua... eu gostaria de dizer que durante toda a viagem... todo o percurso durante todos os três dias ... estivemos nas localidades... na Vila dos Urumuns... estivemos no Mutum ...no Uiramutã...na Água Fria... na Raposa ...em Pacaraima e verificamos que duas localidades especificamente... na maloca do Bismarque e na maloca do Maturuca... ali SIM minha GENTE... é uma/ um verdadeiro quartel general das comunidades internacionais... portanto eu gostaria de deixar... aqui hoje... nesta sessão plenária... a minha indignação... mas acima de tudo a minha certeza que esta casa... de uma forma digna haverá pressionar o senhor Presidente da República para evitar a demarcação contínua na Raposo Serra do Sol.

**(U'e) - Fernando Henrique Cardoso -
Presidente da República**

FHC - A média de escolaridade dos nossos trabalhadores ainda é baixa... menos de quatro anos... para que Brasil se torne uma nação realmente justa e próspera... precisamos dobrar o tempo que estes brasileiros estudam... fazendo isso... estaremos cumprindo a Constituição que diz que todo brasileiro tem direito a pelo menos do ensino fundamental completo... ou seja... da primeira a oitava série... é essa a meta que queremos atingir com o programa que os Ministérios do Trabalho e da Educação vão desenvolver em parceria com as quatro confederações patronais: da indústria... do comércio... da agricultura e dos transportes... através dos Serviços de Assistência Social como o SESI e o SESC ...essas confederações vão criar mais cursos supletivos dentro das empresas.

O presidente informa que no seu governo cinco milhões de trabalhadores estão sendo treinados por ano e a meta é atingir quinze milhões

FHC - Chegaremos a esse patamar em futuro próximo... pois o Programa Nacional de Educação Profissional é um dos quarenta e dois projetos prioritários do Brasil em Ação... o nosso plano geral de metas... nesse esforço para melhorar o nível de escolaridade do trabalhador... nós vamos contar com a participação de todas as instituições de educação profissional... as públicas e as privadas... as escolas técnicas ...as escolas mantidas por organizações não governamentais... por igrejas e por sindicatos... para os pequenos e micro-empresários financiados pelo PROGER Programa de Geração de Emprego e Renda ...haverá um curso de capacitação gerencial... essa é mais uma parceria do Ministério do Trabalho com os empresários ...neste caso com o CEBRAE que será firmada amanhã.

O governo também pretende ajudar os profissionais recém-saídos das universidades

FHC - O Ministério do Trabalho e a Caixa Econômica Federal estão abrindo uma linha de crédito com recurso do FAT... Fundo de Amparo ao Trabalhador... para que os jovens recém-formados possam montar um consultório... um laboratório...

abrir um escritório... enfim começar a trabalhar... eu quero dar uma atenção... muito especial... aos jovens que saem das universidades.

**(U'f) - Deputado Aloísio Nunes Ferreira -
Presidente da Comissão de Justiça**

A.N.F - Aqui na Comissão de Justiça a adesão é muito grande porque... porque aqui nós não entramos no mérito... nós apenas da Comissão de Justiça... consideramos... examinamos essa... as propostas à luz da constituição pra saber se elas podem ou não ser admitidas... se elas podem ou não ser objeto de liberação pela Câmara dos Deputados... e a Comissão de Justiça... eh... procurou este ano/ tem procurado este ano eh... desencavar... tirar da gaveta muitas propostas que dizem respeito ao sistema político... porque nós achamos que há muita coisa pra ser mudada no cenário político brasileiro... ninguém tá contente com o tipo de eleição que nós temos hoje no Brasil... ninguém tá contente com esse troca troca de partidos... ninguém tá contente com o tipo de relação que existe hoje entre... o poder executivo e o poder legislativo, não é?

Responde também sobre o prazo para apreciação dessas propostas

A.N.F - Eu diria a você que... no campo das reformas constitucionais... nós no ano passado... no ano passado foi o ano das reformas de ordem econômica... este ano... e até o início do ano que vem... ah é o período da reforma previdenciária... da reforma administrativa e da reforma tributária... logo em seguida... ainda no ano de... no ano que vem... de noventa e sete... o Congresso deverá se debruçar sobre as reformas políticas... é um ano bom... porque é um ano que nós não temos eleição de modo que a/ esses temas estão maduros para a: a discussão e a votação.

**(U'g) - Fernando Henrique Cardoso -
Presidente do Brasil - (sem texto escrito)**

FHC - Esse é o novo Brasil... esse é o Brasil que confia e que apesar dos desafios... difíceis... que apesar das situações objetivas... muitas vezes dramáticas de quem perdeu o emprego... da dureza dos pais de família ... das mães de família que têm que postergar muitas vezes a

possibilidade de uma vida mais tranquila... porque não encontram um novo emprego... apesar de tudo isso... nós mantemos a esperança... porque nós estamos unidos... reconhecendo os problemas e tratando de enfrentá-los (...) só foi possível descortinar esse novo país... por causa da estabilização da moeda... porque nós combatemos a inflação... e porque nós não cedemos às pressões... para... dar facilidades hoje que corroem a moeda amanhã... e não vamos ceder... de que quer que seja... os ministros da área sabem que o Presidente jamais fez pressão nesse sentido... se o presidente não fez... não há de ser os Governadores que farão... não o farão... ou melhor... podem fazer... não será por aí o caminho... porque o caminho é o do entendimento é da busca efetiva da compreensão... da necessidade do ajuste econômico... é o das reformas constitucionais... é o da continuidade de uma luta tenaz pela estabilização da moeda... vamos continuar nest/ com a estabilização da moeda... porque ela que garantiu a existência hoje de recursos.

(U'h) - Embaixador Sergio Amaral - secretário da Comunicação Social da Presidência da República.

S.A. - O Mercosul... há muito... já transcendeu um acordo de tarifas... um acordo comercial econômico... ele é um projeto efetivo de integração dos quatro países e muito dos MEMBROS nacionais... dos países do mercosul se orgulham já de pertencerem ao Mercosul... por exemplo... na Argentina... o passaporte tem... além da designação República Argentina... Mercosul... portanto o Mercosul está se tornando uma realidade na vida das pessoas e é preciso um sinal... um SÍMBOLO que chame at/ atenção para esta nova realidade que é o Mercosul... tanto para nós que somos pa... nacionais dos países do Mercosul... quanto também para terceiros países... para que nós tenhamos uma logomarca... um sinal que itentifique o Mercosul na Europa... nos Estados Unidos e mesmo para os outros países latino- americanos que não são membros do Mercosul (...) e a entrega das propostas vai até o dia catorze de novembro... aí uma comissão julgadora... integrada por oito representantes dos quatro países... julgará para uma primeira triagem das trinta/ das trinta melhores propostas feitas por publicitários... por designers... por

estudantes na área de desenho de publicidade e depois então esse júri vai... e:: examinar a:: a proposta vencedora... uma vez escolhido... o vencedor ganhará um prêmio... de dez mil reais... mais o que é mais importante é que esse... eh desenho vencedor será submetido aos Ministros e depois aos Presidentes do Mercosul e como nós esperamos... se for aprovado... ele então será adotado como símbolo do Mercosul.

Responde também sobre os critérios do concurso

S. A. - Bom em primeiro lugar... elas têm que obter uma cópia do regulamento... essa cópia do regulamento está sendo publicada no Diário Oficial... pra que todos tenham conhecimento... se alguém não tiver acesso ao Diário Oficial... preferir... poderá solicitar uma cópia do regulamento à Secretaria de Comunicação Social da Presidência da república... esplanada dos ministérios... bloco A... Brasília... Distrito Federal... e é também na Secretaria de Comunicação Social que os candidatos devem fazer a entrega da sua proposta até do dia catorze de novembro.

(U'i) - Ministro Carlos Veloso

C.V. - O supremo tribunal entendeu que a lei ao contr/ a lei que exige a:: avaliação/ avaliação dos cursos... ao contrário do alegado/ não é desarrazoada... porque o que se alegou é que a lei não é razoável... eu penso que é razoável exigir-se de que os alunos prestem uma prova a fim de se avaliar a eficiência do curso que fizeram... se... éh... for dada... for constatada ineficiência... as gerações futuras poderão beneficiar-se.

(U'j) - Nei Lopes faz uma avaliação positiva da audiência com o secretário executivo do Ministério das Comunicações, apontando as duas vantagens ao consumidor.

N.L. - (...) que primeiro não haverá aumento de tarifas... segundo... é possível não apenas a estabilização dos preços atuais... como a adoção de promoções em dias feriados e domingos e até reduções permanentes... dependendo das tecnologias usadas.

6 SUMMARY

In a textual and discursive study of the verb tense we demonstrate how the forms which express futurity (synthetic forms: /-re/~/-ra/ and /-ria/, futurate structures: mainly *ir+infinitivo*, and the *praesens pro futuro*) occur in the construction of the oral text in Brazilian Portuguese. On doing so, we observed their temporal, modal and aspectual values as well as their context of occurrence.

Despite the “marks” of the future tense, its force and productivity are in the several forms found in portuguese to express it. While the *synthetic* form occurs in formal and injunctive contexts, the *periphrastic* form and the *praesens pro futuro* are unrestrictedly much more used in the spontaneous, informal oral speech. In this context, *ir+infinitivo* is more frequent, surpassing /-re/~/-ra/, which is declining. Basically what distinguishes them is the prospective aspectual notion of *present relevance* underlying the *periphrastic* form. After considering all their differences, which are determined by discourse, we conclude that the *ir+infinitivo* form is as temporal/modal as the *synthetic* form and has a status in the verbal system of the Portuguese language.

Facing the irrelevance of the temporal inflexion of the *praesens pro futuro*, we realize that not only morphemes added to a stem are responsible for the future temporal expression, but also other linguistic factors. The prospective value of the *present* is triggered by the interaction found among the verbal stem, according to its semantic values, the inflexion, considering the discursive situation, and the temporal markers.

Key words: *Discourse analysis, Oral communication, Linguistics, Portuguese Language: Verb Tense.*

7 BIBLIOGRAFIA GERAL

- ALARCOS LIORACH - "La Forma Cantaria en Espagnol: Mode, Temps et Aspect". *Actas do IX Congresso Internacional de Lingüística Românica*. Lisboa (1959) 3 vols., Boletim de Filologia 18-20:203-12, 1961-2.
- ALBA, José G. Moreno de - "Vitalidad del Futuro del Indicativo en la Norma Culta del Español Hablado en México". *Anuario de Letras*, vol.8:81-102, 1970.
- ALLEN, Robert L. - *The Verb-System of Present-Day American English*. The Hague: Mouton, 1966.
- ALMEIDA, João de - *Introdução ao Estudo das Perífrases Verbais de Infinitivo*. Assis, S.P., ILHPA-HUCITEC, 1980.
- ANDERSON, E. W. - "The Development of the Romance Future Tense: Morphologization II and a Tendency Towards Analycity". *Papers in Romance I*, 21-35, 1979.
- ARRAIS, Telmo - "Semântica das Expressões Temporais em Português". *Estudos de Filologia e Lingüística*. São Paulo, T.A. Queiroz e EDUSP, 195-205, 1980.
- AZEVEDO, Milton M. - *O Subjuntivo em Português*. Petrópolis, Brasil: Editôra Vozes, 1976.
- BAKHTIN, Mikhail - *Questões de Literatura e de Estética (A Teoria do Romance)*. São Paulo, UNESP/HUCITEC, 3ª ed., 1993.
- BALEEIRO, Marisa. I. A. - *O futuro do presente do português culto falado em São Paulo*. Campinas -SP., Tese de Mestrado, Unicamp/IEL, 1988.
- BÁRBARA, Leyla - *Sintaxe Transformacional do Modo Verbal*. São Paulo, Ática, 1975.
- BARBOSA, Joaquim S. - *Grammatica philosophica da língua portugueza*. Lisboa, Academia Real, 4ª ed., (1803) 1866.
- BASÍLIO, Margarida. et alii - "Derivação, Composição e Flexão no Português Falado: Condições de Produção". *Gramática do Português Falado III, As Abordagens*. Castilho, A. T. (org.), Ed. da UNICAMP, FAPESP, Vol.3: 363-432, 1993.
- BEAUGRANDE, Robert A. & Wolfgang U. DRESSLER - *Introduction do Text Linguistics*. London New York, Longman, 1981.

- BECHARA, Evanildo - *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 23ª ed., 1978.
- BENVENISTE, Émile - "Estrutura das relações de pessoa no verbo". *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas- SP, Pontes:Edit.UNICAMP, pp. 247-259, 1988.
- BEZERRA, Alba M. C. - "A Forma em -ria na Língua Culta Falada na Cidade de São Paulo". *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Unicamp, Vol.24:179-330, 1993.
- BICKERTON, D - *Roots of Language*. Ann Arbor, 1981.
- BINNICK, Robert I.- "Will and Be going to". *Papers from the Seventh Regional Meeting Chicago Linguistic Society*. Chicago, 40-51, 1971.
- _____ - "Will and Be going to II". In *Papers from the Eighth Regional Meeting Chicago Linguistic Society*. Chicago, 3-9, 1972.
- _____ - *Time and the Verb - A Guide to Tense and Aspect*. New York/Oxford, Oxford University Press, 1991.
- BLANCHÉ, R. - *Structures Intellectuelles*. J. Vrin, Paris, 1969.
- BORBA, Francisco da S. et alii. - "Critérios para identificação dos verbos de ação e de processo, de ação-processo e de estado". *Grupo de Estudos Linguísticos*, 10(1):1-10, 1985.
- BRONCKART, J. P. & H. SINCLAIR - "Time, Tense and Aspect". *Cognition*, vol.2:107-130, 1973.
- BROWN, Gillian & G. YULE - *Discourse Analysis*. Cambridge, Cambridge University Press, 1983.
- BULL, William E. - *Time, Tense and the Verb*. Berkeley and Los Angeles:University of California Press, 1960.
- BUTLER, Jonathan L. - "Remarks on the Romance Synthetic Future". *Lingua*, vol. 24:163-180, 1969.
- CÂMARA Jr, Joaquim M. - *Uma Forma Verbal Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.
- _____ - "Sobre o Futuro Romance". *Revista Brasileira de Filologia*, vol. 3:221-225, 1957.
- _____ - *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, Editora Vozes, 1970.
- CARABELLESE, P.- *Crítica del Concreto*. Florencia:Sansoni., 3ª ed., 1948.
- CASTILHO, Ataliba T. - *Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa*. Marília-SP, Coleção de Teses nº 6 da FFCL de Marília, 1968.

- CASTRO, Vandersi S. - *Os Tempos Verbais da Narrativa Oral*. Campinas-SP, Dissertação de Mestrado, Unicamp/IEL. 1980.
- CEGALLA, Domingos P. - *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. SP., Cia Edit. Nacional, 1969.
- CHAFE, Wallace L. - *Meaning and the Structure of Language*. Chicago:University of Chicago Press, 1970. Tradução: *Significado e Estrutura Lingüística*. São Paulo, Ao Livro Técnico, 1979.
- CLOSE, R. A. - "Problems of the Future Tense" (1). *English Language Teaching*. Oxford, Oxford University Press, vol.24, (3):225-232, 1970.
- _____ - "Problems of the Future Tense" (2). *English Language Teaching*. Oxford, Oxford University Press, vol. 25, (1):43-49, 1970.
- _____ - "Some Observations on the Meaning and Function of Verb Phrases Having Future Reference". *Studies in English Usage: The Resources of a Present-Day English Corpus for Linguistic Analysis*. Eds. W. Bald e R. Ilson. Frankfurt: Lang, 125-156, 1977.
- COMRIE, Bernard - *Aspect*. London, New York, Melbourne, Cambridge University Press, 1976.
- _____ - "On Reichenbach's approach to Tense". *Papers from the 17th Regional Meeting*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 24-30, 1981.
- _____ - *Tense*. Cambridge University Press, 1985.
- COOPER, P. S. A.- "Looking into the Future". *Lebende Sprachen*. Vol.4:101,143-144, 1959.
- _____ - "Looking into the Future". *Lebende Sprachen*. Vol. 5:8, 1960.
- COOPER, Robin - "Tense and Discourse Location in Situation Semantics". *Linguistics and Philosophy*, vol. 9, (1): 17-36,1986.
- CORÔA, M^a Luiza. M. S.- *O Tempo nos Verbos do Português: Uma Introdução à sua Interpretação Semântica*. Brasília, Thesaurus, 1985.
- COSERIU, Eugenio - "Sobre el Futuro Romance". *Revista Brasileira de Filologia*, R.Janeiro, Livraria Acadêmica, vol. 3, (1/2):1-18, 1957.
- _____ - *Das romanische Verbalsystem*. Ed. Hansbert Bertsch. Tuebingen: Verlag Gunter Narr, 1976.
- COUTO, Hildo H. - "Unidade versus diversidade lingüística na Guiné-Bissau". *Papia*. Brasília, vol. 1(2): 43 a 48, 1991.

- CUNHA, Celso & Lindley. CINTRA - *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DAMOURETTE, J. & E. PICHON - "Il a Fait, il Vient de Faire, il va Faire". *Revue de Philologie Française*, vol. 43:81-118, 1931.
- _____ - *Des mots à la pensée*, V: Verbe. Paris: Bibliothèque du français moderne, 1936.
- DIVER, William S. - "The Modal System of the English Verb". *Word*, vol.20, (3):322-352, 1964.
- DONEUX, J. L. e J. L. ROUGÉ - "Gramática das línguas do país, gramática do crioulo". *PAPIA*, Brasília, vol. 2, nº 2:50-58, 1993.
- DOWTY, David R. - *Studies in the Logic of Verb Aspect and Time Reference in English*. Studies in Linguistics, I. Department of Linguistics, University of Texas, Austin, 1972.
- _____ - "The Effects of Aspectual Class on the Temporal Structure of Discourse: Semantics or Pragmatics". *Linguistics and Philosophy*, vol.9, (1): 37-61, 1986.
- ELIOT, T. S. - *Collected Poems 1909-1962*. London, Faber&Faber Lmted, 1963.
- ENGLAND, Nora C. - *A grammar of Mam, a Mayan language*. Texas Linguistics Series, Austin: University of Texas Press, 1983.
- FÁVERO, Leonor L. & Ingedore G. V. KOCH - *Linguística Textual - Introdução*. São Paulo, Cortez, 1983.
- _____ - "Critérios de Textualidade". *Veredas* 104, São Paulo, PUC-SP/EDUC, 17-34, 1985.
- FELDMAN, David M. - "Analytic vs. Synthetic: A Problem in the Portuguese Verbal System". *Linguistics*, vol. 10:16-21, 1964.
- FLEISCHMAN, Suzanne - *The Future in Thought and Language*. Cambridge, Cambridge University Press, 1982.
- FRIES, Charles C. - "The Expression of the Future". *Language Learning*, vol.7,(3/4):125-133, 1956.
- _____ - "The Periphrastic use of Shall and Will in Modern English". *Language Learning*, vol.7,(1/2):38-99, 1956/7.
- GILI GAYA, Samuel - *Curso Superior de Syntaxe Española*. Barcelona, SPES, 5ª ed. (1955) 1969.

- GIVÓN, Talmy - *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- GOLDSMITH, J. & WOISETSCHLAEGER, E. - "The Logic of the English Progressive". *Linguistic Inquiry*, vol 13(1):79,89, 1982.
- GRICE, H. P. - "Lógica da Conversação". *Fundamentos Metodológicos da Lingüística - Pragmática*. Dascal, M. (org.), Campinas-SP, UNICAMP/IEL, Vol.4:81-103,1982.
- GRYNER, Helena - "Graus de Vinculação nas Cláusulas Condicionais". *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, UNICAMP/IEL, vol 28:69-83, 1995.
- GUILLAUME, Gustave - *Temps et Verbe*. Paris: Champion, 1929, (2ª ed. 1965).
- _____ - "Immanence et Transcendance dans la catégorie du verbe; esquisse d'une théorie psychologique de l'aspect". *Langue et Cience du Langage*. Paris, Librairie Nizet, 46-58, 1969 (1933).
- _____ - "La représentation du temps dans la langue français". *Langue et Cience du Langage*. Paris, Librairie Nizet, pp. 167-183, 1969 (1945).
- GUIMARÃES, Eduardo R. J.- *Modalidade e Argumentação Lingüística*. São Paulo, Tese de Doutorado/USP, 1979.
- HALLIDAY, M. A. K. - "Functional Diversity in Language as seen from a Consideration of Modality and Mood in English". *Foudations of Language* , vol.6:322-361, 1970.
- _____ - *Explorations in the Functions of Language*. London, Arnold, 1973.
- HALLIDAY, M. A. K. & Rugaiya HASAN - *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- HEIDEGGER, Martin - *Sein und Zeit*. Halle, Alemanha, Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung , 1927. Trad. espanhol *El ser y el tiempo*. México, Fondo de Cultura Económica, 1ª ed.,1951.
- _____ - "Tempo e Ser". *Conferências e Escritos Filosóficos*, São Paulo, Ed.Abril, Col. os Pensadores, 1984.
- HINRICHS, Erhard - "Temporal Anaphora in Discourse of English". *Linguistics and Philosophy*, vol. 9, (1):63-82, 1986.
- HORNSTEIN, Norbert - "Towards a Theory of Tense". *Linguistic Inquiry*. vol. 8, (3):521-557, 1977.

- HUDDLESTON, Rodney - "The Futurate Construction". *Linguistic Inquiry*, vol.8:730-736, 1977.
- HUTCHINS, John A - "Use and Frequency of Occurrence of Verb Forms in Spoken Brazilian Portuguese". *Hispania*, vol. 58:59-67, 1975.
- HYMAN, Larry M. - "Relative time reference in the Bamileke tense system". *Studies in African Linguistics II*, 227-237, 1980.
- ILARI, Rodolfo - "Alguns Recursos Gramaticais para a Expressão do Tempo em Português - Notas de Um Projeto de Pesquisa". *Estudos de Filologia e Lingüística*. São Paulo, T.A. Queiroz e EDUSP, 181-194, 1981.
- _____ - "Sobre os Advérbios Aspectuais". *Gramática do Português Falado II*, Níveis de Análise, Ilari, R. (org.) , Campinas-SP, Edit. da UNICAMP, Vol. 2:151-192, 1992.
- IMBS, Paul - *L'emploi des temps verbaux en français moderne*. Bibliothèque Française et Romane, Series A, I. Paris: Klincksieck, 1960.
- JESPERSEN, Otto - *The Philosophy of Grammar*. London: Allen & Unwin, 1924. Repr. New York: Norton, 1965.
- _____ - *A Modern English Grammar on Historical Principles*, Part IV: *Syntax*, Vol. III: *Time and Tense*. Copenhagen: Munksgaard; London: Allen & Unwin, 1931.
- JOOS, Martin - *The English Verb*. Madison and Milwaukee: University of Wisconsin Press, 1964.
- KAHANE, Henry R. & H. S. HUTTER - "The Verbal Categories of Colloquial Brazilian Portuguese". *Word*, vol. 9:16-44, 1953.
- KIPARSKY, Paul - "Tense and Mood in Indo-European Syntax". *Foundations of Language*, vol. 4:30-57, 1968.
- KLUM, Arne - *Verbe e Adverbe*. Estocolmo, Almqvist e Wiksell, 1965.
- KOCH, Ingedore G. V. & L.C. TRAVAGLIA - *Texto e Coerência*. São Paulo, Cortez, 1989.
- _____ - *A Coerência Textual*. São Paulo, Contexto, 1990.
- KOCH, Ingedore V. et alii - "Organização Tópica da Conversação". *Gramática do Português Falado II*, p 359-447, 1992.

KOCH, Ingedore G. V. - *Argumentação e Linguagem*. São Paulo, Cortez, 2ª ed., 1987 (1984).

_____ - "A Questão das Modalidades Numa Nova Gramática da Língua Portuguesa". *Estudos Linguísticos XIII*, Anais dos Seminários do GEL, UNESP- Araraquara, vol.13:227-236, 1986.

_____ - *A Coesão Textual*. São Paulo, Contexto, 1989.

KOCH, Peter & W. ÖSTERREICHER - *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch Italienisch, Spanisch*. Tübingen, Niemeyer, 1990

KRESS, G. R. - "Tense as Modality". *University of East Anglia Papers in Linguistics*, vol.5:40-52, 1977.

LABOV, William e Joshua WALETZKY - "Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience". *Essay on the Verbal and Visual Arts*. June Helm (ed.), Seattle and Condon, 12-44, 1967.

LAKOFF, Robin T. - "Tense and its Relation to Participants". *Language*, vol.46:838-849, 1970.

LEECH Geoffrey N. - *Meaning and the English Verb*. London, Longman, 1971.

LEVINSON, Stephen C. - *Pragmatics*. Cambridge, C.U.Press, 1983.

LEWIS, G. L. - *Turkish Grammar*. Oxford:Oxford University Press, 1967 (Corrected printing 1975).

LIMA, Mª Cecília P. B. - *A transitividade: contribuição para uma tipologia oracional*. Araraquara, Tese de Doutorado, UNESP/FCL, 1985.

LOBATO, Lúcia M. P. - "Os Verbos Auxiliares no Português Contemporâneo". *Análises Linguísticas*, Petrópolis, Vozes, 27-91, 1975.

LONGO, Beatriz N. O. - "O Valor Coesivo do Tempo Verbal" *Texto, Discurso, Enunciação*, Fiorin, J.L. e Neves, M.H. (orgs.), Boletim do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Ano III, nº 3, UNESP ARARAQUARA, 94-108, 1987.

LUFT, Celso P. *Moderna Gramática Brasileira*. Porto Alegre, Editora Globo, 1976.

LYONS, John - *Introduction to Theoretical Linguistics*. Cambridge, C.Univ. Press, 1968. Tradução portuguesa: *Introdução à Linguística Teórica*. São Paulo, Ed. Nac.:Ed. USP, 1979.

_____ - *Semantics*. 2 vols, Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARCUSCHI, Luiz. A. - *Análise da Conversação*. São Paulo, Ática:Princípios, 1986.

-
- *Oralidade e Escrita* . Texto apresentado no I Colóquio Franco-Brasileiro sobre Linguagem e Educação, UFRN, Natal, 26-28 de junho de 1995.
- MARTIN, Robert & Frédéric NEF - "Temps Linguistique et Temps Logique". *Langages*, Le Temps Gramatical, 7 - 20, dez. 1981.
- MARTIN, Robert - "Le Futur Linguistique: Temps Linéaire ou Temps Ramifié?". *Langages*, Le Temps Gramatical, 81-92, dez. 1981.
- MATEUS, M^aHelena M. et alii. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra, Livraria Almedina, 1983.
- MBODI, Chérif - "Esboço do verbo crioulo (Guiné Bissau)". *PAPIA*. Brasília, vol 1 n2:68-79, 1991.
- McCOARD, Robert W. - *The English Perfect: Tense Choice and Pragmatics Inferences*. Amsterdam: North Holland, 1978.
- McINTOSH, A. - "Predictive Statements", In *In Memory of J. R. Firth*. Ed. C. E. Bazell et al. London, Longman, 303-320, 1966.
- MEIER, Henri - "Futuro y Futuridad". *Revista de Filologia Espanhola*, vol. 48:61-77, 1965.
- MONTES, José J. - "Sobre la Categoría del Futuro en el Español de Colombia". *Thesaurus*, Boletín del Instituto Caro y Cuervo, vol. 17:527-55, 1962.
-
- "Sobre las Perífrasis con IR en el Español de Colombia". *Thesaurus*, Boletín del Instituto Caro y Cuervo, vol.18:384-403, 1963.
- MOURA NEVES, M^aHelena et alii - "Os advérbios Circunstanciais (de Lugar e de Tempo)". *Gramática do Português Falado II*, Níveis de Análise, Ilari, R. (org.), Campinas-SP, Edit. Unicamp, vol 2:261-296, 1992.
- NUNES, Benedito - *O Tempo na Narrativa*. São Paulo, Ática:Fundamentos, 2^a ed. 1995.
- OKELL, John - *A reference grammar of colloquial Burmese*. 2 vols. London: Oxford University Press, 1969.
- ORLANDI, Eni L. P. - "A Natureza do Verbo e Descrição na Língua Portuguesa". *Estudos Lingüísticos I*. Anais dos Seminários do GEL, Universidade de Mogi das Cruzes, 187-218, 1978.
-
- *A Linguagem e seu funcionamento - As formas do discurso*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

- _____ - "A Análise do Discurso: Algumas Observações" *DELTA-2*, São Paulo, PUC-SP/ABRALIN, vol. 2, (1):105-126, 1986.
- PAIVA BOLÉO, Manuel - *Os Valores Temporais e Modais do Futuro Imperfeito e do Futuro Perifrástico do Português*. Coimbra, Imprensa de Coimbra Ltda, 1973.
- PALMER, F. R. - *A Linguistic Study of the English Verb*. London, Longman, 1965. Reprint. Coral Gables: University of Miami Press, 1968. Re-edited as *The English Verb*, London: Longman, 1974.
- _____ - *Modality and the English Modals*. London and New York, Longman, 1979.
- PICKBOURN, James - *A Dissertation on the English Verb*. London, Repr. Menston, England: Scholar Press, 1968 (1789).
- PONTES, Eunice - *Estrutura do Verbo no Português Coloquial*. Petrópolis, Vozes, 1972.
- PRIOR, Arthur N. - *Past, Present and Future*. Oxford, Clarendon Press, 1967.
- REICHENBACH, Hans - *Elements of Symbolic Logic*. London: Collier-Macmillan, 1947; N. York, 1948, N. York: Free Press, 1966.
- SACCONI, Luiz A. - *Nossa gramática*. São Paulo, Edit. Atual Ltda., 1989.
- SAID ALI, M. - Gramática Histórica da Língua Portuguesa. SP. Edit. Melhoramentos, 1921 (3ª ed. 1964).
- SANTOS, Abílio J. - "O Tempo e o Aspecto Verbal no Indicativo em Português". *Littera*. Rio de Janeiro, Grifo, vol. 10:55-74, 1974.
- SCHIFFRIN, Deborah - "Tense Variation in Narrative". *Language*, vol. 57:45-62, 1981.
- _____ - *Discourse Markers*. Cambridge, C. U. Press, 1987.
- _____ - "Between Text and Context: Deixis, Anaphora, and the Meaning of Then". *Text*, vol 10, (3):245-270, 1990.
- SILVA, Ademar - *Alfabetização - Escrita Espontânea*. São Paulo, Ed. Contexto, 1991.
- SIQUEIRA, João H. S. "Aspectos Textuais do Tempo Verbal: O futuro e o condicional". *Anais do XV Seminários do GEL*. SP, Santos: UNISANTOS, 417-424, 1987.
- SMITH, Carlota - "A Speaker-based Approach to Aspect". *Linguistics and Philosophy*, vol. 9, (1): 97-115, 1986.

- STEELE, S. - "On some Factors that Affect end Effect Word Order". In *Li* 1975:197-268, 1975.
- STRANG, B. - *Modern English Structure*. Arnold, 1962.
- SWEET, Henry - *A New English Grammar* - Oxford, Claredon Press, 1891.
- THIELE, Petra - *Das Tempus-Modus-Aspekt-System der portugiesisch-basierten Kreolsprachen Westafrikas (unter besonderer Berücksichtigung des kapverdischen)*, Diss. phil., Leipzig, 1988.
- _____ - "El Caboverdiano - Una lengua crioula en la controversia con el sistema TMA clásico?" *Papia*. Brasília, Vol 1, nº 2: 49-56, 1991.
- THOMAS, Earl W. - *The Syntax of Spoken Brazilian Portuguese*. Nashville:Vanderbilt University Press, 1969.
- TRAVAGLIA, Luiz C. - *O Aspecto Verbal no Português - A Categoria e sua Expressão*. Uberlândia, Ed.UFU, 1981 (2ª Ed. 1985).
- _____ - "O Discursivo no Uso do Pretérito Imperfeito do Indicativo do Português". *Cadernos de Estudos Linguísticos* - nº 12, Campinas, UNICAMP/IEL, 61-98, 1987,
- _____ - *Um Estudo Textual Discursivo do Verbo no Português do Brasil*. Campinas, Tese de Doutorado, UNICAMP/IEL, 1991.
- ULTAN, Russell - "The Nature of Future Tense". *Universals of Human Language III: Word Structure*. Greenberg et alii (eds.), Stanford: Stanford University Press, vol.3:83-123, 1978.
- VALESIO, P. - "The Romance Synthetic Future Pattern and its Attestations". *Lingua*, vol.20: 113-161, 1968.
- VAN DIJK, Teun - *A. Estructuras y Funciones del Discurso*. Madrid, Siglo Veintiuno, 1980.
- WACHTEL, Tom - "Some Problems in Tense Theory". *Linguistic Inquiry*, Vol. 13, (2):336-341, 1982.
- WEINRICH, Harald - *Tempus*. Besprochene und Erzählte Welt, W. Kohlhammer Verlas, Stuttgart, 1964. Trad. Espanhol *Estructura y Función de Los Tiempos en El Lenguaje*. Madrid, Ed. Gredos, 1974.
- _____ - "Tense and Time". *Archivum Linguisticum*, part N.S. I: 31-41, 1970.
- WEKKER, H. Charles - *The Expression of Future Time in Contemporary British English*. Amsterdam: North Holland, 1976.

- WHORF, Benjamin Lee - *Language, Thought and Reality : Selected Writings of Benjamin Lee Whorf*. Ed. John B. Carroll. Cambridge: Mass.: MIT Press, 1956.
- WILLIAMS, Edwin B. - *Do Latim ao Português: Fonologia, Morfologia Históricas da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 3ª ed., 1975.
- WOLFSSON, Nessa - "A Alternância do Presente Histórico na Conversação". *Language*, vol. 55:168-182. (Trad. Ataliba de Castilho e Geraldo Cintra - Unicamp) , 1979.
- WRIGHT, G. H. von - "Deontic Logic". *Mind*, p. 1-15, 1951.
- WURZEL, W. U. - *Flexionsmorphologie und Natürlichkeit*. Studia grammatica XXI, Berlin, 1984.
- YVON, H. - "Faut-il distinguer deux conditionnels?" *Les Français Moderne*, 20:249-65, 1952.